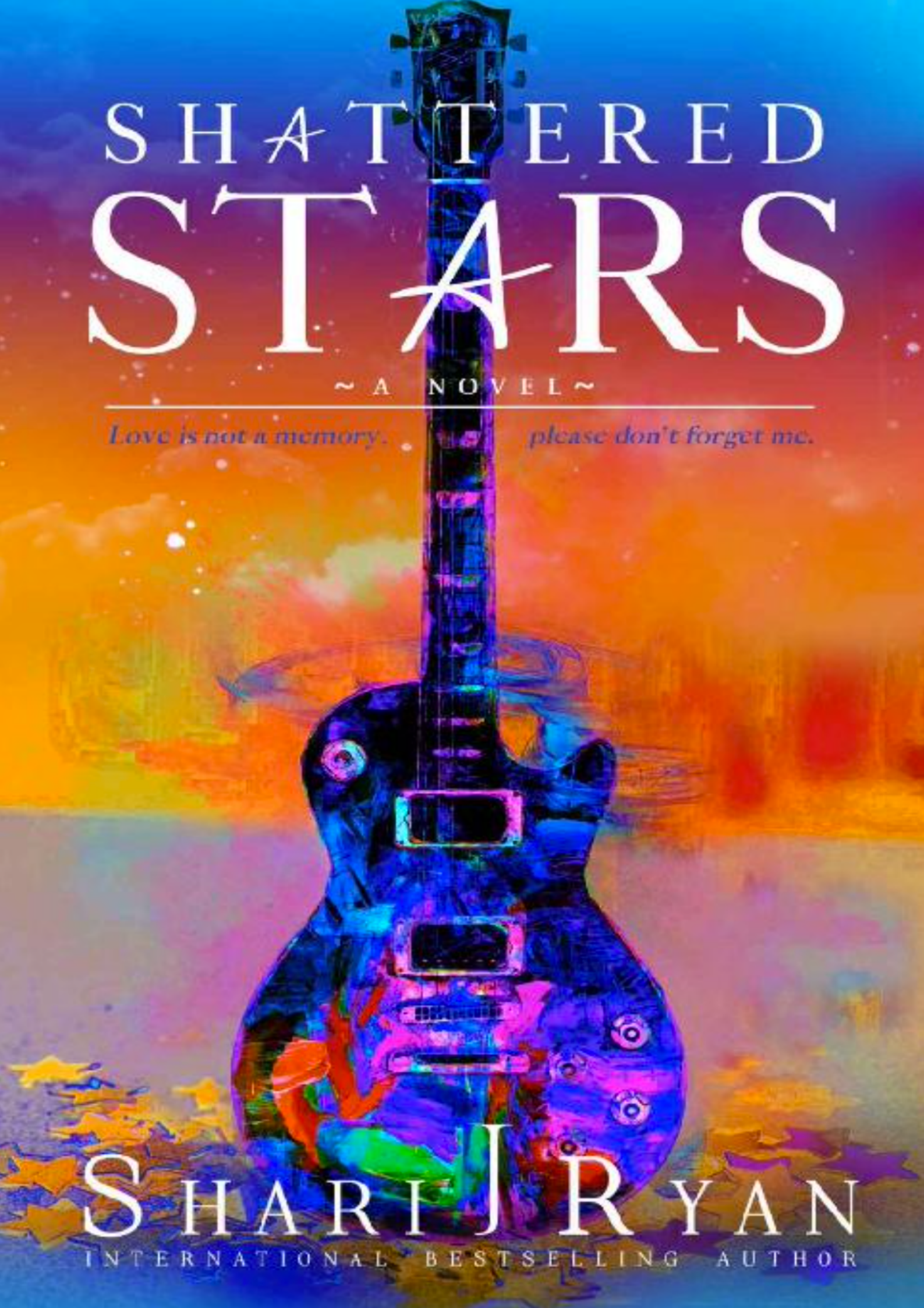




SHATTERED STARS

~ A NOVEL ~

Love is not a memory.

please don't forget me.

SHARI J RYAN

INTERNATIONAL BESTSELLING AUTHOR





FAMÍLIA WINGS

TRADUÇÃO E REVISÃO: SERAPH

LEITURA: LILLI

FORMATAÇÃO: AURORA

03/2022

AVISO

A tradução foi efetuada pelo grupo Wings Traduções (WT), de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo—os e disponibilizando—os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo WT poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo—se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo WT de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

SINOPSE

"Você vai perder sua memória."

Foi o que um médico me disse com apenas vinte e nove anos.

Minhas dores de cabeça e exaustão não eram de esforço excessivo como eu pensava.

Era mais.

Muito mais.

Apesar dos meus desafios inimagináveis, encontrei o amor no momento em que mais precisava.

Layne, um astro em ascensão e vocalista popular, estava inconscientemente cantando a vida em minha alma através de suas letras alusivas. Eu vivia e respirava pelo som hipnótico de sua voz.

O destino nos levou a um tipo de amor pelo qual qualquer um morreria. Estava devastada por Layne ficar preso me amando depois que eu começasse a esquecê-lo.

Não podia suportar o pensamento de que seríamos mais uma vez estranhos, separados por memórias esquecidas.

Não podia mais lhe prometer um futuro como o que ele me prometeu. Layne estava determinado a me ajudar a melhorar. Eu estava determinada a fazê-lo ver além da minha doença.

Mas evitar está afastando-o mais rápido do que meu coração partido está esquecendo. Agora estou preocupada por

ter perdido um tempo precioso que nenhum de nós pode recuperar.

Percebendo que fazer o amor da minha vida feliz é mais importante para mim agora do que nunca, estou determinada a enfrentar a música e encontrar todas as notas certas para fazê-lo sorrir novamente.

Então serei feliz também, mesmo que não me lembre...

Os fãs de Nicholas Sparks e Jodi Picoult vão adorar este romance Rockstar de ficção emocionalmente carregado, pois ele tece um conto através de uma jornada médica com um final inesperado. Aproveite as palavras da autora best-seller internacional, Shari J. Ryan.

Ouçã as palavras de cada música até que uma delas fale
diretamente com você.

É um sinal.

PRÓLOGO

Palavras pingam como mel quente, penetrando pelos poros do microfone. Eu achava que o rock era cheio de raiva e gritos, mas isso é diferente. Isso é muito mais.

*Você já sentiu o desconforto do pavor?
Atordoado pela reflexão e arrependimento
Está tudo bem ir embora
Mesmo segurando por um fio*

*Esses pulmões são incapazes de respirar
Um corpo frágil está impotente com medos
Seu coração gaguejante está partido e encharcado
Em um oceano de lágrimas congeladas*

*Um fragmento em mares de escombros
Cada um deles com dor e cicatrizes
Eles procuram fugir da dolorosa realidade
Antes de cair entre as estrelas despedaçadas*

*Caindo entre estrelas despedaçadas
Tentando salvar seus sonhos
Fúria se enfurece através delas
Pesadelos rasgando as costuras
Escuridão constantemente causando borões*

*Eu vou te mostrar outra maneira
Sinta isso em seu coração
Pode haver menos miséria
Veja isso como um novo começo*

*Um fragmento em mares de escombros
Cada um deles com dor e cicatrizes
Eles procuram fugir da dolorosa realidade
Antes de cair entre as estrelas despedaçadas
Caindo entre estrelas despedaçadas
Fechando os olhos com esperança
E me alcançando com desejo
Nós caímos um no outro
Por razões mais brilhantes*

*Ela olha com alívio
Sorrindo com olhos de adoração
Eu tiro todas aquelas cicatrizes
Ela agora é muito mais...
Do que estrelas despedaçadas*

*Caindo entre estrelas despedaçadas
Um fragmento em mares de escombros
Cada um deles com dor e cicatrizes
Eles procuram fugir da dolorosa realidade
Antes de cair entre as estrelas despedaçadas

Caindo entre estrelas despedaçadas*

Minha mente é um abismo com milhões de pensamentos fora de controle. Cada uma de suas palavras se derrete em mim, como se fosse para mim, o que é impossível porque ninguém conhece minha história.

Ainda.

UM

DIAS ATUAIS

Dra. Sheila rabisca palavras em um pedaço de papel, interrompendo nossa conversa para se concentrar. Estou lutando para ver o que ela está escrevendo, mas minha linha de pensamento tropeça quando uma batida soa contra a porta de madeira castanha.

— Entre, — a Dra. Sheila diz, ainda mantendo seu olhar no pedaço de papel branco.

— Sua paciente do meio dia está aqui, — uma mulher diz do corredor. Eu olho para o meu relógio, notando que já é meio-dia e dez. Não imaginei que nossa sessão tivesse sido tão longa.

O espaço visível entre a porta não era grande o suficiente para ver quem estava falando, mas suspeitava que fosse a jovem da recepção.

— Obrigada. Já estamos terminando, — Dra. Sheila responde. Um silvo abraça a conclusão de sua observação, enfatizando uma irritação. Eu me pergunto se a Dra. Sheila não tem alta tolerância a assistentes, ou se a mulher não está fazendo bem seu trabalho.

— Eu não sabia que já passava do meio-dia, — ofereço como um pedido de desculpas, embora a Dra. Sheila tenha sido a que mais falou.

Esta era a primeira vez que encontrava a Dra. Sheila, então não tinha certeza se a conhecia ainda. Ela parecia boa o suficiente, mas tinha a sensação de que ela era só trabalho e não muita diversão. No entanto, se eu já não tivesse falado com ela, imaginaria que ela era uma desmancha prazeres pelo brilho que ricocheteia em seu cabelo, preso com um nó apertado no topo de sua cabeça. Além disso, seus óculos sem armação e uma pele pálida não lhe dão uma aparência divertida e amigável. Suponho que eu não deveria ser alguém para julgar, já que é o trabalho dela parecer perfeita, como se nada em sua vida lhe desse motivos para estar no meu lugar contra o dela. Eu sei que é um mito, porque até os médicos precisam de ajuda psiquiátrica às vezes.

— Está tudo bem. Podemos fazer o check-in no próximo mês por volta desse horário, mas se você encontrar algum efeito colateral ou novos sintomas antes disso, ligue.

A Dra. Sheila arranca o papel da pilha e o coloca sobre a mesa na minha frente. — Obrigada, — respondo, pegando a receita.

Os breves momentos de nossa troca parecem inúteis, como se eu fosse apenas mais um paciente e este fosse apenas o trabalho dela. Quero dizer a ela como é sortuda por deixar para trás todos esses problemas no final da noite. Que ela pode esquecer os problemas de todos. No entanto, apesar da aparência fria da Dra. Sheila, eu me pergunto se ela

encerra seu dia assim. Embora, pareça neste momento, já que ela não consegue fazer contato visual.

Enfio o papel na bolsa e saio, andando como se estivesse em transe. Não sei se entendo a ironia de alguém jogar entorpecentes pelo meu corpo sem esperança de encontrar uma solução. Não tenho certeza se o botão de pausa tem o mesmo efeito na vida que ao assistir a um vídeo ou ouvir uma música. O inevitável ainda está lá e parte de mim se pergunta se será mais fácil quando eu alcançar aquela serenidade sombria.

As nuvens estão dominando hoje, lançando um frio no calor do final do verão. Eu localizo o Grand Cherokee preto com os faróis de neblina destacando o ar espesso. O Sr. H se anima quando me vê caminhando em direção ao carro e salta para me cumprimentar como se eu tivesse uma perna quebrada.

— O que ela disse? — Ele pergunta, a esperança enchendo seus olhos, assim como sempre que me encontro com um novo médico. Eu gostaria que ele não parecesse tão animado para descobrir o que aconteceu. Eu me treinei para ignorar seu otimismo porque trabalhei duro para ajustar meu estado de espírito e aceitar o que é, sabendo que não há uma boa solução.

Enfio a mão na bolsa e tiro a receita que ela me deu.

— Aqui, — ofereço com um suspiro, entregando a ele. — Esta é a solução dada pela 'infame' Dra. Sheila.

O Sr. H olha para a caligrafia estranha e balança a cabeça.

— O que é tão difícil na medicina alternativa? Achei que essa era a especialidade da Dra. Sheila? Você a pressionou por mais conselhos? — Certo. Ele estava perturbado. É porque sente esperança.

Não é que eu não tenha esperança, sou apenas realista. Prefiro não mentir para mim mesma. — Não há outras opções, — repito as palavras da Dra. Sheila, textualmente.

— Sim, bem, eu teria dito algumas palavras para ela em resposta, — diz ele.

— Por isso que eu te pedi para ficar no jipe, — expliquei a ele com uma sobrancelha erguida e um leve arco no meu lábio.

— Não mais, Dani. Irei a essas consultas com você. Talvez você esteja pronta para aceitar tudo isso, mas eu não estou. Vou lutar por você!

— Não há nada pelo que lutar, — eu argumento, indo para o lado do passageiro do Jeep.

O Sr. H agarra meu braço enquanto passo por ele e me puxa em seu peito, apertando minha cabeça contra sua caixa torácica.

— Você está ouvindo esse som?

Seu coração está acelerado. Está batendo. — Sim.

— Isso é por sua causa. Sempre foi por sua causa e não deixarei que nada se interponha entre nós.

— É por isso que estou com você, Sr. H. Por isso que me apaixonei por você. — Ele tinha uma necessidade incontrolável de amar, e eu precisava ser a destinatária. Ele

me salvou tantas vezes, e eu queria acreditar que podia ser a única coisa que sempre me salvaria.

— Não me chame de Sr. H agora. Não é mais engraçado.

— É engraçado para mim, então deixe-me ter minha alegria agora.

O que não é engraçado... é que nenhuma quantidade de amor no mundo poderia me salvar de enlouquecer.

DOIS

DIAS ATUAIS

Eu não consideraria meus hábitos como uma característica de TOC. Na verdade, acho que as pessoas usam o termo “Eu tenho TOC...” com muita frequência hoje em dia. Engraçado, não sei se metade das pessoas que usam essa frase, realmente entendem o que isso significa. Não sou psicóloga, nem tenho uma carreira na área de saúde mental, mas fiz mais pesquisas do que jamais pensei que faria e sei a diferença entre uma pessoa do Tipo A e uma que sofre com Transtorno obsessivo-compulsivo.

Nem sempre fui tão organizada. É um fato conhecido que os artistas são um pouco mais confusos, já que os pensamentos geralmente são mais dispersos. Posso atestar que isso é verdade. Mas os artistas são pessoas estranhas, e não digo isso no sentido negativo. Vemos a vida sob uma luz diferente. Quando vejo uma bagunça, encontro um assunto interessante para focar dentro da bagunça. No entanto, com o tempo, a bagunça vai me estressar a ponto de sentir a necessidade de limpar. No passado, despejava meus pincéis, lápis e marcadores em uma gaveta e encerrava o dia, mas se eu tivesse uma tela branca com uma mancha de imperfeição,

jogaria a tela fora porque significava minha tela estava com defeito, e minha pintura seguiria o exemplo. Portanto, uma parte do meu cérebro preferia a perfeição, enquanto a outra parte desejava a desordem. Em outras palavras, eu sou uma bagunça quente.

— Ei Dani, — o Sr. H chama da cozinha, — você está pronta para o jantar? — Sim, encontrei um homem que gosta de cozinhar. Eu sou uma das sortudas.

— Sim, estarei aí em apenas um segundo. — Coloco minha lata cheia de lápis de cor azul na fila entre a lata de lápis verde e lápis roxo. As bordas das latas marcadas com um pedaço de fita adesiva presa de um lado da minha mesa ao outro. Perfeito. Tenho tentado diligentemente colocar minhas ferramentas em uma ordem específica para ajudar com minha memória e evitar o problema de perder itens.

Enfio meu banquinho embaixo da mesa e me viro para a porta, encontrando o Sr. H esperando por mim. Ele suspira. — Dan, baby, isso não vai acontecer amanhã. Está tudo bem, — ele diz estendendo a mão para mim. Eu sei que ele tem boas intenções, mas minha obsessão por organização o está deixando louco porque o hábito não é um que sempre tive. Mudar estilos de vida e comportamentos em um relacionamento de longo prazo pode ser prejudicial, mas não tenho escolha. Sou esquecida e perco as coisas, esqueço datas importantes, inclusive o dia da semana às vezes. Está fora do meu controle e prefiro ter o controle.

Ele pega minha mão e me puxa para fora do meu estúdio, pela sala e para a cozinha. — O que tem para o

jantar? — Eu pergunto, tentando combinar o aroma de alho e alecrim com a comida. Eu não sou uma esposa mantida... temos uma casa onde nos revezamos trabalhando em um fogão. As segundas-feiras são as noites do Sr. H. Acho que ele gosta de cozinhar mais do que eu.

— Frango grelhado e risoto de cogumelos salteados, — ele exagera sua resposta com um sotaque italiano ruim e falso.

— Deus, pai! Pare, por favor, pelo bem dos meus ouvidos, — Aly geme, revirando seus olhos azul-marinho em um estilo dramático de princesa enquanto se senta em seu assento à mesa.

— Reclame assim de novo, e ligarei para Joey para mostrar a ele meu sotaque italiano, — responde o Sr. H.

— Papai! A sério? Você tem lido meu diário online? Eu o deixo trancado.

O Sr. H suspira. — Oh querida, é chamado de senha universal, e tenho o número mágico.

— E daí, você está me espionando? — Aly estala enquanto lança suas longas ondas loiras por cima do ombro. — Isso não é justo. Você está invadindo minha privacidade.

— Mas você está invadindo minha internet, — ele responde.

— Eu preciso da internet para escrever meus pensamentos privados, — ela resmunga.

— Você tem treze anos. Você é minha responsabilidade, e até que não seja, tenho o direito de espioná-la. Se você não

quer que eu espione, não me dê algo para espionar. — Ela tem treze anos, agindo como se tivesse vinte. Eu até tive que ter várias conversas com ela este ano sobre suas escolhas de guarda-roupa, para as quais eu ainda não estava pronta. No entanto, fiz um trabalho incrível, ela escolheu usar tudo preto, todos os dias agora. Se eu não tivesse tirado o delineador preto que ela encontrou na minha gaveta de maquiagem, estaria ostentando o visual de Marilyn Manson também, mas tracei a linha sobre maquiagem até segunda ordem, ou até ela completar dezoito anos, talvez. Não tenho certeza de quando me tornei essa mãe, mas acho que simplesmente aconteceu.

— Pessoal, — eu os interrompo enquanto me sento à mesa em frente ao Sr. H, meu amado marido que parece ter vapor saindo de seus ouvidos. — Senhor. H... vamos comer por enquanto e continuar essa conversa depois.

— Dani, eu já pedi para você parar com 'Sr. H.' Além disso, de que lado você está, afinal? — Ele pergunta, jogando o pano de prato na minha cabeça antes de se sentar na minha frente. — Além disso, eu não estava espionando o diário dela, embora, meio que quero agora. Ouvi as risadinhas e o nome de Joey quarenta vezes ontem à noite enquanto ela falava ao telefone.

— Eu não estava falando com Joey. Eu estava conversando com minha amiga... é *ela* que gosta de Joey. Você é a pessoa mais irritante do mundo, — Aly rosna. Ela está mentindo. Ela é quem gosta de Joey. Eu vi o

nome dele rabiscado em seu bloco de notas, mas sei que ela não vai confessar isso em voz alta, não aos treze anos.

— Mas, você me ama de qualquer maneira, — canta Sr. H.

— Tanto faz, — Aly murmura.

— Então, quem é Joey? — Eu pergunto.

— Não, — diz ela, enfatizando o “o” em sua resposta.

— Eu também tenho a senha universal, — digo a ela. Eu nem sei se existe uma senha universal, mas isso me lembra que deveria anotá-la se tivermos uma.

— Incrível, — diz ela, batendo a mão na testa, arrastando-a dramaticamente para o lado de sua bochecha.

— O que aconteceu com minha garotinha feliz? — Eu pergunto a ela, me questionando por que a adolescência é tão cruel para uma garota. Isto não é nem a brincadeira mensal que aturamos o tempo todo. Aly se transforma em um gremlin por quase uma semana, então retorna a esta versão de uma adolescente hormonal. Eu diria que estamos chegando perto da temporada dos gremlins pelo pouco mais de hostilidade em seu tom. Nem, Sr. H nem eu, precisamos da prova de que época do mês estamos aqui. Aly prova isso de todas as formas possíveis.

— Eu não sou uma garotinha, — ela responde, esfaqueando seu frango com as pontas de seu garfo.

— Você é minha garotinha, — eu a lembro. Eu sei que a estou irritando ainda mais, mas às vezes acho que a bondade rompe a raiva desnecessária.

— Por que vocês dois não podem simplesmente parar? Sabe como é irritante? — Aly responde.

A atitude dela me machucou quando essa mudança de humor começou no ano passado, mas me lembrei de todos os meses que eu era um terror para minha mãe na idade dela também. Isso deve ser o retorno.

— Sua mãe foi ao médico hoje, — murmura o Sr. H, dirigindo sua declaração para Aly. Ele mantém o foco na comida enquanto empurra pedaços de frango pelo prato.

— E daí? — Aly diz, tentando parecer zangada, embora eu perceba um leve tremor em seu lábio inferior. — Não é como se eles tivessem algo novo a dizer. Eles não podem curar a mamãe, então por que continuar?

Concordo com Aly. Eu não lhe diria que concordo, mas ela é uma garota inteligente e pensa da mesma forma que eu.

No entanto, ela não compartilha os mesmos pensamentos que Layne. Ele está determinado a curar algo que não pode ser curado.

Fecho os olhos e desejo sumir pelo minuto seguinte, porque posso supor o que está por vir. Nunca houve tensão entre os dois. Aly é uma garotinha do papai por completo, mas ela vem pressionando seus botões da pior maneira desde o meu diagnóstico.

O Sr. H deixa cair o garfo e passa os dedos pelos lados de seu cabelo escuro e comprido. — Vá para o seu quarto, — ele murmura.

— Estou comendo, — ela estala.

— Bem, agora você terminou. — Ele pega o prato de Aly e o move para o outro lado da mesa. — Vá. Quando você descobrir como ser um ser humano decente nesta casa, pode voltar para a mesa e comer.

Meu marido mudou. Ele mudou por mim. Ele mudou há muito tempo por mim, abrindo mão de tudo que era dele no mundo. Eu não queria que ele mudasse. Eu o amava do jeito que ele era. Eu ainda o amo muito, mas sinto que roubei uma parte de sua vida.

Aly não discute. Ela se levanta da cadeira e sobe as escadas para seu quarto, batendo a porta como um sinal de explicação para sua grande saída.

— Você não precisa ser tão duro com ela, — digo a ele.

O Sr. H coloca os punhos sob o queixo e me olha com admiração. — Eu estou a protegendo, — ele me diz. — Estou a protegendo como tento te proteger.

— Protegendo-a de quê?

— Arrependimento, Dani. Não quero que ela se arrependa de nada.

— Por favor, pare de fazer isso, — eu imploro. — Por favor, Sr. H.

Eu suspiro, sentindo meu coração afundar no meu estômago, confundindo meu cérebro em pensar que estou cheia quando não comi nada.

O risoto ainda está fumegando, e estou olhando através do nevoeiro, considerando que os últimos cinco minutos do jantar provavelmente são minha culpa. De agora em diante, tudo será minha culpa. As pessoas raramente se arrependem

ao mesmo tempo em que se sentem culpadas, então se ensinar o certo do errado a Aly é apenas a arte da apreciação, não vejo sentido.

— Dani, — ele diz. — Você não sabe meu nome, não é?

Eu saio do meu torpor e olho para ele através do vapor. — Como?

— O que está acontecendo? Chamei seu nome três vezes.

— Eu sinto muito. Eu estava apenas pensando. Jesus.

— Você está me assustando, — diz ele.

— Ok, você está sendo arrogante e se preocupando demais. Estou bem. — Eu seguro meus braços na minha frente, torcendo e virando de um lado para o outro. — Você vê algo de errado comigo? Não, vamos comer.

Coloco minha mão esquerda ao lado do meu prato, procurando meu garfo, mas então percebo que coloquei meus talheres no meu prato.

Estou bem.

Você não está bem.

Eu só estou cansada.

Você está quebrada.

Ótimo, agora as pequenas vozes na minha cabeça estão nisso de novo.

— Como eu disse... estou bem, — digo a ele.

— Ok, entendi, — diz ele.

— Você não me ouviu? Eu disse, estou bem!

— Dani, o que é...?

O Sr. H está com os cotovelos pressionados contra a mesa. Ele está se inclinando para frente e sua boca está se movendo, mas eu não ouço as palavras sendo ditas.

— Eu estou bem, droga, — eu grito para ele. É como se ele estivesse me cutucando. Talvez esteja me cutucando para me afastar e não ter mais que lidar com esses “problemas”. Ele está olhando para mim como se eu fosse uma estranha. Ele sabe que eu odeio quando ele faz isso. No entanto, há o olhar, bem na minha frente. — Eu volto já.

— Dani, eu quero que ela seja um pouco mais compreensiva. Isso é tudo.

— Ela ainda é uma criança. Ela não deveria ter que entender nada disso. — Eu me levanto da mesa e vou até o quarto de Aly, fechando por dentro.

— Sinto muito, mãe, — diz ela assim que me sento na cama ao lado dela.

— Você não precisa tem por que sentir. Somos melhores amigas. Melhores amigas não precisam pedir desculpas, certo?

— Mãe, eu odeio falar sobre as consultas do seu médico. Eu quero fingir que você não vai. Só quero me convencer de que você está bem. Eu não posso te perder.

Suas palavras rasgam meu coração ao meio. Penso no que ela está dizendo e sinto o mesmo por ela, mas não tenho escolha, e ela também não. — Eu sei, e não posso te perder, mas nossos corações estão conectados, então, tecnicamente, nunca podemos perder uma a outra. — Não tenho nada

melhor para lhe oferecer como conforto, e é uma sensação horrível.

— Quero que papai pare de agir como se você estivesse quebrada, — diz Aly.

— É por amor, — eu admito, embora esteja ficando irritada com seu comportamento superprotetor.

— Nossas vidas não podem voltar ao normal por enquanto?

Nada será normal para qualquer um de nós novamente, e eu não sei se deveria estar dando a ela falsas esperanças ou a dura e fria verdade.

TRÊS

DOZE ANOS ATRÁS

TENHO 18 ANOS

— Dani, alguém está na porta para você, — mamãe grita da cozinha.

— Diga a quem quer que seja que não estou aqui, — eu grito de dentro do meu quarto.

— Você pode entrar, — ouço mamãe dizer. Não estou surpresa com isso.

Fecho a porta do meu quarto e a tranco. Não estou com vontade de ver ninguém hoje. Não quero pena ou tentativa de normalizar as coisas. Não há sentido em fazer isso. Não fez sentido fazer isso nos últimos dois anos, mas ainda lido com a mesma simpatia todos os dias e é exaustivo.

Eu me inclino sobre o berço de Aly e corro meus dedos por seu cabelo loiro macio. — Eu não vou a lugar nenhum esta noite, baby. Prefiro ficar em casa com você. — Sair exige muita energia e Aly vai acordar às cinco em ponto, esperando o café da manhã.

Ela sorri para mim quando paro de acariciar o topo de sua cabeça. — Mamãe, — diz ela. A palavra aquece meu

coração, pois é a que ela mais gosta de dizer, mas estou feliz que foi sua primeira palavra. Faz tudo que passei parecer mais digno.

— Aly-menina, — eu respondo. — Oi. — Meus arrulhos a fazem rir, mas as risadas param em ambas as extremidades quando alguém bate na minha porta.

— Dani, abra a porta, — mamãe diz.

— Não, — eu digo a ela. — Quero ficar sozinha esta noite.

Eu a ouço farfalhar com algo no corredor, e eu sei que ela está prestes a destrancar minha porta porque a privacidade nesta casa não existe. No entanto, não posso dizer nada, pois moro aqui aos dezoito anos sem pagar aluguel com minha filha.

A fechadura estala e a porta se abre. Mamãe e Lexi estão de pé no corredor, ambas com os braços cruzados e as cabeças inclinadas para o lado. — Nenhuma de vocês entende uma dica? E se eu estivesse nua?

— Você precisaria trocar de roupa para nos preocuparmos com isso, — Lexi diz.

— O que? O que há de errado com o que estou vestindo? Eu me troquei hoje.

— Essas calças de moletom cinza e casaco masculino extragrande não devem ser considerados roupas, — diz Lexi. — Nós vamos sair hoje à noite e vamos comemorar seu aniversário de dezoito anos. Paguei pelo que vamos fazer, então se você disser não, jogará meu dinheiro fora.

— Isso não é justo, — digo a ela, jogando um dos cobertores de bebê de Aly do outro lado do quarto.

— Você está passando muito tempo com esse bebê adorável... e está agindo como um, — mamãe acrescenta. — Eu sou mais do que capaz de cuidar de Aly esta noite enquanto você comemora seu aniversário como qualquer outra garota de dezoito anos.

Ela ainda me chama de garota, embora eu seja considerada uma adulta agora, uma com uma criança. Eu gostaria que ela se referisse a mim como uma mulher adulta, porque isso diminuiria a dor de suportar os pensamentos de ser uma mãe adolescente, algo que eu nunca considerei ser.

— Eu não sou apenas uma garota comum de dezoito anos, — eu a lembro. — Eu tenho um bebê.

Elas não podem argumentar com a minha afirmação. — Vá, — mamãe diz. — Coloque roupas de verdade e vá.

Lexi passa por mim e levanta Aly do berço, dando-lhe um beijo rápido na bochecha. — Dê um beijo na mamãe, Aly. Vou levá-la para passear um pouco e depois a trarei de volta, — Lexi diz a Aly como se entendesse o que ela está dizendo aos dezoito meses de idade.

Independentemente se entende ou não, ela ri. Ela sempre ri quando Lexi fala com ela.

Lexi entrega Aly para mamãe e elas desaparecem do corredor mais rápido do que eu posso cuspir outra discussão. — Eu até trouxe uma roupa nova para você.

— É melhor não ser justa, — digo a ela, passando minhas mãos sobre a pele solta no meu estômago.

— Confie em mim, ok? — diz Lexi.

— Não, mas me dê. Eu vou te pagar o que você gastou. Você não precisava fazer isso.

Lexi puxa uma sacola do corredor e a joga para mim. — Feliz aniversário, melhor amiga.

Eu puxo a roupa da sacola, e não é o que eu esperava. Jeans rasgados e uma camiseta azul-marinho Dividing Oblivion. — Dividing Oblivion? Eles têm camisetas agora?

— Lembre-se que te falei que se cresceriam, — diz Lexi.

— Sim, eu lembro que você disse isso no ano passado, quando eles tocavam naquele velho teatro queimado e abandonado, — eu a lembro. Não era que eu não achasse que eles cresceriam algum dia, mas era apenas uma banda composta por alguns caras locais que compraram a propriedade podre e faziam shows noturnos. As duas vezes que os vimos se apresentar antes de Aly nascer, achei que eles eram incríveis. No entanto, em Hull, Massachusetts, um artista tem que ser mais do que incrível para ser descoberto por qualquer pessoa que possa fazer as coisas acontecerem. Estávamos meio isolados aqui, tão ao sul de Boston. De qualquer forma, os esqueci no ano passado. Esqueci-me da música, da arte e de qualquer outra coisa que gostava de fazer.

— Ok, então você sabe que não assisto muito TV, especialmente reality shows, mas ouvi de um amigo de um amigo, que perdemos uma grande notícia algumas semanas atrás, — Lexi diz, olhando para o espelho e brigando com seu

cabelo castanho-avermelhado e liso. Adoro o cabelo e a coloração dela. Ela tem sardas vermelhas e olhos verdes claros. Era como se fosse uma deusa irlandesa, e eu me sentia menos que estelar em sua presença. Pelo contrário, me sentia como um zumbi pálido e lavado. Fazia tanto tempo que não ficava no sol que minha pele provavelmente também estava ficando verde.

— Que grandes notícias poderíamos ter perdido? — Pergunto a ela enquanto seguro a camisa contra o meu peito na frente da porta espelhada do meu armário.

— A banda participou de algum show, Batalha de Bandas de Boston, e Dividing Oblivion ganhou de duas mil bandas que estavam competindo entre si. Uma estação de rádio está fazendo um tributo à cidade natal hoje à noite no The Sun Shack Theatre para eles.

— Santos cadarços, — eu grito.

— Eu sei. Por isso que não desisti de você esta noite. Nós iremos.

— Nós iremos, — eu concordei.

Tiro minhas roupas cheias de baba e as jogo no chão, então coloco a roupa nova que Lexi me deu. — Dani, você nem parece que teve um bebê. O que está escondendo? Você é menor do que eu... idiota.

Eu me viro para encará-la. — Você não tem grandes estrias brancas na frente de seu estômago. Sou mercadoria danificada, Lex.

Ela não responde, mas é porque sou uma mercadoria danificada. Nós duas sabemos que nenhum cara sensato da

nossa idade se interessará por uma mãe adolescente. Eu cheguei a um acordo com a verdade, mas Lexi não.

— Apresse-se, vamos, Dani. Quero chegar cedo para conseguirmos um lugar na frente. — Nunca tivemos que vencer uma multidão antes quando íamos ao The Sun Shack Theatre, mas posso assumir que as coisas podem ser diferentes desta vez. — Eles esgotaram os ingressos em trinta minutos. Acampeei na bilheteria e foi uma experiência que não desejo reviver, — diz ela com os olhos arregalados.

— Você fez isso sozinha? — Eu pergunto a ela.

— Fui com algumas pessoas da escola. Estávamos todos esperando, então estava tudo bem. Somos apenas nós esta noite, porém, não se preocupe.

Ela sabe que não sou mais fã de multidões e respeita isso como ninguém na minha vida. Além da mamãe, Lexi era a única que não tentava me empurrar para fora da minha zona de conforto... bem, até hoje, mas precisava deixar meu desconforto de lado e ver essa maldita banda tocar.

— Serviu como uma luva, — Lexi diz enquanto ajeito minha camiseta.

— Sim. Eu amei. Você é incrível, — digo a ela.

Ela me dá um abraço gentil e beija minha bochecha. — Ok, agora... se você não quiser ir... por outros motivos, vamos ficar aqui e assistir um filme. A razão não pode ser por causa de Aly, no entanto.

Eu me viro para me olhar no espelho e passo meus dedos pelo meu cabelo ruivo rebelde, sentindo a cicatriz enrugada na parte de trás da minha cabeça.

Eu posso fazer isso.

— Você vai segurar minha mão? — Eu pergunto a ela.

Ela sabe que estou falando sério, e é muito séria quando me responde. — A noite toda até você me soltar. Eu nunca vou deixar nada acontecer com você novamente. Eu juro, Dani.

— Vou te dizer até que acredite em mim, mas o que aconteceu naquela noite não foi culpa sua. Eu fui embora. Lembre-se disso, ok? De qualquer forma, eu te amo, Lexi.

— Te amo mais, Dani. Sempre seremos melhores amigas, nos bons e nos maus momentos, até que a morte nos separe.

Nunca houve uma multidão tão grande aqui. As pessoas estão na rua do lado de fora do The Sun Shack Theatre. — Não acho que vamos entrar na área coberta, — digo a Lexi enquanto caminhamos até a multidão.

— Ah, sim, mais um presente de aniversário, — diz ela, enfiando a mão no bolso de trás.

— Você já fez muito pelo meu aniversário. O que mais teria? — Eu pergunto a ela.

Ela pega dois passes VIP e coloca um em volta do meu pescoço. — Fiz um bom negócio. Eu conheço um cara.

— Claro que você conhece, — eu digo, piscando para ela. — Isso é loucura. Eu não posso acreditar que você fez isso. Eu nunca tive ingressos VIP para nada.

— Bem, nunca mais diga nunca, senhora. Aqui vamos nós! — Lexi pega minha mão, segura no ar e canta desculpe-me com seu terrível sotaque britânico falso. Ela se repete várias vezes até passarmos pelas pessoas e fazermos nossa última admissão geral. O atendente na porta confere nossos passes e aponta para a direita. — Desça aquela fileira. Quando chegar à parede, haverá um caminho livre para o poço.

Passamos pelos outros fãs como se fôssemos da realeza, e é estranho. — Tem certeza de que esses ingressos não lhe custaram um braço e uma perna?

— Não se preocupe com isso, — diz ela com um sotaque de Nova York desta vez. — Além disso, tenho os dois braços e as duas pernas, então está tudo bem, garota bonita.

Por mais ridículo que isso seja, somos as duas únicas pessoas na seção VIP, que não é uma área grande, mas poderia conter pelo menos mais algumas dezenas de pessoas. — Onde estão todos os outros VIPs? — Eu pergunto a ela.

Lexi dá de ombros. — Não sei. Esquisito.

— Lexi.

— Shh. Você é mais bonita quando não fala, — ela diz, passando a palma da mão no meu rosto como se estivesse tentando limpar alguma coisa.

Nós assistimos a banda se instalar, o que eu não esperava ver. Quando ela disse que eles ganharam o concurso, imaginei um tipo de cenário do American Idol, eu acho, mas duvido que um vencedor do American Idol monte

seu próprio palco. — Layne! — Lexi grita através de uma tosse falsa.

Aperto os olhos quando vejo um cara no palco se virar como se o nome dele fosse Layne. — Lexi, o que você está fazendo? — Eu assobio.

— Aqui embaixo, — ela continua gritando através de outra rodada de tosses.

Quem eu suponho ser Layne, caminha em nossa direção e se ajoelha na beirada do palco. — Você veio, — diz ele. Ele não soa como uma estrela do rock, não que eu saiba como uma estrela do rock soa quando não está cantando, mas ele tem uma doçura nele. Ele parece uma estrela do rock, no entanto com seu cabelo castanho-escuro na altura do queixo, piercings e tatuagens que cobrem a maior parte da pele em seus braços. Normalmente, não é uma aparência que me atrai, mas ele tem esses grandes olhos verdes que estão me fazendo querer encará-lo em busca do que ele está pensando e seu sorriso, é incrível. De alguma forma, o pequeno anel de lábio prateado destaca a simetria equilibrada de seu sorriso. Ele é alto e bonito, mostrando sua definição sob uma camisa preta apertada e jeans justos.

Eu deveria parar de olhar.

— Duh, — Lexi responde a ele. — Eu disse que estaria aqui, e trouxe minha melhor amiga, Dani. Dani, este é Layne. Layne, Dani. Ele é o líder do Dividing Oblivion.

— Eu me lembro de você, — digo a ele. Layne, o cantor... ele era o cara que fazia a banda parecer... quero dizer... soar tão incrível.

— É um prazer conhecê-la, Dani. — Ele estende a mão para eu apertar, mas estou um pouco ocupada demais me perdendo no tom dourado de seus olhos brilhantes olhando para mim. Enquanto seu cabelo cai na frente de sua sobrancelha direita, eu saio do meu transe e aperto sua mão.

— É um prazer conhecê-lo também, Dani, — digo acidentalmente. — Quero dizer, Layne. Eu sou Dani. Você é Layne.

Ele ri e puxa a mão. — Você está certa sobre isso. Espero que gostem do show. — Layne nos deixa com uma piscadela de celebridade aperfeiçoada e retorna para seus companheiros de banda para continuar a configuração.

— Obrigado pelos ingressos VIP! — Lexi grita para ele.

— Qualquer coisa pela minha groupie Divi-O favorita!

— Você o conhece? — Eu pergunto a ela. — Divi-O?

— Esse é o nome das groupie/fã-clube deles, e sim, eu o conheço há alguns anos, mas não me apaixonei por ele depois de quatro segundos como você fez – esquisita.

— Eu não me apaixonei por ele, — eu argumento. — Como você o conheceu?

— Eu o conheci em um bar de café indie-rock. Nós dois estávamos irritados e sentados sozinhos, conversamos, trocamos números e continuamos amigos distantes.

— Você nunca ficou com ele? Ele é tipo... ele é muito gostoso, — digo a ela.

— Não, ele não é meu tipo. — Ela está certa. Ele não é o tipo dela. Não sei definir o tipo de Lexi, mas classificaria como

o tipo atraente, não tão inteligente, que curte moda masculina.

— Então, vocês são amigos há dois anos e nunca o mencionou? — Eu pergunto.

— Foi super casual, e não valia a pena mencionar. Quando soube que ele ganhou o concurso, mandei uma mensagem para parabenizá-lo, e ele me contou sobre esta noite e me ofereceu VIP Bing, bang, boom! Feito.

— Ele é lindo, — digo a ela. Eu já disse isso?

— Sim, imaginei que você poderia pensar assim.

— É por isso que estamos aqui? — Eu pergunto a ela, estreitando meus olhos em sua direção.

— Por favor. Ele está prestes a se tornar um figurão. Eu não estou bancando a casamenteira. Achei que seria divertido ouvi-los tocar esta noite e sair depois foi um bônus não planejado. Não faz mal ser amiga da 'banda'. Nós poderíamos ser groupies, Dani. — Ela acena com a mão no ar como se pudesse ver nossos nomes invisíveis pendurados no teto.

— Sim, eu tenho tempo para ser uma groupie enquanto limpo a bunda de Aly dez vezes por dia.

— Bem, então você pode ser meio groupie porque estou de olho no baterista, então me apoie aqui, ok?

— Ah, honestidade. Obrigada por me dar isso, pelo menos. — Eu aperto os olhos para olhar para o baterista. Ele é gostoso também, e está vestindo uma camisa branca sem mangas com um colete preto, gravata folgada e jeans. Eu não teria pensado que Lexi iria atrás de um cara com tantas tatuagens ou cabelo na altura dos ombros e arrepiado, mas o

resto de sua aparência provavelmente conquistou sua atenção.

— De nada, — ela enuncia.

QUATRO

DIAS ATUAIS

O primeiro passo para resolver um problema é admitir que tem um, mas se o problema não for solucionável, não sei se vale a pena a confissão.

— O que você pensa sobre? — Sr. H pergunta.

— Eu estava pensando sobre o fato de que a escola começa na próxima semana para você e Aly, — eu o lembro como se ele fosse o único que tivesse esquecido.

— Com certeza. Estou indo até o prédio amanhã para arrumar minha sala.

— Isso é legal, — eu digo a ele, tentando igualar a emoção que ele parece sentir. Eu não deveria sentir um pouco de alívio, sabendo que terei a casa para mim novamente depois da próxima semana, mas a casa se tornou meu escritório porque eu era necessária em casa, e agora não sou tão necessária em casa, o que me faz sentir como um pedaço de madeira se não estiver trabalhando a cada segundo do dia.

— Você vai gostar de ter seu espaço de volta? — O Sr. H pergunta, virando a cabeça para me olhar por um breve segundo, estamos parados em um sinal vermelho.

Eu inclino a cabeça para trás no assento e olho para as árvores borradas voando por nós. Eu sinto que a pergunta dele é uma pegadinha. Eu não quero fazê-lo sentir-se mal. — Acho que vai ser bom cantar a plenos pulmões sem os gemidos incessantes do quarto de Aly, — brinco.

— Adoro quando você canta a plenos pulmões, — ele me diz.

— Não, você não adora, — eu respondo, gentilmente empurrando meu cotovelo em seu bíceps.

— Eu adoro, — ele argumenta. — Diga o que quiser, mas eu amo sua voz.

Reviro os olhos assim que entramos no estacionamento ao lado do pequeno prédio de tijolos que tenho visitado uma vez a cada duas semanas no último ano.

— Eles precisam pavimentar o estacionamento. É tão acidentado, — eu digo.

— Eh, eu não acho que eles farão isso tão cedo, já que acabaram de pavimentar depois que a neve parou.

— Não, eles não pavimentaram, — eu argumento. Obviamente, eles não pavimentaram. Tudo o que ele precisa fazer é olhar para a estrada rochosa esburacada.

O Sr. H aplica os freios depois de parar em uma vaga de estacionamento, então muda a marcha do Jeep para estacionar. — Dani, — diz ele, colocando a mão no meu joelho. — Baby, você não se lembra quando eles bloquearam a entrada e tivemos que estacionar na rua. Estavam derramando baldes, e acredito que você estava xingando a Mãe Natureza durante toda a caminhada até o prédio.

— Ah, certo, eu me lembro agora, — minto. Não me lembro desse dia nem de ninguém pavimentando este estacionamento horrível.

Depois que o Sr. H desliga a ignição, o silêncio se instala. Saio do carro e para a luz do sol, indo para a entrada principal com estrutura de ferro preto. A cada duas semanas, viemos a essa consulta juntos porque é aconselhamento matrimonial e, evidentemente, o aconselhamento matrimonial nos ajudará neste momento difícil.

Eu me pergunto quantas pessoas deixam o aconselhamento matrimonial com um casamento melhor do que quando começaram. Meus pais foram ao aconselhamento matrimonial e tudo o que fez foi ajudá-los a decidir que o divórcio era sua única boa opção. Deve ter ensinado a papai que ele não precisava de uma família. Não vejo o que de bom pode sair dessa situação. Eu disse ao Sr. H um milhão de vezes; aconselhamento matrimonial é a droga de entrada para o juízo final.

No entanto, seu argumento continua sendo que não estamos aqui por problemas conjugais. — Estamos aqui por questões da vida que estão além do nosso controle, — como afirma pelo menos uma vez por semana. Aconselhamento foi ideia do Sr. H, mas acho que um médico plantou a semente em sua cabeça em algum momento. Seja qual for o caso, acho que isso lhe dá esperança, então o acompanho.

— Sr. e Sra. Hensen, como vocês estão hoje? — A recepcionista saltitante e borbulhante nos pergunta. Ela está sempre tão brilhante e alegre com seu batom escuro

contrastando com seus dentes brancos como a neve. Ela tem centenas de tranças em seu cabelo e pequenas contas na parte inferior que se chocam sempre que ela se move um centímetro. Suas unhas fazem um som semelhante quando ela acelera seus dedos ágeis pelo teclado mais rápido do que já vi alguém digitar.

— Nós estamos-ah, estamos bem. Aguentando, — Sr. H responde. A recepcionista nos dá um olhar questionador, como se soubesse que suas palavras são uma mentira. Elas são. Ela provavelmente ouve a mesma mentira várias vezes ao dia. Eu não acho que estaríamos vindo nas consultas se estivéssemos, de fato, “bem”.

— Eu amo seu casaco, Sra. Hensen. O roxo realça sua pele clara. — Aí vem ela perfeita de novo. Ela sempre tem um elogio para mim também, e eu me lembro de ser a primeira a dizer algo bom, mas esqueço toda vez que vou até a janela.

— Obrigada,— eu ofereço com um sorriso estranho. Eu me pergunto se ela acha que eu sou uma idiota que só rouba elogios e nunca oferece um em troca.

— Eu amo suas unhas, — eu cuspo, soando firme.

— Oh, você é muito doce. Acabei de fazê-las depois do trabalho ontem.

— Dani estava falando sobre fazer as unhas. Onde você foi?

O Sr. H não sabe quando acabar com o constrangimento e os homens não perguntam sobre salões de beleza.

— Ah, na mesma rua do Hull and Inn Spa.

— Incrível, — diz o Sr. H. Sim, incrível. Tudo é super-super incrível.

— Bem, Jean vai sair em um minuto, — diz ela, fechando o vidro temperado. Eu giro nos calcanhares, de frente para a sala de espera vazia, decorada com cadeiras azuis de madeira acolchoadas de couro, duas mesas laterais circulares de vidro, ambas cobertas com revistas Lifestyle, e depois uma pequena mesa de centro com uma variedade de folhetos que provavelmente não resolverão a vida de alguém com apenas seis parágrafos fáceis de ler.

Escolho o assento mais próximo da porta de onde Jean vai sair, e me sento com um oomph exagerado como se estivesse carregando um monte de malas nas costas. O Sr. H se senta ao meu lado e segura minha mão como se eu precisasse ser mantida em segurança. Ele levanta minha mão fechada e beija o topo dos meus dedos. — Vamos falar sobre essa mudança repentina de nome que você me deu? — Ele pergunta.

— Não, — eu digo, estralando o “o” como Aly faz quando é sarcástica.

— Dani, vamos, baby, trabalhe comigo aqui. Estou me esforçando ao máximo.

Suas palavras me irritam, embora eu seja cognitiva o suficiente para entender que estou irritável. Meu humor não é controlável, ou assim parece. Seria muito trabalho fingir, eu gostaria de poder. Em vez disso, eu me viro na cadeira e olho em seus lindos olhos - olhos que estão olhando para mim da mesma maneira há tantos anos. Deus, ele me ama, e eu

estou estragando tudo. — Pare de tentar consertar as coisas. Apenas aproveite o que está aqui e agora.

Ele balança a cabeça com decepção. — Dani, isso não é justo. Eu não estou tentando consertá-la. Estou tentando ajudar a tornar as coisas mais fáceis.

— Ah, é isso que é? Porque me fazer sentir culpada por chamá-lo de Sr. H quando não consigo lembrar seu maldito nome... não está facilitando as coisas para mim.

Eu não queria dizer isso. Jean o teria chamado pelo nome, e eu poderia ter usado seu apelido como uma brincadeira. Eu fazia muito isso com ele, brincar. Eu apertaria seus botões até que ele me jogasse por cima do ombro e nos levasse para o quarto. Era brincadeira naquela época. Nós éramos brincalhões.

— O que? — Ele pergunta, como se precisasse de confirmação de que me ouviu corretamente.

A porta se abre e Jean aparece na porta com sua costureira calça preta plissada e blusa preta ondulada, complementada por um lenço, coberto por uma paleta monocromática de tons de cinza em formas simples, e nenhuma roupa de terapeuta está completa sem seu caderno fofo na mão. — Oi pessoal, — diz ela com um sorriso alegre. Eu me pergunto se a vida dela fora do trabalho também é alegre, ou se finge ser alegre quando está tentando consertar as pessoas. Não me surpreenderia se Jean fosse amiga da Dra. Sheila. As duas parecem tão semelhantes, ou talvez sejam apenas as profissionais específicas que vejo regularmente. — Vamos para a minha sala.

Nós dois nos levantamos de nossas cadeiras e o Sr. H me segue como minha sombra – a sombra que ficou presa em uma posição desde o ano passado, porque o tempo parou de avançar para nós.

O consultório é pequeno, já que Jean compartilha sua prática com outro terapeuta, então há apenas duas salas atrás da recepção. O dela é o consultório da esquina, o que me faz pensar se ela paga mais pelo espaço do que o outro terapeuta, mas suponho que eles poderiam ter simplesmente sorteado para determinar quem ficava com o melhor espaço.

Tomamos nossas posições no sofá em frente à camurça preta de Jean, cadeira de aparência real que combina perfeitamente com sua roupa.

— Como estamos esta semana? — Ela pergunta, olhando de um para o outro, dando a cada um de nós uma oportunidade justa de falar primeiro.

— Dani não consegue lembrar meu nome, — Sr. H deixa escapar para Jean.

Eu quero dizer que não posso acreditar que ele me denunciou em segundos, mas não esperaria nada menos dele. Ele age sem pensar por que sua ansiedade está no teto, o que está tornando minha ansiedade ruim o suficiente para causar efeitos colaterais adicionais – esquecer nomes.

Com vergonha correndo por mim, abaixo minha cabeça e olho para o rasgo na área desgastada do meu jeans. Um salpico de tinta circunda o rasgo como se tivesse sido projetado dessa maneira para parecer semelhante a um vazamento natural ou estragado, como algumas tendências

de moda que vejo nas lojas. No entanto, prefiro usar jeans e pinto muito.

— Isso é verdade, Dani? — Jean pergunta. Ela soa do jeito que minha mãe costumava me repreender depois de agir do jeito que Aly age hoje em dia.

— Está na ponta da minha língua, — digo a ela. — Tenho certeza de que é apenas minha psique brincando comigo de novo. — Já falamos muito sobre sintomas fantasmas e como o cérebro pode manipular verdades além do nosso controle. Evidentemente, sou uma profissional nessa habilidade porque me convenci de muita coisa no ano passado. Às vezes, me pergunto se estou me convencendo de que toda essa situação com a qual estou lidando é apenas parte de alguma manifestação estranha. Se eu dissesse isso em voz alta, no entanto, provavelmente me encontraria no

hospital psiquiátrico para posterior avaliação. Eu fiz minha pesquisa. Eu sei o que evitar dizer.

— Esse pode ser o caso, — diz Jean.

— Dani... — Sr. H diz, sua palavra é cheia de tanta agonia, e não estou intencionalmente causando dor a ele. Jamais.

— Um momento, — diz Jean. — Peço desculpas por interrompê-lo, mas gostaria de tentar algo, se você não se importa? — Nenhum de nós responde porque nenhum de nós tem a menor ideia de como navegar na vida, e às vezes é mais fácil quando alguém nos diz como. — Não diga seu nome a Dani. — A sugestão de Jean me choca. Eu tinha certeza que ela o faria dizer seu nome vinte vezes em voz alta, na minha

cara, então me pediria para repetir de volta para ele a cada vez.

— Como isso vai ajudar? — Sr. H pergunta.

— Isso ajudará a retreinar seu cérebro para recordar informações. É o mesmo que dar a uma criança uma resposta para uma tarefa de matemática em vez de ensiná-la a encontrar a resposta certa.

— Bem, quem quer que tenha inventado essa 'nova matemática' provavelmente concorda com você, — digo a Jean com uma risadinha.

— Eu sei. Essas tarefas de casa são terríveis, e eu não sou boa em matemática, — ela diz, juntando-se a um rápido momento de mãe comigo. Eu sei que ela é mãe também. Vejo as fotos todas alinhadas em sua mesa de suas três lindas garotinhas de seis a dezesseis anos, ou algo assim.

— Nem eu, — digo a ela. — Senhor. H faz toda a lição de matemática com Alyson.

O Sr. H geme de frustração. — Minha esposa não sabe meu nome. Ela nem está se referindo a mim por um apelido carinhoso. Isso dói, — diz. — Sr. H? Parece que sou um vizinho aleatório na rua que nunca aprende o nome de ninguém.

Não consigo evitar o olhar que dou a Jean, e ela não está fazendo muito para esconder um olhar semelhante em minha direção. — Eu entendo, — Jean diz a ele. — Dani, por que você está usando o nome 'Sr. H?'

— Meu sobrenome é Hensen. Somos casados. Ele é o Sr. H, e eu sou a Sra. H. Certo?

— Acho que é verdade, — Jean concorda, seguido por um zumbido suave.

— Não entendo o propósito disso, — diz H. Ele se inclina para frente e pressiona as pontas dos cotovelos nas coxas. — Isso está me matando. OK? Eu entendo que isso está afetando diretamente Dani. Sim, mas estou bem aqui e estou me afogando. — O pescoço do Sr. H está ficando vermelho como quando ele está com raiva. Sua pressão arterial dispara de tempos em tempos, mas está sob controle há algum tempo.

— O que você está sentindo é normal, e aprecio porque você discorda da minha teoria, mas quanto mais a mente de Dani trabalha para relembrar suas memórias, mais tempo a força permanecerá intacta. Isso faz sentido? — Eu me pergunto se o Sr. H acha a voz de Jean tão reconfortante quanto eu. Eu me pergunto se ele ainda gosta dela. Ele não parece conseguir o que quer nesses compromissos com frequência, mas, novamente, eu sou a quebrada e às vezes a quebrada recebe mais atenção.

— Claro, — diz o Sr. H. — O que acontece se ela esquecer o nome da nossa filha também. Como eu explicaria isso para Alyson?

— Estou bem aqui, — eu falo com ele. — Você não precisa falar de mim como se eu não estivesse nesta sala.

— Ela está certa. Você tem razão, Dani.

— Só porque um nome está preso em um buraco em algum lugar, não significa que vou sumir amanhã. Eu vou lembrar. Apenas me dê um minuto, — digo a ele. Eu sei que

já se passaram dois dias, mas está aqui ou na minha cabeça, em algum lugar. Eu sei disso. Só não posso dizer isso em voz alta no momento.

— Ok, — diz o Sr. H. — Algum novo ensaio clínico surgiu esta semana?

— Não, — eu estalo. — Não mais.

— Não esta semana, — diz Jean, mantendo a calma, embora o Sr. H e eu estejamos prestes a brigar.

— Nunca, — eu respondo.

— Nunca diga nunca, Dani. Todos nós queremos que você melhore. Você sabe disso, — diz ela.

Como posso melhorar quando ninguém sabe como me consertar? Além disso, todos sabemos que não vou me beneficiar. Aumentar minhas esperanças é pior do que passar por qualquer ciclo de pílulas para matar células cerebrais que eles querem que eu experimente. — Eu não preciso de um advogado. Ainda estou aqui e cognitiva. As pessoas esquecem nomes o tempo todo.

— Eu sou seu marido, Dani. Meu nome está escrito em uma tatuagem na parte de trás do seu ombro.

Eu esqueci disso também.

CINCO

DOZE ANOS ATRÁS

TENHO 18 ANOS

— Vamos lá, temos que nos mover, — Lexi grita sobre os gritos e aplausos da multidão, exigindo um bis de *Dividing Oblivion*.

— Onde estamos indo? — Eu grito em resposta.

— Os fãs vão querer invadir o palco. No entanto, temos passes para os bastidores, então agora é a hora de nos mover. — Eu nunca tive passes para os bastidores antes e não sabia como eles funcionavam, mas duvido que possamos ir aos bastidores quando quisermos. No entanto, estamos no *The Sun Shack Theatre*, então pode não haver regras reais aqui. Além disso, preferia arriscar entrar nos bastidores a ser pisoteada por um bando de fãs malucos.

Lexi lidera o caminho em direção à saída de incêndio, mas faz uma curva rápida por uma porta lateral.

— Como você conhece tão bem este lugar?

— Você não quer saber, — ela explica simplesmente.

— Você provavelmente está certa.

Passamos por um corredor curto feito de paredes branco-acinzentadas e piso de linóleo riscado. Os tetos têm manchas escuras de mofo ou danos das chamas que originalmente causaram estragos neste lugar. Está claro que a banda não fez muito para revitalizar o lugar de sua destruição, mas suponho que um corredor não esteja no topo de sua lista de prioridades agora. Passamos por um conjunto de portas vaivém e a escuridão preenche a área com apenas uma luz brilhante à distância. — Bem ali, — diz Lexi.

Agora estou me perguntando se somos as únicas com passes para os bastidores. A escuridão me deixa desconfortável e meus olhos não se ajustam até chegarmos à próxima porta, que felizmente leva a um espaço iluminado, ou assim eu suponho pelo brilho vindo de baixo da porta. Lexi mantém minha mão na dela como prometido, então tento manter minha respiração sob controle e seguir em frente.

— Eek, pronta? — Lexi, guincha enquanto bate na porta.

— Isso parece estranho, — eu digo a ela.

— É legal, — diz ela, alongando sua declaração. — Estamos bem. Está tudo bem, Dani.

Lexi não vê o mundo da mesma forma que todo mundo vê, então o que está bem para ela, às vezes me deixa curiosa em quem a fez pensar que seja o que for que estejamos fazendo é uma boa ideia.

A porta na qual estamos na frente é aberta pelo cara que reconheço como o baterista. — Ei, Johnny, — Lexi o

cumprimenta com um sorriso sedutor, batendo os cílios para ter certeza de que ele entendeu a dica.

— Ah, vocês duas são as garotas malucas com os passes para os bastidores, hein? — Ele pergunta com um sorriso tímido dançando em seus lábios.

— Somos, — Lexi responde. — Nós somos as fãs dedicadas Divi-O.

Nós somos possivelmente as únicas Divi-O dedicadas desde que viemos aqui sozinhas, mas não vou reclamar.

— Bem, entrem , — ele abre a porta um pouco mais e Lex me puxa para uma área menor cheia de móveis de casa para fazer o espaço parecer uma espécie de ponto de encontro. Não é horrível.

— Pessoal, essas são os passes para os bastidores, — diz Johnny, o baterista.

— Ei! O que vocês acharam? — Layne, o vocalista, corre até nós e dá um abraço em Lexi.

— Vocês são insanamente incríveis, — Lexi responde. — Tipo, nos surpreendeu.

— Oh sim? — Layne pergunta, olhando para mim. Lexi está falando em nome de nós duas, o que me dá um passe livre para evitar conversas e apenas apreciar a cena, mas sinto que preciso elogiá-los também.

— Vocês foram seriamente incríveis. Posso ver por que ganharam aquela batalha.

Eu apenas fiz parecer que eles estavam lutando uma guerra cantando música, mas se isso é a pior coisa que sai da minha boca esta noite, todos nós deveríamos ter sorte.

— Isso significa muito, obrigado, — diz Layne, olhando para mim como se eu parecesse fascinante. Às vezes sinto que meu passado está tatuado na minha testa e todo mundo que conheço já sabe por qual caminho andei.

Layne balança a cabeça para o lado, afastando o cabelo do olho. É estranho que eu queira tocar seu cabelo. É ainda mais estranho que ele esteja falando comigo e eu não tenha ouvido uma palavra do que ele disse. — Você está bem?

Quando volto a focar em seu rosto, seu lábio está curvado para o lado, o lado onde ele tem o piercing.

— Sinto muito, acho que meus ouvidos ainda estão zumbindo um pouco. O que você acabou de dizer? — Eu pergunto a ele, tentando esconder o fato de que estava muito ocupada olhando para ele com corações imaginários em meus olhos.

— Eu perguntei há quanto tempo você e Lexi são amigas? — Ele passa os dedos pelos lados do cabelo, afastando os fios do rosto, penetrando nos olhos esmeralda. Com sobrancelhas e cílios escuros, há uma atração imediata em seu olhar sedutor. Ele é impressionante e fascinante. Ele também me fez uma pergunta pela segunda vez.

— Oh, hum, nós somos amigas desde bebês, na verdade. Nossas mães faziam parte de um grupo de pais, então passamos muitos dias no parquinho, jogando areia na cara uma da outra. Então nos tornamos inseparáveis e meio que crescemos como irmãs.

— Isso é incrível, — diz ele com uma risada suave enquanto olha para Lexi, que está mordendo o lábio inferior, enquanto olha nos olhos de Johnny. Como é, que alguns de nós têm o instinto natural de flertar, enquanto o resto fica com os joelhos prestes a desabar no momento em que alguém olha em nossa direção? Não é justo. Não tenho jogo. Não que eu precise de um jogo, porque não há um jogo que eu possa ganhar com minha vida atrás de mim como uma bola e uma corrente. Eu amo Aly, mas poderia lhe dar um tipo diferente de amor daqui a cinco ou dez anos também. — Droga, acho que Lexi tem uma queda por Johnny.

— Ela tem, — digo a Layne, dedurando-a como uma amiga horrível. Eu bato minha mão na boca, — Droga, não repita isso, e espero que isso não te incomode... tipo, quero dizer, se você tiver uma queda por Lexi.

Meu pé poderia sair da minha boca agora.

Os olhos de Layne se estreitam com seu sorriso, seu sorriso que revela duas covinhas perfeitamente localizadas nos cantos de seus lábios. Como o rosto desta banda, ele dá aos fãs uma boa razão para sentar e assisti-los, mas com a música que ouvi esta noite, todos os caras poderiam ser horríveis e ninguém se importaria. Só ajuda que ele seja lindo, e provavelmente transformou muitas mulheres locais em fãs de rock. — Eu não acho que tenho que informar Johnny que Lexi tem uma queda por ele. Parece que ele entendeu a dica, — diz Layne.

Eu olho por cima do meu ombro novamente e sim, Johnny entendeu a dica. Seus lábios estão travados e se

vapor pudesse sair de corpos quentes, os alarmes de fumaça estariam disparando. — E estou bem com isso porque Lexi e eu não gostamos um do outro assim.

— Huh, eles já se conheciam? — Eu pergunto a Layne. Achei que saberia com quem Lexi tem passado seu tempo, mas estou um pouco preocupada.

Layne balança a cabeça, olhando além de mim, em direção a eles. — Não, eu não acho que eles se conheciam oficialmente antes desta noite.

— Bem, acho que quando você não tem medo, faz o que o momento manda, certo? — Eu digo.

Mais uma vez, Layne parece fascinado pelo pequeno comentário simples que fiz, e não consigo entender o que há de tão esclarecedor em minha tagarelice nervosa. — É engraçado você dizer isso sobre medos. Eu escrevi uma música sobre medos, e você acertou em cheio.

Eu conheço a música. Eu conheço muito bem. Ela falou comigo dois anos atrás, quando a ouvi pela primeira vez, e falou comigo novamente esta noite, quando a ouvi. — Acho que já ouvi, — digo a ele, tentando soar casual sobre o meu amor por sua música. Na verdade, a música sobre a qual estamos falando é a música que me atraiu como uma “Divi-O Groupie”.

— Você já tinha ouvido antes desta noite? Não nos apresentamos aqui há alguns anos.

— Sim, eu me lembro, — digo a ele, mordendo a ponta do meu polegar.

Layne parece congelado dentro de seu sorriso estrelado e olhar fixo. — É a minha favorita de todas as nossas músicas, mas estávamos seguindo as tendências e, você sabe como é. Curiosamente, estivemos conversando com uma gravadora sobre essa música, mas estou falando demais e não deveria ter dito isso para você, então finja que parei de falar há trinta segundos. — Ele ri e cobre o rosto com a mão, exibindo rabiscos de caneta nos dedos, tecendo dentro e fora dos vários anéis que vi piscando enquanto ele corria de um lado para o outro no palco com o microfone, derramando seu coração.

— Seu segredo está seguro comigo, — digo a ele. — Agora cada um de nós tem algo para esquecer.

— Obrigado, — diz ele, puxando um cacho solto ao lado da minha orelha.

Prendo a respiração quando sua mão chega perto de mim, mas ela se foi muito rápido, pendurada de volta ao seu lado.

Respire.

— Acho que você tem uma caneta nos dedos aí, — eu aponto, procurando uma maneira de mudar o assunto dos nossos segredos vazados. Mas falando sério... uma gravadora? Isso é insano.

— Sim, eu sou um artista desleixado, — diz ele, admirando sua arte borrada. — Tenho essas três ou quatro linhas de algumas músicas que sempre parecem escapar da minha mente, então as escrevo na minha mão, mas depois acabo suando durante o show. Acho que o método real de

escrever as palavras me ajuda a lembrar, então se tornou um hábito.

Ok, então ele não está apenas desenhando em sua mão para parecer durão, o que é doce. Meu coração já está batendo no peito como um peixe fora d'água, mas tenho que jogá-lo de volta porque não posso participar desse tipo de vida. Claro, eu não posso ir a lugar nenhum agora, já que Lexi ainda está brincando com o baterista.

— Cara, — o baixista grita, apontando para Lexi e Johnny.

— Esse é Sal, ele é nosso baixista e falastrão – eles andam de mãos dadas, e aquele cara ali, aquele que está fodendo com sua guitarra, é Devin. Devin geralmente não se senta a menos que esteja desmontando alguma coisa, então esteja preparada para ver sua guitarra em pedaços em breve. — Sal e Devin parecem opostos. Sal é um cara grande, careca e coberto de tatuagens, e Devin provavelmente pesa o mesmo que eu, mas é um pé mais alto com longos dreadlocks loiros e um monte de piercings faciais.

— Vocês devem se divertir juntos, — digo, tentando pensar em algo para dizer, porque não devo ter absolutamente nada em comum com esses caras, e se tiver, não saberia o que é, mas aposto não é um bebê.

— Sim, temos, mas é trabalho, sabe? Sempre que uma paixão se torna trabalho, pode gerar mais estresse do que o previsto. — Eu acho que ele está dizendo que eles provavelmente dependem um do outro enquanto encontram seu caminho para a fama, ou pelo menos acho que seria

assim se tudo de repente passasse de divertido para sério da noite para o dia.

— Isso faz sentido. — Eu oficialmente não posso esconder meu desconforto. Minhas mãos estão nos bolsos de trás e estou balançando nas solas em meus Chucks pretos.

— Desculpe, você parece desconfortável. Posso fazer algo por você? — Ele estende a mão e a coloca no meu ombro, tentando fazer um gesto carinhoso.

Para qualquer outra pessoa é apenas uma mão no ombro, mas para mim, é como cinquenta abelhas me enxameando ao mesmo tempo. Eu pulo para trás, caindo no chão.

— Merda, você está bem, Dani? — Ele se lembrou do meu nome. Eu não sou ninguém e ele se lembrou do meu nome depois de me dizer que tem dificuldade em lembrar suas letras.

O piso de madeira rachado rangendo do meu tombo interrompeu o beijo de dez minutos entre Lexi e Johnny, e ela está ao meu lado mais rápido do que já a vi se mexer. Não quero lembrá-la de que ela prometeu não me deixar, nem mesmo atravessar a sala, mas eu soaria tão ridícula quanto pareço.

— Eu sinto muito, — diz ela. — Sinto muito, Dani.

Eu odeio com o quão arrependida Lexi parece.

Eu odeio o quão frágil eu sou.

Odeio não poder flertar com esse cara como deveria, e odeio não poder desfrutar de um simples toque humano sem sentir que estou sendo esfaqueada.

Evito olhar além de Lexi, com medo de ver a expressão no rosto de Layne, mas não consigo impedir meu olhar ao vê-lo. Seus lábios estão fechados, esticados em uma linha fina, e seus olhos estão arregalados enquanto a protuberância em sua garganta parece presa. Ele não diz nada em voz alta, mas ergue as mãos com cautela e dá alguns passos em minha direção antes de se ajoelhar. — Ei, — ele sussurra. — Eu não sabia.

Ele não sabia o quê?

O que ele poderia saber?

Estou com dificuldade para respirar. É como se houvesse fumaça velha inundando o ar ao meu redor e sufocando meus pulmões. Eu balanço a cabeça, tentando descobrir como lhe dizer que ele não sabe e não vai saber, mas não posso falar. Lexi tenta me ajudar a ficar de pé, e Layne estende a mão em minha direção com cautela, esperando que eu lhe dê a mão se quiser. Sem hesitar, eu faço porque quero que ele veja que não sou algum tipo de aberração que não pode ser tocada quando perguntada, ao invés de ser tocada de surpresa. Ele me ajuda a ficar de pé e eu escovo minhas mãos contra minhas calças como se eu tivesse caído em uma pilha de terra, mas estou tentando afastar minha dor – os sentimentos associados ao toque de um homem.

— Ela vai ficar bem, — diz Lexi. — Não é você.

— Eu sei, — diz Layne.

Ele não sabe.

— Você não sabe, — Lexi diz, gentilmente, mas assertivamente.

— Eu sei. Eu vi essa expressão no rosto de um amigo. Sinto muito, Dani.

Agora, estou mortificada sem uma boa razão e quero ir embora. — Desculpe pessoal, nós vamos indo. Esse foi um show maravilhoso. Vocês realmente conseguiram. Parabéns, — diz Lexi.

— Não vá, — diz Sal, parecendo desconfortável. — Podemos fazer alguma coisa para ajudar?

— É o aniversário de dezoito anos dessa garota, e lhe prometi um bolo, e se ela não ganhar um bolo, ficará fraca e pode desmaiar, — Lexi continua. Eu não sei como diabos ela acabou de inventar uma história tão ridícula, mas é idiota o suficiente para distrair todos do que aconteceu. Além disso, eu amo bolo.

— Espere, é seu aniversário? — Layne pergunta.

— É apenas um aniversário, — eu digo a ele, soando como se tivesse engolido um prego enferrujado.

— Mas, todos nós amamos bolo, então aniversários são nossa coisa favorita..., — ele responde.

— Ok, isso soa tão idiota quanto a história de Lexi, — eu digo a eles, sentindo o riso borbulhar na minha garganta.

— Sage? — Layne pergunta a Lexi.

— Esse era o meu plano, — diz ela, olhando para mim para confirmar o que eu gostaria de fazer. — Você ainda quer ir ao Sage, Dani?

— Eu quero bolo. — Sage é a melhor padaria da região. — Vocês deveriam vir se quiserem bolo também. — Isso soou super pouco convidativo, ou como se minha mãe tivesse acabado de dizer que deveria convidar todos ou ninguém para uma festa.

— Queremos bolo, — diz Layne em nome de todos. — Nós nos encontramos lá em meia hora ou mais, ok?

— Nos vemos então, — Lexi diz, me puxando de volta para a área escura atrás da porta.

Nós não falamos até chegarmos ao corredor escuro e o barulho da área geral cresce para um zumbido baixo.

— Ah, não, você está bem? Eu sinto muito. O que aconteceu?

— Estou bem, — digo a ela.

— Ele te tocou?

— Ele apenas colocou a mão no meu ombro. Não é grande coisa. — É uma grande coisa, e ela sabe que é uma grande coisa.

Lexi aperta minha mão, em seguida, envolve o braço em volta do meu pescoço. — Sinto muito, — diz ela novamente.

— Por favor, pare de se desculpar. Você está alimentando isso...

— Eu sei, eu só... argh, — ela geme.

— Então, Johnny parecia um bom beijador, — eu digo, olhando para Lexi pelo canto do meu olho.

— Oh minhas bolas de golfe, Dani, aquele beijo foi como o primeiro segundo que um doce ácido toca a ponta da sua

língua. Você sabe quando seus olhos reviram pouco antes de tudo ficar dormente e delicioso.

— Que tipo de doce você está comendo? — Eu pergunto.

— O verdadeiro tipo açucarado-doce, — ela diz com um sorriso travesso. — Agora, percebo que as coisas não correram bem, mas você não pode negar as faíscas entre você e Layne. Eu podia sentir as vibrações a uma milha de distância.

— Humm, — eu murmuro. — Talvez os beijos dele também tenham gosto de doce ácido.

SEIS

DIAS ATUAIS

No momento que estou sozinha e na frente de um espelho, fico aliviada ao reconhecer meu reflexo e recordar as feições que envelheceram comigo ao longo dos meus meros vinte e nove anos neste mundo. Continuo olhando para meus olhos todos os dias, imaginando se há um brilho perdido olhando para trás, mas não tenho certeza de que tipo de brilho pode ser.

Com as pontas dos meus dedos, abro os três primeiros botões do topo da minha camisa de flanela e puxo a manga direita do meu ombro.

Como se o Sr. H pudesse ver através da porta, ouço seu punho bater suavemente contra a madeira envelhecida. — Dani, — ele chama, questionando se eu estou aqui, embora tenha me visto correndo pelas escadas e me fechando em nosso quarto quinze minutos atrás. Agradeço o respeito à minha privacidade, mas meu marido nunca bateu na porta desta casa. Não somos estranhos — não éramos estranhos. Nós basicamente estivemos juntos metade de nossas vidas.

Eu giro e olho para a porta como se ele pudesse ver o brilho em meus olhos através da madeira que nos separa. Talvez ele sinta que estou do outro lado porque a porta se abre e ele para, com as mãos nos bolsos com um olhar de aflição puxando seus olhos semicerrados.

— Ei, — eu o cumprimento, casualmente como se nada estivesse errado; como se eu não tivesse confessado ter esquecido o nome dele hoje.

— Ei, — ele responde na mesma expressão indiferente. — O que você está fazendo?

Eu balanço minha cabeça, desejando que ele não estivesse curioso, mas não surpresa que ele esteja aqui se certificando de que não estou balançando em um canto. Suponho que é isso que ele acha que vai encontrar, algum dia. Imaginar encontrar horror no caminho do meu atual estado de existência, me faz apreciar estar deste lado da cerca, que é egoísta. No entanto, não é tão egoísta quanto querer trocar de espaço com alguém, especialmente o Sr. H. Eu tive a chance de tentar esconder a verdade.

O Sr. H dá alguns passos em minha direção e tira as mãos dos bolsos. — Passei algum tempo pensando no caminho para casa e agora enquanto estava lá embaixo. Por mais que me doa, concordo com a teoria de Jean de permitir que seu cérebro se lembre da informação — meu nome.

— E o que eu quero? — Recuo com pressa e raiva que não deveria ser direcionada a ele quando meu reflexo está apenas um pé atrás de mim, merecendo a ira. Isso não é culpa dele.

— Você quer melhorar? — Sr. H pergunta. A sinceridade em sua voz quebrada é uma adição esmagadora à dor que enche o branco de seus olhos revestidos com pequenas linhas vermelhas.

Não acredito que minha resposta tenha qualquer correlação com o resultado da minha vida. Portanto, é difícil dizer outra coisa senão: — Não é minha escolha e não tenho voz.

— Então, você estava tentando olhar a tatuagem em seu ombro, — diz ele, me mostrando.

Eu dou de ombros. — Há uma chance de que eu não lembre. Há uma chance de eu esquecer mais de você. — É tudo trivial, coisas que sabemos, coisas que evitamos, coisas que estão surgindo na nossa frente.

— Há uma chance de que se lembre, — diz ele, deixando de lado uma resposta para a parte em que eu disse que vou esquecer mais. Eu estava errada sobre isso porque não há chance de isso acontecer. De acordo com os especialistas que vi até agora, isso vai acontecer. Só não sabemos quando.

— Quanto tempo esperaremos? — Pergunto-lhe.

— Pelo tempo que demorar. — Ele parece inseguro sobre sua resposta, o que significa que é apenas uma questão de tempo antes que ele quebre e tente me consertar novamente. O Sr. H dá mais alguns passos em minha direção e estende as mãos para mim. — Sou eu, — diz ele antes de colocar as mãos sobre meus ombros. — Sou só eu. — Ele me puxa e pressiona minha cabeça contra seu peito, me forçando

a ouvir as batidas rápidas de seu coração pesado. — Eu te amo, Dani, e nada poderia mudar isso. Nada.

Eu relaxo em seu aperto e inalo a colônia almiscarada que ele usa há pelo menos dez anos. O cheiro me incita a acariciar o lado do meu rosto contra o algodão de sua camiseta.

Você é minha garota

Sr. H começa a cantar em um zumbido baixo. Suas palavras vibram em seu peito e contra minha pele.

Minha primeira e única

Seus dedos serpenteiam pelos longos fios do meu cabelo, embalando a parte de trás da minha cabeça, oferecendo contentamento dentro de seus braços protetores.

Das profundezas da minha alma

Para o seu coração, eu estarei

A sombra do sol

E a luz atrás da árvore

Sempre aqui

Sempre aqui eu estarei

Suas últimas palavras silenciam em um sussurro, e calafrios percorrem minha espinha assim como sempre que ele cantava para mim. A conexão me permite lembrar dessa

parte dele. Eu gostaria de poder dizer que sua voz cura os pedaços quebrados da minha vida, mas ainda estou quebrada, e ainda não lembro do nome dele.

Fecho os olhos e me concentro no som de seu coração e no cheiro de sua camisa, relaxando a ponto de meus joelhos ficarem fracos. As pontas dos seus dedos traçam pequenos círculos na parte de trás da minha cabeça, e seu toque está tornando difícil ficar acordada.

— Talvez bolo me faça lembrar, — murmuro contra sua camisa.

— Bolo, — diz ele, afirmando meu pedido em vez de perguntar.

— Sim.

O Sr. H cobre meus ouvidos com as mãos e vira a cabeça para longe de mim. — Aly-girl, prepare-se para sair. Vamos comer bolo! — O Sr. H mantém as mãos no lugar por mais um minuto porque tenho certeza de que está tentando me ajudar a relaxar, e tenho certeza de que Aly está gritando obscenidades sobre nós a forçando a sair de casa. Ela está em casa há apenas vinte minutos e provavelmente acabou de ficar confortável.

— Nós podemos ir mais tarde, — digo a ele.

— Vamos comer bolo, — ele confirma. Ele tira as mãos dos meus ouvidos, e fico surpresa ao ouvir o silêncio dentro da casa. Aly ama bolo, no entanto, talvez isso tenha ajudado a aliviar o fardo de lhe pedir para se levantar de sua amada cama.

— Você deveria chamar os caras. Não os vemos há algumas semanas.

Sr. H se afasta e olha nos meus olhos. — Eu... — Ele suspira, frustrado como sempre quando falo sobre eles ultimamente. Eu não acho que ele quer que eles saibam os detalhes da minha situação ou olhem para mim da maneira errada, mas eles não são assim. O Sr. H está sendo superprotetor. Normalmente, ele sai com eles, mas uma vez por mês todos nós vamos. Talvez, se o Sr. H ainda estiver em um modo superprotetor, isso me ajude apenas desta vez e acione uma memória para que eu possa chamá-lo pelo nome. — Não esta noite, Dani. Vamos passar por isso primeiro.

— Isto? — Eu estalo. — Isso não vai embora. — Se eu fosse ferida em um acidente e tivesse uma deformidade no rosto, você gostaria que eu usasse uma máscara para que ninguém notasse? Ou me diria para agir naturalmente e ninguém notaria? — Eu sei a resposta disso. Ele nunca se importou com o que as outras pessoas pensam dele, mas sobre mim, ele está em guarda, possivelmente um canhão solto esperando para explodir.

— Estou dando o meu melhor aqui, estou mesmo. Jesus, Dani. Eu quero ajudá-la a lembrar, mas não sei como sem apenas soletrar para você. Estou quebrando a cabeça, e não é exatamente como se eu pudesse pesquisar no Google como fazer minha esposa lembrar meu nome. — Eu não acho que ele quis dizer isso para ser tão grosseiro quanto

soou, mas não posso culpá-lo desde que pesquisei no Google mais cedo também. — O Google não tem nada.

— Você olhou?

— Além de gravar um sussurro suave de seu nome em uma fita de mixagem e me fazer ouvir a noite toda, não houve resposta real.

— Uma fita? — Sr. H perguntas.

— O artigo era antigo e escrito por um cara assustador que ainda não consegue fazer uma garota lembrar seu nome.

— Vamos ou não? — Aly geme da porta. — Por que está escuro aqui e por que vocês estão se abraçando no escuro?

O som do Sr. H inalando bruscamente pelo nariz tornou-se mais proeminente nos últimos anos. É a sua “respiração de enfrentamento do pai”, como eu chamo. — Bem, o sol está se escondendo atrás das nuvens agora, e eu amo sua mãe, então estamos nos abraçando. Como soa?

— Tolo, — diz Aly, seu telefone berrando para a vida com cores neon, iluminando seu nariz de botão ainda adorável. — Como foi o aconselhamento matrimonial hoje?

— Aly, chega, — eu a repreendo.

— Apenas me perguntando.

— Nós não vamos à terapia para consertar nosso casamento. Não há nada de errado com o nosso casamento. É para nos ajudar com meus problemas de memória. Já conversamos sobre isso. — Já conversamos sobre isso e, no entanto, estou questionando nossos compromissos também. Nós realmente vemos Jean para que ela possa ajudar com minha memória? Ou é porque nosso casamento

vai passar por um inferno até que eu não consiga mais lembrar o que é o casamento? Deus sabe, ela não está ajudando com minha memória neste momento, apesar de seu plano de me forçar a recordar informações por conta própria.

— Quer ver seus tios? — Sr. H pergunta a Aly. — Envie uma mensagem para eles e veja se estão livres.

— Eles são mais divertidos do que vocês, então sim, — diz ela, piscando suas unhas azuis rápidas no teclado do telefone.

— Não consigo lembrar o nome do papai, — digo a Aly, sentindo a mão do Sr. H apertar minha cintura.

— O que? — Aly pergunta, rindo como se eu estivesse brincando.

— Não é nada que você precise se preocupar, mas prefiro ser honesta com você do que esconder o que está acontecendo.

— Não é nada que eu tenha que me preocupar? Você está brincando comigo. Existe uma contagem regressiva até você esquecer meu nome também?

Suas palavras são como pequenas facas, lâminas arrastando no centro do meu peito, lentamente torturando cada uma das minhas terminações nervosas. Ela deve saber que meu maior medo é esquecer qualquer coisa sobre ela. Expressei minhas preocupações, tentando ser o mais leve possível sem mentir sobre essa condição. Eu sei que ela está com raiva de mim e do mundo, mas até que esteja pronta para me perdoar e entender, não há muito mais que eu possa fazer para tornar isso mais fácil para qualquer um de nós.

— Aly, — Sr. H diz, parecendo desapontado. — Precisamos ser uma família agora. Você pode colocar o drama adolescente na prateleira por um minuto e ficar conosco um pouco?

Aly revira os olhos e continua digitando em seu telefone. — Sal e Johnny podem vir. Devin está na aula de parto – o que é isso? Quer saber, não importa. Não quero saber.

— Você tem razão. Você não quer, e gostei de ouvir isso, — Sr. H diz a ela.

— Por favor, não conte a eles o que acabei de dizer, Aly.

Apesar de pedir, suponho que seja tarde demais. Aly é a rainha da fofoca, e se puder chocar alguém, dará tudo o que ela tem nos primeiros dois segundos de uma conversa.

— Eu não vou, — diz ela. Estou chocada, mas grata se ela estiver dizendo a verdade.

— Então, hum, por que apenas não dizemos o nome do papai? Isso não resolveria esse problema? — Aly pergunta.

— Não diga, — Sr. H retruca. — A médica quer que ela tente se lembrar por conta própria.

— Isso é idiota, — diz Aly, seu foco ainda travado na tela de seu telefone.

— Sim, é idiota, — eu concordo. — Mas, estamos seguindo as ordens da médica.

Quero acrescentar que, além de seguir as ordens da médica, não tenho voz no assunto, mas esse argumento não é adequado para os ouvidos de um adolescente.

Sr. H endireita minha camisa, colocando a gola solta de volta no lugar, então meus ombros estão novamente cobertos, e eu fecho os botões novamente, silenciosamente concordando em ignorar a tatuagem nas minhas costas.

Aly está fora da porta da frente e deslizando para o banco de trás do Jeep quando chego ao armário de casacos. — Ela deve estar com frio. Devo pegar a jaqueta dela? — Eu pergunto, pegando meu velo preto quente de um cabide.

— Baby, está vinte e quatro graus lá fora. Você vai sentir calor com isso, e Aly está bem.

Não está vinte e quatro graus lá fora. Estava frio quando chegamos em casa mais cedo. Eu me lembro porque estava tremendo no carro.

— Você está apenas sendo engraçado? — Pergunto ao Sr. H, curiosa para ver sua reação. Eu sempre posso dizer se ele está tentando me enganar ou falando sério, mas ele parece tão confuso quanto eu me sinto no momento.

— É agosto, Dani.

Agosto soa como uma palavra vazia, ouvindo-a escapar da boca do Sr. H. Fecho os olhos para me lembrar de agosto — o que significa porque conheço a palavra, mas não estou familiarizada com o que significa. — Tudo bem, — digo a ele, tentando me convencer de que a palavra agosto não é importante agora, não tão importante quanto o nome do Sr. H.

Recoloco meu casaco no cabide e corro a ponta dos dedos pelo tecido de todos os outros casacos pendurados. Um

casaco de inverno para cada um de nós, três jaquetas de lã e três capas de chuva, todas destinadas a diferentes estações. Quando me viro, o Sr. H se foi, mas não ouvi a porta abrir ou fechar, então vou até a cozinha, procurando meu marido. Ele está atrás da ilha de granito com a cabeça apoiada na porta da geladeira. — O que você está fazendo? — Eu pergunto.

O Sr. H se levanta e se vira para mim. — Dani, desculpe. Eu estava apenas recuperando o fôlego. — Não sei por que ele está sem fôlego. Ele não estava correndo ou se movendo muito.

É porque o estou machucando. Todos os dias, por quase um ano, acordei com um rosto cheio de dor e desespero, mas também com um par de olhos com esperança, e braços prontos para mostrar amor e lábios para sussurrar as palavras: — Eu te amo, — muitas vezes ao dia para o caso de eu esquecer o quanto ele me ama.

— Estou destruindo sua vida, um dia de cada vez, — admito em voz alta. Minha garganta aperta em resposta ao ouvir as palavras ricocheteando nos eletrodomésticos da cozinha.

— Você nunca poderia destruir minha vida, — diz o Sr. H com um olhar de sinceridade, mas o som de suas palavras vem sem uma pitada de verdade.

Sim, eu poderia facilmente destruir sua vida, mas vou tentar tudo ao meu alcance para nos dar mais tempo. No entanto, isso também seria uma mentira, e não precisamos de nós dois mentindo. Não tenho poder ou controle, e o

destino de nosso casamento é uma parte da vida que não saberemos até chegarmos lá. — Vamos comer bolo, ok? Vá para o carro. Eu só preciso pegar uma garrafa de água bem rápido, — digo a ele.

O Sr. H abre a porta da geladeira e pega uma garrafa de água, entrega para mim e força um sorriso em seus lábios selados. — Tranque a porta ao sair, — diz ele.

Eu vejo o Sr. H empurrar a porta, fazer uma pausa e alcançar a maçaneta interna, então giro a fechadura.

Acho que sou tão boa quanto inútil agora.

O selo racha na garrafa de água quando torço a tampa antes de tomar um gole rápido. Com algumas respirações profundas, giro nos calcanhares, vendo a correspondência de hoje na mesa da cozinha. A correspondência teria nossos nomes.

A culpa atormenta meu estômago a cada passo que dou em direção à mesa castanha desgastada em que nossa família se senta há mais anos do que posso contar, mas não estou fazendo isso por razões egoístas. Eu preciso aliviar o Sr. H de sua dor. Se minha condição inevitavelmente causará mais dor à minha família do que a mim, preciso protegê-los o máximo que puder.

Pego os envelopes e os folheio, encontrando um folheto de carro feito para o Sr. H, oferecendo-me seu nome em forma de alívio.

SETE

DOZE ANOS ATRÁS

TENHO 18 ANOS

Bolo é meu uísque, o que soa ridículo, já que nunca provei a coisa, mas Daniel, meu pai, mostrou à nossa família o quão importante o uísque era para ele, e embora eu nunca usasse bolo como uma arma de destruição emocional, imagino que seu amor por uísque seja levemente comparável ao meu amor por bolo. É a comparação mais próxima que posso imaginar.

Esta pequena confeitaria com mais bolos do que qualquer outra é meu lugar favorito para visitar desde que eu estava na escola primária. Foi quando descobri meu amor por bolo. Não tenho vergonha de ser conhecida aqui, já que eles estavam me esperando hoje, no meu aniversário, o que teria sido muito triste se eu não tivesse saído com Lexi esta noite.

Eles devem ter nos visto entrando do estacionamento porque velas estão rodeando o bolo, com chamas perfeitas que iluminam o rosto envelhecido de Marcy, pálido pela falta de luz do dia.

— Feliz aniversário, Dani, — ela diz, sua voz é alta e forte para uma mulher tão pequena. — Eu estava esperando te ver hoje à noite.

— Aqui estou, — digo a ela, radiante de apreciação.

— Dezoito – Deus gracioso. Para onde foi o tempo e onde está minha doce pequena Alyson?

— Na cama, felizmente, — eu gemo.

— Claro. Bem, apague as velas antes que a cera escorra. Apenas... não se esqueça de fazer um desejo. Essa é a parte mais importante. Você precisa de um desejo pelo seu aniversário de dezoito anos.

Um desejo. Não posso mudar o passado e, mesmo que pudesse, teria medo de alterar meu presente. É isso que o terapeuta tem tentado me fazer entender nos últimos dois anos. A compreensão está lá, mas não completamente saturada de entendimento. Só posso olhar para o futuro.

Para um futuro sem medo. Espero que este ano me traga felicidade e substitua alguns dos meus medos por um toque de confiança para fortalecer minha alma.

Apago as velas com dois sopros rápidos. — Obrigada, — eu ofereço.

Marcy sorri e puxa o bolo de volta para trás do balcão. — Eu o trarei para você em um momento.

— Ela é tão adorável, — Lexi arrulha enquanto junta algumas mesas. — Marcy tem carinho por você, obviamente. Também venho aqui a vida inteira e acho que ela não saberia meu nome se recebesse uma lista curta.

— Você não tem uma paixão por bolo como eu. É por isso, — digo a ela.

— Paixão, obsessão, qual é a diferença, certo?

— Exatamente.

Lexi e eu devoramos o bolo enquanto mantenho um olho na porta, imaginando se a banda vai aparecer. Parece uma piada quando penso nisso. Mesmo que esses caras não tenham fãs, ainda não acho que eles gostariam de vir a uma confeitaria de todos os lugares para ficar com Lexi e eu. Tenho certeza que eles têm coisas melhores para fazer.

— Então, Johnny é leonino, — Lexi diz com a boca cheia de bolo.

— Roar, — eu rosno, provocando-a. — Como você conseguiu descobrir seu signo enquanto tentava engolir sua língua? — Eu coloco o primeiro bocado de bolo em minha boca, deixando a textura esponjosa assentar na minha língua antes de permitir que o chocolate deslize pela minha garganta. Isso é tudo que eu queria para o meu aniversário.

— Bem, eu perguntei a ele enquanto estávamos recuperando o fôlego, — Lexi continua.

— Essa foi a única pergunta que você decidiu fazer entre os beijos?

— Se eu pudesse fazer uma pergunta a alguém, seria sobre seu signo astrológico. Você tem ideia do quanto pode descobrir sobre uma pessoa com apenas uma palavra de resposta?

— Acho que não considerarei a importância, — digo a ela, desejando entender o funcionamento interno de sua mente.

— Os librianos são mais compatíveis sexual e amorosamente com os leoninos. É uma teoria comprovada entre os astrólogos.

— Bem, eu acho que é para ser então, — eu digo a ela, avistando um Jeep Wrangler estilo caminhão monstro espalhando cascalho enquanto chicoteia em uma vaga de estacionamento na frente. Não consigo ver quem está dentro dessa coisa, mas estou confiante de que é a banda.

— Oh meu Deus, são eles, — diz Lexi, colocando o garfo para baixo e passando um guardanapo em cada centímetro de seu rosto. Eu quero soar como uma velha mulher experiente que lhe diz que não vai importar muito ter uma migalha de chocolate no rosto depois de ter um filho. Todo o cuidado com a minha aparência saiu pela porta com o meu corpo perfeito. Posso tentar menos do que a média das mães, mas também não me preocupo com minha aparência, o que é legal.

— Você tem chocolate no rosto. — Lexi está apontando para mim, seus grandes olhos verdes esbugalhados contra seus cílios escuros. — Use um guardanapo, rápido. — Ela levanta um guardanapo e o joga em mim. Estou quase em estado de choque ao observá-la sendo louca. Acho que nunca vi Lexi agir assim. É cômico. Portanto, faço o que qualquer boa amiga faria e deixo a cobertura de chocolate no meu rosto.

— Senhoras, — diz Layne, entrando na confeitaria primeiro, seguido pelos outros três.

— Layne Hensen, — Marcy diz atrás do balcão.

— Ei, tia Marcy, — diz Layne, levantando a mão e dando-lhe um aceno. Marcy é tia de Layne? Como eu não sabia disso? Acho que não tenho conversas profundas com Marcy sobre a família dela, mas meio que achei que ela não tinha muita família. Acho que não tinha nenhuma razão real para pensar isso.

Layne ergue o dedo para nós, gesticulando para esperar um minuto enquanto caminha até o balcão. — Como você está, querido? — Marcy sussurra baixinho, estendendo a mão para Layne, então lhe dá um beijo rápido na bochecha.

— Eu estou bem, — ele diz a ela.

— Como está a mamãe hoje?

Eu não deveria estar escutando, mas sou atraída pela conversa como se fosse parte dela. Layne encolhe os ombros. — Na mesma.

— Eu imaginei. Vou levar algumas coisas amanhã. Você vai estar em casa?

— Sim, devo estar lá, — responde Layne.

— Ok, vá se divertir com seus amigos, — murmura Marcy.

Layne gira nos calcanhares, e eu rapidamente mudo meu foco para Lexi e Johnny, que já estão se beijando novamente. Estamos sentados a uns dez centímetros de distância um do outro. Isso é desconfortável, e pior ficar olhando para eles agora como uma aberração.

— Quer um pouco de pipoca para acompanhar o seu bolo? — Layne me pergunta.

— A princípio, parece nojento, mas pensando bem, pode ter um gosto muito bom. Além disso, o show de Lexi e Johnny na nossa frente é definitivamente digno de chocolate e pipoca, — eu respondo. Sal e Devin pegaram outra mesa, ambos ocupados com seus telefones. Layne se senta do outro lado de mim e puxa minha cadeira a alguns centímetros da de Lexi, o que eu aprecio no momento.

— Esse é o seu bolo favorito? — Layne me pergunta.

— Venho aqui desde pequena e peço este bolo Bomba de chocolate no meu aniversário todos os anos ou sempre que há uma boa razão para comer bolo.

— Você tem um gosto impecável, — diz ele.

— Você quer um pouco?

— Eu não vou dizer não ao bolo Bomba. — Ele pega um garfo da lata no meio da mesa e não tem vergonha de cavar no centro onde o chocolate líquido está escondido. — Você ainda nem tocou na melhor parte. Que tipo de comedor de bolo Bomba você é?

— Essa é a parte da sobremesa da sobremesa, — eu explico.

— Oh, merda, acabei de arruinar seu bolo, — diz Layne, deixando cair o garfo em derrota. — Eu sinto muito.

Eu rio porque ele está agindo tão ridículo quanto eu com bolo. Ninguém realmente guarda o centro de um bolo para o final. Só eu faço isso. — Tenho certeza de que há muitas maneiras de comer bolo Bomba. Não vou fingir que sei tudo o que há para saber sobre comer bolo, ok?

— Mas o local do bolo bagunçado está te deixando um pouco louca, não é? — Ele pergunta, sua voz é um pouco mais suave desta vez.

— Sim, claro! Como você pôde fazer algo tão desumano com este pobre e lindo bolo?—

Layne ri e balança a cabeça. — Aqui, eu vou te mostrar por que você não deve deixar o meio para o final. Não há glacê por dentro, você sabe.

— Eu sei. Essa é a porção do jantar, — digo a ele.

Layne corta o garfo em um pedaço do bolo, mergulha o pedaço na cobertura do lado e, em seguida, afoga o garfo coberto de bolo no centro líquido de chocolate. Quando o garfo emerge, as pontas estão cobertas de chocolate pingando.

— Isso não é fondue, — eu o lembro.

— Abra a boca, — diz ele com firmeza. Faço o que ele diz por que se eu não abrir a boca, o pobre pedaço de bolo vai acabar no chão, desperdiçado. O bocado é quase grande demais para a minha boca, mas ele consegue enfiar o pedaço inteiro dentro. — Precisa de um guardanapo? Quero dizer, você já tinha chocolate no rosto, então imaginei que não se importasse se houvesse mais.

— Não, sem guardanapo, — digo a ele com a boca cheia, esperando que Lexi ouça essa demonstração embaraçosa de comer bolo.

Levo um minuto para mastigar o suficiente para engolir, mas uma vez que engulo, me concentro em Layne, que está um tom claro de rosa, rindo histericamente. — Essa foi a

coisa mais fofa que eu já vi. Nunca estive perto de alguém que comeu tanto bolo em um bocado. Você precisa de um prêmio ou algo assim.

— Eu preciso de água, — tento lhe dizer, sentindo-me desidratada pela textura esponjosa. Minha mão voa para minha boca, sabendo que devo ter pedaços de bolo presos entre cada um dos meus dentes, mas não consigo controlar o riso que sai de mim.

Layne empurra a cadeira para longe da mesa e encontra Marcy no balcão que está segurando dois copos de água nas mãos, rindo da cena. Eu levo um momento para beber um pouco de água e pegar alguns guardanapos da mesa para limpar meu rosto.

— Você realmente gosta de bolo, hein? — Layne pergunta, aparentemente satisfeito pela minha exibição de etiqueta de comer bolo.

— É a minha coisa.

— O que mais é coisa sua? — Ele pergunta. Suas perguntas são simples, e posso dizer que ele não quer diminuir o clima com uma pergunta tão aberta, mas o primeiro pensamento que vem à mente é Aly e o fato de que eu não vou passar esse tempo com ela no meu aniversário. Se admitir isso para ele, essa pequena faísca entre nós, se é isso que estou sentindo, desaparecerá na noite. Ele não pode ser muito mais velho do que eu, e tenho quase certeza de que a menção de uma criança na minha vida faria qualquer cara fugir. Por outro lado, ele tem uma carreira em expansão pela frente, então mesmo que eu não tivesse uma filha, não vejo

Layne ou a banda por muito tempo na área. Portanto, a necessidade de esconder minha vida não é necessária.

— Minha filha, — eu sufoco, vomitando informações que vão matar a vibração. Eu ainda não consigo dizer a palavra filha sem soar como uma impostora, alegando ser mãe. Às vezes me pergunto se algum dia me sentirei normal me referindo a Aly como minha filha. Mesmo quando eu for mais velha, as pessoas serão capazes de descobrir rapidamente quantos anos eu tinha quando dei à luz a ela, então estarei sempre usando o rótulo de mãe adolescente, e ainda me envergonhando do fato.

— Sua filha? — Layne pergunta, cobrindo a boca depois de comer um grande pedaço de bolo. Percebo como deve ser fácil engasgar com a comida ao ouvir essa declaração.

Eu pressiono meus lábios em uma linha reta e forço um sorriso. — Sim, minha filha, Alyson, ela tem um ano e meio de idade.

Layne engole o pedaço e pega seu copo de água, empurra o canudo para o lado e toma alguns goles. — Onde ela está? Por que ela não está aqui?

Não era isso que eu esperava que ele perguntasse. — Ah, é tarde, e ela dorme cedo. Minha mãe está cuidando dela. —

Eu desvio o olhar de Layne porque não consigo entender a expressão em seu rosto. Não é uma que tenha visto antes ao dizer às pessoas que tenho uma filha.

— Tenho certeza de que é difícil ser uma mãe jovem, mas ela será sua melhor amiga para a vida, tenho certeza. —

Em menos de dois segundos, um comentário sobre ser uma jovem mãe me fez sentir completamente diferente do que sentia desde que Aly nasceu. Eu ainda tenho que olhar pelo lado positivo de lutar, mas aqui está ele, falado como se fosse o primeiro pensamento que vem à mente ao digerir um tipo diferente de realidade.

— Eu nunca pensei nisso assim, — digo a ele. Ele tem razão. Ainda serei jovem quando Aly tiver idade suficiente para ser uma amiga em vez de apenas um bebê que tenho que criar.

— Minha mãe teve minha irmã quando tinha dezessete anos, — diz Layne. — Mas não importa. Minha irmã e eu achamos que ela é a melhor mãe do mundo. Então, como filho de uma ex-mãe adolescente, ainda me considero mais sortudo do que alguns dos meus amigos, que têm mães que tinham uma idade 'normal' quando tiveram seu primeiro filho.

Nossa conversa é tão sussurrada que estou completamente focada em seu rosto, observando seus lábios se moverem caso não ouça uma de suas palavras, e me perguntando como posso ouvi-lo tão perfeitamente sobre o riso retumbante vindo da mesa de Sal e Devin. Até Johnny e Lexi fizeram uma pausa em suas guerras de línguas para conversar um pouco, mas só posso me concentrar em Layne. — Esta foi uma das conversas mais significativas que tive em mais tempo do que consigo me lembrar, — admito.

Layne leva a mão na parte de trás de seu pescoço e aperta seu ombro enquanto olha para a mão coberta de

caneta. Parece que ele precisa de uma pausa na conversa, enquanto normalmente seria eu quem precisaria de uma pausa por falar sobre minha vida anormal. Para cada segundo de silêncio após seu último comentário, as palavras que Marcy disse a Layne enquanto ele entrava voltam à minha cabeça. Ela perguntou como sua mãe estava hoje. Eu me pergunto se ela está doente. Deve estar se Marcy vai visitá-la. Talvez ela esteja machucada. Não é da minha conta, porém, e não quero que ele pense que eu estava ouvindo a conversa deles.

— Então, quando é sua próxima apresentação? — Talvez se eu mudar de assunto, ele se anime novamente.

Ele levanta a cabeça e respira fundo como se não houvesse uma resposta simples para minha pergunta. Layne se recosta na cadeira e cruza as duas mãos atrás do pescoço. — Na verdade, está no ar agora. Temos alguns detalhes para resolver antes que qualquer coisa seja um plano sólido.

Parece que ele não pode me dar nenhum detalhe, especialmente depois que o comentário sobre uma gravadora escorregou quando estávamos atrás do palco.

— Isso soa emocionante, de qualquer forma.

— Sim, temos algumas decisões malucas a tomar, mas está tudo bem, com certeza. — Eu pego meu copo de água, precisando molhar minha boca. A conversa está virando de lado, e não lido bem com o constrangimento. — Ah, aqui, eu tenho uma pergunta para você. Não posso dar muitos

detalhes sobre porque estou perguntando, mas é para pesquisa.

Coloco o copo de água de volta na mesa e concentro meu foco no rosto de Layne. — Ok, diga. Eu posso ajudar com isso.

— Quais são seus três principais medos?

Não tenho certeza se essa pergunta foi feita para ser fácil ou difícil, mas provavelmente posso lhe dar uma lista dos meus quinze principais medos em questão de quatro segundos. Eu não preciso pensar muito sobre a minha resposta. — Montanhas-russas, alturas e o vento me derrubando a ponto de não conseguir respirar.

— Uau, tudo bem, isso foi super rápido e uma resposta imediata. Você se concentra em seus medos? — Ele ri porque meus medos são um pouco comuns, mas provavelmente não estão no topo da lista de medos de ninguém. Eu posso evitar meus medos na maior parte do tempo, ao contrário de alguém que pode ter medo de aranhas ou do escuro.

— Eu tenho pesadelos com montanhas-russas enormes, estar no topo e cair em queda livre. Pesquisei sites de análise de sonhos para ver o que há de errado comigo, mas tudo o que consigo encontrar é um medo irracional de perder o controle.

O interesse de Layne parece despertado quando ele inclina a cabeça entre as mãos e torce os lábios para o lado. — Uau. Isso é incrivelmente intuitivo da sua parte. Eu amo isso.

— Você ama meus medos? — Eu questiono, provocando-o pelo que tenho certeza foi uma resposta impensada.

— Não, quero dizer, eu amo que você foi capaz de descobrir o que causa seus medos. A maioria das pessoas não consegue fazer isso.

— Acho que isso me torna incrível; o que posso dizer? — Eu alegremente jogo meu cabelo sobre meus ombros, dando a impressão de que sou arrogante e segura de mim mesma. Eu não poderia ser mais diferente desse tipo de pessoa, mas vou aceitar seus elogios e deixá-los subir à minha cabeça por um momento.

— Você acabou de me dar a melhor ideia, — diz ele, pegando uma caneta do bolso, então faz algumas anotações em um guardanapo.

— O que é isso? — Eu questiono. — Você ficou sem espaço na sua mão?

— Essas são letras, espertinhas, — ele diz com uma piscadela que faz meu coração palpitar. — Dani, posso te ver de novo?

Eu? Ele quer me ver de novo? — Hum, sim, eu...nós...

— Eu quero sair com você, e pode trazer Alyson.

— Você quer sair com minha filha de um ano e comigo?

— Por que não? — Layne parece confuso com a minha pergunta, e não posso dizer se é um ato ou uma maravilha genuína, mas é doce, de qualquer forma. Só espero que não seja por pena.

OITO

DIAS ATUAIS

Culpa enche meu peito enquanto me aproximo do Cherokee, preparando-me para como posso casualmente deixar Layne saber que “lembrei” seu nome. Eu ainda estou em desacordo com a minha mente, com raiva que poderia me falhar depois de quase trinta anos. Fiquei longe de problemas, longe de drogas e álcool. Mantive uma dieta saudável e me exercitei muito antes desse diagnóstico estúpido. Agora, estou apenas tentando lutar contra a depressão e o pensamento de enlouquecer.

— Preparada? — Layne pergunta enquanto prendo meu cinto de segurança.

— Sim, — eu respondo. — Oh, Aly, como foi seu teste de álgebra hoje? — Veja, posso me lembrar disso.

— Foi tudo bem, — ela responde, olhando para seu iPhone, me desligando como tem feito com mais e mais frequência.

— Você acha que foi bem? — Eu pressiono.

— Eu não sei, mãe, — ela retruca.

Eu me viro no meu assento, agarrando o encosto de cabeça mantendo minha posição desconfortável. — Qual é o seu problema? — Eu pergunto a ela. Ultimamente, a voz da minha mãe tem soado muito natural.

Aly levanta os olhos de seu telefone e olha nos meus olhos por um momento. Quando desfoco o resto dela e foco em seus olhos azuis bebê, vejo a garotinha que chorava quando eu a colocava na cama porque queria ficar em meus braços por mais tempo. Eu vejo a criança que me implorava para não lhe dizer que ela teria que crescer, ou ia querer se mudar algum dia. Parece que tivemos essas conversas ontem, mas aqui estamos. Ela faria praticamente qualquer coisa para ter seu próprio apartamento e viver sem regras, não ligar em sentar comigo em um sofá e assistir a reprises de *I Love Lucy* como costumávamos fazer. Eu não sabia quando entramos nesta fase. Ela ainda é tão jovem.

— Eu não tenho um problema, — ela diz sem tanta alegria em comparação com suas respostas anteriores.

— Bem, não gosto do jeito que você está falando com a gente, então pare com isso já.

— Desculpe, — ela murmura. Com a diferença de idade entre Aly e eu sendo de apenas dezesseis anos, parece que crescemos muito unidas ao longo da vida. Felizmente, ela era uma boa criança e não se meteu em muitos problemas. As coisas só têm sido diferentes entre nós nos últimos dois meses, mas atribuí a maior parte de sua atitude aos hormônios adolescentes. Perguntei-lhe inúmeras vezes se ela

está chateada com minha saúde, mas ela me garante que todos ficaremos bem, e a deixo manter essa esperança.

Não demora muito para chegarmos a Sage. Nós nunca admitiríamos isso em voz alta para ninguém, mas levamos em consideração a distância e a proximidade de Sage quando compramos nossa casa, anos atrás. Não passamos uma semana sem virmos aqui pelo menos uma ou duas vezes. Além disso, a padaria é da família de Layne, o que torna mais fácil manter o hábito de ser cliente frequente.

Saímos do carro em silêncio e caminhamos em direção à porta da frente. Nenhum dos outros caras está aqui ainda, mas esse é o caso mais frequente. Eles não vivem tão perto quanto nós.

Aly é a primeira a entrar. Ela não é uma estranha na Sage. Na verdade, provavelmente vem aqui mais do que vai à casa da mamãe desde que saímos de lá. Eu não acho que mamãe gostaria de ouvir isso. A padaria cheira como sempre: açúcar, mel e baunilha — ou o paraíso, se existir esse cheiro. A música calma do alto falante está em um zumbido baixo, e as mesas estão brilhando. Nunca há uma mancha em uma janela ou uma migalha à vista. Marcy gosta de manter este lugar mais limpo do que uma sala cirúrgica.

— Bem, bem, se não é minha sobrinha favorita, — diz Marcy atrás do balcão. Aly a cumprimenta agradavelmente como sempre faz. Observar Aly oferecer uma cortesia comum adulta me dá esperança de que minha doce garotinha ainda esteja dentro daquele corpo adolescente em algum lugar.

— Oi, tia Marcy! Por favor, me diga que você tem meu tiramisu favorito. — Aly bate palmas, pressionando-as contra o peito em oração para que sua amada sobremesa não tenha esgotado.

— Na verdade, tenho três fatias sobrando, — Marcy diz a ela enquanto coloca um par de luvas de plástico para servir.

— Bom, eu quero duas, — Aly responde.

— Duas? — Eu questiono.

— Este é o meu jantar hoje à noite, — declara Aly. Se bolo pode ser jantar, isso significa que não tenho que cozinhar, e toda essa coisa de adulto deveria vir com a possibilidade de comer bolo a qualquer hora do dia. Aly pode não ser adulta, mas posso concordar com o plano dela.

— Você não pode comer bolo no jantar, — Layne diz a ela. — Isso não é saudável.

Eu cutuco Layne no braço. — Deixe-a esta noite. Uma noite não vai machucá-la, — digo a ele.

— Layne Hensen, quando você se tornou um pau na lama. Você está entrando na velhice agora? — Marcy diz atrás do balcão.

Layne.

Layne me olha em derrota, ouvindo seu nome dito por Marcy. Alívio me enche, sabendo que não tenho que mentir pelo menos, mas agora ele não vai achar que estou melhorando.

— Estava prestes a acontecer, — digo a Layne.

Layne aperta os lábios e olha para os dedos entrelaçados. — Sim, — ele murmura.

— O que está acontecendo? — Marcy pergunta.

— Mamãe esqueceu o nome do papai. Apenas o seu problema comum do dia a dia. — Aly responde antes que eu consiga pensar em uma boa resposta.

— Merda, — diz Marcy, tirando as luvas. — É a primeira vez?

— Acho que está tudo na minha cabeça. Estou me estressando com toda essa porcaria, — digo a ela. Marcy sabe sobre o diagnóstico. Ela é um dos quatro membros da família que sabem.

— Encontrei o nome de outro médico. Ele atende no Mass General e é um dos melhores nesse departamento, — diz Marcy.

Eu aceno com a cabeça, descartando sua sugestão. Não estou tentando ser teimosa ou irracional, mas meu diagnóstico não tem um bom resultado, não importa o que eu faça *agora* e sempre que não souber o que a palavra “agora” significa.

— Ela vai, — Layne diz a Marcy. — Pode, por favor, me passar as informações? — Ele pede, estendendo a mão para ela.

— Layne, não, — eu estalo, tentando controlar o volume da minha voz, mas esse tópico causa tantos momentos acalorados entre nós que tenho dificuldade em manter meus pensamentos para mim ultimamente. — Tia Marcy, por favor, pode ficar com o cartão? — Eu sabia que chegaria o momento em que Layne tiraria meu direito de decidir por mim mesma. Concordei com isso meses atrás, sabendo que

chegaria um momento em que eu não poderia cuidar de mim mesma, mas ainda sou capaz de me cuidar e consciente do que quero fazer com minha situação.

O calor enche meu rosto, me fazendo sentir como se estivesse com pressão alta, o que provavelmente tenho no momento. Minha raiva está estourando pelas costuras, e eu não tenho uma saída. Não lembro se alguma vez senti esse tipo de ressentimento antes disso começar, mas está me consumindo. O que lembro é de ser pega de surpresa pelo rumo que minha vida estava prestes a tomar. Fui a uma clínica para o que achava serem apenas enxaquecas sazonais que tinha por anos. No entanto, elas foram ruins o suficiente no ano passado, eu precisava de algo mais forte do que um analgésico de venda livre.

Não saí da clínica com alívio da dor. Em vez disso, saí com um encaminhamento para um neurologista.

Mesmo assim, percebi que não havia nada fora do comum. As pessoas sofrem de enxaqueca o tempo todo. Eu não estava pronta para o que o médico deixou cair no meu colo naquele dia.

DEZ MESES ANTES - ACABEI DE FAZER 29 ANOS

Girei o anel no meu dedo para a esquerda porque o diamante estava fora do centro. Envolvei meus dedos ao redor do ouro branco e reposicionei minha aliança de casamento onde deveria estar. Talvez devesse ter avisado Layne que estava aqui. Eu debati se deveria ligar para ele, mas a escola

em que ele trabalha teve vários exercícios de bloqueio naquela semana, e ele estava participando de um seminário de segurança para professores todas as noites nos três dias anteriores. Os olhos de Layne mal estavam abertos naquela manhã quando lhe entreguei uma xícara para viagem cheia de seu café preto hipercafeinado e torrado favorito. Ele sabia que eu não estava me sentindo bem e me disse que ficaria em casa caso piorasse. Eu lhe assegurei que já havia passado por enxaquecas antes, então ele não tinha motivos para se preocupar.

Assim que ele e Aly saíram para o dia, verifiquei duas vezes cada fechadura e janela para garantir a segurança. Então o silêncio se instalou e meus pensamentos ruminaram, o que levou a uma preocupação com a dor de cabeça com a qual vinha lutando há dois dias. Até liguei para a mamãe, o que detesto fazer com esse tipo de coisa, já que ela é a primeira a me dizer que estou bem e que descanse. Exceto que ela não disse essas palavras para mim naquele dia. Na verdade, ela insistiu em ir ao médico comigo, mas eu não queria dar mais importância à minha dor de cabeça do que o necessário. Nós nos despedimos com ela me fazendo prometer marcar uma consulta com o médico.

Antes de marcar a consulta, porém, pesquisei no Google. Todo mundo sabe que não deve se basear em informações que encontram na internet, mas eu não estava querendo me diagnosticar com um problema sério. Eu estava apenas procurando por um remédio caseiro que pudesse fazer minha enxaqueca desaparecer.

Então, li, todo o protocolo padrão sobre o que fazer se você tiver a “pior dor de cabeça já experimentada”.

Minha mente correu por um momento antes que meus olhos se concentrassem na solução, que era: “Procure atendimento médico imediato.” Parecia um pouco exagerado para uma enxaqueca, mas não consegui me convencer de que a dor não era a pior que já tive na cabeça, então fiquei preocupada o suficiente para visitar a clínica no final da tarde. Lá estava eu, sentada do lado de fora do consultório de um neurologista em nossa unidade de atendimento de emergência local, enjoada com o cheiro pungente de amônia e irritada com o volume do alto-falante gritando vários códigos e nomes repetidamente. A situação se agravou mais rápido do que eu poderia esperar.

Eu ainda não achava que havia algo errado, mas achava melhor rir da história no jantar naquela noite, uma vez que soubesse que estava tudo bem. Caso contrário, Layne estaria me mandando mensagens até eu sair, querendo saber o que estava acontecendo.

— Danielle Hensen, — uma enfermeira chamou atrás de mim. Peguei minha bolsa do assento ao meu lado e me levantei, de frente para a enfermeira que estava usando um uniforme azul-claro e tamancos azul-marinho. Ela tinha um sorriso amigável e olhos gentis, completando seu visual simples, o que me ofereceu um pouco de conforto no momento. — Siga-me. Sou Jill, a enfermeira da equipe hoje.

Agarrei minha bolsa em meus braços e segui Jill por dois corredores curtos, até uma pequena sala de exames. — Fui ao

ambulatório hoje por causa das minhas enxaquecas sazonais, mas o médico não se sentiu à vontade para me tratar, — digo a ela.

— Sim, — Jill diz, revisando meus arquivos. — Vejo que você foi uma paciente aqui no passado.

Sim e essa foi a razão pela qual eu fui para ao ambulatório. Eu queria evitar este lugar a todo custo. — Sim, foi há um tempo atrás.

— Bem, nós mantemos bons registros e sempre a disposição. É bom conhecer o histórico de um paciente ao tentar elaborar um bom plano de tratamento. — Ela estava falando como se tivesse visto meu tipo de registro médico milhares de vezes antes, o que eu esperava para o caso dela, que não tivesse. — Qual clínica você visitou antes?

— Med-Quick, na mesma rua.

— Ah, sim, somos da mesma rede, então compartilhamos nossos arquivos. A maioria dos ambulatórios prefere encaminhar um paciente a um especialista se ele tiver uma condição pré-existente.

— Eu não tenho uma condição pré-existente, — eu disse a ela, soando hostil e acusada de algo que estava fora do meu controle.

— Ah, tudo bem, bem, você está aqui, então por que não fazemos uma verificação, — ela disse, decidindo não discutir com a minha resposta. — Vou apenas anotar seus sinais vitais e fazer um exame rápido, que é algo que fazemos com nossos pacientes com enxaqueca. — Ela colocou os papéis para baixo e pressionou a mão contra o dispensador de desinfetante para

as mãos, então esfregou as palmas das mãos rapidamente, fazendo com que o quarto cheirasse a álcool com aroma doce. — Você experimentou alguma mudança significativa na vida nos últimos dois meses? Qualquer coisa que possa lhe causar estresse significativo?

Enquanto considerava a pergunta de Jill, sentei-me ao lado da mesa coberta de papel. Jill trabalhava ao meu redor, medindo minha temperatura, leitura de pressão arterial e uma verificação rápida da glândula. Ainda não lhe dei uma resposta. — Que tipo de estresse? — Eu questionei sua pergunta, imaginando que tipo de detalhes ela estava esperando.

— Alguma coisa te incomodou mais do que o normal recentemente? — Seu tom de voz, o jeito calmo com que ela perguntou foi o mesmo da primeira pergunta.

Incomodada não era uma palavra que eu usaria para classificar minhas emoções. Apavorada, enjoada ou entorpecida eram palavras que eu poderia escolher, mas sou forte e não deixo que solavancos na estrada afetem minha saúde, então isso não é um fator contribuinte. — Não que eu possa lembrar... — Sempre fui uma mentirosa?

Jill abriu a porta de madeira e me pediu para segui-la pelo corredor para um exame de visão. Eu me perguntei se esse lugar estava sempre tão vazio durante dias úteis. Não havia muitos pacientes por perto, e ainda menos funcionários, parecia. Ela puxou uma tela branca com uma grade de letras pretas, cada linha em uma configuração de tamanho

diferente. — Como estão olhos? — Ela perguntou. — Seu histórico mostra que você sempre teve uma visão perfeita.

— Acho que eles estão bem, — eu digo a ela. Na verdade, eu estava tendo problemas para ver placas de trânsito e menus em restaurantes de fast-food, mas com os trinta se aproximando, tinha certeza de que os olhos de ninguém permaneceriam perfeitos para sempre. Não era ruim o suficiente para causar preocupação.

Jill apontou para uma fileira cinco linhas acima da base. — Você poderia cobrir seu olho direito para mim?

Eu mantenho minha mão na frente do meu olho direito e leio a linha de letras acima de onde o dedo dela está apontando. — T, E, L, O, D, Z... outro D?

— Ok, bom, agora você pode cobrir seu olho esquerdo e reler a mesma linha novamente. — Ela ainda está apontando para a primeira letra quando leio o que vejo. — F, B, L, O, D, Z, D.

— Ótimo, tudo bem, podemos voltar para a sala de exames agora e esperar pela Dra. Chase. Ela está terminando com um paciente agora.

Eu não sabia se ter um exame oftalmológico de curta duração é uma coisa boa ou ruim. Normalmente, me pediriam para ler várias linhas, mas pensei que, como não estava lá para um check-up de rotina ou uma emergência, eles estavam menos preocupados com minha visão.

Jill, com seu corte de cabelo curto castanho café que balançava enquanto andava, gesticulou para eu entrar novamente na sala de exames, então ela me fechou lá dentro

para esperar a médica. Parecia que ela mal podia se livrar de mim rápido o suficiente.

Esperei vários minutos antes que alguém batesse na porta. As pessoas dizem aos médicos para entrar em suas próprias salas de exame? Eu sempre me perguntei qual seria a etiqueta adequada de atender a uma batida no consultório médico, mas eu costumo dizer: — Entre, estou pronta.

A Dra. Chase, uma mulher de meia-idade com um cabelo loiro com corte de duende, magra e alta, entrou confiante. Imediatamente, ela se sentou no banco circular preto e o fez com equilíbrio. Dra. Chase não estava usando tamancos como Jill. Em vez disso, estava com um par de salto alto, que parecia um pouco estranho com sua calça branca, mas quem era eu para julgar? Ando com respingos de tinta na minha roupa mais bonita.

— Oi, Danielle, eu sou a Dra. Chase, — disse ela, segurando um pacote de papéis grampeados. — Estou apenas revisando seu histórico bem rápido aqui. — Meu arquivo deve ser muito grande para absorver de uma só vez, dadas minhas circunstâncias anteriores, e geralmente ficava agradavelmente surpresa quando não recebia um milhão de perguntas para acompanhar o que estavam lendo sobre mim. Presumi que os relatórios e arquivos eram extremamente detalhados.

— Já tive enxaquecas no passado. Costumo tê-las no outono, então acho que pode ter algo a ver com alergias. Eu simplesmente não consigo fazer a enxaqueca atual sumir.

— Em uma escala de um a dez, em que nível de dor você está agora? — Dra. Chase pergunta enquanto desliza seu banquinho na minha frente para examinar meus olhos.

— Ontem à noite, foi provavelmente oito. No momento, não está tão ruim – ainda por volta de cinco ou seis, no entanto.

— Você já teve uma enxaqueca que consideraria dez na escala de dor?

— Não, eu acho que não, — eu disse a ela.

— Então, você acha que essa pode ser a pior enxaqueca que já experimentou?

— Possivelmente, — eu respondi, me sentindo mais hesitante, para ser honesta nesse momento.

— Ok, — ela disse, soando mais animada do que eu poderia parecer em seus sapatos. Dra. Chase deu um tapinha na mesa de exames. — Venha aqui em cima por um minuto.

Levantei-me do meu assento, sentindo o baque na minha cabeça quando coloquei meu pé no banquinho. Desejei que a enxaqueca desaparecesse naquele momento. Eu também esperava que me dessem algo para fazer a dor parar enquanto tentavam descobrir que eu, de fato, tinha uma enxaqueca. — Existe alguma coisa que eu possa tomar para fazer uma enxaqueca sumir? Os analgésicos normais que tomo não estão funcionando desta vez.

— Deixe-me verificar algumas coisas e então podemos encontrar o tratamento certo para você, — disse ela, passando os dedos ao redor da base do meu pescoço, sentindo o que poderia ter sido um sinal significativo. — Agora, Danielle,

depois que te liberaram por causa do traumatismo craniano após o incidente, os médicos lhe disseram que você poderia ser suscetível a efeitos colaterais de longo prazo?

Engoli o nó na garganta, apenas ouvindo as palavras “traumatismo craniano” e “incidente”, mas balancei a cabeça. — Não me lembro. Eu bloqueei muitos detalhes e meu tempo no hospital é uma memória embaçada para mim.

— Entendo, — disse ela, sentando-se em seu banquinho giratório.

Eu soube naquele momento; Não sairia de lá com um analgésico ou um tapinha nas costas.

DIAS ATUAIS

— Dani, — diz Layne, acenando com a mão na frente do meu rosto. — O que está acontecendo?

Estou sentada em uma mesa perto da janela em Sage, mas não me lembro como cheguei aqui. Aly está olhando para mim com os olhos arregalados, e Sal e Johnny estão atrás dela, descansando as mãos no ombro de Aly. — Do que você está falando? — Eu respondo.

— Você está olhando para o vazio nos últimos cinco minutos, — diz Layne. — Você está me assustando, Dani.

Só posso me concentrar nas palavras de Layne, e não consigo ouvir o que Sal diz para Aly enquanto a leva até outra mesa, colocando seu tiramisu na frente dela. Sal passa o braço em volta do pescoço dela e se senta na cadeira vazia,

sorri e lhe dá um beijinho molhado. Eu não ouço o grito de riso ou o tapa que Aly dá em Sal em troca. A menina não sente falta de tios ou amor de irmão mais velho.

— Acho que devemos levá-la ao hospital, — diz Layne. — Johnny, você e Lexi podem cuidar de Aly esta noite?

— Não, — eu digo a ele. — Johnny e Lexi estão ocupados com seus filhos agora e eu estou bem. Estava apenas sonhando acordada. Não é grande coisa.

— Você sabe que sempre ficamos felizes em levar Aly conosco, — diz Johnny, — mas a decisão é sua. Deixe-me saber do que precisa.

É como se Johnny não estivesse falando conosco quando Layne explodiu. — Besteira, não é grande coisa. Algo está errado, Dani, e não vou ficar sentado vendo merda acontecer com você, enquanto fingimos que nada está acontecendo.

— Por favor, Layne, apenas me dê um minuto, ok? — Tenho a sensação de que ele ficaria muito mais preocupado se soubesse que não posso ouvir nada fora do nosso raio de sessenta centímetros agora. Tudo o que posso ouvir são os sons de dentro da minha cabeça.

Ele vai te encontrar novamente. Ele vai se vingar.

Ele não pode me machucar agora.

Ele pode, e ele vai.

Layne iria atrás dele se soubesse.

Você estaria mais segura assim.

Foi apenas uma vez, há um ano. Estou segura.

Você nunca estará segura.

NOVE

DOZE ANOS ATRÁS

TENHO 18 ANOS

— Dani, você tem flutuado por aqui como se tivesse asas e cantarolando músicas que nunca ouvi. O que deu em você?

— Mamãe pergunta. Eu suponho que faria perguntas também se visse o humor da minha filha mudar 180°, mas fiquei calada sobre a minha semana e os eventos que ocorreram no meu aniversário. Parte de mim quer guardar para mim, temendo o que aconteceria se eu compartilhasse minha emoção de conhecer um cara legal. Mamãe apoiaria, sem dúvida. Ela não quer nada mais que eu seja uma garota de dezoito anos feliz, “normal”, mas se ela ficar excitada, eu ficarei mais excitada, e então, se as coisas derem errado, ficarei pior do que antes, presa na minha rotina. Além disso, ela vai querer conhecê-lo e, embora ache Layne incrível, ela pode ficar um pouco desconcertada com seu cabelo comprido, vários piercings e roupas gastas.

— Não é nada. Estou de bom humor, e são apenas algumas músicas novas que encontrei, — eu menti, pegando

uma caneca de café do armário acima da minha cabeça. Procuro a caneca, envolvendo meus dedos ao redor da primeira que toco. Ganhei essa caneca em uma feira de artesanato que mamãe também me arrastou ano passado. Eu estava grávida, miserável, e a feira de artesanato acabou sendo a única diversão que tive no meu último trimestre de gravidez. A caneca tem uma flecha dourada pintada à mão com as palavras “Continue”, rabiscadas ao redor da circunferência. Achei irônico, até um pouco engraçado, como todo mundo corre em círculos, mas continua. No entanto, agora vejo isso como uma motivação para descobrir o que vem a seguir.

— Você sabe quando Aly faz cocô pela expressão em seu rosto, certo? — A sobrancelha erguida de mamãe e um leve sorriso me informam que ela está chamando meu blefe.

— Sim mãe.

— Bem, eu sei que algo está acontecendo com você pela expressão em seu rosto. Você não precisa me contar, no entanto. Você cresceu agora. Eu só esperava que você quisesse compartilhar. — Um suspiro exagerado sai de sua garganta, me dando sua melhor forma de mãe sentida.

— Eu conheci um cara, ok? — Eu desabafo.

Mamãe aperta os lábios como se estivesse tentando reprimir um sorriso. — Qual o nome dele? — Ela pergunta. Aí está... a fome em seus olhos e sei que apenas ouvir o nome dele não vai satisfazê-la.

— Layne Hensen, — eu divulgo.

— Esse é um bom nome, — diz ela, derrubando a jarra de café sobre sua caneca.

— Sim, é. — Eu alcanço minha xícara em direção a ela, esperando por minha eletricidade líquida. — Nós vamos sair para jantar hoje à noite. — O café enche minha xícara, e o cheiro de avelã doce me sacode com um pouco de energia pré-cafeína.

Mamãe engole o café que ela tomou através do vapor e aperta os olhos por engolir mais rápido do que o necessário. — Oh não, eu vou sair hoje à noite, Dani. Não estarei em casa para cuidar de Aly. Você não disse nada, então eu não sabia que tinha planos.

— Eu não disse nada porque não preciso que você cuide de Aly. Está tudo bem. — Fiz planos para esta noite, sabendo que mamãe estria jogando Mahjong com seu clube do livro. Eu não queria que ela insistisse em ficar com Aly em casa. Já havia pensado nisso e me sentia confortável em levá-la comigo a um restaurante. Vamos nos encontrar com Layne lá, e se eu precisar sair com Aly a qualquer momento, poderia sair sem problemas. Se ela fosse mais velha, eu não a levaria para conhecer uma pessoa que pode ou não continuar na minha vida, mas com um ano de idade, duvido que ela se lembre desta noite.

— Quem vai cuidar dela? — Ela sabe que eu não pediria a ninguém para cuidar de Aly. Eu nem peço a Lexi. Não me sinto bem pedindo ajuda. Lexi ofereceu muitas vezes, mas acho que é por simpatia e também não quero isso.

— Vou levá-la comigo e já pensei nisso, então você não precisa se preocupar. — Mamãe ficou boa em me dar conselhos em algumas questões que dizem respeito a Aly, mas principalmente, me deixa navegar nessa coisa de ser mãe. Tivemos longas conversas sobre o que eu quero versus as preocupações dela, e deixei claro que não vou decepcionar Aly não importa o que aconteça, mas ao mesmo tempo, não vou ser uma boa mãe sem aprender da mesma forma que todas as outras novas mães descobrem como criar um filho.

— Ah, tudo bem então. Bem, espero que vocês duas se divirtam esta noite, — mamãe diz, ainda me olhando como se quisesse mais informações.

— Nós vamos jantar no Maxine's. Isso é tudo. Vou dirigindo e o encontrarei lá.

— Dani, — mamãe diz, inclinando a cabeça para o lado. Ela coloca as mãos suavemente em meus ombros. — Você toma boas decisões. Não precisa provar nada. Não estou te julgando. Entendeu?

A transição entre ser filha adolescente para mãe adolescente tem sido confusa e uma mudança difícil. As regras não são novidade para mim, nem responder à mamãe ou discutir meu ponto de vista, mas desde que me tornei mãe, mamãe me olha de forma diferente. Ela fala comigo como se estivéssemos na mesma página da vida, me trata como uma adulta e como se eu tivesse tudo planejado por enquanto. Não entendo como ela pode mudar sua maneira de pensar tão rapidamente, mas às vezes, sinto falta de ser apenas uma adolescente, entrar em problemas e defender

meus direitos. Parece uma coisa boba de se perder, mas eu ainda não estava pronta para ser adulta e não tive a chance de tomar certas decisões. A única escolha que tinha era manter minha filha ou deixá-la ir.

Eu coloquei Aly em seu assento de carro, vestindo uma roupa que Lexi lhe deu em seu aniversário. As pequenas leggings parecem adoráveis em suas coxas grossas, e a camisa branca de babados com uma faixa de cabeça combinando a faz parecer um bebê modelo em um outdoor da Gap. Claro, nenhuma roupa está completa sem um par de mini Uggs, então coloquei nos pés dela também. Esta é a primeira vez que tenho um motivo real para vestir Aly, e foi mais divertido do que me arrumar. Eu ainda consegui colocar algum esforço na minha aparência. Até sequei meu cabelo, deixando-o em ondas longas e naturais. Então, me apertei em uma legging preta e um top solto. Mantive as cores no lado mais escuro, mas estou tentando.

Paramos em frente ao Maxine's, um restaurante italiano popular no meio da cidade, em frente ao carrossel coberto com vista para a praia rochosa à beira-mar. Diminuo o volume da música para não dar uma dica de que posso ter ouvido as músicas de Layne repetidamente na semana passada.

Olho ao redor por um momento, mas então eu o localizo. Layne está esperando na frente do restaurante, encostado no poste de luz. Ele está usando um casaco de

couro preto e jeans rasgados frouxamente enfiados em um par de botas de motociclista. Nunca fiquei admirada com um estilo tão sombrio antes, mas ele tem uma maneira de fazê-lo funcionar.

Eu me sinto uma bagunça quente enquanto arrasto a cadeirinha de Aly para fora do carro, em seguida, coloco a alça da minha bolsa de bebê enorme sobre o ombro. Acho que a maioria das pessoas não aparece para jantar com um cara como Layne com seu bebê a tiracolo. É por isso que não vou para muitos lugares com Aly. Os olhares que recebemos matam o que resta da minha confiança.

O estacionamento do Maxine's é pequeno, mas já estou mancando estranhamente quando chego a Layne. Além disso, o suporte do assento do carro fica cada vez mais pesado à medida que ela continua a crescer, e não tenho certeza de quanto tempo mais poderei carregá-la nessa coisa, mas é a maneira mais fácil de me locomover com ela. Ele parece feliz em me ver pelo sorriso avançando em suas bochechas.

Layne envolve o braço em volta do meu ombro, me dando um doce abraço de lado, já que não posso retribuir. — Estou tão feliz que você pode vir hoje à noite, — diz ele, olhando para Aly.

— Sim eu também! — Eu digo a ele, sem fôlego.

— Você deve ser Alyson, — Layne murmura e passa a lateral de seu dedo contra a bochecha de Aly. Suas mãos estão limpas de tinta hoje, mas ele ainda está usando todos os seus anéis, o que eu curto.

Aly surpreendentemente dá a Layne um sorriso cheio de dentes, mostrando seus quatro dentes solitários. — Aly, você pode dizer oi? — Eu a incito.

— D-eam s-eet d-eam, — ela murmura. *Ah, Deus.* Suas letras. Ela sabe menos de cem palavras e as letras de Layne são algumas delas. Talvez ele não note o que ela disse. Aly sorri um pouco mais forte e cospe nele. *Essa é a minha garota* — cuspiando nos meninos. Assim como eu a ensinei a agir.

— Acho que conheço essas palavras, — diz Layne, acentuando sua declaração com uma piscadela. — Eu já gosto dela. — Layne ri e cutuca seu ombro no meu. — Estou lisonjeado... se essas são minhas letras. — *Estou lisonjeada por ele ainda estar falando comigo.*

— Ela deve ter ouvido sua música em algum lugar, — digo a ele, tentando não corar.

— Pode ser. Aqui, deixe-me ajudá-la com o assento do carro. Eu sei que essas coisas são pesadas. É quase maior do que você.

Não concordo nem discordo quando ele tira a cadeirinha da minha mão, mas aprecio o alívio no meu ombro. Normalmente, eu poderia atacar uma pessoa por tentar levar minha filha, mas me sinto confortável com Layne, o que é estranho, já que só o encontrei uma vez. Estou surpresa que ele não se importe com os olhares que as pessoas estão lhe dando quando entramos no restaurante com um bebê a tiracolo. Layne não parece necessariamente ter dezoito anos, mas não parece ser muito mais velho. Além

disso, o visual de motociclista-músico não é comum em nossa cidade, então isso pode lhe custar uma olhada ou duas, de qualquer maneira.

Estou em um nevoeiro enquanto ele fala com o anfitrião do restaurante, mas continuo sentindo que estou andando nas nuvens enquanto sigo Layne e Aly até nossa mesa. As especiarias italianas e o aroma de alho se infiltram em meus sentidos, provocando dores de fome no meu estômago.

Layne coloca a cadeirinha no tampo da mesa e se vira para observar o garçom que pega uma cadeira alta no canto do restaurante. Eu solto Aly de seu assento e a levanto. Como se já tivesse feito isso antes, Layne move a cadeirinha para o outro lado da cabine e joga o casaco por cima. — Vou pegá-la para que você possa ficar confortável, — diz ele.

Eu sinto um puxão no meu peito desta vez, entregando-a tão facilmente para alguém que é quase um estranho, mas no momento em que ela está em seus braços parecendo muito menor do que normalmente, a preocupação muda para alívio e calor. Layne faz cócegas no pescoço de Aly e fala palavras de bebê para ela ao mesmo tempo. Como ele é o mesmo cara coberto de suor que estava de joelhos, puxando o cabelo enquanto cantava sua alma em um microfone apenas algumas noites atrás?

Coloco a bolsa de bebê no assento e puxo um forro de cadeira alta. Eu coloco o tecido no lugar e removo meu casaco, colocando-o em cima da bolsa. Assim que estou prestes a alcançar Aly, Layne ajusta o forro da cadeira alta e cuidadosamente senta Aly, prendendo-a, em seguida,

centralizando a cadeira na cabeceira da mesa. — Uau, você é natural, — digo a ele. Talvez eu não devesse ter dito isso. Eu não estava inferindo que ele se encaixava no papel, mas pode ter soado assim. — Quero dizer, parece que você tem experiência em cuidar de um bebê.

— Sim, eu tenho um sobrinho que tem cinco anos, mas ele foi um punhado por um tempo. Minha irmã pediu muito ajuda nos primeiros dias, então acho que aprendi alguns truques com ele.

Entrego a Aly seu livro de dentição enrugado e cheio de algodão favorito, o que me dará tempo suficiente para encontrar algo no menu antes de precisar substituir seu brinquedo por um lanche. Ela é um bebê tão bom, mas é previsível, e eu sei que ela tem dificuldade em ficar parada por mais de dez minutos.

Eu sou a primeira a pegar um dos dois menus, mas Layne pega o dele depois que pego o meu. — Eu sempre peço o sloppy joe¹ aqui. É um dos poucos lugares que ainda serve como entrada para o jantar.

Eu olho para ele, avaliando seu nível de seriedade, mas seus lábios estão em uma linha reta, o que me diz que ele é muito sincero. — Você vem a um bom restaurante italiano para pedir sloppy joe? — Não consigo evitar minha curiosidade sobre isso, mas percebo que minha pergunta pode constrangê-lo ou ofendê-lo também. — Não que haja algo de errado com isso, mas eu imaginei...

¹ Um sanduíche com recheio de carne moída temperada com molho de tomate e especiarias.

— É a minha refeição favorita no menu, — diz ele, seus lábios se abrem e se curvam em um sorriso torto.

— Você não pode dizer muito depois das habilidades de comer bolo que testemunhei na outra noite, — acrescenta.

Eu estava pensando em seu desejo de comer a refeição mais bagunçada possível acompanhado de uma garota, mas dei o primeiro passo com meus hábitos alimentares, e este não é um encontro rotulado, então suponho que estamos em um campo de jogo limpo. — Mas era bolo, não carne picante.

— Não odeie a carne picante, a menos que tenha comido aqui. — Graças a Deus Lexi não está sentada aqui com sua mente suja e falta de filtro porque posso imaginar o que ela diria agora. Nossa conversa pode ser tirada do contexto, e pensar nisso me dá vontade de rir, mas então eu teria que explicar por que estou rindo. Devo controlar o desejo de canalizar minha Lexi interior.

Layne está olhando para mim como se estivesse esperando que eu responda à sua declaração, mas estou fazendo o meu melhor para agir como uma dama. Portanto, é melhor que não responda. — Você já experimentou o prato de almôndegas? — Pergunto-lhe.

Do nada, Layne cai na gargalhada, cobrindo o rosto com o lado da mão enquanto se inclina para a cabine. — Esta é a conversa mais suja que tive em meses, e saio com um grupo de caras todos os dias. — Ele estava pensando a mesma coisa que eu, e isso é incrível.

— Não entendi, — eu brinco com ele, tentando manter uma cara séria.

Suas bochechas estão vermelhas, mas ele não consegue parar de rir, o que me faz querer rir porque sua risada é contagiante e seu sorriso é encantador.

Aly está olhando para Layne como se ele tivesse duas cabeças antes de começar a rir junto com ele. — Aly, o que eu te disse sobre contar piadas sujas para as pessoas? — Eu a repreendo. — Vou precisar lavar sua boca com sabão, mocinha. — Qualquer que seja o tom de voz que estou usando deve ser hilário para Aly porque ela agora está rindo tanto quanto Layne.

— Foi minha pergunta sobre as almôndegas? Você gosta delas temperados ou picantes? — Eu continuo.

— Pare com isso. Você está me matando, — ele diz. Seus olhos se encheram de lágrimas de tanto rir, e ele está segurando o peito, tentando se conter. — Oh meu Deus, você é inacreditável.

Inacreditável? — Só estou falando sobre pedir carne...

— Não diga isso de novo, por favor, me poupe.

Eu libero a risada que estava segurando. — Você é diferente de todos os caras que eu conheço... no bom sentido, — digo a ele, recuperando o fôlego. — O que me faz pensar por que você me convidou para sair esta noite. — Eu estava planejando dizer isso mais tarde, mas não posso me permitir ter esse tipo de diversão sem saber se há uma intenção premeditada aqui. Homens como Layne não bajulam uma garota como eu.

A risada se interrompe em resposta à minha pergunta, mas seu sorriso não vacila. Layne se endireita em uma

posição mais reta, junta os dedos e se inclina para frente contra a mesa. — Inicialmente, planejei pegar seu cérebro para um projeto em que estou trabalhando, mas foi minha desculpa para sair com você também. Você não é como muitas garotas que conheço, Dani... e também quero dizer isso de uma maneira boa.

Meu olhar se volta para Aly, entendendo o significado do que ele está dizendo, se Aly tem algo a ver com sua declaração. — Eu sei que tenho muita bagagem, — digo a ele. Eu tenho muito mais bagagem do que ele sabe, mas parece que ele fez algumas suposições precisas até agora.

— Todos nós temos bagagem. Não é isso que quero dizer. Você tem essa aura ingênua e um senso de franqueza em seus olhos. Eu não sinto que está tentando me impressionar ou ser uma pessoa que deseja ser. Você é autêntica, é o que estou tentando dizer.

Meu olhar cai para minhas mãos, observando enquanto puxo a unha do meu dedo mindinho. Eu puxo a pele de uma vez, para não doer, mas o sangue se acumula na cama da minha unha, então puxo minhas mãos para fora da mesa, pegando o guardanapo no caminho. — Eu não faço um grande trabalho em esconder quem sou, e às vezes gostaria de ser melhor nisso, mas sou quem eu sou.

— Por que se esconder? — Ele pergunta. Seus olhos não tiraram o foco do meu rosto desde que fiz minha pergunta inicial.

— É mais seguro se esconder, — eu respondo.

— Você sente que está em perigo? É por isso que se esconde? — Suas perguntas são profundas, pelo menos para mim, mas não tenho certeza se ele está tentando me pressionar para revelar as histórias da minha vida. Ele parece mais curioso do que qualquer outra coisa, mas também aprendi o que pode acontecer quando dou muita informação de uma só vez.

— No momento? Não, não sinto que estou em perigo. Normalmente, porém? Sim, já que sofro de transtorno de estresse pós-traumático.

— Entendido, — diz Layne. — Você não precisa entrar em detalhes. Não estava tentando pressionar, mas se você quiser conversar, prometo que sou um bom ouvinte e não desligo as pessoas quando as coisas ficam pesadas.

— É bom saber. — Eu tento forçar um sorriso, mas meu peito dói por saber quão patética devo parecer para todos. Eu suporto essa agonia interna que está pintada em meu rosto, cicatrizando cada parte de mim, me impedindo de me esconder, não importa o quanto eu tente.

— De qualquer forma, — diz ele, colocando as palmas das mãos sobre a mesa. — Espero que isso não soe ofensivo ou como se eu estivesse tentando fazê-la falar, mas a música que fiz – aquela sobre medos... uma oportunidade de videoclipe que temos. De qualquer forma, você mencionou seu medo de altura e queda. Fiquei intrigado com você porque disse que seus pesadelos são feitos de visões de montanhas-russas, o que me fez perceber como sua mente é

intuitiva de que pode formar uma tempestade perfeita para abraçar seus medos.

Juro que há outro mundo nos olhos deste homem. Ele parece tão enriquecido com seus pensamentos que meio que quero mudar de lado e descascar *suas* camadas para ver como sua mente funciona. No entanto, ele está intrigado por *mim* de todas as pessoas.

— Sim, não consigo imaginar a ideia de entrar em uma montanha-russa. Não sei por que ou o que causou meus medos, mas tenho esse medo em particular desde criança.

— Você sabe que os especialistas ajudam as pessoas a superar seus medos? — Ele pergunta.

— Eu sei, e é por isso que nunca irei a um especialista, — eu respondo, rindo nervosamente. Não vejo uma boa razão para matar meu medo de altura. Nada de bom acontece quando meus pés não estão no chão.

— Bem... depois que conversamos no show, minha inspiração meio que mudou e não consigo parar de pensar em uma cena de montanha-russa com uma garota com medo de altura, sendo o foco. A música é sobre alguém rompendo obstáculos pessoais, permitindo que avance na vida e não apenas alcance as estrelas, mas as quebre ao passar.

Estou um pouco sem fôlego, ouvindo-o. Ele quer usar meu medo como foco de seu videoclipe. Não posso dizer que estou ofendida porque ele está inspirado, mas não estou tão certa que o medo de montanhas-russas é muito comum. Acho que muitos não entenderiam a intensa apreensão que sinto ao pensar apenas em subir trilhos de

metal até um pico que não pode ser visto e cair em direção ao chão. Tenho certeza de que algumas pessoas não gostam da ideia de montanhas-russas, mas os medos são diferentes.

— Você pode usar meu medo se é isso que está pedindo, — eu ofereço. Não tenho certeza do que mais ele precisa, mas há um brilho selvagem em seus olhos. No entanto, o brilho selvagem desaparece quando Aly joga seu livro na cabeça de Layne.

Eu preciso de uma pausa nesta conversa, e sou grato que minha garota tem um bom braço e que o livro não machucou o rosto bonito de Layne.

— Ei você, — Layne se vira para Aly, estendendo a mão e fazendo cócegas em sua bochecha. — Você acabou de jogar isso em mim?

Aly pressiona a mão gordinha na boca e sopra fazendo um barulho na palma.

— Foi o que eu pensei também, — Layne diz a ela, devolvendo o livro.

Uma garçonete se aproxima da mesa no momento em que Aly se prepara para jogar seu livro novamente. Fizemos nosso pedido, e me aproximo de Aly, que está prestes a fazer uma produção completa da Broadway. — De qualquer forma, sim, sinta-se à vontade para usar a cena da montanha-russa. Acho que seria legal. — Concentro minha atenção em Aly, tentando parecer mais distraída do que me sinto.

— Bem, eu esperava que você pudesse estar no videoclipe comigo, — diz ele. Sua pergunta ou afirmação parece hesitante, ou talvez ele esteja apreensivo em me pedir,

mas está quieto e semicerrando um olho preparado para minha reação.

— O que você quer dizer? — Eu pergunto, tentando ignorar a complexidade de sua pergunta. Eu me viro no meu assento, enfiando a mão na bolsa de bebê para tirar um saco de Cheerios e um jogo americano descartável para colocar na frente de Aly. Levo um minuto para lhe preparar um lanche que deve mantê-la quieta até que a comida chegue.

— Quero dizer, eu quero que você esteja no videoclipe comigo, — diz ele.

Eu o ouvi da primeira vez, mas ainda estou tentando entender o que ele está dizendo. Por que diabos ele iria querer que eu estivesse em um videoclipe com ele? Nós mal nos conhecemos, e não sou exatamente material para videoclipes. Não sei dançar ou atuar, então acho que ele deve ter presumido que sou um pouco diferente do jeito que sou. — Isso é ridículo. — Eu coloco o livro coberto de saliva de Aly na bolsa agora que ela está satisfeita com Cheerios.

— Não é ridículo. Você é real.

A garçonete nos interrompe novamente, felizmente, e coloca nossas duas saladas que vêm com nossas entradas. Ela sai tão rápido quanto chegou. — Layne, você é muito gentil em pensar que eu poderia fazer um papel como esse, é uma honra, mas não me encaixo exatamente no visual de um videoclipe. Garanto a você que não tenho nenhum talento que possa me qualificar como uma candidata adequada.

— Não se trata de você ter talento ou não ter talento. Trata-se de uma mulher que vive com medo, e quero mostrar essa verdadeira emoção no vídeo porque vai ressoar com meus fãs e seguidores. Isso é o que quero dizer com real. Todas as outras coisas que você vê nos videocliques são uma fantasia, feita para parecer real através da fumaça e dos espelhos. Minha música é crua e preciso manter essa imagem.

— Espere, — eu digo a ele. — Estou te entendendo corretamente... você quer que ande em uma montanha-russa para provar o quanto sinto medo de estar em uma montanha-russa?

— Sim, é isso que eu estou pedindo a você.

— Não, é o que lhe digo, — eu respondo sem pensar. Não há nenhuma maneira no inferno de eu entrar em uma montanha-russa.

— Ok, ok, eu não vou pressionar, — diz ele.

— Obrigada, e lamento. Eu aprecio a consideração embora. De verdade.

Layne espeta o garfo em um dos dois tomates cereja em sua salada, rola no molho da casa e enfia na boca. — Você sabe, — diz ele depois de parar de mastigar. — Se essa coisa toda com a Batalha de Bandas de Boston não desse certo, eu deveria ir para Berkeley College no outono para me formar em Psicologia Musical, mas sou aquela pessoa louca que está desistindo de tudo por um sonho. Você acha que eu sou maluco? — Quem sou eu para chamá-lo de louco? Pelo menos ele teve a opção de desistir de um de seus dois

sonhos. Eu deveria ir para a faculdade também, mas em vez disso, vou tentar encontrar um emprego online para que possa parar de depender tanto da mamãe.

— Eu não acho que você seja louco. Tenho certeza que pensou em tudo. Alguns sonhos podem esperar e outros não.

— Isso é o que estou pensando, — diz ele.

— Por que Psicologia Musical? — Eu pergunto, mordendo um crouton do meu garfo.

— Sou fascinado pela mente humana. Quero ajudar as pessoas e fazê-lo com musicoterapia.

Ele parece e fala como duas pessoas diferentes, e sei que ninguém deve ser julgado com base em sua aparência, mas não posso evitar minha noção preconcebida de um vocalista em uma banda. Sexo, drogas e álcool são o que importa, ou assim pensei. — Eu posso vê-lo sendo bom em Psicologia Musical. — Ele é apaixonado pelo que faz. Eu tenho que concordar com isso.

— Talvez um dia, — diz ele. Eu o observo por um momento, dando mordidas do tamanho da boca em sua salada, alternando cada bocado com um gole de sua água. Partes de seu rosto ainda têm uma aparência infantil, mas suas mãos parecem ter passado pelo inferno. Eu costumo olhar para as mãos das pessoas antes de qualquer outra coisa porque acho que elas contam uma história maior do que qualquer outra parte do corpo. Mãos secas me dizem que uma pessoa é provavelmente muito limpa. A pele macia e firme de uma mão me faz pensar que a pessoa é jovem e não trabalhou muito duro. Calos, eles me dizem que há muito

trabalho acontecendo, e linhas finas ou rugas mostram maturidade e um certo tipo de tempero. Layne não é velho, mas suas mãos estão secas, um pouco rachadas, e as pontas dos dedos parecem em carne viva. Ele é definitivamente um guitarrista que provavelmente lava muito as mãos.

— Sinto muito pelo videoclipe. Eu sei que é por isso que você queria conversar esta noite.

— Eu queria sair com você esta noite, — ele me corrige. — Tudo bem. Posso criar outro plano. Se você mudar de ideia ou achar que pode lutar contra esse seu medo, eu faria o que pudesse para ajudá-la, enquanto também criava o videoclipe mais doentio do mundo.

Estou jogando fora uma oportunidade incrível, mas acho que não conseguiria fazer o que ele está pedindo.

DEZ

DIAS ATUAIS

Confusa. É a única maneira de descrever meu estado atual. Em um segundo estou aqui, no outro estou... aqui. Em lugar nenhum. Eu me perguntava quando o lapso em minha memória causaria “momentos” como os médicos alertaram cerca de um ano atrás. Também me perguntei se saberia falar durante os “momentos”. A resposta é: não, não sei falar, ou pelo menos não consigo descobrir como fazer um som em forma de sílabas. No entanto, sei que palavras quero dizer. Elas estão nadando como um cardume de peixes, rápidos demais para serem pegas, viajando em um acordo firme que nenhum pode se soltar.

— Estou bem. — As palavras saem por conta própria, o que é inesperado, já que nenhuma parte de mim estava pensando que nada disso está bem.

Eu não estou bem.

— Você simplesmente se afastou, Dani.

— Não, eu estava... estava pensando em algo. Estou bem, de verdade. — Eu estava pensando em peixes no sentido de palavras flutuando ao redor do meu corpo. Não

tenho certeza se ele consideraria isso um pensamento saudável.

Layne envolve as mãos em volta do pescoço e exala um longo suspiro.

— Eu deveria te levar para o hospital. Você poderia ter tido um derrame.

Um derrame.

DEZ ANOS ATRÁS - ACABEI DE FAZER 29 ANOS

Dra. Chase pediu alguns exames urgentes que poderiam ser realizados dentro do centro médico onde eu já estava. Eu não achava que esses tipos de exames poderiam ser concluídos tão rapidamente, mas ficou claro que havia um senso de urgência com o que ela estava pensando sobre minha situação. De qualquer forma, me senti muito mais estressada naquele momento do que quando cheguei ao centro médico.

A Dra. Chase me mandou fazer uma ressonância magnética e alguns outros “procedimentos comuns”, antes de me mandarem voltar ao consultório dela para um acompanhamento. Mais uma vez, me pediram para sentar na sala de espera até que a Dra. Chase pudesse me ver novamente. Achei que esses tipos de consultas eram normalmente agendadas com dias ou até meses de antecedência, mas pareceu fácil conseguir o exame completo

hoje a critério da Dra. Chase e telefonemas autorizados para os outros departamentos.

Esperar os resultados nunca foi minha coisa favorita, então preferi terminar a consulta naquele dia em vez de ter que pensar nisso nas próximas semanas. Minha mente definitivamente procuraria o pior caso e se alimentaria desses pensamentos.

A enfermeira, Jill, reapareceu na porta como um *déjà vu*, segurando uma pasta com meus arquivos na mão direita. Ela olhou para mim antes de chamar meu nome, então me levantei para encontrá-la na porta. — Você não achou que passaria tanto tempo aqui hoje, hein? — Ela perguntou, forçando outra rodada de conversa fiada a caminho da sala de exames.

— Não, não achei. Achei que conseguiria algum alívio para dor na clínica há quase quatro horas. — Eu não gosto de lamentar ou reclamar quando se trata de dor, mas mesmo com apenas uma leve pulsação na minha têmpora direita, eu estava desgastada pela dor constante que durou quase dois dias.

— Bem, boas notícias. Posso lhe dar algo para a dor e a Dra. Chase vai prescrever uma receita. — Gostaria de saber se poderia ser tão simples, apesar das quatro horas para chegar a esse ponto?

— Então, só estou sofrendo de enxaqueca? — A esperança enchendo minhas palavras fez com que o sorriso da enfermeira despencasse. Eu não sabia o que ela sabia ou não, mas esse não era um olhar de concordância. Foi mais ao longo

das linhas de que ela erroneamente me deu falsas esperanças e agora está arrependida do que disse.

— Dra. Chase voltará para lhe dar todas as informações sobre os resultados do seu teste. Eu não recebi essa informação, infelizmente. — Suas palavras não eram tão amigáveis quanto um minuto antes. O que ela estava dizendo era uma resposta automática e robótica a um paciente que pedia à enfermeira respostas médicas confidenciais.

— Eu entendo, — eu disse a ela, tentando manter uma atitude positiva, embora sentisse que estava morrendo por dentro.

— Ela já vem lhe atender. — Assim que me acomodei na mesa de exames, Jill me fechou na pequena sala. Ouvi a pasta que ela estava segurando bater contra a parede quando a deixou cair no porta-arquivos. O som foi seguido por uma correria de passos. Eu me perguntei se as enfermeiras se condoíam por não ser capaz de apoiar emocionalmente os pacientes quando sabiam que estavam prestes a precisar de conforto. Eu me perguntei se elas realmente não sabiam os resultados dos testes, ou se faziam suposições com base em suas experiências anteriores. Eu me perguntei se a Dra. Chase estava se preparando para o que tinha a me dizer.

Cinco minutos se passaram e eu estava sentada em silêncio sem que ninguém passasse pelo corredor pela porta da minha sala de exames. Não havia anúncios retumbando no interfone, ou mesmo uma buzina no estacionamento do lado de fora da janela, o que fez a batida na porta soar mais alta.

Dra. Chase entrou, seu foco estava em um pacote de papel grampeado, e ela se sentou em seu banco antes de se virar e entrar em seu sistema de computador. — OK. Você ainda está aguentando firme, Danielle? Eu sei que Jill te dará algo para a dor enquanto conversamos sobre algumas coisas.

— Sim, estou um pouco apreensiva com o que você vai dizer. — Meus pés estavam pendurados na lateral da mesa como uma criança sentada em uma cadeira grande. Eu me senti como uma criança prestes a ser repreendida por roubar um biscoito antes do jantar, e desejei que isso fosse tudo o que estava prestes a encontrar.

— Quando as pessoas sofrem traumas na cabeça, isso pode afetar o cérebro de muitas maneiras diferentes e, às vezes, nem sempre podemos ver qual será o dano a longo prazo até anos após o dano ter sido causado. — Tenho certeza de que ela estava dizendo isso, então não considere meu diagnóstico original de estar “segura”, como uma forma de negligência.

— O que você está dizendo? — Eu perguntei, bruscamente.

— Parece que há algum dano duradouro em algumas pequenas partes do seu cérebro que controlam a capacidade de recordar informações e memórias. Infelizmente, as enxaquecas também podem ser um sintoma do dano. Embora seja difícil dar um diagnóstico conclusivo no momento, entre seus registros médicos, histórico familiar, sintomas e avaliação neurológica, você mostra alguns sinais bastante intensos de

início precoce de demência, que eu sei que é um problema do lado paterno.

— Demência? Não, acabei de fazer vinte e nove anos. Isso é impossível. Minha tia e minha avó não foram diagnosticadas com demência precoce até os quarenta e tantos anos.

— Elas podem não ter tido traumas como você, porém, e os corpos de todos funcionam de maneira diferente, é claro. Eu sei que isso parece incrivelmente assustador, mas garanto que existem muitos tratamentos com os quais podemos trabalhar para retardar a progressão. Podemos comprar óculos para ajudar com sua visão, pois isso também parece ter sido afetado.

Acho que não entendi muito depois da palavra “assustador”. Não era apenas assustador. Eu estava sendo sentenciada à morte por causa do trauma cerebral que tive. O tempo todo, considerei que a lesão e o efeito colateral daquela noite não eram nada em comparação com os pesadelos aos quais estava presa, mas estava errada. — Acho que preciso de uma segunda opinião, — digo a Dra. Chase.

— Claro, — diz ela, imediatamente, quase como se estivesse feliz por ter tirado o fardo de seus ombros. — Devo avisá-la de algumas complicações que você pode encontrar nos exames que vi. Mais importante ainda, você corre um risco maior de sofrer um derrame com danos ao seu cérebro, por isso queremos garantir que seu estilo de vida esteja no bom caminho para manter seu corpo no tipo de forma que precisa. Quanto mais saudável você for, mais tempo poderá atrasar os efeitos colaterais.

Ela estava falando claramente, mas minha mente estava girando tanto que eu não conseguia absorver todas as informações de uma vez. Como alguém poderia processar informações assim? — Ok, — eu disse a ela. Não havia muito mais a dizer. eu não tinha perguntas ainda. Eu não teria perguntas até o meio da noite, quando me sentaria, pensando no que viria a seguir.

— Existem grupos de aconselhamento que podem ser benéficos para você, — acrescenta Dra. Chase, entregando-me um cartão de visita. — Jean Shriner é uma assistente social especializada em terapia para ajudar o paciente e até mesmo sua família durante o processo de aceitação.

Peguei o pequeno pedaço de cartolina e passei a ponta dos dedos sobre o texto chanfrado. Achei que esse tipo de conselheiro era para alguém lidando com uma doença debilitante ou morte.

Achei que só estava com dor de cabeça.

DIAS ATUAIS - 29 ANOS

Não entendo como consigo me lembrar de detalhes tão vívidos de um ano atrás, mas, ao mesmo tempo, esqueço o nome do meu marido e outras coisas simples e aleatórias. A médica disse que tudo poderia acontecer dessa maneira, e que não há uma ciência por trás do que minha memória escolhe focar ou esquecer, mas isso não torna mais fácil de processar. — Eu estou saudável e me exercitando, comendo

direito, — explico a Layne, enquanto olho para um pedaço de bolo. Eu não como bem o tempo todo, no entanto. Eu me permito às vezes, mas corro algumas manhãs por semana e me sinto bem.

— Dani, eu sei, mas é melhor estar seguro, — diz Layne, sua voz baixa e calma. É o jeito dele negociar. Se age muito doce para dizer não, ele sabe que vou ceder. — Tenho certeza de que entraremos e sairemos de lá em pouco tempo *com paz* de espírito.

— Eu não tive um AVC. — Todo mundo está olhando para mim como se eu fosse patética, e odeio isso. — Não tive. Pedi bolo e quero comê-lo, e depois quero ir para casa e ter uma noite normal com minha família. OK?

Os ombros de Layne caem para frente com a derrota. Quase nunca discutimos. Nenhum de nós pode chegar ao ponto de fazer o outro se sentir mal, então cedemos a quem mais precisa da vitória. — Mais um sintoma e vou jogá-la por cima do meu ombro, Dani. — Layne estende a mão e escova o lado de seu polegar na minha bochecha e no meu queixo.

— Não acho que você ainda é capaz de me jogar por cima do ombro, Layne. — Sussurro minha declaração para apenas ele ouvir. Ele tem me tratado como uma frágil pétala de flor por tanto tempo que sinto falta do que costumava ser as melhores partes de nós. Ele sabe disso tão bem quanto eu. O pior é que temo o dia em que ele se tornará solitário e precisará de companhia. Só espero que seja em um momento em que eu esteja completamente inconsciente do que está

acontecendo ao meu redor. É um pensamento terrível, mas tive muito tempo para considerar todas as coisas iminentes.

— Bem, não me tente, senhorita, — ele sussurra de volta. É uma brincadeira fofa, mas ele não quer dizer nada com suas palavras.

— Não posso mais viver assim, — eu engasgo.

Mais uma vez, todos os olhos estão em mim, bocas escancaradas, suspiros e choque. Eu não entendo como todos podem ficar tão surpresos ao me ouvir dizer isso. Eu não posso mais fazer isso, e todos deveriam entender o porquê.

ONZE

DOZE ANOS ATRÁS

TENHO 18 ANOS

Layne empurra a manga até o pulso, verificando o horário em seu relógio de couro preto trançado. — Você está com pressa de levar Aly para casa, para dormir? Sei como as rotinas cronometradas são importantes nessa idade.

Sou pega de surpresa por sua pergunta porque percebi que a noite tinha acabado quando ele começou a me acompanhar até o meu carro. — Hum, — eu paro, me perguntando se ele vai preencher os espaços em branco.

Ele aponta por cima do meu ombro, e eu me viro para ver para onde ele está olhando. — Eu queria saber se Aly gostaria de um passeio no carrossel?

Ela grita do assento do carro onde eu esperava que ela já estivesse dormindo, mas há muita emoção. Além disso, é como se ela soubesse o que estamos dizendo. Percebi que Aly tem feito muito isso ultimamente, mas acho que está respondendo ao tom de voz de alguém ou pode ser apenas o

som do nome dela que a faz reagir. — Parece que ela concorda, — eu digo, colocando a cadeirinha na calçada por um momento para que eu possa destravar o carro. — Eu só vou tirá-la e deixar o assento no carro. Vai ser mais fácil.

Assim que removo Aly do cintos, a coloco no meu quadril e levanto o assento do carro com a outra mão.

— Você tem a vida toda planejada, hein? — Layne pergunta.

— O que você quer dizer? — Deslizo a alça da cadeirinha pelo meu antebraço, liberando minha mão para abrir a porta do carro.

— Parece que você está fazendo essa coisa de mãe há anos. — Eu jogo o assento no carro e fecho a porta.

— Acabei de aprender a me locomover, eu acho. A ideia de ser mãe solteira me assustou e me recusei a ceder a esse medo em particular. — Enquanto declaro minha conquista, percebo que estou fazendo parecer que cedi ao meu medo de altura por um motivo menor.

— Estou intrigado com você, Dani.

Caminhamos lado a lado enquanto Aly tenta alcançar Layne. Ela é uma pequena paqueradora, e não tenho certeza se devo me preocupar. — Tenho certeza de que muitas mães adolescentes estão se saindo bem. Eu não diria que sou algo muito fora do comum, ou intrigante.

— O pai de Aly está na foto? — Eu estava esperando essa pergunta, como costumo fazer, mas ao mesmo tempo, esperando encontrar a única pessoa que não se importava em perguntar sobre o pai de Aly. É da natureza humana

imaginar essas coisas e, no entanto, não parece natural responder a uma pergunta simples.

— Não, felizmente, ele não está nem perto da foto.

DOIS ANOS ATRÁS - EU TINHA APENAS 16 ANOS

Minha cidade natal deveria ser segura. As feiras de rua eram comuns, e eu frequentava desde pequena. Nunca tinha sido abordada por alguém do jeito que fui naquela noite. No momento de desespero irreparável, esqueci como me defender, como lutar. Uma mão em concha em volta da minha boca com tanta força, o fluxo de ar não era regular, e meus calcanhares eram a única parte do meu corpo tocando o chão. Eu não conseguia entender como ninguém viu a cena, ou a expressão nos olhos de uma garota de dezesseis anos quando ela é arrastada contra sua vontade. As pessoas que não viram têm sorte porque sei que se eu tivesse visto o que estava acontecendo, nunca conseguiria apagar tudo.

Nos momentos que antecederam ele encontrar um lugar para parar, limpo e livre de qualquer possibilidade de ser visto, pensei em como não deveria ter usado uma saia naquela noite.

Não sabia quem era a pessoa – aquela que estava me arrastando para longe da multidão. Não sabia se ele sabia quem eu era, quantos anos tinha, quão inocente era.

Eu não estava pedindo atenção.

Eu estava assistindo dois mímicos encenando “Bad Romance” de Lady Gaga e, como qualquer garota de dezesseis anos, estava tão envolvida que perdi a noção do que me

cercava e devo ter me afastado de Lexi. Eu não sabia onde Lexi estava naquela hora. Não tinha certeza se ela percebeu que eu tinha sumido, ou que fui levada.

Eu poderia ter tido tempo suficiente para encontrar uma maneira de escapar daquele homem, mas minha mente estava em branco, tomada pelos piores pensamentos possíveis. Achei que teria toda a minha vida pela frente. Eu sempre segui as regras, estudava muito e quase nunca saía com os amigos. O que mais eu poderia pensar além de... por que eu?

A rua para a qual nos movemos era escura, muito escura, e eu só podia ver um respingo de faíscas nas pequenas poças que sobraram de uma tempestade rápida que caiu mais cedo naquele dia. Não havia uma luz de rua ou faróis para oferecer qualquer percepção espacial. Portanto, eu só conseguia me concentrar no aperto forte das mãos do homem, o cheiro de álcool podre penetrando meu nariz. Os sons de aplausos e excitação da feira estavam perto o suficiente para ouvir, mas longe o bastante para que ninguém ouvisse meus gritos se eu pudesse fazer algum barulho. Minha pele estava fria e úmida de suor e da névoa do mar, mas minhas mãos estavam quentes de apertar as unhas em minhas palmas.

O homem não disse nada quando tirou a mão seca e suja da minha boca, e por um momento esperei que ele me soltasse. Exceto que sua mão livre apertou meu pulso e quase sem esforço me puxou para o pavimento irregular. Eu gritei, chorei e chutei, atingindo nada além do ar.

— Socorro! Deixe-me ir! — Continuei gritando, repetidamente, como se de repente me lembrasse do que

deveria fazer se estivesse em apuros. No entanto, a força da minha voz era fraca em comparação ao confronto usado contra mim.

Eu não sabia se era a maneira do mundo de bloquear o trauma ou me proteger de lembrar aquele momento, mas entre a batida da minha cabeça no chão e os arrepios que surgiram através de cada centímetro do meu corpo, um entorpecimento se apoderou de mim dos dedos dos pés até chegar à minha cabeça. Essa era a última coisa que me lembrava daquela noite.

18 ANOS DE IDADE

— Lamento muito saber que o pai de Aly não está por perto, — Layne diz com sinceridade.

— Não lamente. Ele está na prisão... provavelmente revivendo os atos criminosos que o colocaram lá em primeiro lugar. Ele agora pode viver seus dias sendo a vítima.

Layne não diz nada em resposta, o que espero das pessoas quando digo algo remotamente próximo ao que aconteceu naquela noite. A divulgação da minha história fazia as pessoas se afastarem, segurando suas bocas como se o exorcista estivesse prestes a escapar das profundezas de suas entranhas.

— Espero que ele tenha sido condenado à prisão perpétua, — murmura Layne.

— Não tenho certeza.

Layne balança a cabeça como se estivesse tentando afastar a verdade das minhas palavras. É muita coisa para a maioria das pessoas. É muito para aceitar como vítima. — Você é incrível, sabe. — As pessoas me dizem muito isso também, mas não é a maneira pela qual me descreveria. Forte, devotada, corajosa, toda obra, mas a quantidade de vezes que chorei até dormir no último ano e meio torna difícil se referir a mim mesma como qualquer figura positiva demonstrando força.

— Eu estou viva. Não estou presa em um hospital ou em um manicômio, então, por isso, estou bem, exceto pelas minhas perguntas não respondidas. Meu maior demônio é o fato de não ter encontrado uma razão para explicar o que aconteceu comigo naquela noite. Eu cresci ouvindo minha mãe dizer: 'Tudo na vida acontece por um motivo', mas eu simplesmente não entendo esse motivo.

Layne coloca o braço em volta das minhas costas e aperta meu ombro. — Às vezes, não sabemos o motivo até muito depois de termos vivido o propósito, mas sei que é difícil ter fé quando algo traumático acontece porque quando não há mais nada para culpar, nos sentimos merecedores da punição. —

Como ele sabe como me sinto? Ele simplesmente descreveu meus pensamentos perfeitamente, e eu nunca os compartilhei com ninguém.

— Você está certo, — eu concordo.

Ele me puxa para o seu lado e faz cócegas no ombro de Aly, forçando-a a chicotear uma trança loira elástica contra o

meu rosto. Não posso dizer que não gosto desse sentimento, mas não tenho certeza de que não há problema em gostar desse sentimento. Layne parece seguro, compreensivo e compassivo. Ele não é crítico ou pretensioso, e é uma lufada de ar fresco depois dos encontros que tive com as pessoas desde que Aly nasceu.

— Você está fisicamente bem agora? Quero dizer, você tem algum ferimento ou...

Eu solto um suspiro pesado porque é outra pergunta sem uma resposta exata. — Achamos que sim, mas só o tempo dirá. Fiquei em coma induzido por alguns dias devido ao inchaço ao redor do meu cérebro. Os danos a longo prazo são desconhecidos no momento, mas estou aqui, conversando, andando e acordando no meio da noite por essa garotinha que não precisa de seu sono de beleza.

— Você parece muito perfeita para mim, — diz Layne, estendendo a mão para Aly, arrancando-a dos meus braços. — E você, pequena senhorita, estou no mercado por um novo amigo. Algum comprador?

Aly responde batendo a mão no nariz de Layne, rindo.

— Tenho certeza de que Aly pode lidar com você, mas não tenho certeza se você pode lidar com ela, — eu digo, hesitando.

Sou grata por Layne ter encerrado a conversa sobre o pai de Aly. Tenho a sensação de que ele tem as informações necessárias para resistir a fazer mais perguntas. — Você quer dar um passeio a cavalo? — Layne pergunta a Aly.

Ela bate palmas e aponta para os cavalos, o que me surpreende porque achava que ela ainda não sabia o que a palavra cavalo significava. Eu continuo a subestimando, acho.

Revelar meu passado para Layne não foi tão difícil quanto foi com outras pessoas e me pergunto como ele sabia exatamente o que dizer, o que não dizer e quando terminar a conversa. Foi indolor, e agora há mais uma pessoa na minha vida com quem eu posso ser eu mesma, ou poderia ser eu mesma se parasse de corar toda vez que ele olhasse para mim.

Estou maravilhada, vendo-o lidar com Aly com facilidade, colocando-a no cavalo rosa que ela apontou, então cuidadosamente prende o cinto de segurança ao redor dela com uma mão para que possa segurá-la com a outra. Layne se posiciona ao lado do cavalo e espera o início da cavalgada. — Você não pode ficar aí parada, sabe. — Estou no meio de quatro cavalos olhando para os dois como se estivesse assistindo a um filme. Eu gosto dessa parte.

DOZE

DIAS ATUAIS

Depois de uma viagem silenciosa de Sage para casa, posso facilmente dizer que Layne e Aly estão com raiva de mim por afirmar que quero desistir dessa merda. Na verdade, desisti quando soube que não existia uma cura real para demência. Passei tanto tempo aceitando a justiça da minha situação. Estou a um mês de completar trinta anos e minha mente está se desintegrando. Os especialistas me receitam novas pílulas como se fossem doces, mas nenhuma das prescrições está corrigindo minha condição. Servem apenas para retardar o progresso. No entanto, ninguém sabe o quanto rápido iria progredir. Portanto, estou me envenenando por qualquer razão. Ainda assim, tentarei prolongar o inevitável por Layne e Aly. Dar-lhes esperança. Tudo o que faço é por eles.

Layne ainda está em negação e tem estado desde o dia em que lhe contei sobre meu diagnóstico no ano passado. Frustra-me que ele tenha um tipo de pensamento ilusório que tive que superar, mas não posso lhe dizer como pensar.

Depois do nosso massacre do bolo, Layne achou que seria “útil” ter uma reunião de família quando chegássemos em casa. Ninguém está dizendo muito.

— Eu só vou para a cama, — diz Aly, levantando-se do sofá em nossa sala de estar.

— São apenas sete horas, — digo a ela, verificando o horário do relógio no meu protetor de tela.

— Sim, eu tenho dever de casa.

— Aly, me desculpe, — digo a ela.

— Você não tem nada que se desculpar, mãe. Não é sua culpa.

Não é minha culpa, mas ultimamente me sinto culpada por tudo, mesmo que seja apenas dentro da minha cabeça.

— Você precisa de ajuda com sua lição de casa? — Eu ofereço.

Aly levanta uma sobrancelha, olhando para mim como se eu estivesse perdida no tempo.

— Mãe, eu não preciso de ajuda com minha lição de casa desde a quinta série. Estou bem.

— Isso não é verdade, — diz Layne. — Eu te ajudei há apenas uma semana em sua lição de casa de estatística.

— Tanto faz, — Aly rosna, ignorando o comentário de Layne. — Boa noite, velhos. — Com seu último comentário mordaz, ela sai da sala, pegando sua mochila na parte de trás da porta da frente, e sobe as escadas.

— Ela acabou de nos chamar de velhos? — Eu pergunto a Layne.

— Ela chamou. Que diabos? Não somos velhos, — argumenta.

Layne desdobra o braço e o envolve no encosto do sofá, logo bem na parte de trás do meu pescoço. Eu me inclino para trás e me enrolo em seu peito, precisando sentir seu abraço. Como por instinto, ele abaixa o braço, envolvendo-o em volta de mim, e dá um beijo no topo da minha cabeça. — Estou com medo, Dani.

A palavra me faz sentar para olhar para ele. — Você não acredita em medos, — eu o lembro.

— Eu mudei de ideia.

— Você não pode simplesmente mudar de ideia. Você convenceu o mundo de que os medos são apenas pensamentos artificiais que oferecem uma desculpa para evitar o que é assustador e desconfortável.

— Você se lembra disso?

— O mundo estava ouvindo o homem que eu amo. É claro que eu me lembro. — Lembro-me muito mais do que ele pensa. Basicamente, só esqueci o nome dele.

— Isso foi há muito tempo, — ele acrescenta.

— Sim, mas suas palavras me inspiraram. Você me inspira todos os dias. Você sempre o fez.

— Bem, acho que estou em um lugar diferente agora.

— Então você precisa de sua música de volta, — digo a ele. Eu faço parecer simples como se ele pudesse simplesmente pegar seu violão e começar a cantar e tocar de novo, mas ele não vai.

— Essa parte da minha vida acabou e ficou no passado.

— Não tem que ficar, — eu o lembro. — Lexi disse que Johnny começou a tocar bateria de novo, então talvez... — Eu disse isso para ele muitas vezes ao longo dos anos, mas quando Layne se decide, não há como voltar atrás. Eu gostaria que ele fizesse uma exceção por sua música, no entanto.

— Dani, — ele avisa. Eu sei que essa conversa nos leva a discussões, mas mantenho a culpa e o remorso pelo fim de sua carreira musical. — Eu pratico todos os dias na escola.

— Você está ensinando as crianças a tocar chocalho e cantar canções de ninar. Eu sei que não é o seu sonho.

Imediatamente me arrependo do que disse.

— Ai, — ele diz, se afastando de mim. — Isso foi meio frio.

— Eu não quis dizer isso assim. Eu só quis dizer que você não faz nada por si mesmo.

— Tenho uma família para cuidar, Dani. Isso é o que eu quero.

Tenho a sensação de que estamos desmoronando, nos afastando, sem nos olharmos nos olhos. Isso dói. Layne é meu melhor amigo e tem sido por doze anos, mas estávamos sempre em sincronia. Agora, estamos brigando, ofendendo um ao outro e tentando fazer as coisas funcionarem, o que parece trabalhoso. É isso? O fim.

— Você ainda me ama? — Pergunto-lhe. Minha pergunta é suave, hesitante e cheia de medo. Coloco minhas mãos no tecido de microfibra cinza do nosso sofá e traço

meus dedos em pequenos círculos, querendo puxar o tecido e rasgá-lo.

Durante a pausa entre minha pergunta e a resposta de Layne pareço estar esperando uma execução. Eu olho através da TV pendurada na parede à nossa frente, desejando que ela estivesse ligada para que eu pudesse distrair meu foco, mas está preta, como um buraco negro, esperando para expandir meus pensamentos em medos irracionais do que Layne está pensando.

— Como no mundo você pode me fazer essa pergunta?

— Layne finalmente responde. — Fiz alguma coisa para te mostrar algo além de amor? Algum dia?

— Não, mas me sinto um fardo – um fardo pesado, e só piora.

— Pare de ser tão negativa, Dani. Sua atitude é o que está dificultando as coisas. Entendo que esteja apavorada, assim como eu, mas e se tivermos apenas certa quantidade de tempo para aproveitar nossas vidas juntos. Você quer passar todos esses dias sentindo pena de si mesma, de nós? Ou você quer viver comigo? Com Aly? Você quer criar memórias para nossa filha viver? Eu sei que isso soa maldoso e unilateral, mas isso afeta mais do que apenas você e se eu não disser isso, ninguém dirá. Você pode ficar brava comigo. Pode me odiar se quiser, mas preciso da minha Dani de volta, mesmo que seja temporário. Precisamos encontrar uma maneira de viver novamente. Precisamos viver como se o amanhã fosse o fim. Todos nós podemos partir amanhã, e não queremos que nosso último dia seja assim.

Como sempre, as palavras de Layne me atingem com força. Elas me atingem, mas sou teimosa. Eu sou tão teimosa como sempre fui, mas Layne é o único que pode ignorar essa parte de mim.

— O que posso fazer, Layne? Diga-me, e farei. — É o mais generosa que fui nos últimos dez meses. Se não me importar mais, darei tudo o que me resta por eles.

— Encontrei um ensaio clínico à procura de voluntários. Eles estão procurando especificamente por pacientes com diagnóstico de demência de início precoce. Eles podem ter encontrado um tratamento para reversão de danos.

— Eu não vou sair de casa, Layne. Nós conversamos sobre isso. Além disso, e se as drogas que eles usarem me machucarem ainda mais?

Layne pula do sofá, passando as mãos pelo cabelo curto e desgrenhado, e anda de um lado para o outro por um tempo antes de parar na minha frente. Seu rosto está vermelho e seus olhos estão brilhantes. — Jesus, Dani, você acabou de me perguntar o que poderia fazer. Isto é o que você pode fazer. Os efeitos colaterais não são fatais ou perigosos. Se houver uma pequena chance de ajudá-la, quero tentar. Por que isso é tão difícil para você entender?

Eu não tenho uma resposta diferente daquela que lhe dei repetidamente. Um ensaio clínico me assusta porque o resultado é desconhecido. Poderia ter um efeito pior em mim do que meus sintomas de crescimento lento. Eu balanço a

cabeça, sentindo minha teimosia falar antes que eu tenha a chance de dizer como me sinto.

— Pare de dizer não. Faça isso por Aly, se alguma coisa, faça isso por ela. O ensaio é em Boston. Aqui em casa. Você não precisa ir a lugar nenhum.

— É em Boston? — Eu repito. A maioria dos outros que Layne encontrou eram em outras partes do país, o que significava que eu teria que ir sozinha ou tirar Aly da escola. Não parecia uma boa solução.

— Sim, é em Boston, — diz ele, implorando com os olhos.

— Tudo bem. — Deixei claro que basicamente desisti de mim mesma, então faria isso por ele e por Aly. — Não tenho outro motivo para lutar neste momento. Eu não tive nenhum sintoma até esta semana, mas se é assim que vai ser, sei que não posso esperar muito mais.

— Tudo bem? — Ele repete minha resposta porque está surpreso que eu esteja concordando.

— Sim, — eu digo a ele.

Layne pega minhas mãos, me puxa para ficar de pé e envolve seus braços em volta de mim com tanta força que é difícil respirar. — Você vai fazer isso por mim?

— Por todos nós, — digo a ele.

— Obrigado. Obrigado, Dani.

— Sob uma condição, — eu digo.

Ele me afasta um pouco, para poder olhar nos meus olhos.

— O que?

— Toque de novo. Eu preciso da sua música.

— Certo, — diz ele sem pensar. — Vou tocar para você.

— Para todos nós, — repito.

TREZE

DOZE ANOS ATRÁS

TENHO 18 ANOS

Amor antinatural obsessivo e imortal

é o que eu quero

Estou tão perto que posso olhar para a rua

e ver uma sombra nebulosa

De você

Bela, sedutora, sublime

É tudo imaginado

Eu ainda estou sentindo por dentro,

a distância se aproximando é uma sugestão brilhante

De você

Procurando, buscando e investigando

em direção ao sol nascente

Eu ainda estou me movendo pelo vazio,

seguindo meu coração, desejando que já soubesse

De você.

Uma semana se passou desde o meu jantar com Layne. Além de aprender mais sobre ele através de todas as letras de suas músicas que encontrei no iTunes, temos conversado por mensagem de texto, possivelmente mais do que conversei com Lexi esta semana. Quando faço uma pergunta sobre sua vida, ele me aponta para outra música. Sua voz e palavras comoventes levam a uma autobiografia completa, dividida em versos e simbolismo. Cheguei a me perguntar se toda música é uma janela para a vida de um artista.

O que aprendi e amo é que Layne não é um cara típico que procura um encontro aleatório para preencher seu tempo. Eu não tenho certeza se ele está procurando por uma namorada ou um caso. Parece mais com o que ele disse a Aly – que ele está procurando uma nova amiga. Parece o começo de uma história que está se desenrolando lentamente, um pouco de cada vez, o que é reconfortante no momento. Não tenho certeza se posso lidar com a pressão de mais alguma coisa.

Eu deveria estar vestida e pronta para sair para minha terapia de grupo de apoio, mas é sempre uma luta para me motivar nas manhãs de terça-feira. Eu sei que o grupo deveria ser útil, mas me sinto pior quando saio de lá e não tenho certeza se isso faz parte da cura ou se é anormal.

— Dani, — mamãe chama do corredor antes de abrir minha porta. — Achei que você ainda não tinha se

vestido. Por que toda terça-feira sinto que você é aquela criança irritante do ensino médio que precisa ser puxada para fora da cama? Querida, você está cansada do grupo de apoio?

Eu me levanto, trazendo Aly comigo já que ela está assistindo Mickey Mouse na minha TV pela última meia hora. — Eu estou bem.

— Não foi isso que eu perguntei, — mamãe responde.

— Sim, estou cansada de ir às reuniões do grupo de apoio. — Entre as interações com minha advogada e as milhões de perguntas que me forçam a revirar todas as lembranças da noite em que fui profanada, e a culpa de Lexi por não me encontrar rápido o suficiente naquela noite, o grupo de apoio parece um exagero. Eu preciso de um tempo.

Meu telefone, apoiado no edredom na frente dos meus joelhos, vibra e ilumina o espaço ao redor. É Layne e, claro, mamãe olha por cima do meu ombro para as palavras exibidas no meu telefone aberto. Felizmente, não é nada que eu queira esconder dela.

Layne: Você tem que ir. Eu mesmo a arrastarei até lá se você não sair da cama.

— Um ponto para Layne, — mamãe diz. — Eu gosto desse menino. Quando vou conhecê-lo?

— Nunca, — digo a ela, sorrindo para provocar. Sendo mãe, entendo mais as preocupações, desejos e necessidades de uma mãe agora mais do que antes de ter Aly. Ela tem sido muito compreensiva com a minha transição para adulta e mãe depois de ser sua filha do ensino médio. Ela confia em mim e coloca sua fé em minhas decisões, mas não passa sem estresse e preocupação que ela tenta esconder. Portanto, faço o possível para ser honesta e transparente em minha vida para aliviar o fardo. Isso não significa que não goste de me divertir às vezes.

— Ah, vamos, Dani. Você sabe que quer apresentá-lo a mim. Você está morrendo de vontade de trazê-lo aqui em casa. Estou certa disso. — Não tenho certeza se iria tão longe, mas a aprovação da mamãe significa muito para mim, e quero que ela o conheça, mas o que há para aprovar neste momento? Uma amizade. Eu não quero adicionar uma camada de estranheza ao que quer que esteja acontecendo entre Layne e eu.

— Eu quero. Só me dê um pouco mais de tempo para ver aonde as coisas irão entre nós. Ainda é muito novo.

— Tudo bem, você tem uma semana para descobrir isso. Depois disso vou roubar o número dele do seu telefone e mandar uma mensagem para ele eu mesma. — Ela nunca faria isso, mas aprecio a ameaça, pois coloca um sorriso no meu rosto.

— Uma semana? Como isso é tempo suficiente para ver aonde as coisas irão? Eu só saí com ele uma vez.

— Você poderia passar o dia inteiro com ele neste fim de semana se superasse seu medo de altura, — acrescenta ela.

— Você vai usar isso contra mim? Eu nunca deveria ter te contado.

— Acho que é a oportunidade mais emocionante do mundo e você está jogando fora. Se eu fosse vinte e cinco anos mais jovem, aceitaria a oferta de Layne.

— Eca, mãe. Pare, por favor. — Eu puxo minhas cobertas sobre minha cabeça, puxando Aly para baixo comigo. — Cuidado com Mimi! Ela ficou louca!

— Estou só dizendo, — ela responde.

— Pare de dizer, — minhas palavras soam abafadas, mas tenho certeza que ela entendeu.

— Levante-se, — ela diz, puxando os cobertores de cima de nós. Assim que saio do esconderijo, vejo que mamãe pegou meu telefone. Eu pulo da cama para tirar dela, questionando se ela começaria a rolar pelas minhas mensagens. Mamãe está agindo mais mal-humorada do que o normal. Mamãe é dez centímetros mais alta do que eu e usa isso contra mim enquanto segura o telefone acima da minha cabeça.

— A sério? — Eu resmungo.

— Vista-se, — diz ela.

— Você vai manter meu telefone como refém até eu me vestir?

— Hum. Na verdade, acho que vou mantê-lo como refém até você entrar no carro.

— Isso é ridículo, — murmuro, abrindo minhas gavetas para pegar roupas limpas.

— Layne não pensaria assim, — acrescenta ela.

— Tenho que escovar os dentes e lavar o rosto. Você pode, por favor, evitar bisbilhotar minhas mensagens?

— Eu nunca faria isso, — mamãe diz. Ela parece sincera, e estou acreditando em sua palavra. Eu não tenho nada incriminador em minhas mensagens de qualquer maneira, mas ainda assim.

Fico no banheiro por cinco minutos, fazendo-me parecer humana o suficiente para sair sem que as pessoas se perguntem se acabei de sair de um tumulto. No momento em que volto para o meu quarto, Aly já está vestida, e mamãe está fazendo tranças em seus cachos na altura dos ombros. — Vou levá-la às compras enquanto você estiver fora. Tudo bem?

— Sim, mas cuidado com suas mãos pegajosas. Ela está jogando alimentos extras no carrinho quando me afasto dela.

— Eu notei, — mamãe diz, balançando a cabeça. — Você costumava fazer a mesma coisa na idade dela.

— Gostamos de fazer compras. O que posso dizer?

Eu localizo meu telefone em cima da minha cômoda e o enfio no bolso de trás da minha calça jeans. — Aly, você precisa ser uma boa garota para Mimi, ok?

— Mimi, — Aly diz com uma risada. — Carro Mimi.

— Sim, você vai no carro de Mimi, então pode ir até o mercado. Vejo você daqui a pouco. — Eu me inclino e dou um beijo na bochecha de Aly, que ela prontamente enxuga como de costume.

— Assim como você, — mamãe brinca.

Ela é como eu, ou tem alguma parte dos genes de seu pai em seu DNA? Eu me preocupo com isso todos os dias, ainda mais, quando alguém compara nossas qualidades. Foi tudo que passou pela minha cabeça quando tive que decidir o que fazer quando soube que estava grávida. Parece que uma eternidade se passou desde então, mas foram apenas vinte e três meses atrás.

DOIS ANOS ATRÁS - TINHA APENAS 16 ANOS

— *Só lhe diga a verdade, Dani. Temos que ser honestas.*
— *As palavras de mamãe se repetiam na minha cabeça várias vezes enquanto estávamos sentadas na sala de espera do consultório da minha pediatra. Depois do que passei, era estranho estar sentado aqui, cercada por crianças e bebês. Mamãe disse que as adolescentes costumam ir ao pediatra até os dezoito anos, a menos que haja um motivo diferente para procurar a medicina de adultos. Eu não achava que tinha uma razão para procurar medicina de adultos ainda. Mamãe também estava em um pouco de negação misturada com choque após o incidente, e a pediatra era familiar, então cá estávamos nós, cercadas por murais de ursinhos de pelúcia, revistas de pais, livros infantis e um grande tapete circular decorado com vários balões coloridos flutuando no céu azul. Desejei ser um desses balões nesse momento.*

Fazia pouco mais de um mês desde que recebi alta do hospital e tive permissão para retomar a vida normal - tão normal quanto uma criança de dezesseis anos poderia viver depois de ser atacada em uma rua escura, estuprada e espancada, entre todas as outras baixas pessoais que sofri.

— Pode ser estresse, você sabe, — mamãe disse baixinho, colocando a mão no meu joelho. Eu vacilei ao seu toque inicial, em seguida, relaxei de volta na minha cadeira. — Tenho certeza que está tudo bem. — Ela vinha dizendo isso nos dois dias que antecederam esse compromisso. Ficar tonta, fraca, cansada e enjoada eram todos efeitos colaterais do traumatismo craniano, porém, e eu não podia arriscar nada na minha cabeça depois de ter um sangramento no cérebro.

— Danielle, você pode vir comigo, — disse a enfermeira familiar, June, do arco entre a área de espera e o curto corredor das salas de exames.

— Você se importa se minha mãe entrar comigo? — Eu perguntei a ela. Eu mesma entrava no consultório da médica há algum tempo, mas naquele dia, não queria entrar sozinha.

— Absolutamente. Você pode entrar com sua mãe sempre que quiser, — disse June, sorrindo com muito cuidado.

Mamãe se levantou comigo e seguimos June até o segundo quarto à direita. — Vou precisar de uma amostra de urina. Você pode ir até o banheiro do outro lado do corredor e deixar o copo na prateleira quando terminar.

— É necessária uma amostra de urina? — Mamãe perguntou, curiosa.

June olhou para uma pasta em sua mão como se estivesse repassando silenciosamente quaisquer anotações que estivessem lá dentro. — Sim, — ela respondeu com um sorriso cauteloso.

Em vez de arrastar o que era necessário, peguei o copo da outra mão de June e atravessei o corredor até o banheiro. Eu tive que fazer xixi em um copo algumas vezes quando estava no hospital no mês passado, então já estava acostumada com isso.

Voltei para a sala de exames, encontrando mamãe e June tendo uma conversa tranquila. A mão de June estava descansando no ombro de mamãe, confortando-a, ou assim parecia. Mamãe precisou de muito conforto nas semanas anteriores, mas entendia o porquê, já que eu precisava do mesmo.

— Ok, Dra. Riley estará aqui em breve. Você pode se sentar, Danielle, — June disse, colocando sua pasta no arquivo plástico que estava pendurada na porta de madeira, então nos fechou lá dentro. Eu costumava odiar vir aqui ou a qualquer consultório médico, mas tinha ido a tantas consultas médicas em um curto período de tempo que estava começando a me sentir entorpecida com o processo.

— Mãe, você está preocupada com algo que não está me dizendo? — Eu perguntei, examinando sua expressão inabalável que estava cheia de preocupação e desconforto.

— Eu não gosto quando algo incomoda você, Dani. Você já passou por bastante, e só quero que o passado fique no passado.

— *Eu também.*

A Dra. Riley era boa em não deixar os pacientes esperando, então entrou na sala de exames apenas alguns minutos depois que June saiu. — Como você está, Danielle? — Ela olhou para mim da mesma forma que todos estavam olhando para mim... como se eu fosse feita de papel e tivesse sido deixada na chuva a noite toda. Um toque errado e eu rasgaria ao meio.

— Eu estou bem, — eu disse a ela. Achei que ia morrer naquela noite, o que me fazia sentir grata por estar viva, apesar do meu corpo passar pelo inferno. Não tinha certeza se alguém entendia meus sentimentos, no entanto. Tudo o que eu sabia era que o medo das consequências do trauma não era nada comparado ao medo de nunca mais acordar.

A Dra. Riley se sentou em uma cadeira vazia, cruzou as pernas e colocou a pasta que June deixou no colo. Seus dedos se entrelaçaram e descansaram sobre a pasta. Ela engoliu em seco. Foi alto o suficiente para ouvir. O momento de silêncio me deu um minuto para analisar a aparência da Dra. Riley, me perguntando por que ela ainda estava quieta. Seu cabelo era curto, escuro e cortado em um corte perfeitamente uniforme, acentuando seu queixo pontudo. Ela não usava muita maquiagem, não como mamãe. Eu não achava que a Dra. Riley realmente precisava de maquiagem. Ela tinha sardas e pele naturalmente rosada. Ela também tinha olhos carinhosos e uma personalidade que fazia as pessoas relaxarem instantaneamente em sua presença. O jaleco branco era a

única coisa que a diferenciava de uma pessoa amigável andando pela rua.

— Quero fazer um exame de sangue, Danielle. Sua amostra de urina mostrou um alto nível do hormônio HCG, o que significa...

— Ela está grávida? — Mamãe grita.

Os lábios da Dra. Riley se apertam, e ela engole em seco mais uma vez antes de responder. — Parece que sim. Embora os testes de gravidez geralmente não deem falsos positivos, gostaria de verificar novamente com um exame de sangue.

Grávida. No início, minha reação inicial foi que a gravidez era impossível. Não me coloquei em uma situação em que pudesse engravidar. No entanto, me disseram o que meu corpo passou durante um período em que eu não conseguia me lembrar de nada porque estava inconsciente. Foi minha única graça salvadora – não ter nenhuma lembrança. Eu estava tentando me convencer de que, se não estivesse ciente de que isso estava acontecendo, poderia dizer a mim mesma que não aconteceu, apesar da verdade. Isso me ajudou a lidar.

Eu me perguntava o que fariam com pessoas como eu? Eu me perguntei se eles escondiam adolescentes em algum lugar até que elas dessem à luz? Eu tinha assistido aos vídeos na aula de saúde. Eu sabia o quão prejudicial uma gravidez na adolescência poderia ser. Foi por isso que nunca dei esse passo com um menino. Eu não estava pronta para ser mãe, então sabia que não deveria me colocar em uma situação que pudesse resultar em me tornar uma mãe adolescente. No entanto, lá estava eu. Congelada, em choque, incapaz de

compreender a realidade de uma palavra que definiria o resto da minha vida.

O exame de sangue forneceu a confirmação de que precisávamos. A Dra. Riley me disse que não podia mais me atender e que eu precisava procurar uma obstetra porque ela não era o tipo de médica que fazia partos. Ela se desculpou. Ela me abraçou, me disse que tudo ficaria bem. Então pediu à mamãe que saísse da sala e esperasse no corredor por um momento. Eu não tinha certeza do porquê.

Mamãe não discutiu porque estava segurando mais lágrimas do que conseguia esconder. Eu tinha certeza de que alguém lhe ofereceria um lenço de papel uma vez no corredor.

Eu não disse uma palavra em vários minutos, mas tive a sensação de que a Dra. Riley ia querer que eu falasse logo.

— Danielle, — ela disse, parecendo desconfortável e desanimada. — Eu preciso perguntar se você quer ficar com seu bebê, ou se você quer...

— O que? — Eu respondi, questionando bruscamente o significado do que ela estava perguntando. — Se eu quero o quê?

Dra. Riley tirou um folheto da pasta que continha meus registros e entregou para mim. — Abortar o feto nesta fase é compreensível, especialmente considerando a natureza e as circunstâncias.

Eu sabia o que ela estava dizendo, mas também sabia como me sentia sobre a ação de acabar com uma vida indefesa e, apesar de como cheguei a esse ponto, também não foi culpa de ninguém, especialmente de um bebê. Eu não sabia como

poderia cuidar de uma criança quando era considerada uma, mas como poderia concordar de outra forma? — Não, — eu disse sem pensar muito mais. — Eu nunca poderia.

— Ok, eu queria ouvir seus pensamentos sem influência, apenas para avaliar seus sentimentos sobre o assunto. Apoiarei qualquer decisão que você tomar, e pode agendar uma consulta para conversar comigo se precisar, mas um médico diferente a ajudará com o resto.

— Ok, — eu disse a ela, querendo que a conversa terminasse. Eu precisava pensar. Eu precisava aceitar o que estava acontecendo na minha vida.

Tive a sorte de ter uma segunda chance. Acho que não considerei o que uma segunda chance significava ou significaria.

Os momentos entre a Dra. Riley saindo da sala e mamãe e eu saindo do prédio, tudo no meu mundo atual estava girando ao meu redor em um tornado embaçado, e pensamentos confusos estavam me atingindo todas as direções. Eu tinha que me perguntar se estava grávida do filho de um monstro. Considerei a possibilidade de meu filho se tornar um monstro também. Fazia parte de uma composição genética ser uma pessoa má? Eu não tinha certeza se alguém poderia responder a essas perguntas ou responder às minhas preocupações com uma boa resposta. Eu nem sabia se era justo ter esses pensamentos.

18 ANOS DE IDADE

Só o tempo me permite pensar. Pensar me leva a um caminho sombrio no qual às vezes me perco, e é uma das razões pelas quais não gosto de ir ao meu grupo de apoio. Aly não pode ir comigo, e tenho que gastar tempo com meus pensamentos, analisando meus sentimentos e sendo honesta com as verdades da minha vida.

Todo mundo me entende, olha para mim com compaixão, me abraça como se eu fosse um deles, mas todos nós temos uma história diferente. Nenhum de nós pode se relacionar ou entender os sentimentos únicos um do outro, mas todas nós fomos estupradas, danificadas e tivemos nosso direito de dizer não tirado de nós, então é aqui que pertenço agora.

Eu só quero esquecer, mas perdi essa opção quando decidi manter um lembrete para o resto da minha vida.

Não me arrependo da minha decisão.

Nem todo mundo pode dizer que estive no lado escuro e de alguma forma encontrou um grão de luz, mas meu bebê é o bem feito do mal. Ela é a prova de que alguns dos melhores presentes da vida vêm das sombras de um pesadelo.

QUATORZE

DIAS ATUAIS

Como se apenas concordar com o teste clínico não fosse atividade suficiente para uma semana, Layne está determinado a garantir uma vaga, então é isso que estamos fazendo hoje. É só o primeiro mês de escola, e ele chamou um substituto para cobri-lo esta manhã. A escola tem sido atenciosa e solidária com ele e aos compromissos que ele me acompanhou no ano passado, mas estou preocupada que eventualmente se cansem de se adequar por ele.

Não importa quantas consultas médicas eu tenha feito, os sentimentos são os mesmos quando entro em um novo consultório. É quase como se alguém estivesse com as mãos em volta da minha garganta, e é difícil de engolir. Acho que estou condicionada a me sentir assim quando inalo o cheiro de amônia.

— Você está bem? — Layne pergunta. Sinto falta dos dias em que ele me cumprimentava com um termo carinhoso ou me perguntava o que estava pensando, em vez de uma pergunta cheia de preocupação. Ele está preocupado comigo, porque qualquer que seja minha aparência agora está lhe dando motivos para se preocupar. Quero dizer a ele que não

estou bem e, apesar de concordar em ver se sou páreo para este julgamento hoje, ainda não quero participar disso. No entanto, não estou fazendo isso por mim. Estou fazendo isso por Layne e Aly.

— Sim, — eu respondo.

Fixo meu olhar no botão do elevador sujo que está rachado ao meio. Eu me pergunto se a seta em relevo está quente por causa da pequena luz que ilumina o símbolo. Estou interessada em ver se uma luz tão pequena pode aquecer um objeto. Se a luz pode produzir tanto calor, estou curiosa para saber o quão quente seria, então pressiono meu dedo sob o plástico rachado, tocando a flecha, mas Layne puxa meu braço. Eu me sinto como uma criança sendo instruída a não tocar em um fogão quente. Como uma criança pode entender qual é a sensação de calor se não a experimentou?

— O que você está fazendo? — Sua voz é calma e no fundo dos meus pensamentos. Continuo olhando para o botão imaginando como alguém poderia ter uma mira tão perfeita para quebrar um pequeno pedaço de plástico ao meio como está, e por que alguém desejaria quebrar um botão de todas as coisas. — Dani?

Acho que é bom que o botão não seja de vidro ou as pessoas cortariam o dedo todos os dias sem outra opção se precisarem usar o elevador. Há quanto tempo o botão está quebrado e por que alguém não o consertou até agora? Suponho que não deve custar muito para algo tão pequeno e insignificante.

Minha cabeça balança para o lado e uma onda de tontura me atinge como uma brisa rápida antes que meus olhos voltem a focar, mas meu olhar pousa nos olhos de Layne desta vez. — O-o quê?

— O que está acontecendo? — Layne parece selvagem com confusão, e seus olhos estão piscando, me observando como se eu estivesse me desintegrando diante dele.

— Nada, — eu digo a ele.

— Você está enfiando o dedo em um botão quebrado, — diz ele.

— Não, não fiz isso. Estive bem aqui, olhando para você. — Ele acha que estou enlouquecendo, mas estou começando a me perguntar o que está acontecendo na cabeça dele também.

— Jesus Cristo, Dani. Você acabou de pressionar o dedo sob aquele pedaço de plástico irregular. Você está tentando se machucar?

— Meu dedo? — Eu questiono. — Como posso me machucar cortando meu dedo? — Layne arrasta as mãos pelo lado de seu rosto, sua pulseira de couro marrom pendurada em seu pulso, e noto que um dos fechos de botão quebrou. — O que aconteceu com sua pulseira?

Layne pressiona as mãos contra meus ombros e abaixa a cabeça, aproximando seu rosto do meu. — Dani, eu preciso que me diga o que acontece quando você perde o foco.

Eu olho para as manchas douradas espalhadas ao longo dos olhos verdes penetrantes de Layne. Suas pupilas crescem como se ele estivesse olhando através de mim, ainda

tentando entender os pensamentos dispersos dentro da minha cabeça, mas não sei como explicar tudo. — Eu só perco o foco por um minuto. Não é grande coisa. Todo mundo sonha acordado, Layne. Perdia o foco o tempo todo quando era criança. Na verdade, meus professores tinham certeza de que eu tinha um transtorno de déficit de atenção, mas foi descartado após alguns testes. Acontece que as pessoas com mentes criativas tendem a divagar em pensamentos mais do que aquelas que pensam de forma mais linear.

Layne não insiste na questão. Em vez disso, ele entrelaça seus dedos nos meus e aperta minha mão quando as portas do elevador se abrem. A subida é silenciosa, mas meus pensamentos são altos.

Diga-lhe a verdade.

Mas eu estou bem.

Ele deveria saber.

Nem eu sei.

Sim, você sabe.

No reflexo das portas espelhadas, vejo minha cabeça balançar, descartando a luta que sinto por dentro.

Eu não pareço bem. Minha pele está pálida. Meu cabelo parece opaco e fino, e minhas roupas estão mais largas do que o normal. Estou começando a parecer doente, assumindo minha doença, usando-a como um disfarce.

— Esses momentos estão acontecendo com mais frequência, — diz Layne enquanto saímos do elevador. Sua

declaração me faz pensar com que frequência ele sabia que eu estava tendo esses momentos ao longo do ano passado. Eu poderia esconder o episódio ocasional desfocado com a impressão de estar perdida em um devaneio. — Algo não está certo.

— O que você quer dizer? — Pergunto-lhe.

Layne alcança a porta com o número cinquenta e dois gravado em uma placa dourada. — Não sei mais o que quero dizer, — diz ele. Estive me perguntando quanto tempo levaria para Layne revelar a frustração que está sentindo por mim. Eu sabia que aconteceria. Só não sabia quando. É difícil quando sempre me pergunto se há algo que eu deveria fazer diferente, mas sempre volto para a mesma resposta que não envolve outra opção.

Estou observando os arredores do consultório enquanto caminhamos até a janela da frente, onde uma mulher está sentada do outro lado com um sorriso que pode oferecer conforto a alguém em necessidade. Talvez ela esteja sorrindo porque sabe que qualquer um que venha aqui para o teste não ganhará muito com o resultado, independentemente do que acontecer.

Há adesivos decorativos de folhas espalhados pela janela de vidro e parecem infantis para um consultório psiquiátrico adulto. As folhas verdes e marrons não gritam exatamente “seja feliz por estar aqui”, mas suponho que a estação do tempo sombrio está se aproximando, então podemos abraçar tudo isso.

A janela se fecha e a batida do vidro contra a moldura de madeira chama minha atenção para a caneta que Layne está segurando, que tem um girassol enorme no topo. — Quer se sentar? — Ele pergunta.

Eu sigo Layne até as cadeiras de couro sintético marrom, emolduradas com carvalho claro. Elas me lembram das cadeiras que a biblioteca da escola primária tinha em todas as pequenas mesas circulares. Essas cadeiras devem ser tão velhas quanto. Há penugem saindo de algumas delas onde o tecido está rasgado. A única coisa pela qual estou realmente grata no momento é que este lugar não cheira a amônia.

Layne está preenchendo a papelada anexada a uma prancheta. Sua mão está se movendo rapidamente, preenchendo as respostas sobre minha vida que ele sabe de cor: meu tipo sanguíneo, meu peso, minha altura e meu histórico de saúde familiar. Layne me memorizou como pessoa, mas esqueci seu nome na última semana. Como uma pessoa pode amar outra quando é um relacionamento desequilibrado?

— Eles vão fazer alguns testes para ter certeza de que você é uma candidata a este tratamento. Você está bem com isso, certo? — Ele pergunta.

Eu poderia dizer não, mas então voltaria atrás na minha palavra depois de concordar em fazer isso. — Sinto muito, Layne, — digo a ele.

Ele afasta a caneta do papel e vira a cabeça para olhar para mim. — Sente pelo quê?

— Sinto muito que você esteja preso a mim.

QUINZE

DOZE ANOS ATRÁS

TENHO 18 ANOS

— Lexi, sem aventuras selvagens, ok? — Não tenho desculpa para ser chata hoje porque mamãe levou Aly para um grupo de recreação na praia e planeja passar a maior parte do dia lá. Ela me disse para sair e fazer algo divertido e, claro, chamou Lexi para fazer o resto.

— Nós não teremos uma aventura selvagem, — ela lamenta. — Relaxe. Vou garantir que você não se divirta muito. OK?

— Isso é tudo que eu peço, — eu digo, jogando uma embalagem de chiclete nela enquanto ela anda por ruas laterais pelas quais não costumamos dirigir. — Onde estamos indo?

— Não vou dizer.

Eu me inclino para trás na capa de assento rosa com estampa havaiana e olho pela janela, desejando que estivéssemos passando por palmeiras em vez de pinheiros. O carro até cheira a coco graças ao seu ambientador. — Você

precisa de uma dançarina com uma saia de grama no seu painel.

— Eu procurei em todo lugar por uma. Ninguém as vende em lugar nenhum. Até tentei encontrar uma no eBay, mas a única que encontrei parecia ter os olhos arrancados da cabeça. Era meio esquisita, então deixei passar.

— Vou manter meus olhos abertos por uma. Ei, falando em manter meus olhos abertos por... uma... um, como está o Johnny-boy?

Lexi parece totalmente preocupada, e estive assim nas últimas duas semanas, então só posso supor que Johnny tenha algo a ver com isso. Lexi mal consegue ficar uma hora sem me enviar uma mensagem, e passamos oito horas consecutivas no outro dia sem nos falar. Eu sabia que algo estava acontecendo com ela.

Ela suspira, e os pelos em seus braços parecem estar sob um ataque estático. Suas bochechas estão até rosadas, e ela nunca cora. — Ele está bem, — diz ela, mantendo sua resposta simples e curta.

— Apenas bem? — Eu perguntei, girando em meu assento para encarar seu perfil revelador.

— Ok, estou mentindo. Ele é incrível, — ela jorra. — Dani, ele canta para mim. Fazemos longas caminhadas na praia e ficamos horas sentados ao telefone, apenas conversando. Tipo, não ficamos sem coisas para conversar um com o outro. Nunca tive isso com ninguém.

Caras de dezoito anos não são tipicamente as criaturas mais falantes do mundo, mas Johnny parece amigável e

otimista, que é exatamente o que Lexi precisa em sua vida. Alguém com uma personalidade borbulhante e brilhante como ela precisa de uma combinação semelhante e não o oposto. Ninguém quer se ouvir falar sem parar o dia todo. Ou, pelo menos, suponho que seja assim.

— Que lugar é este? — Eu pergunto quando entramos em um estacionamento irregular. É um grande espaço com alguns trailers brancos alinhados na extremidade oposta.

Lexi me ignora por um momento, continuando a dirigir em direção aos trailers. — Não se preocupe, — diz ela, olhando para mim por um segundo rápido. — Não há razão para se preocupar.

Ela me conhece muito bem porque não gosto de ver o que parecem ser trailers vazios que podem estar escondendo uma situação de merda do outro lado. — Eu não gosto da aparência disso.

Lexi estaciona o carro e salta para fora. Ainda estou contemplando o que está acontecendo e por que estamos aqui, mas ela sabia que eu não pularia facilmente, então abre minha porta. — Vamos lá; vamos lá. — Lexi se inclina e solta meu cinto de segurança, deixando a fivela de metal voar em direção à porta e escalar contra a porta revestida de plástico.

Estou bem. Está tudo bem. Estou aqui com Lexi. Não estou sozinha.

A mão de Lexi envolve meu pulso, e ela está me puxando entre dois dos trailers. Nós deslizamos entre os ganchos de reboque de metal e saímos pelo outro lado. Eu não esperava ver esse tipo de exibição.

— Isso é uma feira ou algo assim?

— Ou algo assim, — Lexi responde, tirando a mão do meu pulso. Ela puxa seu novo celular rosa do bolso de trás e digita uma mensagem.

Estou apenas olhando ao redor, tentando encontrar uma dica de porque estamos aqui, mas nada se destaca até que vejo um adesivo rasgado pendurado na lateral de um refrigerador. Uma guitarra pintada com um rasgo branco no meio. Dividindo a imagem da marca Oblivion. E é sábado.

Eu vou matar Lexi.

— O que estamos fazendo no set do videoclipe deles? — Eu murmuro sob a minha respiração.

— Eles nos querem aqui. Qual é o problema?

— Eu não quero estar aqui, — digo a ela categoricamente.

— Só vamos ficar um pouco. Então podemos ir. OK?

Decido não responder a ela, já que Johnny está correndo em nossa direção. Estou querendo saber se ela sabe que Layne me pediu para estar no videoclipe com ele e o dispensei. Ela provavelmente revogaria meu cartão de amiga se descobrisse ou descobrisse que tinha uma escolha.

— Ei Dani, — Johnny diz, sem fôlego, agarrando Lexi pela cintura e puxando-a para um beijo.

— Ei, — eu digo, olhando ao redor procurando Layne. Ao procurar, ouço um som de batida vindo do trailer à nossa frente e ando em direção à abertura. A porta está aberta, então espero não ver nada que não deveria ver.

— Sabe de uma coisa... você é um idiota. Ela vai morrer e você não pode me ajudar com nada. Vá para o inferno! —

Eu instantaneamente me arrependo de olhar para dentro do trailer. Layne está com um telefone pressionado contra sua orelha e sua testa encostada na janela, do lado oposto de onde estou. Ele aperta seu telefone preto e o joga no pequeno balcão ao lado dele. Eu deveria lhe dizer que estou aqui. É rude espionar, mas ele obviamente está passando por algo, e eu gostaria de não ter visto. Não é da minha conta.

Layne dá um soco na parede e a empurra. Ele passa os dedos pelos cabelos desgrehados e pega o telefone do balcão antes de enfiá-lo no bolso de trás do jeans preto apertado.

— Oi, — eu digo humildemente.

Layne tira o cabelo do rosto e se vira para a porta aberta. — Ah merda. Eu não sabia que você viria. Quanto tempo... ei!

Eu o peguei desprevenido e me sinto uma completa idiota. Não sei se devo fingir que não vi ou ouvi nada, ou se devo perguntar se ele está bem. A memória dele afirmando que está procurando um amigo dói no meu coração.

— Está tudo bem? — Eu pergunto, apesar da preocupação de invadir sua privacidade.

— Estou bem. Meu pai é um idiota. Nada demais.

— Meu pai é um idiota também. Acho que temos isso em comum, — digo a ele.

Os lábios de Layne se curvam em um canto, e ele pula os dois degraus de seu trailer para o chão onde estou. — O que te fez decidir vir?

— Lexi meio que me 'surpreendeu'.

— Oh, — ele diz, soando desanimado. — Quer que eu te leve para casa? Tenho certeza de que Lexi e Johnny estão... ocupados... em algum lugar.

— Se você não quer que ninguém assista a filmagem, pode me levar para casa. Caso contrário, acho que seria divertido assistir. — Não seria divertido participar.

— Claro, eu não me importo que você assista. Na verdade, adoraria se você ficasse. — Layne pega minha mão e me leva para outro trailer. — Você tem que ver o set. Está seriamente incrível.

— Uma montanha-russa, — eu suspiro.

— Foi minha inspiração, lembra?

— Eu me lembro, — digo a ele, sorrindo além do meu controle.

— Eu ainda gostaria que você fizesse a cena comigo. Como não pode, os caras acharam uma atriz local para fazer o papel, mas mesmo assim, foi ideia sua e seu medo... você sabe. — Meus pensamentos começam a borbulhar. Ele vai representar uma cena para um videoclipe com uma atriz porque sou muito covarde. Se eu pudesse superar meu medo, assumiria o papel, mas meu estômago dói só de olhar para a engenhoca da morte. — Você quer conhecer a garota que fará o papel de... bem, de você?

— Claro! — Eu digo a ele, tentando parecer animada. Não estou animada. Estou com raiva de mim mesma. Layne me guia de volta para um dos trailers e bate na porta do que ficava ao lado do dele.

— Stacia, sou eu, — Layne grita pela porta.

Stacia abre a porta, parecendo muito uma atriz. Ela tem longos cabelos ruivos em ondas soltas como o meu, mas é mais alta e sua maquiagem e roupas parecem perfeitas. Parece que acordei às três da manhã, depois às cinco e às seis, mas pelo menos minha roupa não é horrível.

— Ei, Layne, — diz ela, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha enquanto olha para os pés.

— Eu queria te apresentar a minha inspiração para o papel que você vai interpretar. Essa é a Dani. Dani, esta é Stacia.

— Oh, é tão bom conhecê-la, — diz ela, estendendo a mão para apertar. — Layne é muito doce. Estou tão animada para trabalhar com ele, e o set é simplesmente incrível, não é?

— Sim, é incrível, — digo a ela, soando derrotada.

— Bem, tenho que terminar de me arrumar, — diz ela, inclinando-se e puxando um pedaço de fita isolante da jaqueta de Layne. Ela ri. — Suponho que você não queria isso?

— Ah, — ele ri. — Eu não sabia que isso existia.

Eu também não. Que divertido.

— Você é fofo, — ela diz a ele, fechando a porta do trailer.

— Eu farei isso. Eu farei a cena com você. — Não sei com o que concordei, ou quando decidi pular no fundo do poço, mas essa garota... ela é linda e atriz.

Quanto a mim... tenho bagagem e não sou atriz, mas estaria mentindo para mim mesma se dissesse que não tenho sentimentos por Layne. Ele é o cara mais incrível que já conheci, e isso é algo.

— Você fará? — Layne pergunta, obviamente surpreso com a minha oferta. Não posso voltar atrás em minha palavra agora porque, pela expressão em seu rosto, eu o esmagaria se dissesse, não importa.

— Quero dizer, eu não quero que Stacia fique desempregada ou algo assim, mas ela fez parecer mais divertido do que eu achava que seria. — Eu pareço ridícula? Eu provavelmente parecia. Ele não está olhando para mim como se eu fosse ridícula.

— Há outras partes onde ela pode participar. Eu queria que você estivesse nisso comigo, — ele diz novamente.

— Estou apavorada, mas preciso superar isso, certo?

Layne dá um sorriso puro, um que brilha sob o sol e destaca as covinhas nos cantos dos lábios. O brilho ao redor ainda mostra algumas sardas em seu nariz. Ele é realmente outra coisa. — A melhor parte de ter medo de alguma coisa é quando você consegue afastar esse medo, Dani.

A maneira como ele olha para mim faz meu coração bater forte, e sinto a necessidade de colocar minha mão no meu peito para aliviar o movimento acelerado. — Certo, — eu respondo.

— Obrigado por isso. Eu cuidarei de você. Eu prometo.

— Obrigada por querer que eu faça parte disso com você. Vou tentar não enlouquecer. — Layne bufa uma risada silenciosa e lentamente envolve seu braço em volta de mim. — Vamos dar uma olhada mais de perto no set.

Não tenho certeza se verei muito mais quando Layne estiver tão perto de mim.

DEZESSEIS

DIAS ATUAIS

Eu não sabia que esses testes levariam tanto tempo. Layne tirou apenas algumas horas de folga do trabalho, mas é quase meio-dia e estamos de volta ao consultório do médico esperando para ouvir qual é o veredicto para participar deste tratamento estúpido.

O médico com quem nos encontramos primeiro é aquele que estamos esperando agora, sentados em duas cadeiras de couro na frente de seu escritório vazio. Pelo menos há uma janela com vista para o porto de Boston. O céu está claro e a água está mais azul do que o normal, com espuma branca deslizando ao longo das leves ondulações. O pensamento de que cor eu poderia usar para pintar a cena me permite me perder no momento, desejando estar com meu cavalete, livre de meus pensamentos e medos, e saudável. Tem sido difícil me perder no meu trabalho ultimamente. Não consigo limpar minha mente.

A porta do consultório se abre, e o médico entra e se senta à nossa frente. Sua cadeira range quando ele se inclina para trás e se aproxima de sua mesa. — Ok, então já

recebemos a maioria dos resultados dos testes de volta, — diz ele. Ouvir as palavras, resultados dos testes, não tem o mesmo efeito sobre mim agora como costumava, mas prefiro ficar entorpecida.

O médico parece ter dado a volta no quarteirão algumas vezes. Na verdade, estou surpreso que ele ainda não esteja aposentado. Ele tem mais certificações e diplomas em sua parede do que já vi em qualquer um dos meus médicos anteriores. A cor branca de seu cabelo e a tez bronzeada de sua pele me diz que ele tem uma vida paralela em um clima mais quente. Ele tira os óculos do bolso da camisa e os coloca sobre o nariz.

— Qual é o veredicto? — Layne pergunta. Ele é sempre mais impaciente do que eu quando se trata de consultas médicas. Eu nunca tenho pressa para ouvir o que eles precisam dizer, porque geralmente não é algo que eu queira ouvir.

— Então, Danielle, quando você foi diagnosticada com demência?

Antes de responder, examino a mesa do médico, já tendo esquecido o nome dele, mas a placa com o nome ajuda. *Dr. Mallard*. Isso mesmo, eu imediatamente olhe para sua boca procurando uma semelhança com o bico de um pato, mas ele tem lábios normais. Talvez seja por isso que esqueci o seu nome.

Ele está esperando uma resposta.

— Outubro passado, — digo a ele.

— Entendo, e quais foram os sintomas iniciais que a levaram ao seu atendimento primário?

— Eu tive uma enxaqueca que não passou depois de alguns dias e estava começando a me preocupar. Eu tinha enxaquecas de vez em quando, mas elas pareciam estar piorando antes de eu começar a medicação que estou tomando agora.

— Ok, bom, eu vejo isso aqui. Você tem uma longa lista de medicamentos, — ele aponta, passando o dedo pela lista. — Hummm.

— Suponho que alguns desses medicamentos foram aumentados ao longo do tempo, correto? — Ele pergunta.

— Sim, — eu confirmo.

— Você está trabalhando com um psiquiatra semanalmente neste momento?

— Sim, tenho um psiquiatra, um assistente social e um conselheiro familiar que vejo regularmente.

— Eles se comunicam entre si? — Dr. Mallard pergunta, rabiscando notas enquanto faz perguntas.

— Eu não tenho certeza, — eu digo, olhando para Layne, me perguntando se ele sabe a resposta. Ele é aquele que encontrou a ajuda em primeiro lugar.

— Não, eles não são afiliados. Eles têm permissão para falar um com o outro sobre Danielle, mas não acredito que tenha sido uma ocorrência comum, se é que aconteceu.

— Eu vejo. Bem, eu gostaria de me conectar com os três para reunir algumas informações adicionais. Estaria tudo bem para você?

— Claro, — concorda Layne.

— Danielle? — Dr. Mallard me pede para responder também.

— Sim, eu estou bem com isso.

— Ótimo, vou compilar minhas notas e esperar que os testes restantes cheguem, então entrarei em contato com você em breve para informar qual será o próximo passo. Parece bom?

— Sim, — eu respondo imediatamente, sem o desejo de pedir mais informações como suponho que Layne está prestes a fazer.

— Você acha que é provável que ela seja candidata a este tratamento? — Layne pergunta, como esperado.

Dr. Mallard pigarreja e tira os óculos, colocando-os gentilmente em cima de suas anotações. Ele então cruza as mãos e se inclina para frente. — Honestamente, Sr. Hensen, os resultados dos testes são inconclusivos e bastante interessantes. Parece-me que pode haver mais coisas acontecendo além de demência, e eu gostaria de ter uma visão mais clara disso antes de seguir em qualquer direção. Se alguma situação subjacente adicional inibir Danielle, os dados que obtivermos dela não serão relevantes para o tratamento. Isso faz sentido?

Posso estar entorpecida no momento, mas não Layne. Ele deixa cair a cabeça em suas mãos, então se inclina para trás em seu assento. A cor de sua pele fica carmesim sob suas mãos, e entendo a frustração que ele sente, mas neste momento, sinto como se estivesse vendo minha vida se

desenrolar em uma tela. Ficar chateada não fará nada para mudar o resultado, então por que se incomodar?

— Senhor Hensen, não quero que tire conclusões precipitadas ou pense o pior. O tratamento e o caso de Danielle são duas situações distintas.

— O desconhecido está me matando, Dr. Mallard. Estou vendo minha esposa perder a cabeça cada vez mais a cada dia e, no momento, parece que ela sumirá completamente dentro de um mês. Estou desesperado por ajuda e respostas, e farei qualquer coisa para conseguir isso. Por favor, imploro que nos deixe entrar neste tratamento, — implora Layne.

Sumirá em um mês. Ele não disse isso no passado.

Dr. Mallard corre as pontas de suas unhas bem cortadas levemente pelos lábios, parecendo estar pensando em uma resposta para Layne. — Eu entendo a frustração que você deve estar sentindo agora, — diz o Dr. Mallard. — Deixe-me esperar os últimos dois testes, e esta tarde tentarei entrar em contato com a rede de profissionais que estão trabalhando com você. Se tudo correr conforme o planejado, eu ligo para você de manhã e podemos combinar um horário para nos encontrarmos amanhã. Isso funciona para você?

Estou surpresa ao ouvir sua vontade de ajudar. Nenhum dos médicos ou especialistas que conheci no ano passado quis quebrar ou dobrar qualquer tipo de protocolo por mim. Eu não sei se é protocolo fazer um paciente esperar certo tempo antes de dar uma resposta, mas eu sempre espero e sento em alfinetes e agulhas por dias antes de ouvir qualquer coisa.

Layne se levanta de sua cadeira e estende a mão sobre a mesa do Dr. Mallard para apertar sua mão. — Senhor, Dr. Mallard, muito obrigado. Estou muito grato por sua ajuda, ou qualquer ajuda que possa nos dar. Obrigado.

Dr. Mallard aperta a mão de Layne. — De nada, filho. Entrarei em contato com vocês dois amanhã. — Dr. Mallard pega a pasta que provavelmente está cheia de meus registros médicos e bate na abertura em sua mesa para endireitar os papéis. Ele coloca os óculos de volta e gira a cadeira para a direita, concentrando sua atenção na tela do computador. Layne e eu nos levantamos das cadeiras e seguimos para o corredor. Percebo que não ofereci muita gratidão, mas o que há para dizer agora? Tudo o que posso pensar é em outra noite sem dormir à minha frente enquanto espero e me pergunto o que o amanhã trará.

Observo Layne enquanto atravessamos o saguão e saímos pela porta da frente, imaginando o que ele está pensando. Parte de mim acha que ele de alguma forma ganhou mais esperança na última hora e, se for esse o caso, não entendo como é capaz de pensar dessa maneira. Portanto, é melhor que eu não diga nada.

Estou um pouco surpresa quando Layne também não diz nada, nem mesmo durante nossa volta de carro para casa. Assim que entramos na casa, ele sobe as escadas, andando como se estivesse em transe.

Se eu desaparecesse amanhã, ele seria mais feliz?

Sim, ele seria mais feliz. Talvez não imediatamente, mas a longo prazo. Ele poderia voltar à sua vida normal e tudo o

que desistiu ao longo do caminho apenas para estar comigo - a pessoa que um dia arruinaria tudo o que ele amava na vida.

Eu mereço o inferno por forçá-lo a assumir meus problemas.

Eu não tive escolha.

Eu não deveria tê-lo deixado desistir de sua música.

Mas eu deixei.

Seguir Layne até o andar de cima parece ser a única opção. Ainda não tenho nada a dizer, mas mostrar que me importo é melhor do que agir como se não me importasse. Não há nenhuma boa maneira de fazê-lo perceber que sofro por ele enquanto ele está sofrendo por mim. Não faria sentido, já que ele sabe que não sinto mais nenhuma tristeza por mim mesma. Eu simplesmente não consigo lidar com os efeitos da minha vida enquanto isso destrói minha família.

Quando chego à porta do nosso quarto, fico surpresa ao vê-la fechada. Ele nunca fecha as portas de casa a menos que estejamos indo para a cama. Eu pressiono minha mão contra a porta, pronta para abri-la, mas então ouço um som horrível, um que só ouvi uma vez antes nos doze anos que estamos juntos.

Meu coração despenca nas profundezas do meu estômago vazio, e empurro a porta, olhando ao redor do quarto em busca da fonte do barulho. Não demora muito para vê-lo sentado entre seu lado da cama e nossa janela de sacada. Não tenho certeza se ele sabe que estou aqui porque

as palmas das mãos estão enfiada em seus olhos. Seus joelhos cobertos de jeans estão puxados até o peito, e tudo em que posso me concentrar são seus tênis pretos Adidas de bico redondo que ele se recusa a desistir ou jogar fora. São seus “tênis da sorte”, e ele os tem desde os dezessete anos. Ele teve que substituir as palmilhas dez vezes e as solas cinco vezes. As listras brancas de cada lado não estão muito brancas, mas sim cobertas de mensagens manuscritas de seus amigos, eu, Aly, sua mãe e irmã. Eu odeio pensar na razão pela qual ele achou que esses sortudos tênis o ajudariam hoje porque nada parece muito sortudo no momento. O que é pior, é que seu coração está claramente partido. Ele está chorando, e há lágrimas tão pesadas que estão escapando da pressão de suas mãos.

Eu me ajoelho e envolvo meus braços ao redor dele, pressionando minha bochecha contra seu braço. — Ainda estou aqui. Eu não estou morta.

Minhas palavras eram para ajudar, mas o gemido gutural em sua garganta explica claramente quanta dor acabei de causar. Ele tira as mãos do rosto e joga os braços em volta de mim, espremendo o ar dos meus pulmões. Houve um tempo em que eu não ficaria bem nesse tipo de abraço. Então, houve um tempo em que ele me ajudou a esquecer porque não podia ser tocada assim. Layne é a única pessoa neste mundo de quem precisei para ter força, coragem e pertencimento. Ele me deu algo que ninguém mais poderia dar, e se ele sente por mim um pingaço do que eu sinto por ele, entendo a dor que deve estar sentindo.

— Você não pode me deixar, Dani. De qualquer jeito, você não pode me deixar. Não posso imaginar como seria minha vida sem você, bem aqui, comigo. Eu não funcionaria. Eu não acho que poderia respirar sem você porque nunca amei tanto alguém em toda a minha vida além de você e Aly. Você é meu mundo, e isso não pode mudar. Não pode, Dani.

— Tudo vai ficar bem, — eu digo a ele. Eu minto para ele. Parece que estou mentindo para todo mundo ultimamente. Estou tentando acalmá-lo, mas ele sabe que não é verdade. — Eu sempre estarei aqui. — Isso é mentira também. Eu não sei o destino do que diabos há de errado comigo. Não sei como será o final para nós. — Você me disse, Layne, me disse para aguentar quando ficar com medo. Isso é tudo que você já me disse... 'só aguenta.' Eu estou aguentando, Layne, e agora você tem que aguentar também.

— Dani, baby, — ele resmunga. — É só que... tenho vivido minhas palavras estúpidas que tentei tanto acreditar ao longo da minha vida, mas aonde isso me trouxe? Minha mãe morreu de qualquer maneira, você ficou doente, e agora está piorando. Como posso acreditar em apenas aguentar? Por isso parei de tocar música. Foi por isso que parei de escrever música. Eu não posso acreditar nas minhas próprias malditas palavras. Estou mentindo para mim e para você há tanto tempo que nem sei mais a verdade.

Eu me sinto tão vazia agora.

Tenho sobrevivido em suas letras comoventes. Eu tenho me agarrado a elas por tanto tempo como se fossem minha

tábua de salvação. Achei que ele sabia quantas vezes suas palavras me salvaram, mas não tenho certeza se posso fazê-lo ver isso, e talvez eu seja a razão pela qual ele perdeu toda a fé em suas próprias palavras.

— Vou melhorar. Por você e para te mostrar que suas palavras são verdadeiras, — digo a ele.

É mentira.

Não é mentira. Quero melhorar. Eu quero escapar de tudo o que está acontecendo comigo.

Você não está melhorando.

Eu devo melhorar.

Você sabe que as coisas só vão piorar.

As coisas não podem piorar.

Mentir pode proteger alguém da dor.

Mentir é errado. Mentir causa dor.

Mentir não é tão ruim quanto você acha.

É muito pior.

Você deveria continuar mentindo.

Eu nem sei sobre o que estou mentindo?

Eu nem sei por que ouço duas vozes dentro da minha cabeça.

DEZESSETE

DOZE ANOS ATRÁS

TENHO 18 ANOS

Acho que não considerei como seria o processo de preparação para um videoclipe. Eu não achava que teria uma maquiadora trabalhando em mim, mas não estou odiando esse tipo de tratamento. Estou vendo o trabalho dela, sua magia com pequenos pincéis, encantada com o jeito artístico, no qual ela cria traços perfeitos para realçar minha estrutura facial. Eu raramente coloco muita maquiagem, mas ela está brincando com tons naturais. Meus olhos, no entanto, ela está colocando muito esforço nessa área. Já são azuis, mas com as opções de cores, ficam com um aspecto turquesa, com destaque para o delineador preto e os cílios postiços. Meu cabelo está em cachos soltos, do jeito que eu gosto, e amo esse visual. Eu pareço acordada e cheia de energia, e é o melhor que sinto sobre mim mesma desde que Aly nasceu.

— Você está pronta para se vestir agora, — Monica, a maquiadora, me diz. — Vou deixa-la ter seu espaço para que possa se trocar. — Ela aperta os olhos para o meu rosto,

inclinando a cabeça para o lado, então pega uma escova da vasilha na penteadeira. Depois de um movimento rápido do canto do lábio até a orelha, ela afasta a escova e me estuda por um momento. — Perfeito, — diz ela.

— Obrigada. Eu amo o que você fez.

— É tudo você, querida. Eu apenas destaquei suas feições. Você é natural.

Monica embrulha sua bolsa de utensílios cheia de pincéis e fecha suas caixas de paletas de cores. Simples assim, ela faz as malas e sai pela porta.

As roupas deixadas de lado são casuais, divertidas e usadas no dia-a-dia. Vou ficar confortável também. Até agora tudo bem. Embora, esteja ciente de qual será a pior parte deste dia. Estou tentando evitar o pensamento, no entanto.

Depois de alguns minutos me certificando de que tudo no meu corpo está onde deveria estar, eu me viro, olhando para todos os ângulos no espelho, e me sinto bem o suficiente para sair.

Eu não esperava que Layne estivesse esperando por mim do lado de fora, mas ele está a poucos metros da porta do trailer, encostado em uma cerca de metal. Seu joelho está puxado para cima para apoiar sua guitarra, e ele está focado em afinar as cordas. Ele também mudou de roupa. A diferença é pequena, mas ele tem um rasgo no joelho de seu jeans preto, e está usando uma camiseta preta simples e justa, que define mais dele do que eu sabia que estava lá. Seu cabelo parece um pouco despenteado de uma maneira perfeita, e ele está irresistível.

Enquanto me aproximo dele, lanço uma sombra sobre onde ele está, puxando seu foco para mim. — Uau, — diz ele. Layne coloca sua guitarra no chão, encostando-a na cerca. Ele coloca a mão em volta do queixo enquanto inspeciona meu novo visual. — Estou meio sem palavras, desculpe.

Ele está deixando meu rosto quente, e não sei se ele está apenas tentando aliviar meu desconforto, mas nunca me senti assim. É como se eu fosse mais do que apenas uma garota típica que as pessoas passam sem olhar duas vezes.

Layne ainda parece um pouco sem palavras, mas sua mão saiu no peito. — Dani, obrigado novamente por concordar em fazer isso.

— Sim, vai ser... uh... vai ser divertido, — eu digo, rindo nervosamente.

Ele caminha em minha direção, parando a menos de um pé de distância. — Posso te dizer uma coisa? — Ele pergunta baixinho.

Meu coração está batendo em resposta, sem saber o que esperar. — Claro. — Parece que tenho algo preso na garganta.

— Estou seriamente atraído por você. Cada parte sua, e queria que você fizesse esse videoclipe comigo por razões egoístas.

Oh meu. Eu preciso me abanar, para que minha maquiagem não derreta, especialmente enquanto estou sob o sol. — Estou... ah... lisonjeada, — digo a ele, mal capaz de formar minhas palavras em algo compreensível.

— Esta última semana, não queria nada mais do que passar mais tempo com você. Não quero ser insistente, porém, você sabe. Entendo que tenha uma vida própria e ocupada, mas tenho essa vontade de estar perto de você.

Eu não consigo respirar. Minha garganta está apertada e meu estômago está vazio. Como esse cara que tem garotas gritando seu nome em um show pode querer passar seu tempo comigo? — Por quê? — Não é a melhor pergunta a fazer a alguém quando diz que está atraído por você, mas... por que eu? Eu preciso saber.

— Você é real, Dani. Você me lembra das partes não filtradas da vida que estou tentando manter na mistura desse sonho selvagem.

Eu gosto dessa resposta. — Então, eu sou como uma âncora?

— Sim, você é uma âncora para o que é real. Preciso de uma âncora na minha vida, Dani. Seriamente.

— Eu não me importo de ser uma âncora, — eu digo, olhando para os meus Chucks preto e branco.

Layne envolve um braço em volta do meu pescoço e me puxa em seu peito. Meu corpo enrijece no início, sentindo-se contido e preso sem aviso prévio. Meu coração dispara e meu corpo aquece a um nível de desconforto, mas fecho os olhos, respiro e digo a mim mesma que tudo vai ficar bem. — Obrigado novamente, — diz ele. Sua voz me traz de volta ao momento, o momento em que não estraguei tudo surtando com um toque. *Eu deveria estar lhe agradecendo também.* Com mais algumas respirações profundas, meu

corpo relaxa e esqueço a sensação de medo. — Eles estão prontos para nós. Você está pronta?

Eu só posso acenar com a cabeça porque não tenho certeza se minha voz soaria bem se tentasse falar. Layne pega minha mão e entrelaça seus dedos com os meus. É uma sensação agradável, reconfortante. Meus pés parecem estar flutuando no ar enquanto seguimos para o set. Eu me recuso a olhar para a montanha-russa e ceder aos meus medos. Só preciso me concentrar em Layne, sua mão, seu calor, as palavras que ele acabou de oferecer.

Estamos subindo a rampa de metal gradeada em direção à abertura do brinquedo. É uma montanha-russa de parque legítima com todos os sinos e apitos.

Os minutos estão se confundindo com direções e filas que precisamos seguir, e antes que eu saiba o que está acontecendo, estamos sentados juntos em um carrinho. Uma barra é puxada para baixo a nossa frente. Não há como voltar atrás agora.

Eu noto uma torre alta com todos os equipamentos de vídeo, imaginando que eles estarão perto o suficiente para tirar as fotos de que precisam enquanto nos movemos.

— Você está bem? — Layne pergunta.

— Estou nervosa, — digo a ele, honestamente.

— Só não olhe para baixo, ok?

— Ok, — eu sussurro.

— Vou cantar para você, mas pode soar um pouco engraçado, já que vamos nos mover. Eles refarão minha voz mais tarde com uma versão de áudio melhor. — O diretor já

nos disse isso quando estávamos sentados, mas Layne deve ter percebido que eu não estava absorvendo todas as informações de uma vez.

— Ok, — eu digo a ele.

— Vou tentar ao máximo, então faremos isso de uma só vez, e só teremos que fazer o passeio uma vez.

Não considerarei a ideia de fazer isso várias vezes, mas não quero pensar nisso agora. — E se eu parecer louca quando estivermos descendo?

— Você não vai, — ele me diz.

— Preparados? — Eu ouço. Há um cara sentado na torre do guindaste com um assento móvel e uma câmera de vídeo.

— Preparada? — Layne me pergunta uma segunda vez.

— Tão preparada como nunca estarei, — digo, ouvindo minha voz estalar.

Layne dá a todos abaixo o polegar para cima, e ouço o motor funcionando abaixo de nós. Meu peito dói de medo e quero gritar antes de começarmos a nos mover, mas não posso fazer isso.

A música explode de um par de alto-falantes que eu não tinha notado. É tão alta e está nos cercando como se estivéssemos em um estádio. As notas silenciam os motores do brinquedo, o que é uma boa distração até começarmos a nos mover.

Layne murmura letras baixinho enquanto olha para mim com um sorriso gentil. Seu rosto se ilumina de felicidade, iluminando a paixão por sua música – sua vida. Observá-lo neste momento é uma ligeira distração, mas

minha mente está correndo ao mesmo tempo, pensando na distância entre eu e o asfalto.

Layne passa a mão por baixo da minha e aperta. Talvez ele possa ver a angústia escrita no meu rosto, o que provavelmente não é bom para a câmera. Ele poderia simplesmente supor como estou me sentindo. Nesse caso, ele está correto.

No entanto, quando as palavras saem de sua garganta, uma sensação de calma toma conta de mim. Sua voz é calmante, fascinante, até um pouco entorpecente. Está me ajudando a esquecer da inclinação em que estamos viajando, e quero ouvir mais.

Layne fecha os olhos quando chegamos ao topo. É como se ele estivesse tentando encontrar sua próxima palavra para cantar, mas logo percebo que ele sabe exatamente o que vem a seguir. — Dani, — ele sussurra antes de continuar a música:

*Um fragmento em mares de escombros
Cada um deles com dor e cicatrizes
Eles procuram fugir da dolorosa realidade
Antes de cair entre as estrelas despedaçadas
Caindo entre estrelas despedaçadas*

*Fechando os olhos com esperança
E me alcançando com desejo
Nós caímos um no outro*

Por razões mais brilhantes

Ela olha com alívio

Sorrindo com olhos de adoração

Eu tiro todas aquelas cicatrizes

Ela agora é muito mais...

Do que estrelas despedaçadas

Eu a sinto chegando, a queda. Sinto dentro de suas letras e, no caminho, suas palavras enchem minha alma. Ele está cantando para mim. Ele está cantando sobre mim. Ele está olhando para mim, sorrindo – sorrindo antes de cairmos.

Um fragmento em mares de escombros

Cada um deles com dor e cicatrizes

Eles procuram fugir da dolorosa realidade

Antes de cair entre as estrelas despedaçadas

A música para, e estamos no meio de subir e descer. Minha respiração fica curta e o pânico percorre meus nervos. Parte de mim quer chorar; a outra parte quer gritar. Estou na câmera, então também não posso. *Não olhe para baixo*, digo a mim mesma, repetindo as palavras de Layne. Os segundos que estamos no topo parecem minutos, mas sei que estamos prestes a nos mover. A mão de Layne envolve minha bochecha, então olho para ele ao invés de tudo ao nosso redor. — Preparada? — Ele me pergunta.

Não tenho tempo para objetar ou concordar. O carrinho avança e antes que eu possa pensar em outra coisa, estamos caindo.

Estamos caindo.

Eu quero gritar, mas seus lábios se chocam contra os meus, enchendo meus pulmões com o ar que não consegui encontrar. O carrinho nos joga ao redor, para cima e para baixo, e através de loops, tudo enquanto suas mãos travam em volta do meu rosto, embalando meu mundo dos medos que estou enfrentando. Meu estômago parece estar caindo milhares de metros em direção às profundezas do núcleo do mundo, mas está flutuando e se enche de calor. Os lábios de Layne são a sensação mais incrível que senti contra os meus, e meu coração está explodindo de excitação e encantamento. Meu corpo está em queda livre, voando com o dele, envolto em seu aperto, e agora... estamos deslizando. Estamos no fundo. Conseguimos, e a adrenalina é avassaladora. Faíscas acesas estão queimando por todo o meu corpo, me confundindo o suficiente para pensar que ainda estamos caindo.

Layne se afasta, sorrindo, e roça o polegar na minha bochecha. — Incrível, — diz ele, em seguida, continua cantando.

Meus lábios se curvam em um sorriso por conta própria. Meu corpo está à vontade, e minha mente está nas nuvens.

Pegue minha mão, segure firme

Juntos, vamos subir ao topo
Podemos ser libertados esta noite
Longe de temer a queda épica

Estou sem palavras, sem fôlego, cheia, mas vazia, desejando mais, precisando de Layne por mais tempo. Eu fiz isso através do meu medo, mascarando-o com desejo.

— Eu quero ir de novo, — digo a ele.

DEZOITO

DIAS ATUAIS

Layne e eu sentamos no sofá, vendo reprises na TV durante o dia enquanto esperávamos que um de nossos telefones tocasse. A quantidade de pensamentos que passaram pela minha cabeça desde ontem fez minha cabeça girar. Foi tentador começar minhas buscas online novamente, procurando respostas que posso ou não conseguir hoje, mas estou tão confusa com o que o Dr. Mallard disse ontem que nem saberia por onde começar minha busca.

Estive mexendo em nossa almofada amarelo brilhante nas últimas duas horas, e vejo que agora há alguns fiapos no tecido. Eu não sabia que estava puxando com tanta força até que meu telefone tocou um minuto atrás.

Layne se levantou e atendeu a ligação na cozinha como se fosse particular e não tivesse nada a ver comigo ou com o resultado da minha doença. É melhor assim, no entanto. Não tenho certeza se quero ouvir um lado de uma conversa e especular informações imprecisas.

Meus joelhos estão saltando, e estou tentando alisar os fios soltos na almofada quando Layne retorna, olhando para seu telefone por um longo segundo.

— Nós conseguimos? — Eu pergunto.

— Dr. Mallard quer marca-la para uma avaliação neurológica. Ele acha que pode conseguir esta semana, o que é inédito, eu acho. Ele vai nos avisar quando pudermos voltar.

— O que? Por que preciso de outra avaliação neurológica? — Fiz pelo menos duas só este ano. Ambas feitas por razões diferentes, mas ainda assim, quanta informação a mais eles podem tirar do meu cérebro só para ajudar a descobrir o que diabos há de errado comigo?

— A que você fez alguns meses atrás tinha seções inconclusivas, e ele acha que pode haver mais informações subjacentes a essas partes do teste.

— E daí? Se conseguirem respostas correspondentes hoje, eles me aprovarão para o tratamento?

Layne sabia que eu não queria falar com o Dr. Mallard quando ele ligasse, então ele pegou meu telefone da mesa de centro quando tocou. Nós dois sabemos que não faço perguntas suficientes e nunca tenho as respostas que Layne quer depois de um compromisso ou telefonema. Portanto, dei permissão a todos os médicos para discutir meus resultados com Layne.

— Não exatamente, — diz Layne, pegando minha mão e me puxando para fora do sofá. — Ele não tem certeza de que seu diagnóstico está correto.

— O que isso significa? — Poderia significar qualquer coisa, pior ou melhor, assim como assumi desde

ontem. Minha mente parece estar se inclinando na categoria de pior.

— Dr. Mallard não sabia dizer. — Dr. Mallard não quer nos dar falsas esperanças. — Ele disse que muitos de seus sintomas estão apontando para direções adicionais que precisam de mais exames.

— Ótimo, — eu exclamo. — Exatamente o que eu queria.

Layne não pode ter nada promissor para dizer em resposta a nada disso, e é por isso que está envolvendo seus braços a minha volta, me enrolando em seu peito.

— Está tudo...

— Nada está bem, Layne. Não está.

— Eu sei, Baby. Eu sei. — Esta é a primeira vez que ele não discorda da minha negatividade. Esta é a primeira vez que acho que ele está considerando o resultado ruim que eu esperava.

— Nós deveríamos ter o nosso para sempre, e isso não é justo.

— Isso não é justo, — diz ele.

— É culpa dele, Layne. A culpa é toda dele...

Eu nunca disse isso. Eu me recusava a dizer isso. Era lhe dar o que ele quer.

Ele vai conseguir... de uma forma ou de outra.

Eu não posso dar a ele.

Ele vai tomar. Assim como tomou o resto de você.

Não, não, não.

— Quem? — Layne pergunta com hesitação.

— Bale Herman, — eu pronuncio através de uma voz rouca. É a primeira vez que falo o nome dele em voz alta.

— Dani, — Layne respira, mal forçando o som nas consoantes do meu nome.

— Ê, — eu digo a ele.

— Ele não pode te machucar de novo. — Isso é o que Layne me diz para aliviar minha dor pelo que Bale Herman fez.

— Sim, ele pode, — eu admito.

— Ele está na prisão, — Layne me lembra de minhas próprias palavras de anos atrás.

— Ele não está mais na prisão, Layne.

Pelos movimentos bruscos de Layne, ele está furioso. Ele solta os braços ao redor do meu corpo e corre em direção à porta da frente. Mechas de seu cabelo caem em seus olhos enquanto sua cabeça gira como se estivesse procurando algo para agarrar ou segurar. — Do que você está falando, Dani?

A culpa por manter essa informação para mim durante o ano passado está me atingindo de uma vez, e posso explodir em lágrimas se não conseguir recuperar o controle de minhas emoções. Eu engulo a dor crescente na minha garganta e fecho meus olhos para continuar explicando. — Ele apareceu na nossa porta no ano passado, querendo se desculpar. Eu não sabia quem ele era no começo, mas quanto mais ficava na minha frente, as memórias se infiltraram, e foi quando me lembrei da verruga acima de seu lábio superior. Eu disse a ele para sair de nossa propriedade, e se ele voltasse, a polícia estaria esperando por ele.

Layne está andando de um lado para o outro, puxando as raízes do cabelo. — Nossa filha mora aqui, Dani, — ele grita. — Ele sabe sobre ela?

— Não, eu não disse a ele, — eu grito. — Eu estava com medo que você...

— Dani, que merda! Há um estuprador à solta, e você não pensou em me dizer? Como diabos devo te proteger e a Aly?

— Tudo o que você fez foi me proteger, a nós, Layne. Eu não queria sobrecarrega-lo mais do que tenho feito.

— Sobrecarregar? — Ele rosna. — Vocês duas são minha vida, Dani. Você não é um fardo. Você é minha vida, e eu faria qualquer coisa para protegê-las. Tudo. Você não entende isso? Eu te daria tudo em todo o maldito mundo se isso significasse que estaria segura. Eu te amo tanto que adormeço com lágrimas nos meus malditos olhos todas as noites achando que falhei com você como marido porque não consegui protegê-la desta doença. No entanto, há um ano, há um estuprador andando por aí que sabe onde você mora — onde moramos, com nossa filha adolescente.

— Layne, eu me lembro da dor agora. As sensações penetrantes que sofri antes de ficar inconsciente na noite em que ele me estuprou. Lembro-me da expressão em seu rosto quando ele roubou minha inocência. Eu só conseguia me concentrar em sua verruga naquele momento. Estava escuro o suficiente para que eu desejasse que existisse um buraco negro onde pudesse enlouquecer e libertar meus

pensamentos. Olhei para ele até que ficou embaçado, até que perdi meus sentidos... até que fiquei dormente.

A cidade inteira sabia o que havia acontecido. Havia grupos de oração fora do hospital, cantando e orando para que eu melhorasse. A cidade inteira sabia como eu tinha sido estuprada e espancada. A cidade inteira descobriu que um monstro me engravidou. Então, nem todos concordaram que eu mantivesse Aly. Alguns acreditavam que ela poderia carregar o gene de um monstro, assim como os pensamentos que uma vez vagaram pela minha mente frágil. Havia tanta controvérsia sobre minha vida e as decisões que tomei.

Depois de tudo isso, o próprio monstro veio um dia anunciar sua saída silenciosa da prisão. Não demorou muito para reacender os medos passados que eu estava tentando escapar.

— Eu quero matá-lo, Dani. Eu o quero morto, — Layne ferve.

— Foi por isso que eu não te contei, — eu explico, tentando manter a calma.

— Nós contamos tudo um ao outro, — ele murmura. — Tudo. Sempre contamos. Certo?

— Eu sei.

— Temos que fazer alguma coisa, — ele rosna.

— Não, — eu argumento. — Faz um ano. Ele não voltou. Por favor. Eu não quero fazer nada.

Minhas palavras não significaram muito para Layne, pois ele passou a tarde no telefone com várias empresas de segurança, pesquisando qual delas poderia nos oferecer um

sistema de alarme com mais recursos para instalar em nossa casa.

Passei anos debatendo como ignorar as opiniões do público sobre minha vida, e passei esses mesmos anos aprendendo a andar por aí sem ter medo de ser tocada ou de multidões. Levei todo esse tempo para me sentir um pouco normal novamente, e agora tenho essa doença destruindo o que resta da minha mente. Eu me sinto como uma prisioneira, e não há como escapar de nada disso.

Enquanto Layne está completando o pedido com a empresa de segurança que escolheu, eu me fecho no meu estúdio, pegando tintas de várias prateleiras, preparando-me para massacrar outra tela com os demônios ameaçando sair da ponta dos meus dedos.

Vasculho minha pilha de telas, em busca de um tipo específico. Devo ter pelo menos uma centena classificada em uma dúzia de caixas. Não gosto de expor minhas obras de arte porque não acho que a maioria das pessoas veria minhas pinturas do jeito que eu vejo. Layne nunca fez muitas perguntas, mas ele também é um artista, então a obscuridade não o confunde. Aly acha que sou louca, mas todas as filhas acham que suas mães são loucas em algum momento, então isso não me incomoda muito.

Uma das telas pelas quais passo me chama, então a puxo e coloco no chão, olhando através do buraco negro que pintei no espaço branco. Procuro ao redor do estúdio por um momento, localizo minha lata de pincéis finos e pego um. Viro o pincel para cima e arrasto a ponta pontiaguda pelo buraco

negro, revelando uma variedade de cores sob a opacidade. Todos os buracos negros são feitos de uma mistura de belas cores. Como a minha vida... todo o bem cobre o mal.

— Dani? — As mãos de Layne caem suavemente em meus ombros, e eu me levanto de um salto.

— Pare!

— Dani, sou eu.

— Eu sei, — digo a ele.

— Você estava balançando para frente e para trás quando passei, e eu... — Eu pensei que tinha fechado a porta.

— Estou bem.

— O que é isso? — Ele está perguntando sobre a pintura obscura.

Eu me inclino para frente e tiro manchas de tinta preta. —Minha representação visual da sua música, Shattered Stars.

Tenho várias telas com cores enterradas atrás dos buracos negros. Tem sido uma terapia para mim quando sinto que estou sufocando.

— É lindo, — diz ele, sem rodeios. Se as circunstâncias fossem diferentes, ele poderia ter respondido mais positivamente, mas quando Layne se fixa em algo, isso consome seu foco. Ele está assumindo o pior. Minha razão para esconder informações dele é mantê-lo sensato. Eu já aceitei essa vida de viver entre monstros, mas para aqueles que não tiveram que enfrentar o horror, devem ser capazes de

manter essa inocência. No momento em que o homem apareceu na nossa porta da frente, minha vida estava boa e minha saúde estava normal. Eu senti que era melhor manter o mal onde ele pertencia. Talvez estivesse errada, mas não queria que Bale Herman tivesse mais efeito na minha vida ou na vida da minha família, e a melhor maneira de fazer isso era esquecê-lo.

— Por que você escondeu isso de mim? Esta é a parte que não consigo entender, Dani. Não entendo.

— Se eu dissesse seu nome ou mencionasse sua existência, ele se tornaria real. Mais real do que já era. Teria nos mudado.

— E se ele tivesse vindo atrás de você? Eu não saberia de nada, — argumenta Layne.

Esse pensamento também passou pela minha cabeça.

— Eu não sei.

— Como ele era?

UM ANO ATRÁS - EU TINHA 28 ANOS

Eu era artista freelance há alguns anos naquela época, o que significava trabalhar apenas em casa, exceto por alguns dias no verão, quando ia à praia em busca de inspiração. Às vezes, trabalhar em casa era um desafio, encontrar uma rotina e cumpri-la com pouca auto-estrutura, mas fiquei melhor em fazer a mesma coisa no mesmo horário todos os dias para garantir que fizesse o que precisava ser feito. Não importa o

que acontecesse, tomava banho, me vestia, secava meu cabelo e colocava uma camada de rímel. Eu lavava um monte de pratos e um monte de roupa suja, tirava o pó do andar de baixo ou de cima, então me retirava para o meu estúdio até que Aly voltasse da escola.

Minha terça-feira em meados de setembro passado seguia normalmente até que a campainha tocou enquanto eu estava no meio de jogar uma carga limpa de roupa lavada na secadora. Imaginei que fosse uma entrega ou alguém tentando discutir seus valores religiosos, mas não poderia estar mais errada.

Um homem alto, coberto de músculos e tatuagens, uma barba preta desgrenhada, sobrancelhas espessas e marcas de queimadura ao longo da bochecha direita, estava na minha frente, na minha porta. Ele não se parecia com alguém que teria uma razão para estar na minha porta. Estava grata por ter trancado a porta de grade. — Posso ajudar? — Eu estava com a mão na porta da frente, pronta para fechá-la em um segundo.

O homem me encarou por mais um longo segundo, e notei alguma emoção nadando em seus olhos castanhos escuros. — Estou procurando Danielle, — ele disse, sua voz soava rouca e enferrujada como se ele tivesse passado anos gritando.

— Por quê? — Eu perguntei.

— Devo-lhe um pedido de desculpas.

Essas palavras foram o suficiente para fazer meu estômago convulsionar e contrair. Minha mente congelou, e esqueci como respirar.

Eu o encarei.

Meu foco deslocou-se para o lábio superior dele, notando os pelos faciais pretos acinzentados, e então vi a sombra escura de um sinal, camuflado. Uma dor percorreu minha cabeça - uma dor fantasma que me lembrou de onde estive.

Eu precisava de força.

— Você deve um pedido de desculpas a Danielle? — Eu repeti.

— Sim, senhora. — Quem imaginaria que ensinam boas maneiras na prisão?

— Senhora, — eu digo, rindo. Eu disse a mim mesma para não irritá-lo de forma alguma. — Você deveria se matar. Eu tentaria isso antes de um pedido de desculpas. Isso te levaria mais longe. Se isso não acontecer, encontre outra maneira de ganhar a paz, mas nunca mais volte a pisar na minha propriedade. — Bati a porta na cara dele e caí no chão, desmoronando em uma bola, tremendo e convulsionando.

Eu disse a mim mesma para não chorar. Eu disse a mim mesma para não lhe dar outra lágrima.

Demorou uns bons trinta segundos antes que eu pudesse me levantar e correr para cada porta da casa, certificando-me de que todas as fechaduras estavam trancadas. Então, verifiquei todas as janelas. Eu estava trancada, mas não me sentia segura.

Sem pensar, liguei para a polícia para denunciar um estuprador à solta, mas quando fui dizer o nome dele, disse que havia cometido um erro.

Eu não podia dizer o nome dele.

Fui notificada por carta de que ele havia sido solto depois que achei que sua sentença fosse de prisão perpétua. Tentei esquecer. Rasguei a carta e enterrei o conteúdo no lixo, desejando que o papel tivesse se perdido no correio.

Flashes de memórias do dia surgiram na minha cabeça. Ser puxada para longe da feira de rua deslizou pela minha mente frágil, causando dores no peito, um aperto na garganta e dormência atrás dos joelhos. Deviam matar homens como ele.

Peguei meu telefone, olhando para ele, debatendo para quem ligar, mas as supostas repercussões entraram em minha mente uma a uma, e pensei em como essa notícia seria destrutiva para minha família.

Eu sabia que Layne iria querer ir atrás dele. Mamãe iria querer me trancar dentro de casa pelo resto da minha vida. Lexi se juntaria a Layne, e Aly, ela teria que viver com medo, do jeito que vivi por muito tempo.

Achei que talvez não fosse ele, o homem que me corrompeu aos dezesseis anos. Eu queria acreditar que não era ele.

Achei que talvez o tivesse convencido a acabar com sua vida, e não haveria mais motivos para me preocupar.

Qualquer que fosse o caso, eu tinha que esquecer. Tinha que deixá-lo ir novamente.

DIAS ATUAIS - 29 ANOS

— Eu não espero que você entenda, — digo a Layne. — Não estava escondendo nada de você de propósito. Eu estava tentando proteger nossa família.

Layne se agacha atrás de mim e coloca as mãos nos meus ombros antes de me puxar contra seu peito. Ele inala pelo nariz, depois exala lentamente pelos lábios. — Passei metade da minha vida tentando cuidar de você, não querendo nada em troca, e não deveria ter assumido que você queria nada menos para mim. Eu sei que você quer me proteger também, Dani, e isso a torna incrível.

Ele enterra a testa no meu pescoço, e a proximidade me faz ansiar por uma conexão que sinto como se tivéssemos perdido de vista no ano passado. Entre o diagnóstico e os pesadelos, houve pouco espaço para qualquer outra coisa em nossas vidas. — Eu sinto sua falta, — eu digo a ele.

— Estou bem aqui, — ele pronuncia.

— Não, Layne, eu *sinto* sua falta. — Eu me viro, colocando meu rosto paralelo ao dele. — Mais do que tudo, sinto sua falta.

Ele entende o significado mais profundo da minha declaração e coloca as mãos em concha ao redor do meu rosto, puxando meus lábios aos dele. A vida veio e se foi, as dificuldades nos moldaram e a idade nos levou para um passeio, mas uma coisa que nunca mudou é a maneira como ele me beija. Ainda é como se eu fosse a única no mundo que o entende, que o vê, que vive de suas palavras, mesmo que ele não acredite mais nelas.

Eu pressiono minhas mãos em seus ombros, empurrando-o para baixo para a lona que cobre o piso de madeira. Ele obedece, relaxando sob meu toque. Suas mãos nunca saindo do meu rosto, e seus olhos não vacilam nos meus. — Tem certeza que está tudo bem? — Ele me pergunta.

— Layne, estou bem quando estou com você. Por favor, eu preciso de nós assim.

Minhas palavras parecem ser tudo o que Layne precisa para acender seu desejo correspondente. Com movimentos perfeitos, estou embalada em seus braços, observando os fios soltos de seu cabelo cair em seus olhos enquanto ele faz amor comigo. A beleza de estar com o mesmo homem por doze anos é nunca ter que explicar o que me motiva. Layne conhece cada movimento que desejo, cada toque que imploro silenciosamente. Ele conhece meu corpo melhor do que eu.

Arrasto meus dedos pelas ondulações de seu peito, sentindo as pequenas cicatrizes de suas tatuagens e a barba por fazer. É familiar, todas as sensações que não consigo imaginar esquecer. Como eu poderia?

Minhas unhas pegam em sua pele quando a pressão aumenta entre nós. Sua respiração ruge de sua garganta, e abro meus olhos, esperando vê-lo entre nossos corpos se desenrolando um contra o outro. Por um momento, ele se esquece de nossas vidas, nossos problemas e o futuro. Por enquanto, somos apenas nós. Ele e eu. É perfeito como sempre foi.

Quando o calor diminui e recuperamos o fôlego, sua cabeça cai no meu peito e nossa pele se derrete em uma unidade sólida de calor. — Eu te amo, Dani. Você é minha garota, meu mundo.

— Eu te amo. Eu sempre vou te amar, mesmo que não possa te dizer em palavras.

Sua mão cai nas minhas costas, e seus dedos se abrem, me segurando do jeito que eu amo.

— Você não tem que me dizer. Eu simplesmente sei.

DEZENOVE

DOZE ANOS ATRÁS

TENHO 18 ANOS

Não estou mais em movimento, mas meu corpo parece que ainda está voando para cima e para baixo, girando e movendo. Eu não sei se Layne planejava me beijar ou se simplesmente aconteceu, mas nunca vou esquecer aqueles poucos minutos.

— Eu vi o que acho que vi? — Lexi pergunta, me puxando para longe da rampa de metal do brinquedo.

Eu sobrevivi a um passeio de montanha-russa e experimentei o melhor primeiro beijo de todos os tempos, então se Lexi viu algo disso, sua pergunta é compreensível.

Eu teria vergonha de dizer a ele que nunca fui beijada antes, especialmente porque tenho uma filha, mas nunca experimentei nenhum tipo de beijo antes de hoje. Mesmo se tivesse, duvido que possam comparar.

— Eu não sei, — respondo, tentando recuperar minha respiração irregular. — Isso depende do que você viu...

— Hum, de verdade? — Ela pergunta. Lexi bate as mãos nos meus ombros e me encara diretamente nos olhos. — Esse foi o beijo mais incrível que já vi alguém dar em outra pessoa. Era como se a gravidade não tivesse nada contra sua força perpétua, Dani. Eu pude sentir aquele beijo daqui, e isso é tão estranho quanto parece.

Tudo o que posso fazer é estender a mão e tocar meus dedos nos lábios. — Foi outra coisa, — digo a ela. Estou olhando através de Lexi, incapaz de formar um pensamento fluido. Meu coração ainda está batendo forte, e cada pensamento na minha cabeça está voando em direções erráticas.

— Eu me apaixonaria por qualquer homem que me beijasse assim, — acrescenta ela.

Apixonada? Não somos nem um casal ou namorados. Eu acho que não. Talvez estejamos namorando, mas Aly estava conosco. Isso não pode contar como um encontro.

Eu quero sair com ele.

Eu quero olhar nos olhos dele por uma noite inteira e pedir para ele cantar todas as suas músicas. Isso pode ser estranho, mas está consumindo meus pensamentos. Nunca mais poderei ouvir essa música sem sentir seus lábios nos meus.

Layne está correndo em nossa direção agora, provavelmente se perguntando o que está passando pela minha cabeça no momento. — Ei, eu posso roubar Dani por um momento? — Layne pergunta a Lexi.

— Você pode ter todos os momentos que quiser, — diz ela, soando sem fôlego como se fosse a pessoa que recebeu aquele beijo.

— Obrigado, — Layne diz com uma risadinha e uma sobrancelha levantada na direção de Lexi. Layne pega meu braço com cautela, como tem feito cuidadosamente desde a primeira noite em que nos conhecemos, e quase tive um ataque cardíaco depois que ele me tocou. Ele sabe que não deve me surpreender, mas o beijo foi uma surpresa. Eu não pulei ou reagi, mas um beijo é diferente. Não fui beijada enquanto estava sob ataque. Mas Layne não sabe disso.

— Oi, — diz ele, me puxando para fora da minha enxurrada de pensamentos fervilhantes.

— Oi, — eu respondo. Parece que corri uma maratona.

— Hum, eu não planejei aquilo. Não quero que você ache que planejei tudo isso para...

— Você não fez. Concordei em fazer o videoclipe hoje, lembra? — Ele teria beijado aquela outra garota?

— Eu sei. Não estava no roteiro beijá-la, ou qualquer uma, durante o videoclipe. — Bom, então posso riscar esse pensamento da minha lista pelo menos.

— Oh, — eu respondo, sem saber o que dizer.

— Não sei o que deu em mim, mas era tudo que eu podia pensar em fazer no momento. Eu não queria que você sentisse medo de cair então...

— Você me beijou, — eu digo, terminando sua frase.

— Sim, mas devo me desculpar? — Ele pergunta, soando como se estivesse errando do lado da cautela.

— Por favor, não se desculpe, — digo a ele.

— Bom... porque não sinto muito. — Os braços de Layne envolvem meu pescoço enquanto seus dedos penteiam as ondas do meu cabelo. Sua cabeça se inclina para o lado, e ele pressiona o nariz ao lado do meu. Nenhum de nós fecha os olhos, nenhum de nós pisca. — Eu preciso sentir isso de novo.

— Eu também, — eu sussurro.

O espaço entre nossos lábios desaparece e, embora o beijo seja mais íntimo e privado, os sentimentos que percorrem meu corpo são os mesmos, dando-me a falsa impressão de que estou caindo contra belas letras que estão chovendo do céu. Seus lábios são cheios, mas não esmagadores. Ele é gentil, mas controlado. Sua respiração é fria com um toque de menta, e quero inalar o cheiro. Eu me pergunto se ele pode sentir meu coração batendo contra o meu peito. Eu quero que ele saiba o que está fazendo comigo, para que não pare ou se afaste.

Uma de suas mãos libera o aperto suave no meu cabelo e alcança minha bochecha. O toque de Lane é tão suave, faz cócegas, mas não muito poderia me fazer rir no momento.

Nossas respirações secam, e meus lábios estão formigando. Eu me afasto um pouco, reabrindo meus olhos, observando os detalhes dentro dos dele. Manchas douradas salpicadas dentro de suas íris verdes são como estrelas, estrelas despedaçadas. O significado de sua música é muito maior do que nós, mas está relacionado aos pequenos detalhes em nossas vidas que nos uniram neste momento. Eu

sempre encontro beleza nos detalhes e tento ver tudo o que o quadro geral esconde.

— Eu disse que gostava de você antes, Dani, — diz ele, soltando uma mecha do meu cabelo de seu dedo. — Mas gosto muito mais de você agora.

O calor se espalha pelas minhas bochechas, e imagino que ele pode sentir a mudança de temperatura sob seu toque. — Eu me sinto da mesma maneira, — eu sussurro.

Ninguém sabe quando está vivenciando o início de algo grandioso em suas vidas, a menos que haja uma placa com cores neon piscantes. No entanto, tudo dentro do meu corpo me diz que estou no lugar certo na hora certa com a pessoa certa. Além disso, não acho que poderia haver um primeiro beijo melhor do que o que eu tive. Esse é o tipo de beijo que não pode ser superado.

— Posso te ligar depois? — Ele pergunta. — Tenho que terminar algumas cenas ainda.

— Você não tem que perguntar se pode me ligar. Eu quero que ligue. Eu realmente quero que você ligue, — digo a ele.

Os lábios de Layne se curvam em um sorriso que quero tocar. Estou apaixonada. Eu me apaixonei por ele, e é perfeito. Um tipo de perfeição que eu não achava que poderia sentir. Mesmo que seja apenas no momento, eu tenho esse momento, e ninguém pode me tirar isso.

Layne se inclina para frente e dá um beijo na minha bochecha. — Falo com você mais tarde, linda. Obrigado por

fazer o que fez hoje. Precisamos comemorar sua superação ao medo de altura, ok?

— Nós definitivamente precisamos.

Estou nas estrelas. É a única maneira de descrever meu comportamento. — Eu quero ser você, — Lexi cantarola enquanto volta para onde estava antes de Layne a interromper. Ela estava obviamente assistindo a cada segundo dos últimos minutos. — Estou com inveja. Estou com ciúmes de você agora.

— Você tem Johnny, sua esquisita, — eu respondo.

— Mas Layne sabe beijar. Puta merda, senhorita. Esse foi um beijo de um filme de merda. Ninguém é beijada assim. Ninguém. Você não entende isso?

— Ah, — eu digo a ela. Acho que ela está sendo dramática demais, mas seguirei com isso por enquanto.

— O que ele disse para você antes de tudo isso? Eu preciso saber tudo. Cada detalhe, porque preciso sonhar com isso acontecendo comigo algum dia.

— Eu nem sei, — digo a ela. Não consigo me lembrar de muito além de seus lábios tocando os meus.

— Vamos, cara, você está me matando.

Minha cabeça esteve nas nuvens o dia todo, mas tenho que me concentrar em Aly agora que ela e mamãe voltaram de seu passeio na praia. Aly tem areia cobrindo cada centímetro de seu corpo e precisa de um banho.

— Vou começar o jantar enquanto você limpa Aly, — mamãe diz, deixando o resto das malas do passeio de um dia no chão da sala.

Eu levanto Aly e a levo para o banheiro no andar de cima. Ela está focada em suas mãos, que têm areia endurecida nas fendas de sua minúscula pele enrugada. — Como foi seu dia, menina?

— Cocô, — ela diz em resposta.

— Seu dia não foi cocô. Meu dia também não foi cocô.

Ela aponta para a mão e olha para mim com seus grandes olhos de boneca. — Areia.

— Muita areia, — eu respondo enquanto a coloco no tapete do banheiro. — Você estánojenta.

Abro a torneira e entro no closet para pegar uma das toalhas de banho de Aly com Elmo decorando a metade de baixo.

Eu tiro suas roupas, observando a areia cair de tudo que jogo no cesto. Com um par de esguichos de espuma, ela está de pé e dançando enquanto segura a borda da banheira. — Bolhas, — ela grita.

Eu desligo a água e testo a temperatura antes de colocá-la dentro. Ela gosta de brincar por alguns minutos antes de eu lavá-la, então coloco alguns de seus brinquedos de banho favoritos e me inclino contra a parede enquanto ela espirra ao redor da banheira.

Meu telefone não tocou. É o único pensamento que tive nadando em minha mente nas últimas duas horas. Eu não deveria estar tão ansiosa ou impaciente, mas não consigo

parar de pensar nele. Ainda assim, verifico meu telefone pela décima vez na última hora, certificando-me de que de alguma forma não perdi meu telefone tocando.

Não, nada. — Nada, Aly.

— Por quê? — Ela pergunta como se soubesse o que estou dizendo.

— Não tenho certeza. Os meninos são bobos. É por isso.

— Bobossss, — ela repete e joga as mãos na água.

Eu pego o copo, enquanto ligo a água novamente, e encho até a borda para que possa lavar o cabelo dela.

A campainha toca no andar de baixo, e me pergunto quem chegaria ao anoitecer. Provavelmente é Lexi. Ela é a única pessoa que passa por aqui aleatoriamente.

Para ouvir quem está na porta, desligo a água e me inclino em direção à porta. Eu não ouço muita coisa, no entanto. Talvez fosse um vendedor.

Assim que estou me preparando para ligar a água novamente, ouço passos na escada e os pelos dos meus braços se arrepiam, pois não reconheço o som. Lexi soa como Sininho quando sobe as minhas escadas, e mamãe soa como um elefante, embora seja pequena como eu. Ninguém mais subiria sem ser convidado.

Eu me apoio de joelhos, espiando ao virar da esquina, mas caio para trás quando vejo Layne subindo as escadas. *O que ele está fazendo aqui?*

— Sua mãe disse que você estava dando banho nessa senhorinha aqui em cima.

— Você acabou de encontrar minha mãe? — Pergunto-lhe. Não tenho certeza se essa foi a melhor escolha de coisas a dizer, mas é o primeiro pensamento que me veio à mente.

— Vocês são muito parecidas, — diz ele, sentando-se ao meu lado. — Uau! Quem economiza nas bolhas?

— Ei, — eu digo a ele.

— A sério. A garota quer um banho de espuma, não apenas um pouco de espuma. O que sua mãe está pensando, sendo mesquinha com as bolhas? — Layne pergunta a Aly. Mais uma vez, Aly não tem ideia do que ele está dizendo, mas cai na gargalhada. — Dê-me essa coisa. — Layne estende a mão para pegar a garrafa de Mr. Bubbles e joga algumas gotas na banheira, depois liga a água novamente. Ele arregaça as mangas e mexe em torno das bolhas sob a torneira aberta, o que torna as bolhas maiores. Em resposta, Aly grita de emoção.

— Você veio aqui para contestar minhas habilidades de fazer banho de espuma? — Pergunto-lhe.

— Essa é a única razão pela qual vim aqui, — diz ele, me dando um olhar tímido. — Não, eu vim para contar a Aly como você superou um de seus medos hoje. — Layne me oferece uma piscadela, então olha para a princesa bolha. — Sua mãe foi incrível hoje, Aly. Você deveria estar orgulhosa.

Oh meu Deus, pare de ser adorável, doce e perfeito. Não aguento muito mais hoje.

— Bem, você não é um doce, — digo a ele.

— Mamãe orgulhosa, — ela canta.

— Você está tentando ganhar o coração dela também?

— Também? — Ele pergunta.

Meu rosto inflama novamente, e tenho certeza que ele pode ver o tom vermelho preenchendo minha pele pálida. — Silêncio.

Layne ri e pega um punhado de bolhas, então cuidadosamente deixa cair no meu nariz. — Olhe para a mamãe, — ele exclama. Mais gargalhadas. Aly é fácil de entreter. — Sua mãe disse que eu poderia ficar para o jantar. Está tudo bem com você?

— Você quer jantar com a gente?

— Mais do que tudo. Na verdade, vou ajudar sua mãe na cozinha enquanto você termina o festival de bolhas.

Layne dá um beijo rápido na minha bochecha e limpa as bolhas do meu nariz enquanto se levanta do chão de ladrilhos.

— Leão, — diz Aly.

— Leão?

Ela aponta para a porta que Layne acabou de passar. — Leão.

Ela está chamando Layne de Leão, e essa é a melhor coisa que ela disse o dia todo. — Sim, Leão, — eu digo, falhando em corrigir sua pronúncia errada.

Eu coloco espuma no cabelo de Aly e a banho rapidamente para que possa interromper a diversão no andar de baixo. Não quero saber que tipo de conversa os dois estão tendo, mas gostaria de estar lá.

Depois de vestir Aly com seu pijama, desço as escadas para ouvir, — Sinto muito, querido, — de mamãe. Ah não.

— Está tudo bem. É a vida, certo?

— O câncer não deveria fazer parte da vida.

Câncer?

— Do que vocês estão falando aqui embaixo? — Eu pergunto, virando o canto para a cozinha.

Mamãe se vira primeiro, me lançando um olhar como se tivesse se apaixonado por Layne nos dez minutos em que eles se conheceram aqui. Oh Deus.

— Bem, escute, — mamãe continua sua conversa com ele. — Se você precisar de alguma coisa, a hora que for, vou ajudar. Você me peça, entendeu?

— Obrigado, Sra. Caren.

— Layne estava me contando sobre sua mãe.

Eu sei pouco sobre a mãe de Layne porque não parecia certo falar sobre isso tão cedo. A única coisa que eu sabia é que ela provavelmente estava doente depois de ouvir o jeito que Marcy falou com ele na padaria naquela primeira noite. Conhecendo mamãe, ela provavelmente lhe perguntou sobre sua mãe, e é onde estamos agora.

Ela tem câncer. Pobre Layne.

— Nós não tínhamos falado sobre... — Layne me diz.

— Está tudo bem. Estou aqui para ouvir quando você quiser falar.

Ele dá de ombros. — Não há muito que falar. Ela tem cerca de três meses restantes. O câncer já se espalhou. Ela está em casa sob cuidados paliativos internos agora. Passo a primeira metade do dia com ela, e minha irmã mais velha

passa a segunda metade. Ela fica estressada se estivermos todos lá ao mesmo tempo.

Eu digo que sinto muito? Não sei o que dizer. Esta é uma informação nova para mim, e talvez eu devesse ter questionado o que Marcy estava dizendo a ele, mas não o fiz. Eu sou uma idiota. Ele é tão atencioso e carinhoso sobre a minha vida, e não fiz nada para estar lá para ele.

— Isso soa horrível, Layne.

— É a vida, — ele diz novamente. Nos últimos quinze segundos, aprendi mais sobre Layne do que nas últimas duas semanas, e estou de queixo caído.

— Sua mãe gosta de te ouvir cantar? — Mamãe pergunta a ele, sem vergonha da dor que isso está usando em seu rosto.

— Ela gosta. Ela me apoia desde que eu tinha cinco anos e declarou que um dia eu seria um cantor de ópera. O número de vezes que a arrastei pelas lojas, pendurado na parte de trás dos carrinhos de compras e cantando a plenos pulmões, ela nunca me disse para ficar quieto. Eu sei que devo tê-la envergonhado com todos olhando para nós, mas nenhum de nós se importava. Foi isso que me deu coragem para me empurrar para onde estou agora, eu acho.

— Ela parece incrível, — mamãe diz a ele. — Mal posso esperar para conhecê-la.

Nossa. Mamãe está se movendo, sem perder tempo. — Vamos jantar em breve. Eu vou cozinhar.

— Você cozinha? — Eu pergunto a ele, chocada, só porque a maioria dos caras da minha idade tem pouco

interesse em cozinhar, muito menos cozinhar além de ser uma sensação da música.

— Venho de uma família italiana que adora cozinhar. Acho que minha mãe não me deixaria sair de casa se eu não soubesse cozinhar, — ele me diz.

— Uau, — eu digo a ele.

— *Uau* está certo. Eu errei em algum lugar ao longo da estrada com a senhorita Dani aqui. Ela pode queimar macarrão com queijo. Isso é um talento.

— Obrigada, mãe, — eu sorrio e aperto os olhos, dando-lhe um olhar que ela merece.

— Jantar uma noite na próxima semana parece maravilhoso, Layne. Mas eu gostaria de levar algo, então me diga qual é o melhor dia e qual prato seria bom, — diz ela.

— Vou checar com minha mãe e avisar a Dani, — ele diz a mamãe.

O jantar não foi tão estressante quanto eu imaginava que poderia ser. Acho que mamãe e Layne podem ter falado mais do que Layne e eu falamos, mas estou feliz que eles se conheceram. Ainda assim, tenho a sensação de que as coisas ainda são tão novas, e conhecer a mamãe aconteceu mais rápido do que eu planejei, mas Layne parece que vive a vida na pista rápida, o que é compreensível.

— É melhor eu deixa-la levar Aly para a cama, — Layne diz depois de ajudar com os pratos. Eu não quero que ele vá embora. Nós não conversamos, só nós, e eu quero isso. Tenho milhões de coisas a lhe dizer, e não tenho certeza se quero esperar até a próxima vez que nos encontrarmos.

— Sabe de uma coisa, hoje é meu dia de ajudar com Aly, e quero colocá-la na cama. Por que vocês dois não dão um passeio ao longo da costa ou algo assim? É lua cheia esta noite. Bonita e brilhante. — Mamãe sabe que não gosto de caminhar pela praia à noite, então não sei por que ela fez essa sugestão.

— Sim, vamos fazer isso, — concorda Layne. — Existe um ponto de acesso para a praia aqui perto?

— Ah, bem atrás da nossa casa, na verdade, — mamãe continua.

— Doce. Obrigado por me receber para o jantar, Sra. Caren. Foi maravilhoso, — diz Layne, dando um abraço inesperado em mamãe.

Mamãe me dá os polegares por cima do ombro junto com uma piscadela de aprovação. Eu bato a mão sobre meus olhos e aceno com a cabeça.

— Você pode me ligar, Carly, e obrigado por tornar nossa noite um pouco menos chata, — mamãe oferece em resposta.

— Obrigada, mãe, — eu rio.

Dou um abraço e um beijo em Aly, e Layne lhe dá um high five antes de sairmos pela porta da frente. Não passamos pelos degraus da frente quando confesso meu desgosto pela praia. — Eu não sei por que minha mãe sugeriu que déssemos uma volta ao longo da praia, — eu digo a Layne, mexendo nas pulseiras de tecido que tenho pendurado no meu pulso.

— Podemos andar pela rua se você quiser, — ele oferece sem pensar. — Você é uma daquelas pessoas que odeiam a textura da areia?

Minha cabeça recua, imaginando o que sua pergunta significa. — As pessoas têm problemas com areia?

— Eu suponho, — diz ele com uma risada suave.

— Não tenho problemas com a areia. Está escuro e...

— Eu entendo, — ele responde. Ele entende. Layne não pressiona. Em vez disso, pega minha mão e me leva pela rua. Ainda estou me perguntando como ele parece saber tanto sobre o que sinto. Ele nunca preencheu essas lacunas. — Se eu te perguntar qualquer coisa que não queira responder, apenas me diga para parar. OK?

A maioria das perguntas que me fazem leva a um lugar sombrio, e não tenho escrúpulos em dizer às pessoas para parar.

— Claro, — eu digo a ele. Não sei se ele tem a intenção de me fazer perguntas, mas acho que é justo que ele saiba mais sobre mim agora que sei sobre sua mãe. — Aconteceu há cerca de dois anos. Eu estava em uma feira de rua no centro da cidade e estava no lugar errado na hora errada depois que me afastei de Lexi.

A mão de Layne está apertando a minha como se minhas palavras o machucassem. — Você sabe quem fez isso?

— Não, — eu respondo. — Eu não o conhecia, mas agora o conheço.

— Ele está na prisão, você disse?

— Sim. Ele foi preso por tentativa de homicídio culposo e acusações de estupro. Tive um traumatismo craniano grave, uma hemorragia no cérebro. Além disso, engravidei, então ele deixou sua marca na minha vida de várias maneiras.

A cabeça de Layne balança por um minuto enquanto continuamos a andar. É como se ele precisasse da minha declaração para digerir antes de responder. Todos os outros agem da mesma maneira, como se eu fosse frágil demais para iniciar uma conversa. A maioria das pessoas na minha vida recebeu a versão abreviada da história de mamãe, que juntou peças da minha memória e dos relatórios do médico.

— Isso pode ser inapropriado e rude de dizer, mas te admiro por não procurar maneiras alternativas de lidar com sua gravidez. Aly é uma garotinha de sorte.

Ele é a primeira pessoa a dizer isso. Ele pode ser a primeira pessoa a concordar com minha decisão logo de cara.

DOIS ANOS ANTES - EU TINHA APENAS 16 ANOS

Sair do consultório da minha pediatra com panfletos não era como via aquele dia. Mamãe ainda estava em lágrimas, segurando um lenço de papel no olho direito. Eu sabia que ela estava em choque como eu, mas minhas emoções pareciam estar congeladas.

Entramos em seu Toyota Camry e colocamos nossos cintos de segurança. Eu me virei no assento para olhar para mamãe. Seus olhos não estavam piscando. Ela estava olhando

pela janela. As veias em seus olhos estavam vermelho-escuras, fazendo-a parecer mais velha do que naquela manhã. Mamãe soltou um grito que nunca ouvi em toda a minha vida, um estridente de gelar o sangue que parecia pertencer a um daqueles filmes de terror antigos. — Meu bebê, — ela gritou.

Eu não sei por que estava tão calma, mesmo durante a reação dela. Tudo o que eu podia fazer era vê-la se desenrolar. O momento me deu tempo para entender que havia um ser vivo crescendo dentro do meu corpo. Meus olhos vacilaram para o folheto preso entre meus dedos, e vi uma jovem com as mãos cobrindo a barriga inchada. Ela não estava com um menino. Ela está com sua mãe, que estava segurando seus ombros em apoio.

Mamãe respira fundo e coloca as mãos no volante. — Eles ligaram antes, então a clínica está esperando por nós, — ela sussurrou entre suspiros.

— O que a clínica faz? — Eu perguntei a ela.

— Eles vão te ajudar a decidir, — ela disse antes de soltar outro gemido.

— Decidir? — Eu repeti.

— Você não merece isso, Dani.

Eu não sabia se ela estava se referindo ao bebê como “isso” ou se estava se referindo à situação em questão. De qualquer forma, eu sabia que também não merecia, mas isso não importava. “Isso” era a minha consequência a suportar.

— Vou manter o bebê, — eu disse a ela, tentando ser gentil com seus sentimentos mesmo sendo a vítima. Eu sabia que um bebê iria afetá-la também.

Mamãe cobriu a boca com os dedos dobrados como garras. Eu sabia que a notícia a estava destruindo, mas não machucaria outra pessoa, não importa quão grande ou pequena. Essa era a minha decisão, independentemente de como acabasse.

— Dani, pense na sua vida, — mamãe disse. Eu sabia que mamãe não apoiava o aborto, mas minha situação era diferente.

— Estou pensando, — eu disse a ela.

— Faz apenas alguns minutos, querida.

— Foi o suficiente para imaginar meu futuro.

Mamãe não respondeu novamente. Ela dirigiu para o nosso próximo destino movendo nenhuma parte de seu corpo, exceto as mãos. Mantive meu foco na janela, imaginando os dias e meses à frente, sabendo que não estava nem perto de estar pronta, mas seria minha vida, estivesse eu pronta ou não.

No momento em que paramos no estacionamento ao lado da clínica feminina, mamãe desligou o carro. — Eu vou te apoiar, Dani. Sempre vou te apoiar. Esta é sua decisão, e sei que será a certa.

Mamãe abriu a porta dela e eu abri a minha. Nos encontramos na frente do carro, e ela pegou minha mão enquanto seguíamos em direção ao prédio de tijolos. Assim que

nos afastamos do estacionamento, gritos vindos da esquina do quarteirão nos assustaram. — Assassinos de bebês!

— Eles também têm batimentos cardíacos!

— Assassinos!

Meu coração parou. Eu não tinha certeza se estavam falando comigo, mas dei uma olhada, localizando seus pôsteres presos a postes de madeira. Eu não conseguia distinguir o que estava vendo, mas parecia um bebê coberto de sangue.

Eu me senti enjoada.

— Que vergonha, — mamãe grunhiu para elas a plenos pulmões. — Vergonha de todas vocês. Esta clínica é para todas as mulheres. Todas as mulheres com histórias e motivos diferentes para estar aqui.

— Não mate seu filho! — Uma mulher respondeu com ira semelhante.

— Ela foi estuprada, sua idiota. — A bile subiu das profundezas do meu estômago e pela minha garganta. Joguei fora tudo o que comi no café da manhã, e possivelmente o que jantei na noite anterior. A mão da minha mãe descansou nas minhas costas, e seu braço livre me segurou enquanto eu encontrava meu equilíbrio. — Saiam daqui, — ela gritou novamente.

Eu não conseguia entender por que mamãe lhes disse que alguém havia me estuprado. Naquele momento, senti que isso me rotularia por toda a vida. Eu me perguntei se isso era tudo o que eu seria — uma vítima de estupro.

No rastro do vômito, meus olhos lacrimejaram, e me ajoelhei na calçada, vomitando mais uma vez.

Depois de um momento inclinando minha cabeça sobre uma poça borbulhante de tripas, mamãe me ajudou a ficar de pé e nos levou de volta para o carro. — Não, você não vai entrar. —

Ela me prendeu dentro do carro como se eu fosse uma criança que não conseguia apertar o cinto de segurança, então caiu de joelhos entre o carro e a porta. — Olhe para mim, Dani.

Virei minha cabeça enquanto meus olhos ainda se inundavam de lágrimas.

— Fique com nosso bebê. Vamos dar a este bebê uma vida justa. Faremos isso juntas. Eu não vou sair do seu lado. Podemos fazer isso, ok? — Chorei mais porque não sabia o que faria sem ela. Ela esteve ao meu lado por semanas, até dormiu na minha cama de solteiro comigo, nunca me fazendo sentir como se estivesse sozinha. Mamãe me manteve em movimento. — Encontraremos um bom médico em Boston e tudo ficará bem.

— Obrigada, — eu disse a ela.

— Chega um momento na vida de toda mãe em que ela precisa parar e perceber que é hora de aprender com o filho que criou. Eu te criei bem, Dani. Eu te criei bem.

18 ANOS DE IDADE

— É estranho eu querer te dizer que estou me apaixonando por você depois de te conhecer por duas semanas?

— Sim, — eu digo, tentando segurar qualquer outro comentário brega que pudesse dizer, já que esse sentimento é a única maneira de descrever como tenho me sentido sobre ele.

— Eu sei. É estranho. Não sei por que me sinto tão conectado a você, Dani, mas nunca quis passar cada momento acordado com alguém antes, e não consigo parar de pensar em você. A cada minuto que passamos juntos, me surpreendo mais e tenho inveja da pessoa que você é.

Estou feliz por estarmos no escuro porque ele veria o constrangimento enchendo minhas bochechas se não estivéssemos. — Eu gostaria de dar aquele passeio na praia agora.

— Não, vamos ficar na rua esta noite. Da próxima vez, se você quiser, vamos caminhar na praia, ok?

— OK.

A mão de Layne solta da minha, mas não quebra o contato comigo enquanto passa os dedos pelo meu braço e lentamente envolve o braço em volta do meu pescoço, puxando minha cabeça em direção ao seu ombro. — Eu acho que você pode acabar sendo a melhor amiga que eu estava procurando, — ele sussurra.

VINTE

DIAS ATUAIS

Layne está com as mãos pressionadas nos bolsos da frente, balançando de frente para trás em seus calcanhares enquanto esperamos que Aly saia da escola. Percebo que tenho a tendência de ficar atrás de Layne ou atrás de Layne e Aly, observando-os interagir. Gosto de ser uma mosca na parede, sabendo que quando eu deixar este mundo, se for antes dos dois, eles ficarão bem juntos. Layne é a rocha de Aly e, embora não compartilhem DNA, tenho sido duramente pressionada a encontrar uma dupla de pai e filha como os dois. Este último ano colocou muito em perspectiva para mim e, embora queira chutar, gritar e chorar para sair dessa bagunça de merda, vejo o que fiz e fiz bem.

Aly sai com duas de suas amigas, rindo, e a visão me faz lembrar dos meus primeiros dias no ensino médio, como eram despreocupados e fáceis. Eu a invejo e o fato de que ela tem uma vida inteira pela frente. Layne levanta a mão e acena em sua direção. A reação inicial de Aly é um sorriso e um aceno rápido até que o interruptor clica em sua cabeça, lembrando-a de que não é legal acenar para os pais. Ela se

despede de suas amigas e nos encontra no meio-fio. — Por que vocês dois estão aqui?

— Oi, querida, — eu respondo.

— Já é embaraçoso o suficiente ser pega por um de vocês. Por que vocês dois têm que vir agora?

— Nós amamos nossa doce e adorável garotinha, — Layne diz, alto, beliscando sua bochecha. — Por que mais estaríamos aqui para pegar nossa garotinha?

— Pai, Deus, — ela geme. — Onde está o carro?

Layne coloca a mão na cabeça dela e a vira suavemente para o lado para que possa ver o carro estacionado a cinco metros de distância.

— Algum dia, você sentirá falta dos dias em que seus pais a envergonhavam, — digo a Aly.

Layne olha para mim e tenta sorrir. Eu não sei se ele está reagindo às minhas palavras porque sente falta de sua mãe ou porque “algum dia” será o momento em que Aly desejará que eu estivesse lá para ela. Eu não queria abafar o clima.

Aly está no carro antes de nós dois sairmos do meio-fio. Por que ela está tão brava? Não sei quando ela passou de uma criança feliz para uma adolescente raivosa, mas é perturbador.

Uma vez que estamos todos acomodados no carro, Layne ajusta o espelho retrovisor, olhando para Aly. — Ei, garota. — Aly não responde com nada sarcástico. Em vez disso, ela encontra seu olhar. — Tenho algo para você quando chegarmos em casa.

— Você me comprou alguma coisa? — Ela pergunta com uma pitada leve de excitação, soando mais como a garotinha que eu conheço.

— Você vai ver. — Não tenho certeza do que Layne comprou para ela, mas ele gosta de nos surpreender com presentes únicos o tempo todo, então só posso imaginar.

Eu olho para Layne com admiração, mas ele pisca para mim, e sei que serei surpreendida também. — Por que você não está no trabalho de novo hoje? Você não vai ser demitido? — Aly pergunta a Layne.

— Eles me deram alguns dias de folga esta semana para que eu possa levar mamãe às consultas médicas.

— Oh sim. Como foi isso? — Ela pergunta, surpreendentemente.

— Foi tudo bem, — Layne responde por mim.

— Parece, — ela murmura. — Oh, pai, pode me emprestar vinte dólares?

— Claro, para quê?

— A Batalha de Bandas de Boston está chegando em algumas semanas, e queremos ir. Tudo bem?

Um sorriso genuíno atinge o rosto de Layne, e ele coloca a mão sobre o peito. — Você sabe que não pode sair sozinha tão tarde da noite, garota. Você tem apenas treze anos.

— Eu sei, — ela diz. — Você pode ir conosco?

Layne recosta a cabeça no banco e olha para cima e para fora da janela, aparentemente agradecendo às nuvens, ao sol e ao céu. — Eu adoraria nada mais do que ir com

você. Vou ficar no bar para que você possa se divertir com suas amigas. Parece bom?

— Eu te amo, pai, — diz ela.

Isso é tudo que eu sempre quis para eles. É por isso que observo. Consigo ver esses momentos. — Eu te amo bebezinha. — Layne suspira e reajusta sua postura enquanto saímos do estacionamento. — Ah, enquanto fazemos planos, este fim de semana, sábado, é um grande dia.

— Você não tem que me lembrar todo ano. Eu não esqueço, — Aly diz a ele.

— Apenas me certificando, — ele responde.

Este fim de semana. Não sei o que tem neste fim de semana. Meu estômago está vazio enquanto tento reunir todas as informações de que preciso para descobrir o que tem no sábado.

Abro meu telefone e vou até minha agenda. Este sábado não tem nada escrito na caixa. Se é importante, por que não estaria aqui?

— Tenho algo especial planejado, — diz Layne.

Eu viro minha cabeça em direção à janela, olhando para a calçada embaçada, esperando que Layne não veja a expressão confusa no meu rosto. Chegamos em casa em questão de minutos, e ainda estou intrigada. — Vou fazer alguns trabalhos no meu estúdio para uma peça que alguém me encomendou na semana passada. Eu ainda não comecei, — digo a eles.

— Sem problemas. Estaremos no quarto de Aly se você precisar de nós, — Layne me diz.

Sento-me no centro do meu estúdio onde estava antes, olhando para o buraco negro pintado na minha tela. Tudo está tão nebuloso. É melhor me perder dentro do círculo escuro na tela, mas minha mente vagueia para outro lugar quando ouço uma música suave tocando nas escadas.

Layne está tocando sua guitarra. Ele está cantando.

Nunca será em vão

A escuridão eterna

Pode ser uma fachada mascarada

Porque é tudo uma ilusão

E é sempre tudo por alguma coisa

“A Hushing Trust” era uma das minhas músicas favoritas que Layne escreveu. Ele ainda canta as palavras como se tivesse acabado de escrever a letra, e como se ainda estivesse tocando ao vivo no palco. Layne não gosta de se vangloriar ou falar sobre seu passado. Portanto, Aly sabe pouco da fama que já teve. Ela só sabe que ele adora música e sabe tocar violão. Layne costumava cantar para ela dormir quando era pequena, mas quando ficou mais velha e começou a se deitar sozinha, esses dias acabaram. Layne perdeu a necessidade de cantar e sua vida se desfez em um caminho de vida adulta que ambos tivemos que aceitar.

— Puta merda, pai! — Eu ouço quando a música para. — Você pode cantar. Tipo, você pode cantar, cantar. Por que você nunca cantou antes? — Ela era muito jovem para se lembrar de Layne cantando.

— Eu cantei, — diz ele, rindo.

— Quando? — Ela grita. — Você quer dizer com meus tios? — Ela sabe que eles costumavam ter uma banda de garagem porque é assim que eles falam sobre si mesmos, mas nunca fez perguntas até agora. Acho que ela nem sabe o nome da banda deles.

A conversa fica baixa, e não consigo ouvir o que eles estão dizendo, mas espero que ele esteja contando a ela sobre Dividing Oblivion.

— O que? — Eu ouço um momento depois. — Espere, espere, não, você não é.

Eu me levanto do chão porque não posso dizer o que está acontecendo lá em cima, se Aly está feliz ou chateada. Com passos suaves, subo a escada, ouvindo. — Eu não gosto de falar sobre isso, garotinha. Ficou no passado.

— Mas eu conheço Shattered Stars, pai. Eu conheço essa música. Eu não sabia que era você. — Minha mão voa para o meu peito, e eu me inclino contra a parede enquanto as palavras de Aly me tiram o fôlego. — Espere, por que você não está mais se apresentando?

Meu olhar cai para a escada de madeira em que estou, me perguntando que resposta ele dará a ela. Eu me culpo pela interrupção de sua carreira musical, mas ele não me permite levar essa culpa em voz alta.

— Apareceu uma oportunidade melhor e eu a agarrei. Foi a melhor decisão que já tomei.

— O trabalho de professor de música na escola é uma oportunidade melhor? — Aly pergunta.

O silêncio enche o ar por um momento. Imagino Layne dando a ela um sorriso amoroso. — Com certeza foi e ainda é o melhor trabalho. Eu amo ensinar. — Um nó sobe na minha garganta, duvidando que Layne contasse a Aly a verdadeira razão pela qual ele desistiu da música. Ele a protegerá para sempre, e esse tipo de amor significa mais para mim do que qualquer outra coisa na minha vida.

— Por que você nunca toca para nós? — Ela pergunta.

Se eu pudesse ver Layne agora, acho que ele estaria encolhendo os ombros. Na cabeça dele, imagino que ele acha muito doloroso cantar. Ele já disse isso no passado. — Estou mais velho agora. Eu não sei.

— Você nunca é velho demais para cantar, — diz ela.

— Bem, suponho que você esteja certa, mas esta é minha decisão. De qualquer forma, Aly, eu quero te dar isso...

O som dos anéis de Layne batendo no braço de uma guitarra ecoa no corredor. — Você está me dando sua guitarra?

— Sim, e vou te ensinar a tocar se é isso que você quer?

— Você está de brincadeira? Meu sonho é estar naquela Batalha de Bandas de Boston algum dia. — Ela acabou de fazer o mundo de Layne, e ela nem sabe.

— Então esse é o nosso objetivo, garotinha. Nós a levaremos até lá.

— Eu quero praticar com você todos os dias depois da escola, ok? Você vai me ensinar todas as suas músicas? Eu quero ser como você, pai.

Não ouço Aly tão animada com nada há mais tempo do que consigo me lembrar e gostaria de fazer parte desse momento, mas dou uma olhada no meu futuro e estou feliz que eles tenham algo para seguir em frente, algo que não me inclua ou lhes traga qualquer dor.

Dor.

Meus joelhos estão fracos depois de estar aqui contra a parede, e tento descer a parede em direção ao rodapé para sentar no degrau para descansar por um minuto. Uma vez sentada, a porta da frente na parte inferior da escada surpreendentemente se abre lentamente, como se fosse aberta por uma brisa suave, mas então *ele* entra.

— Eu só quero conversar, Dani, — diz ele.

— Não, eu não quero falar com você. Saia da minha casa, — eu zombo.

— Eu sei que temos uma filha juntos. O nome dela é Alysson. Eu quero conhecer minha filha. Eu tenho direito.

Minha cabeça está pesada enquanto o vejo andar em direção às escadas em suas pesadas botas marrons que estão desamarradas. Seus jeans estão gastos nos joelhos, e sua camisa azul com estampa de cerveja está muito apertada em torno de sua cintura. A barba que cobre o queixo está mais comprida hoje do que da última vez que o vi, mas a verruga está livre de pelos faciais. Está me provocando como o buraco negro sempre faz. Olhando para ele mais atentamente agora, o centro de seus olhos é da mesma cor. Há tantos buracos negros. Não é à toa que estou presa no inferno dele.

— Venha aqui, Dani. Eu só quero conversar. — Sua mão se estende para mim, e estou com medo de sentir mil facas me espetando de uma só vez assim que ele fizer contato.

— Não se aproxime. Fique bem longe de mim. Vá embora. Apenas vá embora! — Eu grito a plenos pulmões até ficar muda e apenas o ar escapar.

— Venha agora. Não seja assim. Eu fui seu primeiro. Você tem que ter um lugar especial em seu coração para mim, querida. Eu te dei algo que Layne nunca poderia te dar. Não é?

— Saia! — Eu grito tão forte que escorrego e caio alguns degraus, me levantando. Meus olhos se fecham, apertados de medo. — Me deixe em paz.

Sou levantada e balanço meus braços, tentando me libertar de seu domínio. Eu não vou deixar isso acontecer novamente. Não agora, nunca. Vou matá-lo com minhas próprias mãos primeiro. Não lhe darei mais pedaços de mim. Ele não pode tê-los. — *Não pegue minhas roupas! Não me toque! Você ouviu?*

VINTE E UM

DOZE ANOS ATRÁS

18 ANOS DE IDADE

Já tinha ouvido falar do Madison Square Garden um milhão de vezes, mas nunca imaginei estar aqui ou ser namorada de Layne Hensen. É como um sonho se preparar para assistir ao show do Dividing Oblivion.

O videoclipe se tornou muito popular há algumas semanas, e eles estão recebendo pedidos para se apresentar, o suficiente para planejar uma turnê de um ano. A gravadora com a qual eles assinaram contrato está exigindo que seu primeiro álbum seja lançado dentro de seis meses, então a turnê seguirá. Layne parece oprimido por tudo, mas animado ao mesmo tempo. Ser convidado para abrir uma premiação hoje à noite, no entanto, é enorme.

As luzes se apagam e a mãe de Layne, Sandra, coloca a mão no meu joelho. Eu estremeço no início, mas sua mão é tão leve e macia, o nervosismo ruminando pelo meu corpo morre rapidamente. — Meu bebê conseguiu, — ela

murmura. — Estou muito agradecida por poder vê-lo se apresentar, Dani. Isso é tudo que eu sempre quis para ele.

Eu pego sua mão na minha, sentindo sua pele flácida pendurada em seus dedos frágeis. Ela é tão jovem, mas sua mão se sente da mesma forma que a da minha avó quando ela faleceu em seus noventa anos. Eu torço minha cabeça para olhar para Sandra, e ela está sorrindo de orelha a orelha. Saímos esta semana e a ajudamos a escolher uma roupa para esta noite e uma peruca que ela adorou. Seu cabelo voltou a crescer agora que ela parou a quimioterapia, mas está muito curto para estilizar. Fizemos nossas unhas e nossa maquiagem profissionalmente aplicada esta manhã também. Eu sei que ela se sente tão bem quanto pode agora, e Layne está fora de si por ela ter conseguido fazer a viagem de carro de quatro horas.

— Obrigado a todos por estarem aqui esta noite, — grita Layne para a multidão. — É incrível estar em Nova York, apoiando a Cerimônia de Premiação do National Live Free. Para todas as pessoas lá fora, — sua voz ecoa pelo estádio e me dá arrepios, — se você tem um ente querido que impactou seu mundo, envie uma mensagem ou levante a cabeça para o céu e agradeça agora. — Layne faz uma pausa por um momento, olha para o microfone, depois volta para a multidão. — Mãe... — sua voz é suave, mas o microfone permite que todos ouçam. — Essa música é pra você. — Layne aponta para nós, e a música ecoa nos alto-falantes ao nosso redor. Eu fecho meus olhos, juntando as notas da

música que ele está começando, mas leva apenas um segundo.

O futuro está aqui porque você fez isso

As peças estão por toda parte

Apesar de como elas se encaixam

Eu sou parte da sua vida em todos os sentidos

O orgulho, dignidade e prazer

Então eu prometo a você hoje

Vou te deixar orgulhosa

No outro mundo, espere

Por favor, ouça minha intensa

Gratidão e palavras na minha canção

Achei que Sandra estaria uma bagunça de lágrimas agora como estou, mas seus olhos estão arregalados, e ela está olhando com amor, observando Layne derramar seu coração no microfone. Seu cabelo está molhado do suor escorrendo dele, e ele está segurando o suporte do microfone como se fosse o último apoio que tem neste mundo. Seus olhos estão fechados com força, e parece que sua boca não consegue abrir o suficiente para tirar a quantidade monstruosa de letras cobertas de dor de sua garganta de uma só vez. Eu posso ouvir sua agonia através do som de sua voz, derramando tudo na forma de belas palavras. Não entendo como ele é capaz de criar e mostrar tanta emoção

para compartilhar com todos ao seu redor, mas isso me faz sentir tudo o que ele está sentindo.

A plateia vai à loucura quando a música termina, e todos estão de pé para uma ovação, aplaudindo a banda. Gritos crescem ao nosso redor, e são tão altos que não consigo ouvir mais nada, mas como o ídolo que ele é, Layne levanta a mão com um sorriso e a multidão se acomoda em um zumbido.

— A próxima música é sobre minha garota, e ela está aqui esta noite, então quero trazê-la até o palco. Tudo bem com todos vocês?

Mais gritos, mas não tão altos quanto os que estavam dentro do meu corpo. Layne não me disse que esse era seu plano, mas a mão de Sandra está pressionando minhas costas, silenciosamente me dizendo para me mexer. Eu olho para ela, e ela está murmurando a palavra — Vá!

Eu me levanto do meu assento, sentindo como se o mundo estivesse se movendo abaixo de mim enquanto me coloco na frente de vários pares de joelhos antes de chegar ao corredor. Tenho que andar sozinha com milhares de olhos me encarando. Tudo o que posso fazer é manter meu foco em Layne, dando-lhe um olhar como se fosse machucá-lo por isso, mas ele está rindo. Mesmo que não saiba o que estou pensando, tenho certeza que ele pode supor, e é exatamente por isso que está rindo. Sua maior alegria é me tirar do meu conforto e me fazer ver como a vida pode ser incrível fora da minha pequena bolha.

Layne desce correndo os degraus do palco para pegar minha mão, sabendo que usando saltos, mal consigo andar em terreno plano. — Levante seu vestido um pouco, — ele sussurra enquanto o sigo pelos degraus. Se eu não levantasse meu vestido, já estaria de cara no chão. Eu pulei o vestido de baile de formatura e fui direto para um vestido de noite para uma cerimônia de premiação. Ainda questiono como esta é a minha vida às vezes, mas de qualquer forma, eu certamente estou gostado do passeio.

— Eu vou te machucar, — eu sussurro enquanto ele puxa um banquinho até seu pedestal de microfone.

— Não, você não vai, — ele responde. — Você me ama. Você só não disse isso ainda.

O mundo à nossa frente pode ouvir o que estamos dizendo? — Eu te amo? — Eu questiono.

— Eu também te amo, Dani, — ele diz no microfone. Meu Deus.

Espere... eu não disse isso primeiro. Eu estava repetindo o que ele disse. — Ei, — eu sussurro antes da introdução da música. Ele olha para mim e pisca. — Bem jogado, Layne Hensen. Só para sua informação, eu te amo. Eu realmente te amo, e você não precisava me enganar para dizer isso.

Nós nunca dissemos essas palavras um para o outro antes, e nunca esquecerei a primeira vez que as dissemos agora.

— Você é meu mundo, linda, e eu iria até os confins da terra por você. Eu amo essa garota! — Minhas palavras foram baixas, fora do alcance do microfone. Suas palavras eram

altas e claras para todos os ouvidos. Posso estar em choque, mas este pode ser outro melhor momento da minha vida.

— Eu escrevi essa música antes de conhecer minha garota Dani, mas era sobre minha vida, e então ela apareceu e acabou sendo a razão pela qual escrevi essa música. A vida é engraçada assim. Às vezes não sabemos o que temos planejado porque há momentos em que planejamos, então as coisas acontecem. Então, eles acontecem, e tudo se une em um pouco de pensamento mágico e destino.

Um cara dos bastidores, vestido todo de preto, entrega a Layne um banquinho que combina com o que estou sentada, e ele abaixa o pedestal do microfone até o nível do rosto. Ele dedilha as pontas dos dedos levemente contra as cordas do violão, e então as palavras que amo saem de sua boca.

Você já sentiu o desconforto do pavor?

Atordoado pela reflexão e arrependimento

Está tudo bem ir embora

Mesmo segurando por um fio

Esses pulmões são incapazes de respirar

Um corpo frágil está impotente com medos

Seu coração gaguejante está partido e encharcado

Em um oceano de lágrimas congeladas

Eu deveria ouvir as palavras, mas estou me apaixonando ainda mais por ele observando seu rosto enquanto ele canta para mim. Para mim. Só para mim. Todos

os outros estão na escuridão ao nosso redor enquanto os holofotes circundam nosso pequeno mundo.

Como minha vida pode ser tão perfeita agora quando estava pronta para considerar um final alternativo um ano e meio atrás? É tudo por causa de Layne? Parece que ele é a resposta para tudo.

O resto da noite passa como um borrão, e estou nos bastidores com Sandra e Layne, conversando com o resto da banda, vendo celebridades passarem por nós, admirando nosso grupo. Eles estão nos admirando. É bizarro.

Sandra tem estado quieta, mas está assistindo com admiração. É como se ela estivesse absorvendo tudo para poder levar para o próximo destino. Ela me disse isso alguns meses atrás, depois que nos conhecemos. Ela disse que gosta de ficar atrás de todos e aproveitar a vida para poder guardá-los como lembranças e leva-los com ela aonde quer que vá. Uma pessoa que assiste vê todos os detalhes, e às vezes é melhor do que estar no centro de um momento.

Sandra é uma artista, e passei incontáveis horas absorvendo seus conhecimentos sobre pintura e descobrindo detalhes em objetos inanimados, exalando sentimentos através de rajadas de pinceladas. Ela disse que a arte a ajudou a superar as provações e tribulações da vida e até ajudou nos estágios iniciais do câncer, quando ela tinha um pouco mais de energia. Ela me fez querer me tornar uma artista.

— Acho que precisamos torná-la um membro da banda agora, hein? — Johnny me pergunta.

— O que? Por quê? — Eu ri em resposta.

— Sra. Layne, ooooh, — ele brinca. — Vocês dois vão se casar e viver felizes para sempre?

Ele é um idiota. — Estamos namorando há três meses, idiota.

— Você me chamou de idiota?

— Sim, essa é a única maneira que posso pensar para descrevê-lo.

— É justo, — diz ele, me cutucando com o cotovelo.

— Então, você sabe, a música dedicada a Dani e Layne, sentados em uma árvore, SE BEIJANDO. Quando é o casamento e os bebês? Eu quero fazer parte disso! — Sal entra na conversa. Sal está sempre no lado mais lento das realizações, mas não importa o que ele diga, é hilário o jeito que diz. É como se ele estivesse apenas se atualizando e precisasse fazer uma piada também.

— Uau, casamento e bebês, tudo bem, que tal levarmos um dia de cada vez?

— Quero casamento e bebês, — diz Layne. — No devido tempo, é claro.

Suas palavras me surpreendem. Temos apenas dezoito anos. Bem, ele tem dezenove anos agora, mas ainda assim. Além disso, eu tenho Aly. Layne pega minha mão e me puxa para longe do grupo, envolvendo os braços em volta do meu pescoço. — Desculpe. Estou apenas flutuando no ar agora. Ouvi-la me dizer que me ama, eu... Deus, eu nunca me senti assim, Dani, — ele sussurra em meu ouvido. — Eu te amo tanto, não suporto passar um dia sem você, e sei que

somos jovens e tudo mais, mas nós dois vivemos a vida na pista rápida, certo?

— O que você está dizendo? — Eu pergunto a ele, sentindo como se estivéssemos girando em círculos, dançando como um príncipe e uma princesa em um filme da Disney. Embora, talvez sejam todos ao nosso redor que estejam girando em círculos.

— Não hoje, nem amanhã, e provavelmente não neste ano ou no próximo, mas quero me casar com você e ter filhos, e quero trazer Aly para minha vida também. Eu quero tudo, e quero tudo com você. Quero poder dizer à minha mãe que ela pode ir, sabendo que estou feliz e sempre estarei feliz com você.

Suas palavras me balançam até o âmago. Eu entendo, e não é como um adolescente com um problema hormonal ultrajante. Esta é uma promessa para ele e sua mãe. — Eu não tinha ideia de que você pensava assim, — digo a ele.

Eu rabisquei meu nome um milhão de vezes com o sobrenome dele, mas sinto que pulei alguns passos ao longo da transição da adolescência para a vida adulta. Ter Aly me fez considerar meu futuro mais do que a maioria dos jovens de dezoito anos, tenho certeza. Eu quero um marido e mais filhos algum dia. Eu quero tudo, e não consigo pensar em uma pessoa melhor para ter uma vida do que Layne. — Eu quero isso também, — digo a ele.

Meu único medo é o que acontecerá quando o nome dele se tornar maior do que qualquer um de nós. Ele pode não querer mais uma âncora segurando-o.

VINTE E DOIS

DIAS ATUAIS

Uma mão quente repousa sobre minha testa, mas não sei onde estou. Devo estar no sofá. Com mais dificuldade do que o esperado, forço meus olhos a abrirem, encontrando Layne e Aly pairando sobre mim.

— O que aconteceu? — Layne pergunta.

— Ele estava aqui, — eu engasgo, levantando meus joelhos e me empurrando para trás como se ele ainda estivesse em algum lugar da sala.

— Quem?

— Você sabe quem, — eu grito para ele.

Layne levanta a cabeça, olhando ao redor da sala. — A porta está fechada, Dani.

— Ele estava aqui, — digo a ele novamente. — Eu sei o que vi.

Layne e Aly olham um para o outro, um olhar que me faz sentir como se estivesse de fora do que eles estão pensando. Eles estão pensando que estou louca e inventando tudo porque essa é a reputação que me dei.

— Vou chamar o médico, — Layne diz a Aly como se eu não pudesse ouvi-lo.

— Não, não, — eu gemo. — Apenas ouça. — Não tenho energia para lutar com ele. Eu não vou a lugar nenhum, no entanto. Ele precisa parar de pressionar.

— Mãe, — diz Aly, passando a mão pelo lado da minha bochecha. — Está tudo bem.

Quando me tornei a criança aqui? Por que ela está falando baixo comigo?

— Aly, eu estou bem, — eu asseguro a ela.

— Shh, — ela me silencia.

— Não, eu estou bem.

— Talvez você devesse ligar para o 9-1-1, — Aly diz a Layne.

— Por que vocês dois estão se juntando contra mim? Estou bem. Vocês não veem que estou bem?

Layne está ao longe com o telefone encostado no ouvido; seu dedo está pressionando contra sua outra orelha. Ele está girando em círculos lentos, o que ele faz quando está nervoso. Não consigo ouvir o que ele está dizendo através de Aly tentando me acalmar, mas não vou a lugar nenhum. Layne termina sua ligação e joga o telefone em nossa cadeira azul royal perto da porta da frente.

Talvez se Layne olhar para fora, verá evidências de um carro na garagem, ou qualquer coisa que lhe diga que não estou inventando uma história, mas ele não olha. Ele assume que eu enlouqueci.

— Eles estão vindo, — ele diz a Aly.

Não a mim. — Quem está vindo? — Eu pergunto, me sentindo mais frenética.

— Está tudo bem, — Layne me diz.

— Não, não está tudo bem. Eu não vou sair de casa. Pare de me ignorar.

— Querida, eu não estou te ignorando, — diz Layne.

— Você não me chama de 'querida'. Isso não é real.

— Baby, está tudo bem. Assim é melhor?

— Pare com isso, Layne. Apenas pare!

— Mãe, você precisa relaxar.

— Por que vocês dois estão fazendo isso? — Eu tento gritar, mas minhas palavras saem em um sussurro.

Layne ajuda Aly a se levantar do sofá enquanto ela chora. Ele envolve um braço em volta dela e dá um beijo no topo de sua cabeça. — Vá esperar a ambulância, — ele diz a ela.

— Não, Layne. Eu não quero ir. Por favor, pare com isso!

Aly caminha em direção à janela da frente, lágrimas escorrendo pelo rosto enquanto puxa a cortina de linho creme para longe da janela.

O sol entra, me acertando nos olhos, e os fecho com força por causa da claridade. Layne passa os dedos pelo meu cabelo e dá um beijo na minha testa. — Vai ficar tudo bem, — ele resmunga, parecendo quebrado. — Tem que ficar tudo bem.

— Estou bem, Layne. Por favor, — eu imploro.

— Não posso sentar e assisti-la se dissolver no chão, Dani. Isso não é amor. Isso, sou eu te ajudando, isso é amor.

— Não, Layne. Você está desistindo de mim. Por que você está desistindo de mim? Eu nunca desistiria de você. Nunca. Por favor, não me mande embora.

— Eu não estou te mandando embora. Estou te ajudando. Vai ficar tudo bem. — Ele está olhando para mim como se eu tivesse feito algo horrível, ou como se estivesse perturbado com meu comportamento. Eu não fiz nada. Ele tem que entender que eu não fiz nada para causar isso. Não estou mentindo, e mesmo assim ele não acredita em mim. Eu nunca lhe dei uma razão para pensar que eu mentiria. Talvez ele esteja cansado disso, cansado de mim, e de ter que cuidar de mim como se eu fosse algum tipo de pessoa indefesa. Eu não sou indefesa. Eu posso cuidar de mim mesma. Eu lhe disse isso várias vezes, mas ele não ouviu. Ele insistiu em cuidar de mim como se eu fosse uma criança, mas sou capaz. Eu deveria ser capaz de tomar minhas próprias decisões sobre minha saúde também, e não quero ir para o maldito hospital agora.

— O que está bem? O que vai ficar bem? Simplesmente tudo... até o quê? Até eu esquecer de você? — É isso que ele quer? Parece isso agora. Ele quer que eu esqueça tudo o que tivemos e passamos juntos. Como ele poderia fazer isso? Como Aly poderia me trair também? Eu não fiz nada além de dar aos dois meu mundo, e mais, e agora, é assim que eles me pagam.

— Dani, você precisa relaxar, — diz ele. — Deixa-me ajudar.

— O que? — Eu questiono. Ele não está fazendo nenhum sentido. — Não, Layne. Não. Você não está fazendo nenhum sentido agora. Tentou me ajudar a melhorar todo esse tempo, e agora quer desistir de mim? É porque não melhorei rápido o suficiente? Eu posso tentar mais. Vou a mais consultas de terapia, se você quiser. Vou tatuar seu nome na minha maldita mão, para não esquecê-lo novamente. Desculpe, Layne. Eu sinto muito. Não me mande embora. Por favor. Eu te amo. Eu te amo, apenas me deixe ficar aqui, — eu imploro.

Seus lábios não se movem ou tremem enquanto eu imploro para ele me deixar ficar em casa. Ele está olhando através de mim como se eu fosse de vidro, e isso dói muito. Isso dói. Como ele virou um interruptor assim? Achei que ele me amava.

— Shh, apenas descanse, — diz Layne. — Tudo vai dar certo.

— Não, não vai, — continuo chorando. — Por favor, não faça isso.

— Eles estão aqui, — diz Aly, soltando a cortina de sua mão. Ela caminha até a porta e destranca o trinco. *Como o trinco poderia estar travado?*

— Não, não! Eu não vou embora. Eu não vou a lugar nenhum. Eu não quero ir, Layne. Não me faça ir, por favor. Eu vou melhorar. Vou tentar melhorar. Eu prometo.

— Dan, nós temos que fazer isso. É para o seu próprio bem. Você sabe que nós te amamos. — Como isso é

amor? Ele está se livrando de mim, para o meu próprio bem. Eu não quero isso, então isso não é por mim. É por eles.

Os paramédicos passam pela porta com uma maca. — Eu posso andar. Não preciso ser carregada para fora de casa.

— Senhora, precisamos que respire fundo e tente relaxar, — diz um paramédico.

— Mas, eu não preciso ir com vocês. Estou bem. Está vendo? Eles só estão preocupados. Não há nada de errado comigo.

— Senhora, de quem você está falando? — O paramédico pergunta.

— Meu marido e minha filha. Foram eles que ligaram para vocês. — Eu me apoio em meus cotovelos, olhando ao redor da sala para Layne e Aly, mas não os vejo. Eles foram embora?

— Ok, senhora. Respire fundo.

— Não, você não entende o que está acontecendo. Eu não entendo o que está acontecendo. Pare com isso. Não quero ir a lugar nenhum!

— Vamos sedá-la, — diz o paramédico. — Ela não vai cooperar.

— Não. Eu não estou de acordo com isso. Não preciso ser sedada ou ir para o hospital. Exijo que você pare e saia da minha casa. Você está se intrometendo. Eu não liguei para vocês ou pedi que viessem à minha casa.

Uma agulha espeta em meu braço e, sem pensar, tento balançar meu corpo para longe, mas parece um peso de chumbo que não consigo mover. Eu preciso lutar.

Eles estão me atacando. — Pare de me machucar, — eu grito através de suspiros de ar.

Meu corpo fica entorpecido e sem peso quando as tiras apertam meu peito, me prendendo a uma tábua. Como eles me colocaram nessa coisa? Eu não me movi?

Estamos nos movendo, mas não estou andando. Estou na horizontal e alguém está me carregando em direção à nossa porta da frente, onde vejo Layne e Aly, abraçados, chorando. *Se isso os machuca tanto, por que estão fazendo isso?* Eu quero perguntar a eles, mas as palavras não vêm a mim. Estou sendo tirada da minha família, e para quê? Por que eles cansaram de mim agora?

A necessidade de gritar é feroz, mas meus olhos se fecham com um peso avassalador, levando-me de volta ao buraco negro que passo tanto tempo evitando. É aqui que eu deveria estar? No escuro?

VINTE E TRÊS

DOZE ANOS ATRÁS

TENHO 18 ANOS

Meu celular toca na mesa de cabeceira, me acordando assustada. Em um frenesi, me viro na cama, procurando o interruptor do abajur no escuro. Tateio ao redor por um momento antes de meus dedos fazerem contato com o interruptor. Meus olhos queimam contra o brilho da luz, e pego meu telefone. O visor mostra uma nova mensagem de Layne. Eu nem sei que horas são, mas sinto que estou dormindo há horas. Com a mão trêmula, abro meu telefone para ler a mensagem.

Layne: Dani, eu preciso de você.

Meu olhar se ajusta e verifica o horário no meu telefone. É uma da manhã. Meu coração afunda quando meus dedos se movem sozinhos enquanto respondo a Layne.

Eu: você está bem?

Um minuto se passa antes que uma resposta apareça na minha tela.

Layne: Não. Estou do lado de fora. Você pode sair?

Lado de fora?

Eu: Da minha casa?

Layne: Sim.

Layne nunca fez isso, ou me acordou no meio da noite. Ele nunca arriscaria acordar Aly no meio da noite depois do número de vezes que sentou comigo, esperando

pacientemente que ela adormecesse para que pudéssemos sair como garotos normais de dezoito/dezenove anos. Pego meu moletom que está pendurado na maçaneta da porta do meu quarto e deslizo pela minha cabeça enquanto desço os degraus o mais silenciosamente que posso. A luz vermelha brilhando no alarme da casa me lembra que está ligado e não tenho certeza de como posso desarmá-lo sem acordar mamãe e Aly, mas tenho que sair. Coloco minha mão no alto-falante do alarme, tentando sufocar todos os sons, e pressiono o código de quatro dígitos no teclado. O bipe é muito mais suave do que seria se eu não o cobrisse e espero que ninguém tenha ouvido. Ainda há silêncio na casa, então deveria estar a salvo. Abro a porta e saio para o ar frio, vestindo shorts e meu moletom. Eu nem coloquei sapatos.

— Layne? — Eu chamo.

— Estou aqui, — diz ele, parado ao lado do carro da mamãe. Está escuro e não há luz de rua do nosso lado, então é difícil ver muita coisa.

— O que está errado? — Estou apavorada em saber. Só posso ouvir respirações pesadas enquanto desço os degraus, mais perto de sua figura sombria. Enquanto ando até ele, a luz da rua da casa ao lado oferece um pouco de brilho, o suficiente para eu ver seu rosto coberto de lágrimas. — Layne.

— Ela se foi, Dani. — Layne mal consegue falar. Sua voz é tão rouca.

— Espere, não. Acabei de vê-la no jantar. Ela estava bem. — Estou chocada.

— Então... ela não estava bem. O coração dela parou.

— Não, — eu choro. — Não, não pode ser... — Percebo que preciso me segurar por Layne, mas meu coração está batendo forte e minha mente está nebulosa. Eu torço meus braços ao redor do torso de Layne e aperto meu corpo contra o dele, descansando minha cabeça em seu peito. — Eu sinto muito.

— Sinto que estou sozinho agora, Dani. — Suas palavras saem em um grito gutural, e as lágrimas caem dos meus olhos. Ouvir Layne, o cara que foi mais forte do que eu jamais poderia ser nesta situação horrível, quebrando e desmoronando.

— Você me tem. Você me tem, Layne. Entendeu? — Eu me afasto dele e alcanço seus ombros. — Olhe para mim. — Ele olha para baixo, mas seus olhos estão cheios de lágrimas. — Estou aqui.

— Dói muito, Dani. Eu não sei o que fazer. Dói tanto que não consigo respirar. Dói respirar.

— Eu sei. — Eu não sei. Não perdi ninguém assim, mas meu pai me abandonar quando eu tinha dez anos não era muito diferente de como suponho que uma morte pode ser. Ele se foi, do mesmo jeito. Ele simplesmente não me amava o suficiente para ficar.

— Eu não sei o que fazer, — ele murmura.

— Onde está Lizzy?

— Eu liguei para ela, mas foi direto para a caixa postal. O telefone dela deve ficar desligado durante a noite.

— Layne, onde isso aconteceu? Onde está sua mãe agora?

— Eu liguei para o 9-1-1. Eles a levaram. Eles disseram que demoraria um pouco antes que eu pudesse ver...

— Ok, precisamos ir para o hospital. Onde está o seu jipe?

— Eu vim andando.

— Você mora a três quilômetros de distância, Layne. — Meu Deus. Ele não está pensando direito. Não que eu esperasse que ele fizesse isso agora. — Você estava com ela quando...

— Eu estava no porão. Eu a encontrei no chão da cozinha quando subi para pegar uma garrafa de água.

— OK.

Quando chegamos às escadas da minha casa, mamãe estava andando em direção à porta da frente, envolvendo o roupão firmemente em volta do corpo. — Gente, o que está acontecendo... — Ela para de falar abruptamente quando provavelmente vê Layne. Então ela volta seu foco para mim, e lhe dou um olhar que sei que ela vai entender. Ela entende. Mamãe coloca a mão trêmula sobre a boca. Ela se tornou amiga de Sandra nos últimos meses e passou muitas tardes com ela. Foi bom vê-las formar um vínculo, e eu gostaria que tivesse durado para sempre.

Mamãe nos puxa para dentro de casa e nos envolve em seus braços. — Sinto muito, querido, — ela diz a Layne. — Quando isto aconteceu?

— Du-duas horas atrás, — diz ele, engasgando com suas palavras.

— Ela está no hospital agora?

— Sim, — diz ele.

— Você quer que eu vá com você? — Ela oferece.

Não quero Aly no hospital. Balanço a cabeça e acho que mamãe deve perceber ao mesmo tempo que Aly está dormindo no andar de cima. Estamos todos cansados e sem pensar direito agora.

— Você pode ficar com Aly? — Eu pergunto a ela.

— É claro, é claro.

— Layne, querido, quero que você volte para cá quando sair do hospital. Fique com a Dani, está bem? Eu vou te ajudar com tudo. Você ligou para Lizzy ou Marcy?

Layne balança a cabeça. — O telefone dela está desligado e o telefone de Marcy foi para o correio de voz.

— OK. Tenho certeza que elas vão retornar a ligação em breve, querido.

Layne pressiona as palmas das mãos nos olhos e respira algumas vezes rapidamente. — Obrigado, — ele sussurra.

— Por favor, dirija com cuidado e me mantenha atualizada.

Eu envolvo um braço em volta do pescoço de mamãe e dou-lhe um beijo na bochecha. — Obrigada. — Calço meus tênis de corrida que estão perto da porta e esqueço minhas pernas frias. Meus shorts são de corrida, então ninguém vai reparar e não quero sair do lado de Layne tempo suficiente para trocar de roupa. Eu vou ficar bem. Ele não está muito

melhor no momento, de qualquer maneira. Ele está com uma calça de moletom larga e uma camiseta preta com buracos no centro.

Layne não diz uma palavra a caminho do hospital, mas não estou questionando o porquê. Não posso imaginar o quanto está passando pela cabeça dele.

Parece que estamos caminhando por um túnel escuro quando saímos do carro. Eu sei que a garagem tem luzes, mas não parece que estejam funcionando em capacidade total. O elevador na garagem cheira a urina, e não quero tocar em nada, então coloco meu moletom na mão e aperto o botão do nível da rua.

Layne está olhando através das portas do elevador com um brilho cansado e atordoado em seus olhos. Eu pego sua mão, entrelaçando meus dedos com os dele e o puxo para frente quando as portas se abrem.

Eu falo quando necessário e pego a prancheta quando solicitada a preencher informações sobre Sandra. Eu respondo as perguntas que sei as respostas, então entrego a prancheta para Layne quando preciso que ele ajude.

— Seu telefone está tocando, — digo a ele enquanto pego a prancheta de volta. Os olhos de Layne estão congelados, olhando para o chão à nossa frente. — Layne. Pode ser Lizzy ou Marcy.

Ele balança a cabeça e enfia a mão no bolso para pegar o telefone e olha para a tela antes de abri-lo. — Lizzy, — ele diz, tentando soar forte. — Sim, não, não, nada está bem. Mamãe... ela... — Layne engole o nó na garganta e

balança para frente e para trás em sua cadeira por um minuto antes de se levantar, endireitar os ombros e falar. — Sim, ela se foi, Liz.

Eu posso ouvir Lizzy chorando pelo telefone, e Layne perde o controle novamente, então pego o telefone de suas mãos. — Lizzy, sou eu, Dani. Estamos no hospital, preenchendo papéis.

— Você vai esperar que eu chegue aí? — Ela diz em jorros de respirações ofegantes.

— Claro. Ligue para mim quando chegar aqui.

— Obrigada, Dani, — ela diz antes de encerrar a ligação.

Eu envolvo meu braço em volta das costas de Layne e o seguro tão forte quanto posso. — Ela está a caminho, — eu sussurro.

— Vocês são da família de Sandra Hensen? — Uma enfermeira pergunta enquanto se aproxima de nós.

— Sim, este é o filho dela, Layne. A filha dela está vindo para cá agora.

— Ok, uma assistente social estará com vocês em breve. Esta papelada está completa?

— Sim, senhora, — digo a ela.

— Há café e outras bebidas ao virar da esquina, se precisarem de alguma coisa. Estarei ali na enfermaria se puder ser de alguma ajuda também. Eu sei que este deve ser um momento difícil para sua família e sinto muito por sua perda.

Eu fungo em resposta, balançando a cabeça, para que saiba que a ouvi e entendi o que ela disse. Isso é pior do que

eu imaginava ser possível. Não posso fazer nada para aliviar a dor de Layne, e quero afastá-la como ele tentou muito tirar a minha dor nos últimos seis meses que nos conhecemos. Ele me deu tudo o que tinha para me ajudar a superar meus demônios do passado, e estou sentada aqui agora, indefesa e sem saber como posso fazer mais do que apenas abraçá-lo.

Não demorou muito para eu ver uma bagunça de cabelo moreno voando atrás da cabeça de Lizzy enquanto ela entrava na sala de espera. Layne a vê imediatamente e se levanta de seu assento, esperando para envolver seus braços em torno de sua irmã mais velha, sobre quem ele se eleva por um pé. Ele pressiona a cabeça dela em seu peito, e seus braços a envolvem inteiramente. Nenhum dos dois fala. Eles soluçam e se abraçam. A visão é de partir o coração, e só posso esperar que os dois nunca tenham que sentir tanta dor novamente em sua vida.

VINTE E QUATRO

DIAS ATUAIS

Eu sinto-me restringida, pressionada, cansada e incapaz de me mover. Tudo ao meu redor é uma bagunça embaçada, e quero minha família. Estou em transe pelo que parecem horas agora. Mal sei o que está acontecendo ao meu redor, mas tem havido muitas vozes, e alguém mencionou meu nome várias vezes, mas não tenho certeza do porquê.

Quero que meu foco clareie para que eu possa descobrir o que está acontecendo.

Finalmente, meus sentidos despertam e olho ao redor, encontrando quatro paredes me envolvendo dentro de uma sala. Paredes pintadas de pêssego com guarnição branca. Um monitor cardíaco com fios salientes presos ao redor do meu corpo, e há uma cadeira vazia ao meu lado. Memórias da última vez que estive em um hospital e conectada a monitores me fazem querer gritar a plenos pulmões. — Socorro!

Por que estou aqui sozinha?

Outro minuto se passa antes que uma enfermeira passe pela porta de madeira que aparentemente está atrás de mim. Ela não me cumprimenta antes de puxar a folha de

papel impressa do monitor cardíaco. — Como estamos? — Ela pergunta.

— Onde está o meu marido?

— Precisamos fazer algumas perguntas antes que você possa receber visitas, ok?

— Não, eu quero meu marido. Layne! — Eu grito, esperando que ele esteja lá fora e possa me ouvir.

Layne mandou você para cá.

Ele só quer que eu melhore. Ele estava tentando ajudar.

Layne está desistindo de você.

Ele não faria isso comigo.

Ele simplesmente fez.

— Por favor, você poderia chamar meu marido? — Pergunto, exigindo.

— Quando você se acalmar, tratarei de encontrar seu marido.

— Como você pode esperar que eu me acalme quando não sei por que estou aqui ou onde estou?

— Danielle, eu preciso que você respire fundo, pelo nariz e, lentamente, expire pela boca. Farei isso com você, querida.

— Não, eu quero meu marido.

Um médico entra na sala atrás de mim. Ele está vestido de preto, calça de alfaiataria e camisa branca, acompanhado de um estetoscópio e óculos grossos fundo de garrafa que

parecem ser de 1970. — Danielle, sou o Dr. Harry. Sou um psiquiatra clínico aqui no Mass General. Eu quero te fazer algumas perguntas se estiver tudo bem?

— Quero ver meu marido, — digo a ele.

— Eu entendo, e veremos como ajudar com isso assim que você cooperar conosco.

— Eu não fiz nada.

— Receio que isso não seja verdade, — diz o Dr. Harry.

Confusão é tudo o que sinto. Do que diabos ele está falando? Ele está me confundindo com outra pessoa? — Não entendo. Eu não fiz nada.

— Eu estive lendo seus arquivos, Sra. Hensen, e parece que você tem uma história bastante intensa.

— História intensa? — Eu questiono. — Fui atacada, espancada, estuprada e fiquei grávida. É isso que você quer dizer?

Dr. Harry pressiona a parte inferior de seus óculos empurrando-os até a ponte de seu nariz. — Bem, sim.

— Tudo bem, e daí? Isso foi há quatorze anos. O que isso tem a ver comigo estar nesta sala agora?

Ele toma o lugar vazio ao meu lado e fica confortável. Layne deveria estar sentado nesse assento. Não quero falar com este médico. — Parece que há uma grande lacuna na linha do tempo dos eventos desde a ocorrência. Você estava indo bem até o ano passado, nessa época. Isso está correto?

— Sim, então fui diagnosticada com demência precoce e minha vida foi pelo ralo. Que tal isso como diversão?

Eu percebo que meu sarcasmo não vai me tirar mais rápido daqui, mas já passei por isso, e estou cansada de ser tratada como se estivesse doente. Estou sendo mantida contra meu livre arbítrio e quero ir para casa.

— Você consegue pensar em algum momento significativo que aconteceu no ano passado?

— Sim, fui diagnosticada com uma doença que põe fim à vida. Isso não é significativo o suficiente?

— Muito bem, — diz o Dr. Harry. — Você está agitada, por uma boa razão, então vou deixá-la aqui, e pode responder as perguntas mais tarde.

— Eu quero ver meu marido, — eu menciono novamente.

— Uma enfermeira tentará localizá-lo. — Acho difícil acreditar que Layne não está sentado do lado de fora da porta. Ele não me deixa muito tempo, e sempre que há médicos envolvidos, ele nunca está longe.

Tenho observado o relógio porque não há muito mais que eu possa fazer no momento. Portanto, sei que já faz mais de uma hora desde que pedi para ver Layne, e ainda estou sentada aqui, olhando para uma parede sem pensar, enquanto esta enfermeira folheia uma revista de estilo de vida.

Quando ouço a porta abrir e fechar atrás de mim, quero pular da cama e correr, mas não consigo me mexer. Eu achei

que eles só restringissem pessoas agressivas ou indisciplinadas. Isso não era eu.

Layne aparece, e parece chateado. Eu também ficaria chateado se o visse deitado nesta cama, mas ele não está chateado da maneira que deseja que eu melhore. Há um certo toque de raiva nadando em seus olhos. — Eu quero sair daqui, — digo a ele.

Talvez ele esteja com raiva por eu estar amarrada a uma maca. Eu ficaria com raiva. Estou com raiva.

Ele levanta a mão para coçar o queixo. Ele está pensando antes de responder. Isso é o que significa coçar o queixo. O que há para pensar? — Dani, o que aconteceu?

Por que ele está me perguntando o que aconteceu como se não estivesse lá? Foi ele quem pediu a Aly para ligar para o 9-1-1. — O que? Você estava lá. O que aconteceu com seu braço, Layne? Uma bandagem branca está enrolada algumas vezes em seu antebraço.

— Tive que levar pontos. Eu ficarei bem.

— O que aconteceu? — Eu pergunto novamente, sentindo meu coração pulsar no meu peito. Quem o machucou? Ele sofreu um acidente?

— Você me atacou, — diz ele, olhando para baixo entre nós. Ele não consegue olhar para mim.

— Não, eu não ataquei. Por que você está dizendo isso?

— Eu tentei te carregar escada abaixo, mas você tentou me afastar.

— Isso é ridículo. Você me carregou para o sofá.

— Não, — diz ele. — Nós dois acabamos caindo da escada. Aly ligou para o 9-1-1.

— Aly, ela está bem? — Onde ela está? Por que ela não está aqui? Meu Deus. Onde está minha filha?

— Ela está bem, Dani. Ela está falando com o serviço social agora.

— O que? Por quê?

— Protocolo quando há violência doméstica.

— Eu entendo, mas não machuquei ninguém. Nunca machucaria ninguém, especialmente você, Layne. Como você pode achar isso?

Layne se agacha ao lado da minha cama e desliza seus dedos pelos meus. — Olhe para a sua mão, — ele me diz.

Ele a ergue o mais longe possível da cama por causa das restrições.

Minhas unhas.

Há sangue seco sob minhas unhas.

— Eu vou vomitar, — murmuro. — Layne. Você tem que saber que eu não...

— Dani, nós vamos te ajudar. Estou tão chateado quanto você agora. Eu sei que você não estava no controle de seu comportamento, mas isso é assustador, certo?

— Sim, — eu deixo escapar em voz alta. — Sim, isso é assustador. Ajude-me. Por favor. Sinto muito, Layne. Deus, eu nunca tentaria machuca-lo ou a Aly. Você é minha vida. Eu te amo. Por favor, acredite em mim.

— Eu acredito em você, mas precisamos que você melhore agora.

— Eu quero melhorar, — eu choro.

— Ok, então preciso que você responda as perguntas do médico para que eles possam ajudar. Você me promete que vai fazer isso?

— Sim, o que for preciso para tornar isso melhor. Eu sinto muito. Sinto muito, Layne. Juro, não me lembro de te machucar. Não sei o que aconteceu.

— Eu sei, — diz ele, pegando a outra mão, que está enrolada em uma bandagem e passa os dedos livres pelo meu cabelo. — Acho que amorteci a maior parte de sua queda. Você sente alguma dor?

— Apenas meu coração, — digo a ele. Não tenho certeza se poderia reconhecer qualquer outra dor agora.

— Isso pode ser consertado, querida. Eu quero ter certeza de que você vai melhorar.

— Sinto muito, — digo a ele novamente.

— Eu sei.

— Tem um hematoma feio na sua bochecha, — digo a ele.

— Acho que levei uma cotovelada na bochecha. Isso foi de quando caímos.

O médico e outras equipes médicas me fizeram o que parece ser um milhão de perguntas entre ontem e hoje. Eu tive que passar a noite aqui, sozinha. Eles não deixaram Layne ficar comigo. Isso é um castigo. Disseram que se eu obedecesse, poderíamos avaliar os próximos passos

hoje. Estou tão envergonhada de mim mesma, mas não me lembro do que aconteceu.

Uma batida na porta do meu quarto tira meu foco da janela, e olho para ver quem está aqui. Eu disse a Layne para ir trabalhar hoje, já que ele está tirando muita folga. Além disso, é melhor eu aproveitar esse tempo para reunir meus pensamentos hoje e passar por essas consultas médicas.

Dr. Mallard, o médico que está conduzindo os exames clínicos, entra na sala. Eu não esperava vê-lo, mas estou no Medical Park, então talvez tudo esteja conectado. Além disso, tenho certeza que Layne entrou em contato com ele depois que tudo isso aconteceu.

— Olá, Danielle, — diz ele, estendendo a mão para eu apertar. Pelo menos posso apertar a mão agora que não tenho alças me prendendo a uma cama como se eu fosse uma condenada.

— Oi, Dr. Mallard.

— Seu marido me ligou ontem à noite, e tenho estado bastante preocupado com você.

— Tive a sensação de que ele poderia ter entrado em contato com você.

— Ele está muito preocupado.

— Eu sei.

— Então, tenho as avaliações neurológicas que foram reunidas desde ontem e são muito profundas.

— Eu não tenho certeza do que poderia ser profundo sobre a forma como meu cérebro funciona, — digo a ele.

— Bem, por um lado, eu tenho boas notícias.

Boas notícias? Eu não acho que mereço nada disso agora, mas vou contra a outra opção.

Dr. Mallard coloca a mão no meu pulso. — Danielle, acredito que podemos riscar Demência da sua lista.

— Espere, o que você acabou de dizer? — Eu grito, batendo a mão contra minha boca. Eu não esperava ouvir isso de todas as coisas.

— Você não tem demência, Danielle. Acredito que você esteja sofrendo do que chamamos de Delirium, que muitas vezes é causado por um evento traumático. Delirium pode ser a causa de alucinações, mal-entendidos, falta de foco, confusão e enxaquecas. Em alguns papéis que temos, mostra que você teve um encontro com Bale Herman há pouco mais de dez meses. Ele é o homem que atacou você aos dezesseis anos, correto?

— Sim — eu concordo.

Dr. Mallard acena com a cabeça antes de quebrar o contato visual, então olha para suas mãos. Ele está brincando com sua aliança de casamento, parecendo perdido em pensamentos por um momento. — Danielle, na minha opinião profissional, o encontro que você teve com Bale Herman no ano passado, reativou seu transtorno de estresse pós-traumático. — Dr. Mallard se senta na cadeira ao lado da minha cama. Ele se inclina para frente, apoiando os cotovelos nos joelhos, depois apoia o queixo sobre os punhos fechados. — Você vê, quando nossas mentes envelhecem um pouco depois de sofrer tanto trauma, é como lidar com tecido cicatricial. Pode parecer que estejamos curados e temos uma

nova e espessa camada de pele nos protegendo, mas, na realidade, ainda há uma fraqueza abaixo da superfície que precisamos proteger. Eu acho que você está sofrendo de um distúrbio psicológico em resposta ao medo que está sentindo este ano, que tem sido a causa da maioria dos seus sintomas. Além disso, a combinação de medicamentos que você está tomando pode interagir negativamente entre si, o que geralmente causa perda de memória.

— Parece muito simples, — digo a ele, tentando recuperar a compostura. — Eles disseram que havia algum dano remanescente no meu cérebro quando fiz a ressonância magnética e a tomografia computadorizada no ano passado.

— Você pode ter tecido cicatricial, mas essa não é a causa desses problemas. Eu entendo que esta é uma informação nova, que pode levar tempo para digerir. No entanto, estou confiante de que quanto mais cedo a colocarmos no caminho certo com o tratamento e os medicamentos adequados, você verá melhorias. Você vai melhorar com o tempo.

Estou tentando ao máximo juntar todas essas peças na minha cabeça. Parece que suas palavras estão flutuando na minha cabeça, fora de ordem, e preciso compreender tudo. — Layne sabe?

— Ainda não. Achei que era necessário falar com você primeiro. Ficarei feliz em ligar para ele e informá-lo se for mais fácil para você.

— Isso desculpa o que eu fiz com ele? — Eu entrelacei meus dedos, unindo-os com força e semicerrei os olhos, rezando para que ele dissesse que sim.

— Dani, acho que nós dois sabemos que o dano físico é uma coisa difícil de esquecer, mas haverá um nível de compreensão do seu lado neste caso, e acho que Layne é um homem compreensivo. Estou certo?

— Ele é. Minha filha viu tudo isso acontecer também.

— Ela sabe o que aconteceu com você, Dani?

DOIS ANOS ATRÁS - EU TINHA 28 ANOS

Fiquei na porta de Aly por um momento, observando-a escrever um poema em que estava trabalhando para a escola. Eu não estava pronta para fazer o que estava prestes a fazer, mas prometi a mim mesma que quando Aly fizesse doze anos, confessaria nossa história para ela. Eu precisava que ela se protegesse.

Layne colocou a mão no meu ombro e apertou suavemente. — Preparada? — Ele sussurrou.

— Eu não acho que posso fazer isso com você, — eu sussurrei de volta para Layne.

— Ela precisa saber a verdade, Dan.

Aly nos ouviu sussurrando e se virou em sua cadeira.

— O que vocês estão fazendo? — Ela perguntou.

— Admirando você, — eu disse a ela, forçando um sorriso.

— Uh, você é estranha, — disse ela, rindo.

— Querida, podemos falar com você por um minuto? — Eu perguntei a ela.

— Estou em apuros? — Ela perguntou.

— Não, não. Nós só queremos falar com você.

— Vou ter um irmão ou uma irmã? — Ela estava brincando, mas estava longe de ser uma piada para nós que não queríamos nada mais do que dar um irmão a Aly. Ficar grávida de outro filho não estava nos planos para nós, mas esse não era o ponto.

— Não, temo que não.

— Eu sei. Vocês já me disseram que eu era a pessoa especial que Deus escolheu para vocês, blá.

— Aly, estamos tentando falar com você sobre algo importante, — disse Layne, interrompendo sua rodada de “blás”.

Nós nos sentamos em sua roupa de cama azul royal que ela escolheu na Target algumas semanas antes. A cor favorita de Aly mudava a cada mês entre as idades de oito e dez, mas chegamos a um período em que azul royal era sua cor de escolha por mais de alguns meses. — Então, muito tempo atrás, antes de você nascer, havia um homem horrível.

As palavras com as quais comecei imediatamente capturaram a atenção de Aly, e sua pele perdeu um pouco da cor rosa.

— Quem era ele? — Ela perguntou.

— Isso não é importante, — eu respondi. — Você sabe quando tivemos a conversa sobre sexo, certo? — Eu sabia que ela odiava essas discussões, mas senti que era muito importante ter um relacionamento aberto e honesto com ela desde que tinha idade suficiente para entender.

Aly olhou para Layne, depois de volta para mim. Eu geralmente tinha as conversas de pássaros e abelhas com ela sozinha, poupando tanto ela quanto Layne daquele embaraço de pai/filha. — Sim, — disse ela.

— Ok, bem, quando eu tinha dezesseis anos, havia um homem que queria que eu fizesse sexo com ele. Eu era tão jovem e não o conhecia, nem queria que ele me tocasse. Ou seja, eu não concordei em fazer sexo com ele, Aly. É uma situação horrível, mas mulheres e homens passam por isso às vezes. É assustador, e temos que ser cautelosos na vida. Esse tipo de comportamento é conhecido como estupro.

Aly olhou para o lado, digerindo a informação, engolindo em seco, enquanto os pensamentos provavelmente queimavam em sua cabeça. Era fácil ver que um milhão de perguntas estavam sendo formuladas em questão de segundos.

— Alguém te estuprou? — Ela perguntou.

Ouvir isso em voz alta forçou uma dor no meu estômago, e Layne limpou a garganta. Eu assumi que ele estava sentindo coisas semelhantes a mim. — Sim, Aly. — Mordi o lábio para uma pausa, me dando um segundo para respirar. — Cerca de um mês depois, descobri que estava grávida... de você. — Eu não tinha certeza se ela juntaria as peças rapidamente ou se eu precisaria explicar mais, mas depois de alguns segundos os

olhos de Aly se encheram de uma expressão de dor, então lágrimas.

Ela olhou entre Layne e eu, franzindo as sobrancelhas enquanto balançava a cabeça. — Você disse que é preciso um marido e uma esposa para ter um bebê, — ela repetiu as palavras que lhe disse alguns anos atrás enquanto tentava explicar o ciclo natural da vida. Não entrei em outros detalhes naquela época com medo de sobrecarregá-la tão jovem, mas a escola nos informou que algumas crianças vinham fazendo perguntas e era um bom momento para introduzir o assunto.

— Você está mais velha agora, e acho que é hora de saber a verdade, Aly. Nem todos os maridos e esposas podem ter filhos. Às vezes as famílias adotam, outras vezes, as famílias desistem de uma criança se não puderem cuidar dela. E em raras situações, uma mãe tem um filho de um homem que ela não conhece. Esse homem pode ser uma pessoa muito má.

Aly lentamente mudou seu foco para Layne enquanto o medo continuava a se mover em seus olhos. — Pai?

— Eu entrei em suas vidas quando você tinha pouco mais de um ano, Aly. Tivemos um vínculo imediato, você e eu, e depois de passar algum tempo com você, tomei a decisão de não sair do seu lado ou deixar qualquer outra pessoa preencher um papel em sua vida que eu sabia que eu deveria preencher.

— Você não é meu pai de verdade?

— Eu te adotei quando você tinha três anos. Eu sou seu verdadeiro pai, Aly, e sempre serei seu pai. Não importa como

você acabe nesta terra. Importa com quem você passa seu tempo, quem te ama e quem lhe dará o mundo.

Aly colocou as mãos no peito, e seus lábios tremeram. Ela estava tentando entender a verdade, mas tudo o que podíamos fazer era dar-lhe tempo para entender. — Não, não, você está errado. Vocês são meus pais. Vocês sempre foram meus pais.

— Aly, o homem que me engravidou, não é seu pai, em hipótese alguma. Ele está na prisão, e vai ficar lá. Seu pai está bem aqui, e tudo o que ele acabou de dizer é cem por cento verdade.

— Olhe para mim, garotinha, — Layne diz a ela. Aly leva um segundo, mas finalmente olhou para Layne. — Você se sente diferente sobre mim agora que sabe o que nossa família passou para chegar onde estamos hoje?

— Talvez você não pudesse ter outro bebê porque só deveria ser meu pai, — disse ela.

Suas palavras me deixaram sem fôlego. Suas palavras fizeram a declaração mais instigante que eu poderia imaginar ouvir de uma menina de dez anos.

Tivemos a opção de fertilização in vitro, mas decidimos que era nosso destino criar Aly juntos e ser seus pais, então paramos de tentar e apreciamos as cartas que já tínhamos recebido.

— Isso também é o que eu acho, Aly, — digo a ela. — Você está bem? Eu sei que isso deve ser muito para absorver agora. Eu temi ter essa conversa com você durante toda a sua vida, mas é justo que saiba a verdade. Meu maior medo,

porém, é que não quero que você olhe para o papai como nada menos do que sabe que ele é.

O queixo de Aly tremia e seu joelho saltava, mas ela respirou fundo e se levantou da cadeira, então andou até Layne, sentou-se em seu colo e colocou os braços ao redor de seu pescoço. — Eu te amo pai.

Layne engoliu em seco; Eu podia ouvir o movimento em sua garganta.

— Você sempre será minha única menininha. Eu te amo mais do que poderia explicar para você, e agradeço a Deus todos os dias por não ter perdido nada mais do que um ano de sua vida. Eu nunca quis passar um segundo longe de você. Eu espero que saiba disso.

Aly levantou a cabeça e olhou para mim antes de envolver o braço em volta do meu pescoço também. — Sinto muito que alguém te machucou, mãe.

— Eu também, querida, mas tudo na vida acontece por uma razão. Não me arrependo de ter você. Eu sou grata por você, cada parte de você.

DIAS ATUAIS - 29 ANOS

— Sim, Dr. Mallard, Aly sabe o que aconteceu comigo quando eu era um pouco mais velha do que ela é agora.

— Fico feliz em ouvir isso, Danielle. Isso tornará um pouco mais fácil para ela entender. Tenho certeza de que você

e seu marido podem explicar tudo para ela quando chegarem em casa mais tarde.

— Posso sair do hospital? — Eu pergunto a ele, me sentindo esperançosa.

— Depois de discutirmos um plano de tratamento, vou garantir que lhe deem alta.

— Obrigada, Dr. Mallard. Obrigada por me devolver a vida.

VINTE E CINCO

DOZE ANOS ATRÁS

TENHO 18 ANOS

O último mês da minha vida foi uma loucura — difícil de acreditar, na verdade. Apenas dois anos depois de pensar que minha vida havia acabado, pude experimentar alguns dos melhores momentos da minha vida. É difícil embrulhar minha cabeça em torno de tudo isso, mas a vida não para pôr muito tempo.

Layne vem conseguido mais e mais shows e tem estado muito no estúdio, o que é bom, já que ele precisa de uma distração depois de perder Sandra. No entanto, também não temos nos visto muito ultimamente. Essa é a parte chata.

Ele e Lizzy tiveram que decidir o que fazer com a casa de Sandra, e ambos concordaram que era melhor vendê-la, já que não havia nada além de uma dor excruciante a ser sentida cada vez que entravam lá. No entanto, Layne morava lá com Sandra, então isso tornou as coisas um pouco mais desafiadoras para ele do que para Lizzie. Mamãe e eu lhe oferecemos espaço em nossa casa, mas ele insistiu em

colocar sua vida nos trilhos *para* que pudesse encontrar um novo normal, o que eu entendia.

Esta noite era a primeira vez que ia vê-lo em duas semanas, e estava jorrando de emoção para lhe dar algumas notícias que tenho escondido dele a semana toda. Ele tem novidades para mim também, eu acho. Então, será uma noite agitada.

— Você vai trazer Layne para casa com você depois? Eu adoraria vê-lo, — mamãe diz.

— Sim, esses idiotas estão sumidos há semanas, — acrescenta Lexi.

Mamãe tem Mahjong hoje à noite, então Lexi se ofereceu para cuidar de Aly para mim. Normalmente, eu levaria Aly junto, mas Layne quer conversar hoje à noite, então acho que é melhor se eu for sozinha.

— Eles estão se apresentando. Eles não estão sumidos, — eu argumento com Lexi.

— Sim, mas eles estão se apresentando na Carolina do Norte e na Carolina do Sul, e não podemos simplesmente deixar nossas vidas para segui-los. Não é justo.

— Eu sei, mas isso é enorme para eles. Só precisamos ser felizes e solidárias.

— Eu não sei, — Lexi suspira. — Não tenho certeza se sou feita para esse estilo de vida com Johnny. Ele é super doce e charmoso, mas não quero ficar me perguntando onde ele está o tempo todo. — Ela faz sentido. Não posso dizer que os mesmos pensamentos não passaram pela minha cabeça desde que Layne e eu nos conhecemos, mas nos últimos

meses, passamos por tanta coisa juntos que não consigo imaginar na minha vida sem ele. Só espero que estejamos na mesma página.

E se ele quiser terminar? Talvez seja por isso que ele precisa falar comigo. Que rockstar gostaria de ser pressionado por uma mãe adolescente? Meu coração começa a afundar nas profundezas cavernosas do meu estômago enquanto meus pensamentos se tornam uma bola de neve.

— Terra para Dani, — Lexi diz, acenando com a mão na frente do meu rosto. — Você está bem?

— Sim, desculpe-me. Eu estava pensando em tudo.

Ela solta outro suspiro exagerado. — Eu não sei. Vou deixar as coisas acontecerem um pouco mais, eu acho.

— Sim, eu concordo.

— Você vai se atrasar se não sair, — ela me lembra.

— Certo. Obrigada por cuidar de Aly esta noite.

— Qualquer coisa pela minha bola de queijo número um, — Lexi murmura e varre Aly do chão, balançando-a em círculos vertiginosos.

Eu saio enquanto Lexi está entretendo Aly, então não tenho que ouvi-la chorando quando saio pela porta.

A viagem é curta até a churrascaria no centro, e há estacionamento bem em frente à entrada. É uma noite de quarta-feira, e a maioria das pessoas não vai aos restaurantes até amanhã à noite ou no fim de semana, quando os turistas chegam para aproveitar a praia.

Layne está parado perto da porta em seu traje típico, jeans pretos rasgados, uma camiseta e seu casaco de

couro. Seu cabelo está bagunçado hoje, mas parece bagunçado de uma maneira proposital. Eu gosto disso.

Seu sorriso é grande quando me vê sair do carro e ele corre em minha direção, me pegando e me gira em um círculo. — Minha menina, — ele anuncia. Layne não é tímido quando se trata de afeto. Não importa onde estamos ou quem está assistindo. Ele me ama e quer ter certeza de que eu não esqueça. Como eu poderia? Seus lábios pressionam contra os meus, e sua voz doce está ronronando em minha boca. — Cara, eu senti sua falta.

— Olha quem fala. Estou enlouquecendo nas últimas duas semanas.

— Idem, — diz ele. — Vamos, baby, vamos comer e conversar.

Conversar. O que há para conversar? Ele não pode me beijar assim e depois terminar comigo. Tem que haver uma regra sobre isso ou algo assim.

Layne abre a porta e varre o braço para frente, permitindo que eu entre primeiro. — Eu gosto dessa calça, — ele sussurra no meu ouvido.

— Eu poderia ter você em mente quando a comprei na semana passada.

Seu gesto é sutil e oculto, mas sinto um beliscão rápido na minha bunda quando ele entra atrás de mim. — Obrigado por pensar em mim.

Seus braços rastejam em volta da minha cintura, e seu queixo cai no meu ombro enquanto estamos diante do pódio da anfitriã. — Dois, por favor, — diz Layne.

— Oh meu Deus. Você é Layne Hensen de Dividing Oblivion?

— Sim, eu sou, — diz ele, não afetado pela fã.

— Uau. Estou no seu fã-clube, o Divi-O's! Divi-O's, Divi-O's, — ela canta sem jeito. — Oh meu Deus, eu poderia ter seu autógrafo?

— Claro, — diz ele. A garota está girando em círculos procurando por algo que Layne possa assinar, e estou ficando um pouco desconfortável, me sentindo como o espetáculo à parte aqui. É assim que a vida dele vai ser. Ele é um cantor conhecido agora.

Layne pega um porta-copos na lateral do bar e tira uma caneta do bolso de trás da calça. — Qual o seu nome?

— Can-dace, — ela diz gaguejando.

— Ok, Can-dace. Aqui está. — Layne lhe entrega o porta-copos com um sorriso e coloca a caneta de volta no bolso. Seu braço volta ao meu redor, e ele dá um beijo na minha bochecha, o que eu amo. Não me sinto mais como um espetáculo à parte. Eu me sinto como a garota de Layne Hensen.

Candace tropeça em busca de menus e viaja duas vezes no caminho para a nossa mesa antes de colocar os menus. — Deixe-me saber se posso ajuda-lo enquanto está aqui, — diz ela.

— Obrigado, — ele responde.

— É assim que todas as mulheres estão te tratando hoje em dia? — Pergunto-lhe. Minha pergunta contém uma

quantidade razoável de ciúmes, mas ele não é tímido sobre com quem está, então eu deveria relaxar.

— Vem com o território, eu acho. Não estou interessado em nenhuma delas, Dani. Elas não são meu tipo. Você é.

— Então você não vai terminar comigo esta noite? — Eu pergunto, olhando para o meu esmalte rosa e lascado. Eu pretendia consertar minhas unhas hoje.

— Você está louca, garota? Não. Você é minha. Quero dizer, se você ainda quiser ser minha. Eu só quero que você seja minha se quiser que eu seja seu, e você sabe, essas coisas.

— Obviamente, seu bobo. Definitivamente tem longas duas semanas, hein?

— Deus, tem sido exaustivo. Shows consecutivos, dez dos doze dias em que estivemos fora. Os caras são como zumbis, e temos que estar no estúdio amanhã de manhã às oito.

— Uau. Isso é muito. — Achei que ele ia descansar um pouco agora que voltou para casa, mas suponho que não deveria ter presumido nada. — Estou morrendo de vontade de ouvir o que você quer me dizer.

Layne pega minhas mãos, e isso me assusta um pouco. Já riscamos um rompimento da nossa lista, mas também não consigo entender qual é a expressão de desconforto. — Se eu te pedisse para ir na turnê comigo, você faria isso? Aly também obviamente. As coisas estão realmente melhorando, e nosso empresário acha que vamos explodir um dia desses, o que estamos vendo ultimamente.

Eu não esperava essa pergunta. Quando imagino a carreira musical de Layne, sempre me vejo sentada à margem ou assistindo à distância. Não considerei a ideia de ser uma groupie. Eu teria que desistir de tudo em casa e deslocar Aly, mas, novamente, poderia viajar pelo país com Layne, e essa é uma oportunidade difícil de deixar passar.

— Você não tem permissão para me dar uma resposta esta noite. Não posso deixa-la fazer isso. Você precisa pensar sobre isso, mexer nisso e ter absoluta certeza sobre sua resposta. OK?

Ele é tão maduro e compreensivo. Eu tenho uma filha e não sinto que meu nível de maturidade esteja à altura do dele. — Vou pensar sobre isso, — digo a ele, sorrindo com uma excitação que ainda não deveria sentir antes de considerar todas as opções. A ideia de tudo isso soa como um sonho.

— Quando começaria? A turnê. Quanto tempo vai durar?

— Começará em dois meses, 8 de junho, e viajaremos até 12 de outubro.

— Isso é loucura, eu digo. Deus, estou tão orgulhosa de você. Sua mãe... ela estaria enlouquecendo agora.

— Ela estaria, — Layne concorda.

Eu levanto o menu para colocar uma pausa na nossa conversa porque não quero entristecê-lo, mas senti que ele precisava ouvir isso também. Isso é muito para digerir. — Vou querer um hambúrguer esta noite. Estou com desejo, — eu digo a ele.

Ele inclina a cabeça para o lado e me dá um olhar questionador. — Qual é a sua grande novidade?

Eu esqueci completamente o que eu tinha que dizer a ele. — Certo. Eu quase esqueci. Suas notícias são muito mais empolgantes do que as minhas, mas entrei no programa de meio período do Massachusetts College of Arts. Vou ter aulas noturnas a partir do próximo outono e estou muito animada. — Eu não pareço muito animada dizendo isso em voz alta. O pensamento de possivelmente ser a groupie de Layne está desaparecendo a distância. Eu não seria capaz de acompanhá-lo o tempo todo, e não sei se conseguiria voltar para casa facilmente de onde quer que estejamos no final do verão. Isso é muito a considerar.

— Puta merda, Dani! Isso é incrível! Estou tão orgulhoso de você. Você é um artista incrível. As pessoas vão fazer fila para encomendar peças. Porra, esta é uma noite muito emocionante, hein?

Agora, nenhum de nós parece animado. Estamos apenas jogando palavras, percebendo que estamos neste ponto de nossas vidas em que temos que tomar decisões para nosso futuro e não podemos tomar essas decisões com base no caminho de outra pessoa.

A garçonete traz duas águas e uma cesta de pão. — Posso trazer mais alguma coisa para vocês beberem enquanto olham os menus? — Nossos cardápios estão abertos, então parece que ainda não escolhemos o que vamos comer.

— Água está bem para mim, — digo a ela.

— O mesmo, — diz ele. — Só precisamos de mais um minuto com os menus, se você não se importa.

— Claro, senhor, não se apresse.

Senhor. Somos crianças. Crianças que estão tendo que crescer muito mais rápido do que qualquer um de nós pensava que aconteceria.

Layne pega seu canudo e tira o embrulho, joga-o na água e bebe o mais rápido que o canudo permite. Quando ele remove o canudo de entre os lábios, coloca o copo na mesa e a cabeça na mão. O cabelo dele cai sobre a frente de sua mão, mas ele o joga para trás e se inclina em seu assento. — Algo não parece certo.

A única coisa que não parece certa é o meu coração. — Temos que fazer o que é melhor para nós mesmos, mas isso não significa que não podemos ficar juntos enquanto fazemos. — Eu sinto que isso é algo que todo casal adolescente eventualmente diz um ao outro.

— Sim, definitivamente. — Pelo menos não estamos compartilhando a mentalidade de Lexi, porque suponho que ela terminará as coisas com Johnny assim que descobrir o que o futuro dele reserva. — Layne, estou sinceramente animada por você. Esta é uma oportunidade incrível. Olha até onde você chegou? É louco. É como um sonho selvagem.

— Assim como a faculdade, e estou tão orgulhoso de você. Estou com um pouco de ciúmes também. Eu queria viver meus quatro anos em Berkeley, mas as pessoas vão para a faculdade por anos para ter esse tipo de oportunidade,

e me sinto tolo pensando em escolher o ensino em vez de uma turnê pelo país. Qual você escolheria?

— Obviamente, eu escolheria a turnê. Se essa é a decisão certa ou não, eu não sei, mas com certeza parece. Sim, você não pode recusar uma turnê, Layne. Isso seria uma loucura. — A voz na minha cabeça quer dizer que ele deveria escolher o ensino primeiro e ser egoísta, mantendo-o em casa, mas não sou esse tipo de pessoa. Eu sei como é ter sonhos arrancados e nunca poderia desejar isso para outra pessoa. Ele merece o mundo e ver até onde pode levar sua carreira. Há sempre tempo para a escola mais tarde na vida.

No entanto, posso adivinhar que vamos nos perder na mistura dele se tornar famoso. Eu posso sentir isso em meus ossos. Tenho certeza de que ele também está digerindo todos os fatos, mas não quero ser um fator decisivo. Eu não deveria ser. Estamos juntos há apenas sete meses, e ele precisa fazer o que for melhor para ele.

Eu sou apenas um realista ao mesmo tempo. É difícil não ser honesta comigo mesma. Não quero me machucar. Tenho certeza de que vamos tentar aguentar o máximo possível, e talvez consigamos passar alguns obstáculos, mas no final, as chances são maiores de perdermos de vista o que é realmente importante quando nossos sentimentos pessoais atrapalharem. Parece que esse tipo de decisão é um rito de passagem para a vida adulta. Então tem Aly. Como posso puxá-la para este mundo? Ela já recebeu um conjunto injusto de cartas. Eu

tenho que fazer o que é melhor para ela, o que me obriga a obter uma educação com esperança de uma carreira após o programa de dois anos.

— Não vamos perder a esperança, ok? — Layne pergunta.

— Nunca, — eu concordo.

Ele se inclina sobre a mesa e coloca a mão na minha orelha, me dando um beijo rápido. — Eu te amo, Dani. Nada pode mudar isso.

Exceto por uma garota que parece melhor do que uma adolescente da sua cidade natal com um bebê.

— Eu te amo, — digo a ele, minha voz é suave, mas estou falando sério. — E agora?

— Você decide se quer se juntar a mim na minha turnê até o outono. Então, vai para a faculdade e consegue o que merece na vida.

— E você?

— Teremos que esperar e ver o que vem a seguir, eu acho.

Eu estava com medo que ele dissesse isso, mas não há como saber o que vai acontecer depois da turnê. Ele poderia ter que se internacionalizar ou começar seu próximo álbum. Não sei como funciona a indústria da música, mas sei que tem uma reputação implacável, e muitas horas sem dormir.

— Então, vou querer o hambúrguer e as batatas fritas, — digo a ele.

— Com queijo? — Ele pergunta.

— Sem queijo.

— Você é nojenta, — ele me diz. — Não sei por que eu gostaria de passar tempo com alguém que não gosta de queijo no hambúrguer.

Eu jogo meu canudo nele. — Você é um perdedor; é por isso.

— Não um grande perdedor como você. Então, tem isso.

— Sim, bem... — Eu não tenho nada.

— Como está Aly-bebê? — Ele pergunta. — Voltarei para casa com você depois para receber meus abraços de Aly. Eu senti falta dela e trouxe um monte de bichos de pelúcia. Não se preocupe; os olhos são todos feitos de fios para que nenhum botão se solte. — Eu rio porque nunca disse a ele que tinha uma preocupação com botões, mesmo que não dê a ela nada com botões, sabendo que podem ser facilmente engolidos. É doce que ele se lembre disso de quando o filho de Lizzy era um bebê.

— Ela vai enlouquecer quando te ver, especialmente depois de ter tomado algumas vacinas no consultório do pediatra hoje.

— Oh meu pobre bebê, — diz ele. Sempre que ele fala sobre ela assim, me faz sentir toda pegajosa por dentro. Ele não está apenas dizendo coisas doces sobre Aly para ganhar minha atenção. O jeito dele com ela é natural e verdadeiro. Ele adora passar tempo com ela tanto quanto ela gosta de estar com ele. A quantidade de vezes que ouvi o nome de “Leão” nas últimas duas semanas foi quase mais do

que ele passou pela minha cabeça, o que foi muito. A garota sabe o que amar, eu acho.

— Então, quais músicas você vai gravar amanhã? — Eu amo todas as músicas que Layne escreveu, mas ele ainda não compartilhou sua última música comigo porque quer gravá-la primeiro.

— Aquela que você não pode ouvir ainda, — diz ele, piscando para mim.

— Você está me matando, sabe. E se for horrível e ninguém lhe disser a verdade além de mim?

— Eu acho... que vou ter que correr esse risco, Dani. — Ele sorri e balança a cabeça.

— Você é irritante. Você sabe disso?

VINTE E SEIS

DIAS ATUAIS

Estamos de volta ao aconselhamento matrimonial, mas há um fim à vista. Meus joelhos saltam enquanto espero na cadeira, e Layne coloca a mão suavemente no meu joelho. — Você está bem?

—Eu quero esclarecer, — eu digo a ele.

— Eu sei, mas mesmo que não esclareçamos tudo hoje, saiba que você fez tanto progresso nos últimos seis meses. Seus sintomas são quase imperceptíveis agora. Você não acha isso incrível?

Eu torço meu pescoço para olhar para Layne. — Claro que sim, mas não entendo por que ainda precisamos ver um conselheiro matrimonial.

— Porque eu te amo o suficiente para me certificar que não sairemos do caminho enquanto navegamos nesta situação. É por isso que estamos aqui. É por isso que fomos diligentes em vir, e é por isso que continuaremos pelo tempo que for necessário para alguém me dizer que não temos motivos para nos preocupar.

— Eu não preciso que alguém me diga isso, — explico a Layne. — Você é meu mundo, e tem sido minha rocha por mais da metade da minha vida. Eu nunca poderia vê-lo de outra maneira.

— Eu sinto o mesmo, querida. Eu só quero a tranquilidade.

Estou fazendo isso por Layne. Vou a três terapeutas; psiquiatra, psicólogo e assistente social, mas estou ficando melhor e mais forte a cada dia, e estou recuperando minha vida.

Desde minha visita à ala psiquiátrica do Mass General há seis meses, fizemos muitas mudanças. Layne estava ficando um pouco louco e queria mudar nossas vidas porque há um estuprador que não vive mais atrás das grades. No entanto, parecia que eu cederia aos meus medos, o que é algo que nós dois prometemos não fazer.

Instalamos alarmes em nossa casa e colocamos uma ordem de restrição contra Bale Herman, impedindo-o de chegar a cinquenta metros de nós ou das escolas. Eu sei que não é uma solução definitiva, mas me deixa dormir à noite. Tenho proteção e algumas novas habilidades de autodefesa das aulas que Aly e eu temos feito juntas no Y toda semana.

Até meu negócio cresceu, o que me deixa feliz. Uma pequena galeria à beira-mar se encarregou de vender algumas pinturas por mês, que ficam expostas e estão à venda na vitrine da loja. É um sonho tornado realidade.

Layne está de volta ao seu horário normal de ensino, mas quando chega em casa, entra em nosso porão que recentemente destruímos, e está construindo sua nova área de estúdio.

A vida está passando e, pela primeira vez em muito tempo, as coisas parecem bem, se não melhor do que bem. As coisas parecem normais, que é tudo que eu sempre quis.

— Senhor. e Sra. Hensen, venham, — Jean diz da porta aberta à nossa frente.

Seguimos Jean em seu consultório e reivindicamos nossos assentos normais. Fico confortável cruzando uma perna sobre a outra, e Layne encontra sua posição relaxante dobrando os joelhos e recostando-se na cadeira. Coloco minha bolsa no chão e observo os sapatos que Layne está usando. Seus velhos Adidas com as notas escritas nas listras brancas, seus tênis da sorte. Pelo tom que usou na sala de espera, ele tem planos de continuar vindo aqui por anos, mas ele sabe o quanto quero “me formar” de Jean para que possa parar de sentir que somos um casal desfeito. Nunca tivemos problemas, apenas passamos por muita coisa como pessoas, e as pessoas que passam por muitas coisas juntas às vezes precisam de um mediador para manter as coisas fluindo sem problemas. Eu entendo, mas estou pronta para seguir em frente agora.

— Então, como estamos? Já faz duas semanas. As coisas ainda estão progredindo como esperávamos?

Layne levanta os braços e os apoia nos braços de sua cadeira. Ele está usando um gorro cinza de tricô hoje,

parecendo mais relaxado do que o habitual. — Nós estamos incríveis, — diz ele, sorrindo suavemente para mim. — Eu tenho minha garota de volta.

Um brilho orgulhoso se estende pelo rosto de Jean. — É absolutamente emocionante ouvir isso depois de tudo o que vocês dois passaram nos últimos dois anos. — Ela coloca a caneta no bloco de notas e cruza as mãos no colo. — E você, Dani? Como você está se sentindo?

— Honestamente, sinto que me deram outra chance ultimamente. As coisas estão ficando ótimas e eu não poderia estar mais feliz. — Com exceção de vir a um conselheiro matrimonial. Não quero dizer isso e ofendê-la, mas ainda tenho aquela sensação na boca do estômago de que os conselheiros matrimoniais são um lugar onde os casais terminam seu relacionamento.

— Fantástico, — diz ela. — Como está a senhorita Aly?

Eu me viro para olhar para Layne, esperando para ver sua expressão. — Sua atitude mudou cento e oitenta graus. Sinto que temos nossa garotinha de volta também.

Nossa garotinha. Eu escuto os termos carinhosos que Layne usa para falar sobre Aly e eu, mas é a vida normal na maioria das vezes. No entanto, às vezes, as palavras que ele diz se separam de todo o resto e flutuam acima da minha cabeça como uma nuvem fofa. Ele entrou em cena e pegou tantos pedaços de nossas vidas quando nem lhe pedi também. Ele ama Aly tanto quanto eu, e nunca questionaria o contrário. Tenho sorte. Temos sorte. Tudo aconteceu quando necessário, e nosso vínculo foi tão forte no início que

nunca considere nada atrapalhando. O ano passado realmente testou nossa força, mas continuamos como sempre fizemos. Não importa o que passamos como casal, nada poderia superar o amor que ele dava à nossa filha.

— Vocês dois são uma inspiração, — diz Jean. — Eu quero que saibam disso. Vocês dois mantem essa história de conto de fadas que faz as pessoas vibrarem. Vocês têm força e coragem, determinação, amor, e é isso que lhes dá a motivação para resolver seus problemas na vida. Vocês tiveram todas as probabilidades contra vocês, mas aqui estão, saindo do outro lado com a cabeça erguida. — Jean levanta o bloco de notas amarelo e a caneta do colo e se vira na cadeira para colocá-lo na mesa de mogno atrás dela. Então, ela se inclina para frente para apertar minha mão. — Gostaria que certas pessoas recebessem prêmios por suas realizações, Dani. Sua história é incrível, e você deve compartilhá-la com quem quiser ouvir. Tenho orgulho de dizer que você não precisa mais me ver, e espero nada além do melhor para vocês dois nos próximos anos.

Eu sei o que ela está prestes a dizer, mas as únicas palavras que ouço são: — Eu agora os declaro: marido e mulher.

DEZ ANOS ATRÁS - EU TINHA 20 ANOS

Eu não queria nada grande. Quando era mais jovem, sonhava com um casamento de conto de fadas com todos os

acompanhamentos. Também imaginei meu pai me levando até o altar, uma dança de pai e filha, e meu marido dançando com a mãe ao mesmo tempo. Nada disso era uma possibilidade, então um casamento típico não era mais o que eu imaginava.

Em vez disso, fomos para St. John nas Ilhas Virgens Americanas. Havia doze convidados, e foi perfeito.

Lexi estava mais nervosa do que eu, andando pela suíte nupcial dentro do resort. — Você vai me deixar louca se não parar de surtar, — eu disse a ela.

— Você... você está tão linda, e quero que tudo seja perfeito, e eles não me trouxeram as pétalas de flores, e se não trouxerem nos próximos cinco minutos, eu vou... — Lexi enfia a cabeça para fora da porta, — gritar por não ter as pétalas de flores, — ela gritou.

— Lex, relaxe. Está tudo bem. Está tudo bem, — eu disse a ela.

— Por que você está tão calma? — ela perguntou.

— Vou me casar hoje, — digo a ela. Minha resposta é simples, mas é verdade.

— Não sei como vocês fizeram isso funcionar tão perfeitamente, mas espero que minha vida acabe como a sua algum dia, — ela me diz.

A porta da suíte nupcial se abre e um funcionário do resort está segurando uma cesta de flores. — Já estava na hora, — Lexi repreendeu a mulher.

— Eu sinto muito pelo atraso, — ela se desculpou.

— Está tudo bem. Você é incrível. Nunca deixe de ser você, — Lexi diz a ela.

Lexi.

— Nós estamos prontas? — Eu pergunto a ela.

— Eu não estou pronta, — mamãe chora.

Ela está olhando pela janela nos últimos cinco minutos. — Mãe, eu não vou deixa-la. Você está apenas ganhando um genro.

Ela apertou os lábios e pressionou um lenço no nariz. — Estou muito agradecida por este dia, — diz ela.

— Não me faça chorar! — Eu gritei para ela.

Marcy passou o braço em volta do ombro de mamãe. — Vamos, Carly. Você é a mãe da noiva. Não pode borrar sua maquiagem também. Além disso, precisamos nos sentar.

Marcy e mamãe se aproximaram, e ambas me beijaram na bochecha. — Estamos prestes a nos tornar uma família, — diz Marcy.

Inspirei e expirei lentamente, tentando não deixar minhas emoções tomarem conta de mim. A sala foi esvaziada, exceto por Lexi, porque ela era a dama de honra e andaria na minha frente.

— Preparada? — Ela pergunta.

— Mais do que jamais estarei.

Ela pegou minha mão e saímos para o corredor onde o coordenador do casamento estava esperando por nós. Ouvi música tocando. Era a balada suave que Layne se recusou a compartilhar comigo antes de gravá-la no estúdio. Ele a chamou de “Dani’s Song”. Ele me deu uma música. Tem as palavras: “Você quer se casar comigo?” escritas nela.

Eu não ouvi até que estava nas rádios. Ele me disse quando ouvi a música pela primeira vez que eu teria que responder sua pergunta. Estávamos no carro, dirigindo para o jantar, e tocou. A música terminou, e eu gritei sim. Foi a melhor proposta, porque nunca imaginei que seria assim.

Quando viramos o canto da suíte nupcial, nos aproximando do corredor revestido de branco, Johnny, Devon e Sal estavam esperando em smokings, alinhados e com as mãos cruzadas na frente da cintura. Todos cortaram os cabelos e tiraram os piercings. — Uau, olhem para vocês, — eu disse a eles.

— Nós estamos bem, — disse Johnny.

— Bem, eu estou, — respondeu Sal, endireitando seu casaco.

— Vocês parecem idiotas, — Devon disse a eles.

— Posso? — Johnny perguntou a Lexi, estendendo o braço para ela segurar.

— Você pode, — disse ela, radiante.

— Sabemos que você queria andar até o altar sozinha, — Sal me disse.

— Mas, não deixaremos, — continuou Devon. — Layne é nosso irmão, e agora você é nossa irmã, e sempre estaremos aqui para você, especialmente agora.

Uma lágrima caiu, e tentei pegá-la antes que ela escorresse pelo meu rosto. Sal estendeu a mão com um lenço, mas não me deixou pegá-lo. — Abaixе as mãos, — disse ele, enxugando a lágrima com um toque suave. — Vamos, querida. Vamos te casar com o maior homem da terra.

— Ele realmente é, — eu disse com uma fungada.

Devon e Sal me acompanharam pelo corredor em direção a Layne. Ele estava bem vestido em um smoking, seu cabelo penteado para trás, e o sorriso em seu rosto - era para mim.

— Vocês dois terão uma vida incrível juntos, — Sal nos diz, me entregando a Layne.

— Obrigado, mano, — Layne disse a ele.

— Você é um homem de sorte, — Devon disse a ele.

Aly ficou com Layne nas últimas horas para que eu pudesse me arrumar e sei que ele a entregou para mamãe quando ela se sentou, mas Aly está fazendo o possível para rolar do colo de mamãe. — Mamãe, — ela gritou.

— Está tudo bem, mãe, — digo a ela, estendendo minhas mãos para Aly. — Ele está aceitando nós duas hoje, — eu disse quando Aly pulou em meus braços.

— Dani, — disse Layne antes que o ministro começasse a falar. — Posso apenas dizer que sim?

— Idem, — digo a ele.

— Não funciona assim, pessoal, — interrompeu o Ministro.

Funcionou assim para nós. Permitimos que o Ministro realizasse a cerimônia perfeitamente, mas nos tornamos uma família em nossos termos.

DIAS ATUAIS - 30 ANOS

Alívio enche meu corpo dos dedos dos pés à cabeça, é um calor que eu ansiava por tanto tempo, e agora, o tenho. — Obrigada, Jean.

Jean estende a mão para Layne em seguida, — E você, Layne, você é um caso exemplar de cônjuge de apoio. Já vi muitos casais entrarem e saírem de casa durante crises de doença ou coisa pior, e vi muitos deles desistirem de tentar. Você, no entanto, lutou pelo que queria e fez mais do que esperava de você. Você foi além da Dani em tantas ocasiões que perdi a conta. Ela é uma mulher de sorte por tê-lo como marido e parceiro. Espero que saiba disso.

— Eu sou o sortudo, — diz Layne. — Confie em mim.

— Ok, então, — diz Jean. — Vocês dois estão livres para ir, e espero nunca mais vê-los novamente.

— Obrigado, — Layne, e eu espelhamos as palavras um do outro.

A nomeação trouxe muita luz para nossas vidas. Foi como uma espécie de renovação de casamento, e sinto que temos outra chance, o que temos, em certo sentido.

— Uau, sinto que nos formamos com honras, — diz Layne enquanto entramos no Jeep Cherokee.

— Estou tão feliz que não temos que voltar, e estou ainda mais feliz que você usou seus tênis da sorte. Obrigada por fazer isso. Essas coisas ainda não nos decepcionaram, não é?

— Você percebeu? — Ele pergunta.

— Eu percebo tudo, — respondo com risada. — Obrigada por ser meu marido, meu melhor amigo e tudo que eu sempre precisei. Apenas no caso de eu não dizer o suficiente, — eu digo.

— Você me diz de mais maneiras do que sabe, Dani.

Estamos ambos complacentes e cantarolando a música no caminho para casa. Estamos deixando Aly pegar carona com a mãe de sua amiga alguns dias por semana, e agora que ela tem quatorze anos, pode ficar em casa sozinha enquanto o alarme está ligado enquanto estamos fora. Ela nos mostrou muita responsabilidade e maturidade nos últimos meses, então esta é a nossa maneira de lhe dizer que confiamos nela.

Entramos na casa e digitamos o código no sistema de alarme para desarmá-lo, mas quando o sinal sonoro desaparece, a música soa em seu lugar. — Ela está no porão?

— Sim, acho que sim, — responde Layne.

— Ela está ouvindo Shattered Stars, — digo a ele, rindo do quão fofo é ela ter se apaixonado tanto pela música de Layne nos últimos meses.

Layne levanta a mão, me impedindo de dar mais um passo. — Espere um segundo.

— O que há de errado? — Eu pergunto.

— Isso não sou eu tocando. Ela não está ouvindo a música.

— Do que você está falando?

Layne pega minha mão e me puxa para a porta do porão. Descemos os degraus até termos uma visão de Aly

tocando o violão de Layne, cantando no microfone que ele configurou para usar. Aly está cantando *Shattered Stars*. Tudo em meu rosto formiga e meus olhos imediatamente se enchem de lágrimas. — Você lhe ensinou isso? — Eu sussurro em seu ouvido.

— Não, baby. Eu estou ensinado os acordes iniciantes no violão. — Layne me puxa de volta para as escadas e fecha a porta suavemente.

— Layne, ela é incrível. Ela deve ter herdado seu talento, — digo a ele. Eu digo isso sem pensar no meu comentário porque geralmente quando alguém diz isso para outra pessoa é porque compartilham o mesmo DNA.

— Não tenho certeza se isso é possível, Dani, — ele diz, rindo.

— Claro que é. Você a criou também. Ela é uma parte de você.

— Deus, estou tão orgulhoso dela. Nossa garotinha, escute, Dani.

— Eu sei. Estou escutando. Ela é incrível.

— Não acho que ela quer que saibamos que está tocando.

— Por quê?

— Confie em mim, ok? — Ele diz.

— Você sempre diz isso e sempre esconde surpresas de mim. O que está escondendo agora? — Eu bato minha mão em seu peito, caminhando de volta para a porta do porão.

— Não, não. Apenas espere, — diz Layne.

Ele volta para a porta da frente, abre e bate, alto o suficiente para fazer barulho na casa. A música do andar de baixo para instantaneamente, e fica claro que ela não quer que saibamos o que está tocando. Os pés de Aly sobem as escadas, e ela está na cozinha em segundos. — Ei, pessoal, — diz ela, fechando a porta do porão atrás dela, sem fôlego. — Eu estava procurando as cordas da guitarra, pai. Você disse que tinha extras na caixa lá embaixo, certo?

Ela planejou essa coisa toda. Quero saber o que ela está fazendo.

— Sim, vou pegar uma para você, garota. Traga sua guitarra para baixo e eu arrumo, ok?

— Obrigada, pai. Ah, como foi sua consulta?

— Nós nos formamos, — digo a ela.

— Graças a Deus. Vocês dois não podem se divorciar.

— Nós nunca nos divorciaremos, — Layne diz a ela. — O que te fez pensar isso?

— Eu não sei, pergunte a tia Lexi.

Layne e eu trocamos olhares confusos, e não tenho certeza se quero saber o que Aly sabe ou o que supõe por conta própria, mas é melhor ter uma conversa com Lexi.

— Vou dar uma volta rápida pela rua. Volto daqui a pouco, ok? — Eu digo a Layne. Ele sabe, pelo jeito que estou falando e pela provável expressão no meu rosto que estou indo até a casa de Lexi.

Layne pega as chaves penduradas no gancho do chaveiro atrás dele e as joga para mim. — Vou começar o jantar daqui a pouco, — diz ele.

Entro no carro e ajusto o espelho, dando uma rápida olhada no meu reflexo. Eu quase posso ver um sorriso aparecendo no lugar das minhas linhas de expressão.

Com o rádio ligado, sigo até a casa de Lexi, encontrando o carro dela na garagem. Ela geralmente está em casa por volta dessa hora, então imaginei que estaria aqui.

Eu bato meus dedos contra a porta e giro a maçaneta enquanto anuncio minha entrada. Ninguém está no primeiro andar de sua casa de conceito aberto, mas sei que Lexi passa muito tempo no andar de cima em seu escritório, que fica em frente à sala de jogos das gêmeas.

— Lex? — Eu grito. Ouço um barulho no andar de cima, mas não deixo que isso me impeça de ir até lá. — Olá.

Uma cadeira rola pelo chão e bate em uma parede, ou assim parece. O que diabos ela está fazendo? Ela faz a contabilidade de algumas pequenas empresas entre cuidar de suas filhas gêmeas e do filho de treze meses, que estão todos muito quietos no momento.

Encontro Lexi sentada em sua mesa, sua mão apoiando a bochecha e fones de ouvido cobrindo seus ouvidos para bloquear o som. Ela não usa fones de ouvido quando está sozinha em casa com as crianças, que estão brincando muito bem com Legos na sala de jogos do outro lado do corredor. Geralmente soa como um zoológico aqui. Sem julgamento embora. Lembro-me dos dias, embora fosse apenas Aly.

Eu aceno minha mão para chamar sua atenção, esperando não assustá-la. Ela pula de qualquer maneira e

tira os fones de ouvido. — Oh meu Deus, eu não te ouvi entrar. — Mentirosa, mentirosa, eu quero dizer.

Ela imediatamente volta seu olhar para a tela do computador, colocando a mão sobre a testa, mas é tarde demais. Eu vi as manchas vermelhas em seus olhos. — Por que você está chorando?

— Por que você está chorando? — Ela me pergunta em troca.

— Eu não estou chorando, — respondo.

— Está tudo bem? — Ela pergunta.

— Eu estava prestes a fazer a mesma pergunta.

— Vi Aly na escola hoje quando estava pegando Nicky na pré-escola. — Isso explica quando elas se falaram. — Ela estava entrando no carro de uma garota, e não a reconheci, então, obviamente, fiz um milhão de perguntas, o que a levou a confessar que você e Layne estavam no conselheiro matrimonial novamente.

— Foi quando você disse a ela que poderíamos nos divorciar? — Eu mantenho o sarcasmo da pergunta para mim mesma porque Aly tem uma tendência a exagerar e não posso acusar Lexi de nada até descobrir o que realmente aconteceu.

— O que? — Ela parece sinceramente confusa. — Ela disse isso?

— Sim, com certeza, — eu digo a ela.

— Aquela idiota.

Estou acostumada com a relação entre Aly e Lexi. As duas cresceram mais ou menos juntas. Lexi não foi forçada a agir como uma adulta aos dezesseis anos como eu, então,

naturalmente, ela passou os anos seguintes sendo uma adolescente. Quando estava pronta para crescer, Aly era uma pré-adolescente, e elas tinham discussões entre adolescentes. Elas se amam, no entanto. Lexi é como sua tia super legal, então a chamamos de tia Lexi.

— Então o que aconteceu? — Eu pergunto a ela.

— Ela me disse onde vocês estavam, e eu lhe disse que era bom para se certificarem de que tudo estava indo bem enquanto você se recupera. Eu disse que nem todo mundo que faz aconselhamento matrimonial acaba se divorciando, então não havia necessidade de se preocupar.

— Aly só ouviu uma palavra disso, eu acho. Provavelmente é melhor não mencionar a palavra 'd' para ela.

— Desculpe, eu não estava pensando direito, — diz ela, lutando com seu cabelo ruivo recém-cortado de um lado para o outro.

— Por que o divórcio está em sua mente, Lex? — Eu não sou idiota. Lexi é um livro aberto que posso ler facilmente de trás para frente e de cabeça para baixo, graças às palavras serem tão grandes e ousadas.

— Nenhuma razão, — diz ela, colocando a unha entre os dentes.

— Lexi, me escute. Você e Johnny estão passando por uma fase difícil. Acontece, ok? Todos nós temos nossos momentos. Esse homem te ama com todo o seu coração. Eu sei que ele anda quieto ultimamente, mas você está envolvida com três filhos e um emprego de meio período. Isso é muito.

— Ele dormiu no sofá ontem à noite, Dan. Isso nunca aconteceu antes de hoje.

— Por que ele fez isso?

— Ele disse que adormeceu.

Eu dou de ombros com um meio sorriso. — Há uma boa chance de ter acontecido. Nicky quase nunca dorme. Além disso, se ele simplesmente não adormeceu, poderia assumir que estava apenas tentando se livrar de alimentar Nicky no meio da noite. Os homens fazem isso às vezes.

— Eu não sei. Ele tem agido tão estranho ultimamente.

— E você está pensando em aconselhamento matrimonial?

— É como se você conhecesse o interior do meu cérebro,
— ela suspira.

— Bastante.

Pego uma caneta de sua mesa e um pedaço de papel, em seguida, escrevo o nome de Jean. — Ela aguentou muito da minha merda, mas honestamente nos ajudou muito. Recomendo muito.

— Qual é a proporção de divórcios dela? — Lexi pergunta.

— Esses são os pensamentos que passam pela sua cabeça?

— Sim, Dani. O divórcio é real, e não posso criar estes três filhos sozinha. Além disso, eu amo Johnny. Ele é meu. Eu quero ter certeza de que ainda sou dele, sabe?

— Você deveria lhe dizer para ligar para Layne. Talvez algum tempo de cara lhe fizesse bem. Layne pode falar com ele.

— Ele iria? — Lexi pergunta.

— Claro. Você conhece Layne, ele não se limita a si mesmo e tem dificuldade em cuidar de seus próprios negócios.

— Verdade, — ela diz. — Ok, vou pedir-lhe para fazer isso. Talvez Layne pudesse ligar para ele para combinar algo primeiro.

— Farei isso. Mas primeiro, vou descer para lavar a louça na sua pia, e vou esvaziar sua lixeira que está transbordando, e vou até dobrar aquela carga de roupa espalhada pelo seu sofá.

— Oh meu Deus, minha Dani está de volta.

— Nunca fui a lugar nenhum. Eu estava um pouco perdida em meu próprio mundo por um tempo.

— E Clube da Luta. Não se esqueça disso.

— Certo.

Eu giro nos calcanhares para sair da sala, mas Lexi me impede.

— Dani, espere, — diz ela.

— O que?

— Estou muito orgulhosa de vocês. Não digo isso o suficiente. Você foi ao inferno e voltou e admiro vocês. Se vocês sobreviveram nos últimos dois anos, acho que Johnny e eu também ficaremos bem no final. Vocês me dão esperança.

Eu volto para a sala e envolvo meus braços em volta do pescoço dela, dando-lhe um beijo na cabeça. — Eu juro que você vai ficar bem. Eu te amo, Lex. Sempre.

— Te amo mais, chica.

VINTE E SETE

DOZE ANOS ATRÁS

TENHO 18 ANOS

Quando contei à mamãe sobre a turnê musical de Layne, ela me disse para ir, mas sugeriu que eu deixasse Aly em casa, já que a estrada não era o lugar ideal para criar um bebê. Eu até escrevi uma lista de tudo que Aly precisaria, e provavelmente era mais do que caberia em um ônibus. A cada dia que eu levava considerando minhas opções, a realidade se definia cada vez mais. Não havia como levar Aly em uma turnê com a banda, e não havia como deixar Aly por alguns meses. Portanto, não podia ir, e era mais um daqueles lembretes do que eu poderia ter tido se minha vida fosse normal. Senti raiva por ter que ser uma adulta responsável em uma idade jovem. Estava ainda mais brava por não poder ter o tipo de diversão que merecia, mas o pior era saber o quanto sentiria falta de Layne nos próximos quatro meses. Isso era meio ano, e sabia muito mais do que a maioria o que poderia acontecer nesse período.

Passamos infinitas quantidades de tempo juntos recentemente, o que, por mais adorável que fosse, não estava ajudando a situação no momento atual. Meu coração doía. E se isso não nos levasse a nada, a nos tornássemos estranhos, ou pior? Ele me disse para não pensar assim, mas seria difícil, não importa como eu pensasse.

O ônibus de turismo está na beira da estrada no The Sun Shack Theatre. É eufórico para os caras, sair do lugar onde começaram.

Lexi está ao meu lado, e a odeio no momento. Não lhe direi isso, mas estou com ciúmes que ela irá e viverá da maneira que merece. O único benefício que tiro disso é saber que ela me manterá atualizada sobre os acontecimentos. Embora Layne tenha dito que faria o mesmo, será bom ter o ponto de vista de uma garota.

Este verão estava destinado a ser o verão mais longo e chato da minha vida.

Eu salto do carro, puxando meus óculos de sol sobre o meu nariz. Lágrimas são inevitáveis, mas não quero parecer “aquela” garota para todo mundo.

Layne me vê na frente do ônibus e levanta o dedo para Sal, já que eles estavam no meio da conversa. Ele voa em minha direção com um sorriso de orelha a orelha. Por que não posso me sentir feliz assim agora? Eu deveria estar emocionada por ele, mas estou chateada por não poder assistir a esse sucesso.

— Ei, baby, — diz ele, me puxando contra ele. Ele cheira a couro, especiarias e gel de cabelo. O tempo está perfeito

hoje, uma calmaria de 24 graus com a mais leve das brisas soprando sob o sol pleno.

Lexi se junta a nós e descansa o cotovelo no meu ombro. — Vou ficar de olho nele para você, Dani. Ele não vai ter problemas no meu turno.

Tenho feito o possível para não considerar o tipo de problema que Layne poderia se meter durante a turnê. Não sou ingênua, achando que um grupo de caras de uma banda de rock estará na cama às nove todas as noites, mas espero que ele não se esqueça de mim em casa, que provavelmente estará na cama às nove todas as noites.

— Podemos ter um segundo, Lex? — Layne pergunta a ela.

Lexi me beija na bochecha e envolve seus braços e uma perna ao redor do meu corpo.

— Cara, vou sentir sua falta. Enviarei um cartão postal de cada estado, ok?

— Esperarei, — digo a ela. — Não se meta em encrencas. — Lexi provavelmente será a única à procura de problemas.

— Eu? De jeito nenhum, cara. Estarei no meu melhor comportamento.

— Certo.

Lexi salta para longe, puxando suas malas com rodinhas atrás dela. — Johnny Boy! — Ela grita.

Em vez de Johnny correr em direção a ela, a nova namorada de Sal, Emi corre em sua direção como se já fossem melhores amigas. Acho que este é outro

relacionamento que vou ter que considerar perder também. Eu não deveria estar com ciúmes da minha melhor amiga ter encontrado uma nova amiga, mas elas viajarão pelo país juntas, compartilhando segredos, criando memórias. Sim, estou com ciúmes.

Que seja.

— Ei, — diz Layne. — Isso é uma merda.

— Não, você não pode dizer isso. Esta turnê é a melhor oportunidade para vocês. Nós dois sabemos que sua mãe teve parte nisso e todas nós queremos que seu sonho se torne realidade, Layne.

— Quanto tempo levou para Aly parar de chorar quando saí ontem à noite? Achei que ela não entenderia o que eu estava dizendo. Não dormi ontem à noite, Dani.

— Ela adormeceu logo depois que você partiu. Ela é como um elástico agora, o que significa que está bem. Ela vai ficar bem.

— Sim, depois que se esquecer de mim.

Eu coloco minha mão na barba por fazer crescendo em sua bochecha. — Como poderíamos te esquecer?

— Nem sempre temos uma escolha no assunto, — diz ele. Eu ouço o que ele está dizendo, mas não faz muito sentido.

— Nós não vamos a lugar nenhum. Estaremos aqui quando você voltar para casa. Eu prometo. — A questão é... você vai querer voltar para casa? Para o lugar onde suas memórias às vezes agem como uma estaca te apunhalando no coração.

— Não sei se posso fazer isso, — diz ele.

— Você tem que ir. Eu não vou deixa-lo estragar isso para si mesmo.

Achei que seria eu quem choraria, mas as bochechas de Layne estão vermelhas e seus olhos estão brilhantes. Ele coloca sua testa contra a minha. — Dani, eu te amo tanto que dói. Você é minha melhor amiga, minha garota, e o pensamento de não te ver por meses está tornando isso muito difícil.

— Temos telefones, — digo a ele.

— Você ainda me escreverá uma carta para ler antes de cada apresentação?

— Eu juro que vou.

— Não se esqueça de mim, por favor, — ele sussurra.

— Nunca. Eu nunca poderia.

— Hensen, precisamos pegar a estrada, — grita Sal.

Layne se vira para levantar o dedo, dizendo-lhe para esperar um minuto.

— Pensarei em você a cada minuto, e haja o que houver, não se preocupe com o que está acontecendo na estrada. Meu coração está com você e só com você. Eu nunca poderia machuca-la ou a nós, nunca.

— Eu confio em você, Layne. Amor é confiança, e eu te amo muito.

Ele passa os braços em volta do meu pescoço e pressiona os lábios contra o topo da minha cabeça. — Abrace aquela garotinha por mim todas as noites e cante nossa música para ela.

— Eu farei isso.

TRÊS MESES DEPOIS

Acreditei em todas as palavras que Layne me disse no dia em que partiu. Ou, pelo menos, queria acreditar. Eu tinha imaginado como o verão terminaria, mas em sua maioria era uma imagem de Aly e eu sentadas na varanda da frente, cantando Shattered Stars todas as noites.

Prometi cartas a Layne para aliviar seu nervosismo antes de cada show, e tenho escrito como uma louca, tentando criar conteúdo excitante para motivá-lo. Não achava que ele realmente precisava de motivação.

Essas últimas duas semanas foram as mais difíceis até agora entre as ligações breves e infrequentes e Lexi cortando a comunicação também.

Eu sei que eles tiveram shows consecutivos, mas estiveram na estrada e na minha mente boba isso significava que havia tempo para me ligar e dizer: “Olá”. No entanto, estou tentando não pensar demais nas coisas. Chegamos na metade, então agora tenho que ver como serão os próximos três meses. Felizmente, começo a escola em algumas semanas, e isso será uma boa distração para apressar o tempo.

— Dani, por quanto tempo mais você vai andar deprimida pela casa? — Mamãe pergunta enquanto entra na

cozinha, me encontrando sentada no balcão com uma xícara de chá nas mãos.

— Eu não estou deprimida. Estou tomando chá, — digo a ela.

— Você está deprimida por duas semanas. Falei com Layne na outra noite e ele parece feliz, então o que está acontecendo?

Mamãe me conhece melhor do que eu mesma algumas vezes, então o fato de que ela pode sentir meu estresse sobre Layne não é surpreendente.

— Estou realmente bem, — digo a ela.

— Ok, bem, se vista e outras coisas em algum momento hoje porque nós três temos um encontro no Sage hoje à noite depois do jantar, ok? Eu sei que bolo resolve tudo na vida da minha garotinha, então bolo é a resposta.

— Bolo é sempre a resposta, — eu confirmo.

Passei algum tempo escrevendo algumas cartas para enviar a Layne para os shows da próxima semana, depois removi as roupas de dezoito meses de Aly para dar espaço para os itens de tamanho vinte e quatro meses que comprei hoje. Ela está crescendo como uma erva daninha e falando a mil por hora. Posso até sentir os terríveis dois chegando em breve.

Tomei um banho e coloquei uma roupa aceitável para ser vista em público. Além disso, não queria que a tia de Layne, Marcy, relatasse a Layne sobre como estava largada desde que ele partiu.

Tudo o que tinha em mente era meu amado bolo Bomba. Eu me vestiria apenas para isso, mas Layne não precisava saber que o mantenho nos mesmos padrões de um bolo de lava de chocolate, não que ele ficasse surpreso depois de experimentar minha obsessão por bolo por meses.

Assim que paramos no estacionamento, mamãe chega à cadeirinha de Aly antes de mim, já que Aly está sentada atrás do banco do motorista neste carro. Tudo bem porque, sendo a esquisita que sou, vejo o bolo Bomba do lado de fora, aquele bolo Bomba. Há apenas uma pessoa no balcão, e tenho certeza de que as chances estão a meu favor, já que Marcy disse que nem todas as pessoas pedem aquele bolo quanto eu poderia pensar. Ele enche, então talvez seja por isso. Nem todo mundo vem aqui comendo pouco no jantar, sabendo o que vai comer mais tarde. Apenas comedores de bolo experientes conhecem os fatos como eu.

Quando estou abrindo a porta da frente, segurando-a aberta para mamãe que está carregando Aly, vejo a mão do cara apontando para o bolo Bomba em exibição. Eu quase gritei não para ele, mas então percebi que não podia fazer algo assim, não importa o quanto precisasse do bolo agora.

Quem era esse idiota afinal? Ele está roubando meu bolo. Ele está usando um boné do Sox virado para trás que sinto vontade de pegar para poder mantê-lo como refém em troca do meu bolo.

— São nove dólares, por favor, — Marcy diz a ele.

— Oi, Dani, — Marcy murmura. — Você me trouxe minha pequena torta Aly?

Eu me viro, percebendo que mamãe está amarrando o sapato de Aly, e é por isso que Marcy não vê nenhuma delas.

— Sim, — eu rio. — Mamãe e Aly estão bem aqui.

— Acabamos de vender o último bolo Bomba para este jovem cavalheiro aqui. Sinto muito, Dani.

Eu suspiro. — Tudo bem. Tenho certeza que ele vai gostar tanto quanto eu.

O cara dá de ombros. — Eh.

Sem chance. Você não pode insultar meu bolo assim.

— Sério? Isso é tipo o melhor bolo neste estado. Você ao menos sabe o que acabou de pedir, — eu pergunto a ele?

— Dani, — Marcy diz com um guincho agudo.

Eu bato minha mão sobre a boca, percebendo que deixei minhas palavras escaparem. — Eu sinto muito.

— Você quer compartilhar comigo? — Ele se vira, segurando o bolo em um prato.

Meu coração pula uma batida, e eu engasgo com o último suspiro que dou. Ele está aqui.

— Layne? — Ok, esta foi provavelmente uma má decisão, mas estou tão animada em vê-lo que pulo nele, esmagando o bolo entre nós. — Você está em casa!

— Dani, — diz ele com uma risada. — Você acabou de arruinar nosso bolo Bomba.

— Eu não me importo. Você está aqui. Você está realmente aqui. Por que você está aqui, Layne?

— Temos quatro dias de folga, e eu precisava te ver. — Suas mãos estão cobertas de chocolate, mas isso não o impede de pressioná-las em minhas bochechas enquanto me

dá um beijo firme. — Oh meu Deus, eu senti sua falta, esse rosto, você, ugh, Dani.

— Eu senti mais sua falta. — Percebo que soamos como dois loucos apaixonados, mas nunca senti tanta falta de alguém na minha vida.

Depois que Layne me dá toda a sua atenção por pelo menos três minutos inteiros, ele solta os braços ao meu redor e cai de joelhos. — Onde está minha pequena senhorita Aly?

Eu não tinha certeza se Aly se lembraria dele depois de estar fora por tanto tempo, mas ela se lembra. O sorriso em seu rosto grita pura felicidade enquanto ela faz sua pequena corrida no lugar por dois segundos como Fred Flintstone, então voa para os braços cobertos de chocolate de Layne. Essa é a minha garota, aquela que vai comer chocolate de todas as maneiras que puder.

— Dada, — diz ela.

Essa palavra me tira o fôlego. Que diabos... onde ela aprendeu isso? Por que ela pensou em chamá-lo de Dada?

— O que você acabou de dizer? — Layne pergunta, rindo, mas parecendo inseguro ao mesmo tempo. Eu gostaria de poder impedi-la, mas ele está cara a cara com ela e...

— Você é meu pai?

Layne olha para mim. — Eu não - eu nunca disse isso a ela. — Vou ter que responsabilizar Barney, o dinossauro roxo, por ensiná-la o que é um maldito Dada.

Layne pega a mão de Aly, mas se levanta para me encarar. — O que deveria dizer? — Ele pergunta.

— Eu não sei, — digo a ele. Eu não sabia. E se as coisas não derem certo com Layne e eu? Eu nunca poderia fazer isso com Aly. Claro, como eu explico isso para Aly?

— Ela te ama, — eu digo a ele. — Você pode responder como quiser. Nós dois sabemos o significado da palavra, e eu estaria pronta se você estivesse pronto, mas isso não significa nada, e eu esperaria anos por qualquer coisa além do que temos. — Somos tão jovens, mas minha vida é a de uma jovem de vinte e poucos anos e, para mim, o amor é um pouco diferente depois do que passei na vida. Eu não quero fechar esse caminho para Layne. Ele ainda tem sua vida pela frente.

Layne cai de joelhos. — Aly, você quer que eu seja seu papai?

Aly joga seu pequeno corpo no peito de Layne e coloca o polegar em sua boca, então acena com a cabeça. Suas tranças enroladas saltam ao mesmo tempo.

— Eu serei seu papai, não importa o que aconteça na vida. Nenhuma garotinha deveria ficar sem pai. — Eu sei que ela não entende a maior parte do que ele está dizendo, mas não ouço nada além de compaixão e honestidade por trás de suas palavras.

Quando tenho um momento para respirar, olho em volta, notando mamãe e Marcy chorando, observando a cena da primeira fila. — Vocês dois são os seres humanos mais incríveis que já conheci, — diz Marcy. — Uau.

Layne levanta Aly, e ela envolve os braços em volta do pescoço dele e descansa a cabeça em seu ombro. — Bolo, — ela diz.

Nossa vida se tornou um pedaço de bolo.

VINTE E OITO

DIAS ATUAIS

— É o Dia da Família, — Layne anuncia antes mesmo de meus olhos estarem abertos. — Temos planos!

— Que planos, — eu gemo. — Você costuma dormir?

— Às vezes, quando não estou planejando.

Eu rolo e puxo o travesseiro sobre minha cabeça. — Só mais meia hora, — digo a ele.

— Não dá.

Eu seguro o travesseiro firmemente sobre minha cabeça, sabendo o que vem a seguir. Ele é como uma criança, me puxando do conforto dos meus cobertores quentes. — É abril.

— Sim e daí?

— Vamos, — ele diz novamente.

— Estou pronta, pessoal, — Aly diz da porta. Que diabos? Ela também está nisso?

— Por que você não me avisou que tínhamos que estar motivados para sair esta manhã?

— Você teria me feito quatrocentas perguntas, — ele responde. Layne está certo, suponho. Eu gosto de fazer perguntas, mas também gosto de estar no comando dos

planos. Sem controle total nos últimos dois anos, sinto vontade de supervisionar todas as ocorrências nesta família, mas Layne é igual, então travamos uma batalha para assumir o controle, o que nos leva a situações de agendamento excessivo com mais frequência do que não.

Aly está vasculhando minhas gavetas e joga um jeans, uma camiseta e meu moletom favorito na minha cabeça. — Vista-se, mãe. Vamos lá. Aqui está sua camiseta favorita e jeans rasgados, — ela grita.

— Por que você acordou tão cedo em um sábado? — Eu teria achado que pelo menos a teria ao meu lado.

— Papai disse que é o Dia da Família. Somos uma família, então vamos embora.

— Sim, isso parece certo vindo de você, — digo a ela. — Desde quando você se importa com o Dia da Família?

— Desde que descobri o que faremos hoje.

— Então, acontece que eu menti sobre o que faremos hoje, — diz Layne a Aly. — Mas tenho uma boa razão.

— Você disse que íamos pescar no gelo, — diz ela.

— É abril, e nenhum de nós sabe pescar no gelo. — Aly geme.

— Você é seriamente irritante.

— Também te amo, garotinha.

— Blah, — ela grita do corredor.

— O que você está fazendo, Layne? — Pergunto-lhe.

Eu finalmente abro meus olhos, encarando seu sorriso bobo e olhos brilhantes que têm reflexos cintilantes dos raios

de luz entrando pela vidraça. — É um dia importante para mim, — diz ele.

Fecho os olhos por mais um segundo e lembro por que é um dia importante para ele, e assim que descubro, um sorriso preguiçoso se estende pelo meu rosto. — Ainda não sei como tive tanta sorte de encontra-lo, — digo a ele.

— Vista-se, — ele geme. — Agora, ou eu vou arrancar seu pijama e vesti-la eu mesmo.

— Bem, tranque a porta primeiro, por favor.

— Dani, pelo amor de Deus... mais tarde. Levante!

— Mm, — eu murmuro.

Levo menos de meia hora para me enxaguar no chuveiro, amarrar o cabelo e vestir as roupas que Aly jogou na minha cabeça.

— Use as botas que eu gosto, — ele me diz, jogando minhas botas marrons até o joelho aos meus pés.

— Por quê? — Pergunto-lhe.

— Dani.

— Tudo bem, — eu resmungo.

Calço minhas botas e saímos de casa, entrando no Cherokee. Eu debati se deveria fazer mais vinte perguntas, mas acho que seria um desperdício de energia, já que ele pode guardar um segredo melhor do que a maioria. No entanto, o segredo é desvendado no segundo em que entramos no estacionamento do The Sun Shack Theatre.

— Temos permissão para entrar neste lugar? Achei que a cidade havia condenado o prédio no ano passado.

— Não se preocupe com esse seu lindinho, — Layne me diz. — Então, Aly, uma vez, sua mãe tinha medo de altura, ou qualquer coisa que fosse muito rápido. Ela não conseguia nem entrar em um parque de diversões.

— Mãe, você é uma idiota. Os parques são tão divertidos. Como você pode odiá-los?

— Eu sou uma idiota? Você tem medo de cantar na frente das pessoas e tem um talento incrível.

— Eu não tenho medo. Só não quero que ninguém me ouça cantar. Há uma diferença.

— Você está mentindo. Eu sou sua mãe. Você não pode mentir para mim.

— Shhh, — ela me silencia. — Eu posso tentar.

Não sei de onde ela tirou seu DNA de cantora, mas a garota tem medos como eu. Graças a Deus ela tem um pai que não acredita em medos.

— De qualquer forma, — Layne continua, — sua mãe não chegava perto de uma montanha-russa, mas você sabe o que... eu a fiz subir em uma. Eu a enganei um pouco porque, veja, eu estava gravando meu videoclipe para Shattered Stars e perguntei à sua mãe se ela faria o videoclipe comigo.

— A sério? Isso deve ter sido tão legal, — Aly diz.

— Sim, isso foi o que eu pensei, — rebate Layne. — Mas, sua mãe aqui, ela disse não por que envolvia uma montanha-russa, que montei de propósito, pois sabia que ela tinha medo dos brinquedos.

— Por que você fez isso? — Aly pergunta.

— Para fazê-la quebrar esse medo bobo dela. Deixa eu te contar uma coisa... quando ela viu a outra garota aparecer para fazer o vídeo comigo, sua mãe mudou de ideia. A única coisa que sua mãe nunca soube foi... aquela garota era apenas uma amiga da tia Lizzy. De qualquer forma, nós dois meio que ganhamos uma batalha aquele dia. Sua mãe superou o medo de altura e eu consegui a garota dos meus sonhos.

— Isso é mau e um pouco nojento, — diz Aly.

— Ninguém deveria ter que viver a vida com medo. Eu me sinto muito forte sobre isso.

— Layne, — eu o repreendo. — Eu não posso acreditar que você fez isso!

— Você se arrepende daquele dia? — Ele me pergunta com uma sobrancelha levantada.

— Não, mas ainda...

— Você me ama. Está tudo bem, — ele diz, me enxotando com a mão.

— Você é um idiota, e vamos falar sobre isso mais tarde, — eu digo, apertando os olhos para ele.

— Sim, bem, temos muito a fazer depois, obviamente, — diz ele com uma piscadela.

— Então, por que estamos aqui? — Aly pergunta.

— Pergunte à sua mãe, — ele responde.

Eu jogo minha cabeça para trás e suspiro.

— Oh meu Deus, você também tem medo de teatros abandonados? — Aly pergunta.

— Você sabe quantos fantasmas provavelmente vivem neste lugar? — Eu digo a ela. Na verdade, não sei por que estamos aqui. Este era o antigo reduto de Layne. Foi aqui que me apaixonei pela música dele. Trouxemos Aly aqui algumas vezes quando ela era uma garotinha também. Ela usava fones de ouvido enormes e sentava-se na primeira fila quando Dividing Oblivion fazia shows locais. Nós a chamamos de Divi-O número um, e ela adorou.

— Ok, então novamente, por que estamos aqui? — Aly pergunta.

— Entre, — diz Layne, ignorando sua pergunta. — Você sabia que seus tios e eu costumávamos ser donos deste lugar? —

Aly meio que rosna, olhando para o edifício de tijolos apodrecidos.

— Parece que foi queimado até ficar crocante. Vocês possuíam antes ou depois que isso aconteceu?

— Depois, — nós dois dizemos ao mesmo tempo.

— Por quê?

— Tem nostalgia, — Layne diz a ela.

— Nostalgia carbonizada? — Ela pergunta.

Entramos e Layne nos conduz pela parte principal do teatro até o que costumávamos chamar de poço.

— Bem lá em cima, — Layne aponta para o palco. — Foi lá que tudo começou. — Layne passa os braços em volta de mim, pressionando seu peito contra minhas costas. — A primeira vez que vi sua mãe, ela estava bem aqui, olhando

para mim com esses olhos azuis. Eu era um caso perdido naquele momento, Aly-baby.

— Pare, por favor, pare, — ela implora. — Vocês dois são tão nojentos.

Layne faz isso para torturá-la. Eu estou bem com isso. Ela fará isso com seus filhos algum dia, se Deus quiser.

— Este lugar guarda muitas lembranças para mim, sabe, — diz Layne a ela. — Tenho certeza que não se lembra quando sua mãe e eu te trouxemos aqui quando tinha apenas três anos de idade, não é?

Aly acena com confusão escrita em seus olhos. — Não.

NOVE ANOS ATRÁS - EU TINHA 21 ANOS

— *Eu sei que você provavelmente pensa que eu sou louco por arrastá-la até aqui, — Layne me disse.*

— *Acho que você é louco por muito agora, Layne Hensen. O que está acontecendo?*

Layne pulou no palco e se sentou na beirada, estendendo a mão para Aly, que preferia correr para cima e para baixo no corredor gritando as letras do Clube do Mickey Mouse. De qualquer forma, a peguei e a entreguei para Layne, que a colocou no colo. Eu pulei no palco e sentei ao lado deles.

— *Tenho algo pra lhe mostrar, — disse ele.*

Estávamos casados há pouco menos de seis meses naquele momento, e eu não podia imaginar o que ele queria me mostrar. Ele estava fazendo muitas coisas peculiares desde

que voltou para casa de sua turnê internacional, então nada me surpreendia muito naqueles dias.

Eu odiava os dias em que ele estava fora, mas adorava o tempo em que estávamos juntos porque parecia novo e fresco toda vez que ele voltava para casa. Continuava dizendo isso a mim mesma, pelo menos. Eu odiava ficar longe dele. Odiava ter que ser uma adulta responsável e colocar tudo na vida antes de meus próprios desejos, mas Aly dependia de mim, e eu faria o que fosse preciso para lhe dar uma boa vida.

Layne estava programado para gravar seu próximo álbum nas próximas semanas, o que significava que seis meses depois, começaríamos o processo de turnê novamente. Esse era o sonho dele, porém, e eu o apoiaria em todos os momentos. Foi uma promessa que fiz a ele sem que ele me pedisse. Eu queria dar a Layne tudo o que ele tinha me dado até agora, e esse era o caminho.

Ele tirou um pedaço de papel do bolso de trás e o desdobrou. — Aly-baby, você pode ler o que isso diz? — Ele perguntou a ela.

— Mickey Mouse Clubhouse encontra Toodles, — disse ela.

— Perto, garotinha. Bom trabalho lendo a carta, — Layne disse, dando-lhe um beijo na cabeça. Ele colocou a mão em volta da boca e torceu os lábios para o lado. — Na verdade, não diz isso, mas não quero que ela pense que leu errado.

Nós dois rimos e, por um momento, esqueço que deveria estar questionando o que havia naquela carta. Ele finalmente vira a carta para eu ver. — Eu recebi pelo correio hoje, baby.

Meu olhar se fixou nas palavras, lendo-as fora de ordem, tentando ver o que eu deveria olhar primeiro, mas então vi a declaração de custódia adotiva com o nome de Layne embaixo. — Eu sou oficialmente o pai de Aly, a partir de hoje.

O mundo despedaçado em que eu vivia, se tornou uma unidade colada. Coloquei minhas mãos no meu peito, sentindo as batidas fortes do meu coração acelerado. — É real, — eu disse, estendendo a mão e tocando o papel para sentir a textura, então sabia que não estava sonhando. — Somos uma família?

— Para sempre baby. Somos uma família.

— Obrigada por nos salvar, — eu disse a ele, tentando manter a compostura, mas só consegui segurar por um tempo quando Layne faz aquela coisa de olhar para o teto para afastar as lágrimas.

— Obrigado, mãe, — ele sussurrou. — Meus sonhos. Eles estão todos aqui, bem aqui neste pequeno teatro de merda.

— Eles estão apenas começando também.

Ele acenou com a cabeça. — Você está certa, — disse ele. — Você vê isso? — Ele sacode o papel em sua mão. — Esta garotinha no meu colo precisa de um pai, e não vou a lugar nenhum sem ela novamente. Ela precisa de uma vida estável, e estarei aqui para dar isso a ela.

— Não, — eu chorei. — Não, Layne. Você trabalhou tanto por esta vida. Eu não posso deixa-lo desistir por nós. Eu simplesmente não posso.

— Ouça-me, — disse ele severamente. — Você é meu mundo. Aly é meu mundo. Isso é o que eu quero. Tive meus

cinco minutos de fama, baby. Eu ganhei um maldito prêmio Grammy este ano por ser um artista revelação. Vou gravar coisas por um tempo, mas a gravadora vai nos liberar quando não estivermos em turnê. Darei uma volta, mas estarei em casa todas as noites para jantar, e tomarei café da manhã com você pela manhã. Estou te dando a vida que você merece, e você já me deu mais do que isso.

— Layne, você tem muito a seu favor, — argumentei. Eu não poderia ser a razão pela qual ele desistisse de tudo. — E os caras? Você também não pode fazer isso com eles.

— Dani, estamos todos na mesma página. Estamos todos bem. Tenho muito a perder longe de casa. Já tomei minha decisão, querida. Eu escolho vocês duas.

Eu coloquei minha mão em seu rosto, passando meus dedos ao longo de sua bochecha. — Só não quero que você se arrependa.

— Como poderia me arrepender, quando eu tenho tudo... bem aqui, com vocês?

— Eu acho que você está louco, — eu disse a ele, fungando de volta minhas lágrimas.

— Eu sou. Estou loucamente apaixonado por você e essa garotinha. — Aly saiu do colo de Layne e pulou atrás de nós no palco. Ela parou no meio e colocou as mãos nos quadris. — É o Mickey Mouse Clube, pessoal! — Ela gritou. — Eu sou Alyson Mouse, e este é o meu Clubhouse!

— Oh meu Deus, — eu pronunciei.

— Essa é a minha garota, — disse Layne. — Cante, garotinha.

Esse dia sempre será o dia em que nos tornamos uma família, mas também o dia em que Layne nos deu seus sonhos – seu mundo para manter como nosso. Eu sabia que nunca iria decepcioná-lo de forma alguma.

DIAS ATUAIS - 30 ANOS

— Você tinha três anos, — diz Layne. — Em 1º de abril, nove anos atrás, eu me tornei oficialmente seu pai, e foi o dia mais emocionante da minha vida. Prometi a você o mundo naquele dia, e faria qualquer coisa para lhe dar o mundo, Aly. Você é minha filha, não importa qual seja nosso sangue, e nunca amei ninguém tanto quanto amo você e sua mãe. Nós nos tornamos uma família naquele dia e, embora eu estivesse com medo, superei meu medo assim como sua mãe superou o dela. Juntos, enfrentamos nossos medos, olhando para a multidão embaçada à nossa frente e imaginando o mundo do lado de fora. Tudo o que importa é o que está bem aqui em nosso pequeno círculo – nossa pequena família.

— Você estava com medo de se tornar meu pai?

— Não, — Layne a corrige. — Eu não queria nada mais do que ser seu pai. Eu estava com medo de não ser bom o suficiente.

— Você é o melhor pai que eu poderia ter pedido, — diz ela, sinceramente. — Mas... você desistiu de Dividing Oblivion por minha causa?

Por alguma razão nunca esperei que Aly entendesse completamente a complexidade da decisão de Layne, mas eu deveria ter assumido que ela descobriria algum dia.

— Sim, mas foi porque eu não queria ficar longe de você ou de sua mãe. Eu queria uma família e queria isso com vocês.

— Você poderia ter ido muito mais longe, — ela diz a ele.

— Eu poderia, mas não sem vocês. Tenho orgulho de tomar as decisões certas. Eu tive meu tempo no centro das atenções, Aly. Fiz minhas coisas. Eu me fiz. Mas tudo que eu queria era ser marido, pai e viver com uma família como a que sempre quis. Vocês me deram isso, — ele diz, puxando sua cabeça e beijando sua testa. — Sabe, você começou a me chamar de pai antes mesmo de eu considerar ser pai de alguém, e soube no segundo em que você me chamou de 'pai' que seria o seu.

— Isso é porque te escolhi, — diz ela, envolvendo o braço em volta dele.

— Então, você vê como é fácil superar nossos medos? Nós apenas mergulhamos e não olhamos para trás. — Vejo agora que Layne tem vários destinos com seus planos hoje. Relembrando e provando que Aly pode superar seus obstáculos de medo do palco. — Eu tenho uma surpresa para você, garotinha.

Layne gira Aly de frente para o palco, e a cortina sobe lentamente, revelando uma bateria, um pedestal de microfone e um baixo. Claro, uma banda não é nada sem as pessoas, mas é aí que Sal, Devon e Johnny entram em cena. Os

amados tios de Aly, que ela provavelmente tem certeza, nunca se voltariam contra ela... até que a ouvissem cantar.

Layne puxa Aly para o palco. — Preparada?

— Eu quero ser como você, pai, mas não posso, — diz ela, afastando-se dele.

— Veja. Você pode.

A música toca assim que Layne para atrás do pedestal do microfone, segurando o braço de Aly, recusando-se a soltá-la. Minha doce boneca Cachinhos Dourados, de 1,50 m e 50 quilos, está pronta para arrasar, e é a coisa mais fofa do mundo.

— Esta é para minha garotinha. Eu acho que ela conhece as palavras, — Layne diz, piscando para mim do palco, algo que me acostumei na juventude.

Ela me dá razão

Para acreditar

A vida começou ontem

As estrelas ao redor da lua

O azul nas ondas

E cada raio de sol

Minha garotinha sempre será

Para sempre e hoje

— Sua vez, Aly-girl, — diz Layne no microfone.

Ela fecha os olhos e espera pela música antes que as palavras saiam de sua língua. Estou chocada que ela segue com isso, mas sou apenas eu sentada aqui, assistindo.

*Ele é o herói que eu amo
A canção desconhecida
Que eu imagino lá de cima*

*Ele é mais do que apenas um cara
Não é comum
Mas extraordinário
Ele é tudo menos tímido*

— Essa é a minha garota, — grita Layne. — Você conseguiu. Você conseguiu.

Ele está tão animado e, embora eu ainda sinta momentos de tristeza por Layne ter desistido dessa parte de sua vida por nós, posso ver agora que ele ainda está vivendo, apenas de maneira diferente. Não é sobre performar. Trata-se de ensinar e observar o que ele cria.

Layne gentilmente pega o microfone de volta da mão de Aly e caminha até a beirada do palco, estendendo a mão para mim. — Hoje é o nosso dia, querida. Portanto, nunca se esqueça de que estas palavras são para você:

*Um fragmento em mares de escombros
Cada um deles com dor e cicatrizes
Eles procuram fugir da dolorosa realidade*

Antes de cair entre estrelas despedaçadas

Caindo entre estrelas despedaçadas

Assim como no primeiro momento em que essas palavras derreteram em minha alma como mel quente, ainda me sinto da mesma maneira, mas preenchida com tudo o que nunca pensei que precisava. Ele pode não ter me conhecido quando escreveu minha música, mas era para nos unir, e isso aconteceu.

EPÍLOGO

TRÊS ANOS DEPOIS

— E gostaríamos de anunciar o vencedor da Batalha de Bandas de Boston deste ano. — Aly pega minha mão, e Layne envolve o braço em volta do pescoço dela.

— Nós conseguimos, — ele sussurra.

Aly aperta minha mão. — Mãe, estou nervosa.

— Está tudo bem, querida, — eu digo a ela, dando um beijo em sua bochecha.

Segue-se um rufar de tambores, causando estresse e mais pressão.

— Found Oblivion é o vencedor da Batalha de Bandas de Boston deste ano! Este pequeno grupo de meninas são oficialmente as vencedoras mais jovens deste concurso, mas suas vozes são tudo menos jovens. Essas quatro garotas têm almas como algumas das melhores por aí. Então vamos aplaudir Found Oblivion, cantando Shattered Stars, originalmente escrita e produzida pelo grupo vencedor do Grammy, Dividing Oblivion, também ex-vencedor da Batalha de Bandas de Boston.

— Puta merda, — grita Layne. — Meu Deus! Você ganhou! Aly-baby, você ganhou! Você ganhou! Oh meu Deus, Dani, ela ganhou. Nossa garotinha ganhou! — Layne está

pulando no ar gritando, e eu estou derretendo em uma poça de mingau de mãe.

— Aly, você conseguiu, querida. Minha garota, meu bebê, você conseguiu! — Eu grito.

— Mãe... eu ganhei. Ai meu Deus, mãe. Mãe! — Ela grita, pulando no ar com um brilho selvagem em seus olhos.

Ela ganhou. Eu não deveria estar chocada depois de ver seu incrível progresso, mas estou em choque. Minha menina ganhou tudo. Houve um tempo em que achei que ela sofreria, tendo-me como uma jovem mãe, mas o orgulho em seu rosto agora me diz que de alguma forma consegui lhe dar o que ela precisava para se tornar essa pessoa incrível. Estou orgulhosa. Estou tão orgulhosa, e Aly está congelada, olhando para o palco em que estamos.

— Vá, querida. Vá!

Layne está segurando a mão dela, esperando que ela o solte e corra para o palco, mas ela não solta. — Você pode fazer isso, garota. Estou bem aqui. Você chegou até aqui. Vá reivindicar o que é seu, garotinha.

— Não sem você, pai. Isto é nosso. Eu queria ser como você, e agora eu sou. Por favor... — ela sussurra. — Eu preciso de você.

Layne olha para mim e engole em seco, então puxa Aly para o palco, entregando-lhe o microfone. — Estou aqui. Eu não vou sair do seu lado, — ele diz a ela.

— Este é o meu pai, — diz ela no microfone. — Ele é o cara que escreveu *Shattered Stars*. Ele é o cara que me deu um pai, e ele é o cara que acreditou que eu poderia chegar

aqui. Meu medo foi descoberto por causa dele, — diz ela, olhando para mim com um sorriso cheio de orgulho, murmurando “eu te amo” para mim.

Eu mando um beijo para ela assim que suas colegas de banda correm para o palco atrás dela, uma na bateria e a outra com o baixo.

Sal, Devin, Johnny, Lexi, mamãe e Marcy estão comigo agora enquanto assistimos Aly rasgar o palco, seguindo através da letra de *Shattered Stars*. Layne recua lentamente como fez da primeira vez que ensinou Aly a andar de bicicleta sem rodinhas. Ele pega minha mão, leva-a aos lábios e me beija suavemente. — Olhe para ela, querida.

Eu nunca vi orgulho como o que vejo no rosto de Layne, e este momento é um que nunca vou esquecer.

— Você fez isso, — mamãe sussurra em meu ouvido. — Estou tão orgulhosa de você, Dani. Você pegou a pior situação possível e a transformou em algo que ninguém esperaria. Apenas olhe... olhe o que você criou. Você deveria estar tão orgulhosa de si mesma quanto eu de mim mesma por criar uma jovem inteligente que olhou o mundo de frente e nunca desistiu da vida que lhe foi dada.

— Mãe, — eu pronuncio, incapaz de falar.

— E você, Layne, meu filho, você é um presente para esta família, e agradecemos a Deus por você todos os dias. Eu te amo, querido.

Layne não pode falar. Ele só pode sorrir, irradiar e brilhar.

— Nós não poderíamos ter feito isso sem você, mãe, —
digo a ela.

— E nós? — Lexi resmunga através de um sussurro.

— Todo mundo precisa de uma família como
vocês. Todos nós passamos por momentos difíceis, mas
passamos juntos e, como Aly nos disse, escolhemos vocês
para serem nossa família, e esses são os melhores tipos de
famílias.

Minha atenção volta para a bela voz da minha
garotinha, cantando o refrão:

Eu vou te mostrar outra maneira

Sinta isso em seu coração

Pode haver menos miséria

Veja isso como um novo começo

Um fragmento em mares de escombros

Cada um deles com dor e cicatrizes

Eles procuram fugir da dolorosa realidade

Antes de cair entre estrelas despedaçadas

Caindo entre estrelas despedaçadas

Sentimos que estávamos perdendo uma batalha tantas
vezes, mas parece que vencemos tudo.

FIM.